

le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

ALUIZIO AZEVEDO

MYSTERIO DA TIJUCA

ROMANCE ORIGINAL

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA E ESCRITORIO DA *FOLHA NOVA*

24—RUA NOVA DO OUVIDOR—24

1882

ALUIZIO AZEVEDO

MYSTERIO DA TIJUCA

ROMANCE ORIGINAL

I

O RAPTO

Clorinda acabava de vestir-se para o casamento e, de costas para um enorme espelho, olhava por sobre o hombro a cauda de seu vestido.

A velha Januararia prégava-lhe com muita solícitude o ultimo alfinete dourado e, como representasse para a noiva o papel de mãe, repetia-lhe baixinho, com a voz commovida e os oculos embaçados pelas lagrimas, os invariaveis conselhos, que é de longo costume se dar n'essas occasiões.

Aos pés de Clorinda, ajoelhada no chão, uma mucama arranjava-lhe cuidadosamente a barra do vestido, compunha e ordenava os folhos e desfazia e ageitava as prégas do setim.

E a noiva, toda enlevada na cerimonia d'aquella roupa, sorria sem saber de que e sentia enrubecerem-se-

lhe as faces por uma delicada previsão de seu pudor.

Estava linda com o seu trajar todo branco, o seu longo véo de filó, que lhe envolvia o busto gracioso, deixando todavia perceber o doce relevo da cabeça, engrinaldada de pallidas flôres de lorangeira.

Tinha os olhos azues, muito transparentes, a tez de uma brancura immaculada, os cabellos entre louro e castanho, os dentes adoraveis e a bocca um mimo côr de rosa.

Terminado o vestuario, a mucama sahio da alcova para saber se o noivô já tinha chegado.

E a velhinha, a sós com a pupilla, cruzou as mãos na cintura e ficou a olhar para ella, longamente, com a expressão carinhosa de quem se revê n'um filho.

Ah! a pobre Januararia tambem fôra noiva no seu tempo! Aquelle corpi-

nho vergado de existencia e deformado pela velhice, provocara outr'ora desejos desenfreados e acendera em mais de um peito paixões tempestuosas.

Triste viagem é a da vida, que termina sempre por um naufragio! ou da qual ainda ninguem sahio sem levar a mastreação partida, o pharol apagado, e as vélas estaçalhadas pelos terriveis vendavaes, que se encontram no caminho.

Um por um, vamos deixando esparsos pelas correntes revoltosas da existencia todos os dotes com que nos amaram, e todos os bens com que iamos avassallando os corações alheios. E ao cabo da viagem, sem dentes, sem cabellos, sem brilho nos olhos, com a pelle encarquilhada e as pernas tropegas, ficamos a esperar o tumulo, esquecidos e despresados no mundo, como o casco inutil do navio que naufragou na costa e vai aos poucos despindo as cavernas e mostrando a quilha.

O contraste entre as duas mulheres que estavam na alcova — uma tão fresca e bella, outra tão fraca e decrepita, levavam o espirito áquellas considerações.

As duas quedaram-se a scismar por algum tempo; a velha embebida a olhar para o passado; a moça a sonhar-se nas felicidades futuras.

Estavam entre dous grandes nada — o passado, que já não existe e o futuro, que ainda não existio.

E como dous viajantes que se encontram no mesmo porto, um a partir, outro a voltar, as duas sorriam; mas o sorriso da que ia era todo de esperanças, enquanto que o da outra só transpirava desillusão e cansaço.

— Porque está tão triste, mãisinha? Perguntou a moça, tomando as mãos da velha.

— Nem eu sei... respondeu esta, procurando desfarçar o constrangimento.—Talvez seja nervoso, mas sinto alguma cousa no coração, alguma cousa que me opprime!

— Não se deixe levar pelos presentimentos!... Lembre-se que hoje é o dia do meu casamento.

— E' por isso mesmo... E accrescentou, mudando de tom: E' verdade! E o noivo, já teria chegado?

A mucama entrou na alcova para dizer que ainda não.

Esta demora ia sendo já commentada na sala de jantar pela madrinha de Clorinda e algumas amigas de D. Januararia.

— Não fôra bonito da parte do noivo fazer-se esperar d'aquelle modo! Eram já quatro horas da tarde e o casamento estava marcado para as cinco!...

Parou uma carruagem á porta, e quasi todos correram a ver quem chegava.

— Deve ser elle, considerou a madrinha, armando um sorriso. Mas teve logo de desarmal-o, vendo entrar o commendador Portella, velho amigo da casa.

O commendador chegou apressado, a pedir mil perdões pela demora.— Temia chegar tarde, mas um maldito negocio, sim, um negocio de alta importancia exigira a sua presença.

E, segundo o seu costume, poz-se logo a fallar de si, de suas grandes preocupações commerciaes, do dinheiro que tinha n'aquelle momento arriscado em varias transacções perigosissimas, e, afinal, da prosperidade de sua casa, do bom trato que dava

aos seus empregados, do projecto de desenvolver certas industrias e de crear certos estabelecimentos importantes.

— Bons desejos não me faltam! Affirmava elle a rir immodestamente.

E, como se achasse alli em um meio relativamente acanhado, empertigava como nunca a cabeça, remetia para a frente a barriga e com o pollegar levantava pretenciosamente a golla condecorada de sua casaca.

— Vai-se fazendo pela vida! Vai-se fazendo! Repisava elle, sempre com o mesmo riso.

Deram cinco horas, e o noivo nada de apparecer.

— E' de mais! Exclamou a madrinha, que afinal perdera a paciencia, e abrira a fallar abertamente contra aquella demora grosseira e imperdoavel.

Os animos foram-se a pouco e pouco sobressaltando. Havia já no commendador um risinho velhaco de má fé, e a noiva, sem querer sair da alcova, sentio avultar-lhe na garganta um novello estranho, que a suffocava.

A madrinha expedira secretamente um portador á casa do noivo. O portador voltára, declarando que o Sr. Gregorio ha cousa de uma hora, sahira para a casa da noiva em companhia de um homem velho e de boa apparencia que o fôra buscar. E declarou mais que na porta da rua estava um cocheiro, que viera da casa do Sr. Gregorio, com a recommendação de esperal-o ahi.

Ninguem mais se animou a dar palavra, á excepção da madrinha, que nunca perdia occasião de fallar mal dos homens.

— Todos elles lêem pela mesma cartilha! considerou ella, tregeitando

um ar desdenhoso — Bem fiz em nunca tomar a serio semelhante gente! Nada! Antes só do que mal acompanhada! Prefiro ficar solteira toda a vida!

— Descance, D. Josephina, que ninguem a contrariará! respondeu um sujeitinho magro e activo, que parecia muito empenhado no bom exito do casamento.

N'isto foram interrompidos pelo padrinho do noivo, o Dr. Roberto, que vinha da igreja, farto, como os outros que lá estavam, de esperar pelos desposados.

— Pois si elle ainda nem appareceu por cá!... exclamou a madrinha, vermelha de colera.

— Não veio?! Gregorio não appareceu ainda?! Disse o doutor muito admirado.— E' impossivel!

— Pois é a pura verdade!

— Ter-lhe-ia succedido alguma cousa?! Estará elle doente?!

— Si está doente não sei, gritou a terrivel madrinha—em casa é que lhe affianço que não está, porque agora mesmo mandei lá saber!

— Mas como então se explica tudo isto? Eu ás tres e meia estive com Gregorio, e disse-me elle que se ia preparar para o casamento.

E o doutor depois de reflectir um instante, tomou o chapéo e sahio, com a intenção de procurar o amigo.

D'ahi a pouco todas as pessoas, que esperavam pelos noivos na igreja, invadiram a casa de D. Januarina, e se começou então a tratar francamente do escandalo.

Clorinda desfez-se do véo e da grinalda, pediu á mãe adoptiva que fechasse a porta da alcova, e depois atirou-se-lhe nos braços e desatou a chorar desorientadamente.

Entretanto, Gregorio, o causador inconsciente de todo aquelle desgosto, acabava n'essa occasião de ser carregado, sem sentidos, por dous lacaios de libré escura, para uma sala de bella apparencia, na Tijuca.

Acompanhava-o um homem de uns cincoenta annos, alto, magro, barba inteira dividida no queixo, ar distincto, reservado, maneiras extremamente delicadas. Vestia todo de preto e tinha luvas cõr de cinza.

Ao chegarem á sala, o homem magro disse aos lacaios que depuzessem Gregorio sobre um divan, e ordenou que um d'elles fosse chamar a condessa.

Appareceu então uma senhora já velha, summamente sympathica, aspecto fino e bem educado.

— Eil-o! Disse o cavalleiro á condessa, apontando para Gregorio, que, irreprensivelmente vestido de casaca, continuava prostrado no divan. Os lacaios afastaram-se discretamente.

— Ah! Exclamou ella, correndo para o desfallecido — estou agora mais tranquilla!

E ajoelhando-se ao lado do divan em que estava o moço, tomou as mãos d'este e ficou a observar-lhe a physionomia.

Gregorio era uma bella figura de vinte e tres annos. Feições puras, bem conformado de corpo e um todo singularmente meigo e bondoso.

O somno dava-lhe á physionomia uma tal suavidade, que o fazia parecer ainda mais moço do que era.

A condessa, depois de contemplal-o por algum tempo, com muita ternura, passou-lhe a mão pelos cabellos e beijou-o na frente.

— Veja, conde, disse ella ao homem vestido de preto—como elle é formoso!

— E' o retrato da pobre Cecilia! respondeu aquelle com um ar pensativo.

E depois de uma pausa:

— Onde o devemos accommodar?

— Na sala amarella, disse a condessa, erguendo-se.

— O que me sobressalta um pouco é este somno. Não vá fazer-lhe mal.

— Póde ficar tranquilla, condessa, não lhe succederá mal algum. E se houvesse alguma novidade, bem sabe que o nosso medico é homem de confiança.

Gregorio foi conduzido para a sala amarella e só voltou á si ás 10 horas da noite.

II

EM CASA DO CONDE

Ao acordar ollhou espantado em torno de si. Todos os objectos que o cercavam punham-lhe nos sentidos, ainda estonteados pelo somno, um estranho sabor de constrangimento e sobresalto.

E sem consciencia do logar em que estava, percorria demoradamente a vista pelas velhas tapeçarias suspensas da parede, pelos varios quadros, symmetricamente dispostos nos intervallos das portas, e pelos moveis luxuosos, guarnecidos de metal amarello, que pousavam elegantemente sobre a felpa macia do tapete e scintilavam á luz mordente do gaz.

Seus olhos syndicavam de tudo aquillo com a insistencia do juiz que interroga as testemunhas de um crime, mas nada correspondia ao inquerito, a excepção de um velho relogio de bronze, que, de um dos an-

gulos do aposento, lhe apontava as horas com o dedo de ouro e dizia-lhe os segundos no seu coaxar monotonico.

— O que? Dez horas?! Perguntou-lhe Gregorio, impaciente por alguma explicação.

O relógio não respondeu, mas continuou a apontar para o X.

— Dez horas! Exclamou Gregorio, levantando-se de um pulo. Só então passára-lhe pelo espirito a idéa lucida de seu mallogrado casamento.

E todas as outras idéas, aproveitando a brecha que deixára a primeira, invadiram-lhe turbullentemente o cerebro, como se até ahi estivessem á espera de que lhes abrissem a porta.

Elle perturbou-se a principio, mas tratou logo de reconstruir pacientemente tudo o que fizera n'esse dia. Dividiu as horas e deu a cada uma a sua applicação justa; determinou o tempo gasto com o padre, com o cabelleireiro e com as pessoas em companhia de quem esteve; chegou a lembrar-se do assumpto de suas conversas, o que dissera a tal e tal amigo, e recórdou-se expressivamente da impressão que lhe assaltava de vez em quando o espirito, sempre que se imaginava no momento feliz de apoderar-se da noiva.

Esta idéa trouxe-lhe o máu estar, que nos causa a não realisação de um projecto que afagamos por muito tempo.

E Gregorio, como se duvidasse ainda de seus raciocinios, procurou fixar bem as horas que precederam de perto o momento em que lhe escapou a razão.

— A's tres e meia entrára na casa em que morava nas Laranjeiras, a

gritar para o Jacob, seu criado, que lhe dêsse immediatamente o fato da casaca e lhe apromptasse um banho morno. A's quatro e meia, na occasião de sahir para ir buscar a noiva, Gregorio lembrava-se perfeitamente de que um homem, de modos graves e distinctos, apresentára-se-lhe em casa, pretextando interessar-se muito pelo futuro de Clorinda, e a fallar-lhe sobre mil cousas concernentes ao casamento, ia-o interrogando sobre os seus projectos e fazia-lhe repetidos protestos de sympathia e de respeito. Esse homem depois insistio que Gregorio acceitasse um logar na sua carruagem e despedio a que já estava á porta.

Gregorio consentio e tomou logar ao lado do sujeito.

Recordava-se ainda de que, preocupado com a idéa de seu casamento, não attentára para a direcção que tomára o carro e que em certa altura, na occasião em que Gregorio se abaixava para apanhar o claque, que lhe cahira das mãos no fundo do carro, o homem mysterioso passára-lhe rapidamente um lenço humido no rosto, e Gregorio perdêra os sentidos.

Só até ahi chegavam suas reminiscencias. Havia por conseguinte em tudo aquillo um plano premeditado e posto em pratica, do qual era elle a victima, covardemente illudida e ludibriada.

E Gregorio, por um impulso do orgulho, sentio um estremecimento de colera.

Estava neste ponto, quando se abriu a porta do quarto, deixando passar um dos lacaios, que no capitulo precedente vimos ás ordens do conde.

— V. Ex. ordena alguma cousa? perguntou elle curvando-se humildemente.

— Ordeno que me explique o que faço aqui e onde estou!

— Infelizmente não posso.

— Nesse caso abre as portas, e eu irei procurar quem me possa responder.

— Infelizmente também não posso franquear-lhe a sahida.

— Visto isso estou preso?!...

— Não sei, não senhor.

— Então que diabo sabes tu?!

— Sei que estou aqui para servir a V. Ex.

— Obrigado pela solicidade, mas declaro-te que preferia antes de mais nada uma explicação do que quer tudo isto dizer.

E depois de dirigir inutilmente mais algumas perguntas ao criado, disse-lhe que se podia retirar quando quizesse. E o pobre rapaz tomou a resolução de deixar que as cousas corressem por si mesmo.

— Eu não terei certamente de ficar aqui o resto de minha vida, considerava elle—por conseguinte o melhor é aguardarmos tranquillamente os acontecimentos.

O peor era a duvida em que elle estava a respeito de Clorinda — ter-lhe-ia succedido também alguma cousa? Ou si nada succedeu, o que não pensaria ella da ausencia inexplicavel de Gregorio?! E os amigos, e os padrinhos do casamento, e os convidados?!

— Ora que papel ridiculo me obrigam a fazer! Dizia elle, gesticulando sosinho, mas foi pouco a pouco habituando-se á sua estranha situação e nessas circumstancias, vestio-se, calçou-se, acendeu um charuto, foi a

uma bibliotheca, que havia no quarto, tirou um volume de versos e poz-se a ler, disposto a esperar pelo que dêsse e viesse.

Reparou então que estava cahindo de fraqueza e lembrou-se que os sobressaltos do casamento não lhe permitiram jantar. Correu á campainha electrica e tocou.

Appareceu logo o mesmo criado de ha pouco.

— Dá-me o que ceiar, disse-lhe Gregorio e accrescentou comsigo—ao menos ficarei entretido em quanto estiver comendo.

O criado voltou com uma ceia, caprichosamente preparada, e perguntou que vinho usava Gregorio.

— Deixo isso a tua vontade. Traze o que entenderes.

Terminada a refeição, appareceu de novo o criado, perguntando em nome do Sr. Conde, se Gregorio podia receber-o n'aquella occasião.

— Pois não! Respondeu o interrogado—Seja quem fôr o Conde, desejo ardentemente entender-me com elle. Dize-lhe que estou absoluctamente á sua disposição.

Pouco depois penetráva o Conde no quarto, Gregorio o medio de alto a baixo, mas não se pode furtar a uma ligeira impressão de respeito causada pela figura do fidalgo.

— Muito boas noites, disse este entrando.

— Obrigado, respondeu o outro, curvando-se com delicadeza—mas, se me permite uma pergunta, tenha a bondade de dizer com quem tenho a honra de fallar.

— Falla com o conde de S. Francisco, irmão da desventurada Cecilia, fallecida ha quinze annos no convento de Santa Clara no Porto.

— Minha mãe?!

— Justamente, Sr. Gregorio Souto Maior, antes de explicar-lhe as estranhas occurrencias d'esta tarde, tenho de declarar-lhe que foi para seu interesse que o constrangeram a entrar n'esta casa. Era preciso evitar a todo transe o seu casamento com a menina Clorinda.

— Mas, porque, senhor?

— Ouça-me primeiro, e depois comprehendirá tudo.

O conde puxou duas cadeiras, e convidou Gregorio a assentar-se defronte d'elle.

— E' natural que não lhe seja agradavel ouvir a maior parte do que lhe vou relatar, principiou o velho, dando uma expressão benevola ás suas palavras—como é natural que nunca o fizesse, se a isso não fosse forçado agora pelas circumstancias, mas eu cumpro um dever, e tanto me basta para completa tranquillidade de minha consciencia,

Gregorio fez um gesto de assentimento e ouviu a narração escandalosa do seguinte :

III

CONFIDENCIAS

« — Eu tinha apenas dez annos de idade, principiou o conde, quando meu pae, cinco annos depois de enviuvar, recolheu em casa, nas suas terras do Alto Douro, uma senhora ainda moça, gentil de maneiras, cultivada no trato e no espirito, mas totalmente desamparada de toda a especie de recursos.

« O marido, pois que era casada, havia de tal modo se incompatibilizado com ella, que a infeliz resolveu abandonal-o e procurar por si, com o

que sabia de musica, desenho, inglez e francez, os meios de viver modestamente em qualquer provincia de Portugal ou do Brazil.

« Chamava-se Helena.

« Era uma creatura loura, fransina de corpo; feições muito expressivas e olhar intelligente. Parece que ainda a estou a vêr!

« Meu pae, que a principio só lhe confiára a educação primaria dos filhos mais novos, foi, a proporção que se deixava tomar de sympathias pela professora, resignando em suas mãos—primeiro a direcção espiritual de minhas irmãs, depois o governo da casa, e afinal o governo absoluto de seu proprio coração. Escravizou-se.

« D'esse captiveiro nasceu uma filha, que se converteu nos ultimos encantos do pobre velho.

« De então, meu caro hospede, se Helena já era senhora absoluta de todo o palacio, o que não ficaria sendo com o nascimento da filha! Sua vontade nervosa e feminilmente incisiva penetrou e conquistou desde o conde, até o ultimo de nossos laçaios.

« As desavenças e os desgostos entre a familia não se fizeram esperar: minhas duas irmãs, que se tornavam mulher, foram as primeiras a reagir contra a dictadura que lhe queriam impôr. Uma casou logo, para fugir ao jugo da falsa madrasta; a outra exigiu que a mettessem em um convento, d'onde só sahiu para unir-se ao homem que a tomou por esposa.

« Meu pae não pôde sobreviver por muito tempo á ausencia de minhas irmãs e á desorganisação de sua casa. aggravaram-se-lhe os padecimentos de que soffria, e falleceu pouco depois, legando á amante e á filha ille-

gitima uma boa parte de seus bens.

« Eu, que por esse tempo fazia meus estudos em Coimbra, corri á casa paterna e tratei do inventario de meu pae.

« Helena havia se afastado com a filha, que n'essa occasião teria quinze annos, e veiu a casar-a alguns annos depois com o capitão de marinha, conhecido pela alcunha de — Leão Vermelho.

— Meu pae! exclamou Gregorio.

— Sim, confirmou o conde — o senhor é filho d'esse casal. Sua mãe, porém, foi abandonada na cidade do Porto pelo marido, ficando-lhe apenas do matrimonio, além dos desgostos de uma viuvez forçada, um filho de dous annos.

« O fim d'essa pobre mulher já o senhor o conhece naturalmente—foi o convento e a loucura.

— Sim, disse Gregorio.

— Mas o que talvez não saiba, accrescentou o conde — é que antes d'isso teve ella occasião de salvar a vida da pessoa com quem depois me casei.

— Ah!

— Foi a enfermeira incansavel e desvellada da filha de um velho amigo de meu pae, a qual sem duvida teria succumbido se não fosse a dedicação e os sacrificios de Cecilia.

— E o filho, a criança de que o senhor fallou?

— Essa criança, logo que a mãe perdeu a razão, foi reclamada pela familia de minha noiva, e depois do meu casamento veiu em companhia de minha mulher para o Brazil, onde foi entregue aos cuidados de certa senhora,

— A senhora que me educou, D. Florentina de Aguiar.

— Justamente, respondeu o conde.

— E o capitão, o pae d'essa criança?!

— E' de quem vamos tratar agora.

E o conde, tendo se levantado, bebido alguns goles d'agua e afagado a barba, continuou— O Leão Vermelho, depois de repudiar a mulher, o que a levou ao desespero da loucura, partio para as Antilhas hespanbolas, levando consigo um marinheiro fiel e brioso, que sempre o acompanhava, e tinha por elle uma adoração sem limites. Eu conheci esse valente marinheiro — chamavam-n'o Tubarão. Depois da viagem ás Antilhas, Leão Vermelho mettu-se no Rio de Janeiro e ahi travou relações com uma Henriqueta, com que pouco mais tarde veiu a casar.

— A casar?! Mas minha mãe havia já morrido?!

— Ainda não; e essa é a causa da perseguição que soffreu seu pai no Rio de Janeiro e da sua fuga rapida para Buenos-Ayres. Era bigamo. A segunda mulher ficou no Rio de Janeiro com uma filha por nome Clorinda,

— Clorinda!

— A mesma com que ia o senhor casar,

— Clorinda, visto isso é minha irmã?!

— Perfeitamente, sua irmã.

— E foi por isso que me conduziram para cá?

— Isso foi uma das razões. A outra vai o senhor saber.

E o conde, depois de uma pausa, accrescentou com firmeza.—O senhor tem sem saber uma enorme riqueza á sua disposição,

— Como assim?

— A herança de seu pae.

— De meu pae ? Mas, perdão, meu pae morreu ha seis annos em Montevideo, e pobre.

— Foi o que elle fez constar, para não ser perseguido, mas a verdade é que passou-se á Portugal com o nome supposto de João Brasileiro e falleceu apenas ha dous mezes.

— Meu pae era vivo ?!

— Era. Eu e minha mulher, somos aqui os unicos senhores d'esse segredo. Sei de toda a vida de seu pae e acompanhava os seus ultimos passos, porque a condessa muito se interessa por tudo que diz respeito á fallecida Cecilia, sua mãe. Diga-me, não lhe consta que Clorinda recebesse uma mesada ?

— Sim, confirmou Gregorio, sei que a velha Januaría recebia uma pensão mysteriosa, da qual ella propria dizia não saber a procedencia ; como sei igualmente que esse dinheiro era o unico recurso que tinham as duas para viver.

— Esse recurso vai desaparecer com a morte de seu pae.

— Pobre Clorinda ! Mas eu, se deixo de ser seu marido, principio a ser seu irmão, e...

— Não se trata disso agora. Eu me encarrego de fazer continuar a chegar-lhes ás mãos a mesada. Amanhã remetter-lhe-hei a primeira.

— Mas...

— Não tenha escrúpulos ! E' com o seu dinheiro que vou fazer isso.

Gregorio fez uma cara de espanto.

— Não lhe disse ha pouco que o senhor tem sem saber, uma fortuna á sua disposição ? ! Pois faça o favor de ler isto...

E passou-lhe um jornal portuguez,

indicando-lhe um certo ponto, que estava marcado a lapis.

— Será possível ? ! exclamou o rapaz, lendo as primeiras palavras.

— Leia tudo, disse o conde. E se estiver disposto a aceitar uma proposta, amanhã mesmo partirá comigo para a Europa.

IV

ANTES DA PARTIDA

O que Gregorio viu no jornal, era uma noticia da morte de seu pae e a declaração de que este deixára uma grande somma de bens, que seriam recolhidos pelos poderes competentes, até apparecer um filho, existente no Brazil, segundo a declaração do morto.

— E sabe o senhor a quanto montam esses bens ? Perguntou o conde ao rapaz.—Excedem a quatrocentos contos fortes ! O senhor, para ser millionario, não tem mais que se apresentar.

— Bem, disse Gregorio,—amanhã mesmo principio a preparar-me. Vou a...

— Nada ! Contrariou o outro. — Nada d'sso ! O senhor parte d'aqui mesmo — eu darei as providencias necessarias para que não venha a faltar coisa alguma.

— Mas eu preciso ao menos despedir-me do logar em que trabalho, reunir os objectos que me podem servir para a viagem e dar a Clorinda uma explicação de minha ausencia.

— E' justamente o que não convem de fórma alguma. Estas cousas decidem-se assim :

E o conde calcou o botão da campainha electrica.

Veiu o criado.

— Prepara as minhas malas e previne a senhora condessa de que lhe desejo fallar ainda esta noite.

O criado tornou a sahir.

— Mas eu hei de partir assim sem mais nem menos?... Observou Gregorio, ao ultimo ponto contrariado.

— E' para seu interesse, meu amigo: a perda de um paquete podia acarretar comsigo a da occasião. Lembre-se do velho proverbio indiano:— a fortuna só tem cabellos na frente da cabeça e é calva na nuca; si a deixamos passar sem a agarrarmos de frente, ella se vai por uma vez e nunca mais a pilhamos. O senhor só sahirá d'aqui para bordo!

— Mas os meus interesses, os meus compromissos, que me esperam lá fóra?

— Tudo isso não vale a vigesima parte do thesouro, que o senhor tem defronte de si!

— Mas uma cousa não elimina a outra. Nós podíamos conciliar as duas, e...

— Deixemo-nos de meias medidas, meu caro senhor; eu lhe já disse o que tinha a dizer; agora só me resta accrescentar que, nas condições apresentadas, estou prompto a acompanhal-o, n'outras não! Lembre-se, porém, de que sem o meu concurso será muito difficil chegar a qualquer resultado, a respeito da herança de seu pae!...

— Mas, Sr. conde! disse Gregorio—se eu fizer o que V. Exc. me aconselha, fico absolutamente sem recursos. Abandono meu emprego, abandono tudo!

— E que falta lhe podem fazer essas cousas! E o conde, depois de uma pausa, disse com a mais reso-

luta calma.—Emfim, senhor, eu sigo amanhã no paquete que parte para a Europa, quer ou não quer acompanhar-me?!

— Bem! respondeu Gregorio, inspirado pelo ar resolutivo do conde—Estou ás suas ordens!

— N'esse caso vou apresental-o a minha familia, que irá tambem.

O rapaz concertou rapidamente o laço da gravata, passou a mão pelos cabellos, e pouco depois, em companhia do conde, era annuciado nos aposentos da condessa.

Ao chegar á porta sentiu logo um doce perfume de paz honesta. Tudo alli era morno e castamente tranquillo; havia na atmospherá o aroma grave de flôres seccas, esquecidas no fundo de uma velha gaveta de familia. Os moveis, o tepete, os quadros e as cortinas, revelavam a mesma sobriedade de gosto, o mesmo recato de sympathias, as mesmas inclinações finas e aristocraticas.

Não se encontravam ahi as fantasias baratas do luxo moderno; não havia as fragilidades douradas da falsa opulencia; tudo era bom e sincero. O biscuit não substituiu o marmore, o gesso pintado não tomava o logar do bronze e o chromo lythographico não fazia as vezes da aquarella e da pintura a oleo. Não! Cada objecto dizia sinceramente a sua especie e a sua qualidade.

Predominava em tudo a mesma singeleza bem educada. Nada de arrebiques, nada de frisos de pinho envernizado, nada de guarnições impertinentes. As boas gravuras inglezas e as magnificas aguas-fortes destacavam-se perfeitamente da nudez austera das paredes. Os moveis de madeira sem lustro tinham cada um

sua utilidade immediata. Não havia os preguiçosos divans, que conduzem á volupia e ao *dolce far niente*, não havia as dubias cadeiras, que obrigam o corpo a uma posição enervante e sem cerimonia.

Sentia-se que aquelles objectos não se dariam bem com a conversa decotada de rapazes estroinas; que aquellas cortinas nunca encardiram com o fumo do cigarro, e que aquelle ar tepido e balsamico nunca fôra deslocado com o estouro pandego de uma garrafa de champagne.

Gregorio transpoz a porta d'aquelle sanctuario, inteiramente penetrado pela alma mysteriosa, que d'ahi se evaporava como o perfume religioso de um templo.

A condessa, assentada junto á mesa, lia um grosso volume de capa azul á luz velada de um condieiro de alabastro.

Vestia uma roupa inteira e afogada de casimira indiana, e tinha a cabeça resguardada por uma touca de rendas de Valença. Não se lhe via luzir uma joia.

Ao lado, em uma cadeira mais baixa, bordava a filha, toda preoccupada com o seu trabalho.

Maria Luiza, é este o nome da menina, teria dezeseite annos, não travessos e ruidosos, mas angelicos e tranquillos, como tudo que a cercava.

A' luz do candieiro destacava-se bem a sua cabecinha loura, redonda, encimada pelas tranças, que a envolviam á moda das velhas estatuas gregas. Sentia-se o azul de seus olhos por debaixo das palpebras abaixadas sobre o trabalho.

Não houve o menor alvoroço com a entrada de Gregorio. A condessa marcou com uma fita a pagina que

lia, e pousou de vagar o livro sobre a mesa; depois estendeu a mão para o moço e, com um sorriso muito amavel, offereceu-lhe um logar perto de si, emquanto o conde o apresentava ás duas senhoras.

— Minha mulher e minha filha, disse o velho depois, indicando as duas.

Gregorio complimentou-as, possuido de um forte sentimento de respeito, e foi sentar-se ao lado da condessa.

— Até que afinal o temos com-nosco, disse ella descansadamente. E, voltando-se mais para elle, acrescentou, fazendo um ar serio: — fui muito amiga de sua mãe! Era uma excellente pessoa; entre outros obsequios, devo-lhe a vida!

— O Sr. conde já teve a bondade de contar-me isso mesmo, disse Gregorio um pouco perturbado.

— Sim, voltou a condessa. — Eu propria lhe havia recommendado que o fizesse.

E depois de dar a entender á filha que se retirasse:

— Não temos tempo a perder. O conde naturalmente já lhe fallou sobre a herança de seu pae, não é verdade?

— Sim, minha senhora.

— E está disposto a partir?

— Amanhã mesmo.

— Bem, n'esse caso darei d'aqui a pouco as providencias para a viagem, por emquanto falleemos do senhor.

V

ENTRA A POLICIA

Justamente no dia do malogrado casamento de Gregorio, o Dr. Ludgero, então chefe de policia da côrte, acabava de entrar na casa de sua re-

sidencia á rua da Ajuda, quando o ordenança entregou-lhe por mandado do activo delegado Benevides a parte de um grande crime, que n'essa mesma tarde se havia commettido nos armazens de rapé do popular fabricante Paulo Cordeiro.

Ludgero levantou-se incontinenti da mesã, tomou apressado o chapéo e a bengala, metteu-se no carro e disse ao cocheiro que tocasse para a ladeira da Conceição.

O carro parou á entrada de uma especie de corredor, que eonduzia sinistramente a um logar apertado, sujo e abafado pelo teeto.

Era ali que a policia detinha os eadaveres complicados em qualquer erime. Ainda não existia o neeroterio, que é a hospedaria aristocratica dos defuntos suspeitos.

Fazia pessima impressão entrar n'aquella póssilga da morte, cujo bafo pestilento e repulsivo, dizia todos os mysterios da putrefacção. Constava de um pequeno quarto estreito e humido, duas mesas de páo, e mais nada.

Ah ! Havia tambem, pintada á pixe na parede do fundo, uma cruz preta, que abria na sombra os braços, como se estivesse á espera do amante, o loiro Christo, melanhólico e apaixonado.

Sobre uma das mesas, jazia, empanado na rigidez da morte, o corpo ensanguentado de um homem branco. Ao lado, dentro de um caixão de fórma especial e com as taboas ensembadas pelo habito de carregar os despojos das autopsias, viam-se materias informes, de uma côr estranha e repugnante; d'entre as quaes sobressahiam visceras humanas, gordas e brancas como carne de porco, um

craneo cerrado ao meio, deixando transbordar a massa compacta dos miolos.

Veu á porta reeber o chefe de policia um rapazinho, magro e amarello, tão feio e tão morto de physionomia, que parecia um dos proprios defuntos, a que tinha de vigiar.

O officio comera-lhe o pavor natural que todo homem sente á vista da morte, e familiarizara-o com as degradações pavorosas da carne sem vida. Elle se dava perfeitamente bem no meio de tudo aquillo: alli comia, alli dormia e alli anava. Quando pillhava algum dinheiro para comprar luz, corria á venda a bebel-o de aguardente, e á noite deixava-se ficar no escuro, com os inalteraveis companheiros de casa, que não o incommodariam durante o somno.

O Ludgero disse-lhe alguma cousa; e o guarda, sem responder nada, conduziu-o para defronte da mesa em que estava o cadaver e apontou para este, como se dissesse;

— Eil-o.

Então o chefe de policia armou as suas lunetas de vidro graduado, e ficou a observar por algum tempo o corpo.

Era um defunto comprido, magro, com as barbas empastadas de sangue pelo lado inferior. Estava descalço e tinha o corpo nú, ligeiramente esverdeado.

O assassino havia-lhe rasgado a garganta com uma faca e puxára o golpe até ás regiões dermicas do thorax.

O chefe mandou chamar o escrivão e o medico, procedeu ao corpo de delicto, e, depois de apoderar-se de um farrapo de casimira cinzenta, encontrado na mão direita do morto,

mettêu-se de novo no carro, e tomou o caminho da secretaria de policia, que n'esse tempo era ainda na rua do Sabão.

Ahi procurou logo o delegado, com quem conversou algum tempo, terminando por entregar-lhe o farrapo de casimira e recommendar-lhe que procedesse ás preleminares do inquerito no local do crime, e dêsse as providencias para as competentes pesquisas.

N'essa occasião chegou o caixa da casa Paulo Cordeiro, sobre quem recahia o prejuizo causado pelo roubo que déra logar ao crime. O delegado tomou-o de parte, e os dous ficaram a fallar a meia voz.

O chefe entretanto passára á sala de audiencia, onde, entre outras pessoas, foi introduzida uma senhora ainda moça, de bôa apparencia, que dizia querer soltar um escravo seu, preso na vespera.

O chefe ouviu-a com toda a attenção, chamou um empregado e mandou lavar o alvará de soltura.

A senhora levantou-se, agradceceu, mas, na occasião em que transpunha a porta para sahir, foi detida por uma phrase que ouvira destacada da conversa do delegado.

Parou, e protegida por um reposteiro, prestou toda a attenção.

— E' o que lhe digo, Sr. delegado, repisava o queixoso.—Nada podemos fazer sem primeiro ouvirmos o rapaz.

— Mas onde mora esse Gregorio ?

— Mora nas Lorangeiras.

— Em que se occupa ?

— E' zangão da praça.

— O senhor viu-o hoje ?

— Nem hoje, nem hontem.

— E elle então sabia que o senhor

recebeu hontem á tarde os cem contos de réis ?

— Foi a unica pessoa, estranha ao negocio, que soube d'isso.

— Bem, disse o delegado. Escreva o nome e a morada d'esse rapaz, e deixe tudo mais por minha conta.

A mulher que os escutava, aproveitou o momento em que os dous se afastaram, para sahir do seu esconderijo e descer precipitadamente a escada.

A' rua tomou um carro e seguiu para a casa de Clorinda.

Pelo sobresalto em que ia e pelo ar de dolorosa anciedade espalhado em todo o seu rosto, pallido e sympathico, conhecia-se facilmente que a pobre mulher estava debaixo de uma grande impressão.

Antes porém de voltarmos com ella á casa da noiva, que em tão triste situação deixamos no primeiro capitulo, cumpre dizermos alguma cousa a respeito d'este novo personagem.

Imagine o leitor uma mulher gorda, um tanto baixa, porém esbelta e garrida ; dê-lhe um par de olhos castanhos, vivos e graciosos, uma bocca risonha, um narizinho arrebicado, uns cabellos da côr dos olhos, um pescoço carnudo e bem torneado. E terá pouco mais ou menos a figura sympathica que se dirigia para a casa de Clorinda.

Chamava-se Julia Guterres, fôra actriz por muito tempo e afinal, a instancias do homem com quem casara, teve de abandonar por uma vez o palco.

O marido falleceu cinco annos depois do casamento, deixando á viuva um legado, que lhe assegurava o resto da vida.

Julia Guterres reuniu o que possuía, vendeu alguns bens que lhe não convinham, alugou o predio em que morára com o marido, dispôz de alguns escravos, comprou um bello chaletsinho na Tijuca, e mettu-se ali, com a intenção de nunca mais mudar-se.

Foi n'essa casa que ella travou relações de amizade com Gregorio.

Viram-se a primeira vez por occasião do baptisado da filha de uma amiga. Gregorio teria então vinte annos, gosava de alguma fama de estroina e figurava na vida romantica de uma tal Olympia, a quem o leitor mais tarde virá a conhecer perfeitamente.

Um dia, Julia sentia-se aborrecida e nervosa.

Não sabia o que tinha, o que queria. Tudo n'essa occasião parecia enfaticamente-a profundamente. Vestiu-se, mas não teve a coragem de sahir; abriu um livro e não leu uma pagina sequer, acendeu um cigarro e arremessou-o logo pela janella.

N'isto entrou a criada no seu quarto e disse-lhe que o Sr. Gregorio a procurava.

— Não estou em casa! respondeu ella de máo humor.

Mas, quando a criada ia sahir, accrescentou comsigo: — Que idéa!...

E mandou que abrisse a porta a Gregorio.

VI

JULIA GUTERRES

O chaletsinho da viuva Guterres compunha-se de poucas casas.

Havia a sala de visitas, uma alcova, a sala de jantar, um gabinete de tra-

balho e mais dous ou tres pequeninos commodos de utilidade secundaria.

Mas tudo isto estava disposto e trastejado com muito apuro e muita preocupação de gosto. Desde o jardim, á entrada, notava-se logo o sentimento artistico que presidiára á escolha e collocação dos jarros e das estatuas; sentia-se a mão caprichosa que encaminhára as hastes das trepadeiras para as grades da janella; percebia-se a vontade exigente que confrangera as parasitas a se encaracolarem pittorescamente pelos troncos columnares das palmeiras e pelos seixosos grotescos do repucho.

O aspecto rico das plantas, os canteiros moldurados de gramma e desenhando pequeninas ruas de cascalho, diziam inuito bem com o chaletsinho alegre, a rir por entre a exuberancia da verdura, e todo elle enfeitado de côres e arabescos, ao sabor particular das chacaras fluminenses.

Sabor, que resulta naturalmente da physionomia caracteristica das paysagens da côrte.

Quem, com effeito, atravessa as provincias do norte do Brazil e procura comprehender o caracter quente de suas multiplas paysagens, onde predominam os rios e as planicies, chegando ao Rio de Janeiro não se póde furtar á estranha, mas agradável impressão que produz ao espirito esta bella cidade, com a sua opulencia de palmeiras, a sua variedade pompadouriana de parasitas, a sua pedra original, que apparece por toda a parte, e as suas montanhas, tristes e silenciosas, apenas perturbadas pelas nuvens, que se derretem voluptuosamente sobre ellas, com o se quizessem envolver o Rio de Janeiro em um sonho duvidoso, fugitivo

e transparente como as canções indígenas do norte.

Gregorio penetrou na sala de Julia, tomado já de um certo desanimo: elle ha tanto fazia por agradar áquella mulher; e ella sempre a desdenhar seus protestos, a chamar-o criança e a rir de seus desgostos, de seus suspiros e de suas attitudes apaixonadas.

— Meu amigo! disse-lhe uma vez a viuva — O senhor perde o seu tempo! Já não vivo de illusões! Passou a época dos sonhos! Hoje, toda a minha felicidade consiste na certeza de que não tenho absolutamente a quem dar satisfação de meus actos!

— Mas quem a deseja escravisar!? perguntou em resposta Gregorio, procurando pôr uma intenção muito subtil nas suas palavras—Quem é?

— Quem é? interrogou ella, abrindo para o moço apaixonado seus bellos olhos de côr hybrida—Quem?! O senhor, meu queri lo sonso. Anda lá! Tenho muito medo d'estes innocentes!... parece que não são capazes de quebrar um prato, entretanto...

E fazendo um gesto de graciosa impaciencia—Homem, menino! mudemos de conversa. Fallemos antes de D. Olympia.

Gregorio fez que não ouviu esse nome e insistiu em que a viuva acabasse a sua phrase.

— Já nem me lembra o que eu queria dizer...

— E' até onde pôde chegar o espirito da tyrannia! Bem! Não a importunarei mais! Adeus.

— Vai suicidar-se ou vai para a casa de Olympia?! perguntou a viuva, com um espanto exagerado—Se vai suicidar-se, previna, que preciso preparar o sentimento!

— Não me falle d'esse modo! Para

que ha de fingir aquillo que não é?! Sei que a senhora tem e tem muito coração! Não se queira fazer indifferente e cynica, quando possui aliás thesouros de amor e ternura.

— Mão!... replicou ella—o senhor vai por mão terreno.

— Porque?!

— Porque já se tinha despedido e deixa-se ficar.

N'esse caso...

— Adeus.

— Até quando, ingrata?...

— Até á primeira ausencia da lua.

E a viuva fechou a porta com uma risada.

Depois d'este significativo tiroteio, Gregorio fez ainda duas ou tres tentativas de assedio contra o inimigo, mas em todas ellas foi derrotado. E', por conseguinte, de suppor que elle não contasse extraordinariamente com um triumpho, quando a criada foi dizer-lhe á porta do chalet que a senhora consentia em ser vista.

Entrou vacillante e um pouco entalado na duvida de mais algum desbaratamento. Julia o recebeu sem perturbação. Estava prostrada sobre uma ottomana de setim e ahi se deixou ficar, com os olhos meio cerrados de preguiça, as pernas cruzadas indolentemente, e a cabeça esquecida sobre as almofadas de paina.

— Vim importunar-a mais uma vez.

— Não. Assente-se e converse.

Traz-me alguma novidade? Que ha de novo por esse mundo do espirito?

— Trago-lhe um novo pocta. Theophilo Dias, conhece?!

— Dê cá.

E a viuva abriu o livro e leu algumas estrophes.

— Que tal o aucto?

Ella não respondeu e ficou com os

olhos cravados no tecto; depois pousou-os de novo sobre o livro e continuou a leitura.

Gregorio foi a pouco e pouco se approximando e tomou-lhe uma das mãos.

Ella consentiu ou não deu por isso, e continuou muito empenhada na leitura.

Gregorio recolheu a mãozinha que tinha entre as suas e levou-a aos labios com as effreguidão de um faminto.

Ella continuou a lêr.

Gregorio approximou a cabeça e, todo vergado para a frente, com uma perna ajoelhada, chegou os labios ao pescoço da viuva e beijou-lhe a polpa macia das carnes.

— Então?! Que é isto?! Deixe-me! Disse ella erguendo-se zangada e deixando escapar o livro das mãos.

Gregorio levantou-se tambem, mas prendeu a viuva nos braços.—Não seja assim! Perdôe! disse elle com a voz cheia de supplica.—Tenha pena de mim! Repare que soffro de veras por sua causa.

E o rapaz dizia a verdade—n'aquelle tempo o desprezo de Julia fazia-o soffrer de veras.

A viuva abaixou a cabeça e ficou a pensar.

Esta transição desconcertou um tanto o pobre namorado, que teve de desarmar rapidamente a sua posição supplicante e apaixonada.—Então?! disse elle afinal.—Em que pensa?...

— E' o diabo... resmungou a bonita viuva, como se fallasse só consigo—E' o diabo!...

— O diabo o que!... perguntou Gregorio com ar muito infeliz.

— Você tem vinte annos e eu tenho trinta!

— Oh! exclamou elle.

— Oh! não! protestou ella—você no fim de contas é uma criança e eu sou mais que uma mulher!

— Lá vem a mania de chamar-me criança!...

— Mas se é!

— E quer responsabilisar-me por uma falta de que não sou culpado?!

— Culpada seria eu se não pensasse um pouco!

— Julia!

— Não! Não!!

— Meu amor!

— Então?!

— Eu te adoro!

— Tenha juizo!

— Tu me fazes louco!

— Mas contenha-se, eu chamo a criada.

— Julinha!

— Solte-me o braço! Pciór! Não faça cocegas!

Mas Gregorio não respeitou a ordem; e Julia, sem poder sustentar o serio, abriu a rir, a rir muito, a torcer-se toda nas mãos do rapaz e afinal cahiu prostrada na ottomana, sem forças para nada, a chorar de riso, nervosamente, sem poder fallar.

E tudo felizmente acabou em pura galhofa!

VII

CORAÇÃO DE MULHER

Entre a scena pittoresca das cocegas e a semsoborona e triste scena do frustrado casamento de Gregorio medeia o periodo dos amores d'este com a sympathica viuva da Tijuca.

Foram dous bellos annos, durante os quaes o amor teve tempo para percorrer toda a orbita de seu caprichoso systema planetario, fazendo, já se

sabe, as cabriolas que o endemoni-
nhado costuma fazer sempre que se
acha em revolução.

Dous annos! Oh! n'esse periodo o
amor tem tempo para muita cousa!
Com as azas de que dispõe, póde ir
ao zenith da paixão, pairar um pouco
no espaço, e afinal precipitar-se fa-
talmente no pélagio morno da indiffe-
rença e do tédio.

Todavia, se isto era applicavel a
Gregorio, não o era certamente á ou-
tra parte interessada—a viuva. Em
questões de amor é muito difficil en-
contrar dous partidos iguaes.

Em geral um quer, e o outro ape-
nas consente.

E o mais curioso é que a mulher é
quasi sempre quem representa a parte
mais activa e mais importante no con-
flicto.

Entre o amor da mulher e o amor
do homem ha uma differença capital
— o amor do homem tende a dimi-
nuir com o tempo; e o da mulher,
quanto mais vive, mais avulta e mais
espalha e aprofunda as raizes no co-
ração. Singular phenomeno, que ainda
não foi devidamente estudado pelos
especialistas da materia.

E' que em geral o homem, á seme-
lhança do fogoso corsel, que dispara
na arena com todo o fogo da carreira,
gasta logo no principio do tiro a me-
lhor parte da actividade de que dis-
põe, e começa a minguar de forças;
ao passo que a mulher, partindo va-
garosamente, vai a pouco e pouco se
animando na luta, e deixa-se afinal
arrebatar pelo ardor e pelo enthu-
siasmo.

O homem, á proporção que des-
venda os mysterios do coração de
sua amante, á proporção que lhe vai
devassando a alma e penetrando fa-

miliarmente por todas as subtilezas
e todos os escondrijos de seu ca-
racter, de seu genio, de seu tempe-
ramento e de sua ternura, sente des-
fallecer-lhe no sangue o primitivo
impulso, e só continúa a amar por
habito ou por gratidão.

Violada a ultima gaveta da alma
de uma mulher, o homem cae pros-
trado pela indifferença.

Doces e apaixonadas Margaridas!
se quizerdes conservar a adoração
de vossos sacerdotes, correi duas
voltas á fechadura e guardai bem
comvosco as chaves!

O homem gosta de ser illudido—
meia verdade o prende, a verdade
inteira o repelle.

A mulher, ao contrario só chega a
amar, depois de muito conviver,
depois de muito contactear e depois
de muito conhecer o homem a quem
se dedica.

E se alguma grande desgraça os
torna solidarios das mesmas dores e
das mesmas lagrimas; se ella tem
ocasião de pôr á disposição do amado
a substancia de sua abnegação, de
seu sacrificio e de seu heroismo, então
o que era amor converte-se em fa-
natismo, e a mulher deixa de ser
amante para ser escrava submissa.

O homem principia sempre por dar
o seu amor e acaba quando aquelle
se esgota, por offerecer a sua amisade.
A mulher, não! Começa por estimar,
e a sua estima se vai consolidando,
se vai encarecendo, até se transfor-
mar em amor vehemente, fecundo e
duradouro.

Foi isso justamente o que succe-
deu eom a viuva a respeito de Gre-
gorio—partiram do mesmo ponto,
ella a passo, elle a galope; mas,
quando a primeira sentio-se arre-

batada pelo ardor da carreira, já o outro jazia prostrado de cansaço, a supplicar, que por amor de Deus o deixassem em repouso.

E d'ahias consequencias—o ciúme, o despeito, a raiva, o desespero e a sede de vingança.

Mas a mulher, coitada! parece que veio ao mundo fadada para o sacrificio e para a dedicação. Uma vez apaixonada, uma vez presa pelo sentimento, quanto mais a fazem soffrer, quanto mais a pizam e maltratam, mais ella estremece e adora o objecto de seu amor.

Como certas plantas aromaticas, que mais rescendem quanto mais são trituradas, a mulher que ama, se logra uma folga no captivo com que a opprime seu senhor, não é para se queixar, é para beijar-lhe os pés e repetir-lhe que o adora.

Julia, n'estas condições, soube que Gregorio ia casar.

Seu impeto instantaneo foi correr ao primeiro homem e offerecer-se para ser amada aos olhos do ingrato que a apunhalava covardemente no seu amor proprio e na sua abnegação.

Esqueceu-se de tudo, de sua posição, de seus interesses, de sua tranquillidade, para só pensar n'essa vingança absurda, que lhe parecia necessaria á sua colera, como o vinho ao ebrio.

E cega, desvairada, ás tontas, queria deixar bem patente que a traição de Gregorio não a atormentava, e que ella se sentia, como nunca, feliz e indifferente.

— Soffrer?! mas porque!? dialogava consigo mesmo, a rir forçadamente, com a voz estalada na garganta.—Acaso não previa eu tudo

isto?! Não é elle moço, livre e cheio de esperanças?! O que me importa pois seu casamento!? Amo-o porventura?! Tenho eu alguma cousa com isso?! Que se case quantas vezes quizer! Que faça o que entender!

Mas os soluços rebentaram com explosão, e ella se atirou sobre o divan, a chorar apaixonadamente, sacodida por um formidavel desespero.

Depois, sem que ella as chamasse, vinham de enfiada as recordações dolorosas de seu amor. Os episodios felizes de outr'ora enchiam-lhe agora o coração com uma argamassa de desgostos. Via Gregorio em todas as situações venturosas de outro tempo; sentia-lhe perfeitamente o cheiro dos cabellos, a luz dos olhos e a doçura embriagadora de seus beijos.

E perseguida, aguilhoada por estas idéas, queria fugir de si mesma, escapar á propria memoria, esconder-se das remeniscencias, que lhe rugiam de dentro; mas todo o seu passado, se encrespando, enroscava-se por ella a chupal-a para si, como um enorme polvo.

Definitivamente era indispensavel uma vingança. Era preciso inventar um cumplice, um instrumento, uma arma, com que pudesse fulminar o infame.

Pobre visionaria! Não calculava que o verdadeiro amor só sabe perdoar e não conhece os ségredos do odio e da maldade. Não sabia que o labio, que conserva o calor dos beijos que o aqueceram, não se pôde converter rapidamente em lamina fria de vingança.

E tanto assim que, foi bastante que ella, um mez depois de seu de-

sespero, soubesse do crime de que era suspeito o objecto de seu amor, o para esquecer-se dos planos de vingança e só se lembrar de correr a prevenil-o e affastal-o de qualquer risco.

Foi n'essa resolução que a vimos partir rapidamente da policia para a casa de Clorinda. Ella sabia que era n'aquella tarde o casamento; Gregorio estaria lá com certeza. Que lhe importava o desespero de vêr a mulher que a preterira? que importava o espectáculo de uma felicidade, que a humilhava e enlouquecia de dôr? que lhe importava tudo isso? com tanto que seu Gregorio não soffresse cousa alguma, com tanto que elle fosse prevenido a tempo do perigo que o ameaçava.?

O carro de Julia parou á porta da noiva. A viuva conchegou para o collo as pontas de seu mantelete de seda preta, e subiu resolutamente as escadas da rival.

— A noiva?! perguntou ella á primeira pessoa que encontrou. Não se queria entender com Gregorio, por um natural impulso do resentimento.

— A noiva estava no quarto e não podia receber ninguém.

— Mas é tambem para o interesse d'ella que preciso fallar-lhe. Trata-se de Gregorio!

— Como?! Do noivo?!

— Sim.

— Oh! n'esse caso entre!

E a pessoa gritou logo para todos que estavam na sala de jantar—Temos noticias do noivo!

Julia foi conduzida para a alcova de Clorinda, enquanto os mais curtiavam de fóra a curiosidade e a impaciencia.

VIII

COMPLICA-SE

Julia, ao encarar a noiva do amante, sentio percorrer-lhe o corpo um vivo estremecimento de odio, mas a idéa do perigo em que estava Gregorio acalmou-lhe o sangue e trouxe-lhe a resolução.

Clorinda, entretanto, a quem disseram que a recém-chegada trazia noticias do noivo, precipitou-se ao seu encontro, exclamando afflicta:

— O que lhe succedeu?! Diga-me por piedade!

— Como?! Pois já sabe que lhe ia succeder alguma cousa?!...

— Mas o que é?! Diga! Diga depressa!

— Elle então não está cá?!

— Não! Ainda não appareceu!

— Não appareceu?! Exclamou a viuva empallidecendo — Oh! Nada consegui evitar! — Foi preso!

— Quem?! Interrogou a outra. — Quem? Gregorio?! Gregorio preso! Mas porque, senhora?! Explique-se! Explique-se, por amor de Deus!

E Clorinda, vendo o entorpecimento em que ficava a viuva, sacudiu-a com força.—Então, senhora?! O que ha?! diga!

Mas a viuva continuou na sua prostração e repisava como n'um delirio.—Preso! Nada consegui!

— Oh! Senhora! Explique-se por uma vez! Não vê o estado em que me acho? Não vê que tenho os olhos cheios d'agua? Não vê como tremo? Não vê como soffro?!

— E que me importa o seu soffrimento?! Tambem eu já padei bastante! Sua magoa tem sahida! a minha não— se elle voltar é para

os seus braços e não para os meus !.. Que vale por conseguinte a sua tristeza de criança, comparada á dôr enorme que me estaçalha o coração ?!

— Eu não a comprehendo ! Observou a noiva.

— Nem se pôde comprehender nada d'isto na sua idade, como tambem na sua idade ainda não se pôde avaliar a força indomavel e fatal de um verdadeiro amor ! Criança ! O amor aos quinze annos é pouco mais que o ultimo folguedo da meninice ; atraz d'elle não existe um passado, existe quando muito uma boneca !

— Senhora !

— Oh ! Não vim cá para disputar seu noivo ! Vim com a intenção de salvá-o. Nada consegui ! Paciencia ! Volto resignada com a vontade de Deus !

Clorinda segurou-a por um braço. — Mas, por piedade ! Explique-me o que ha ! O que foi feito de Gregorio !

— E' accusado de um roubo e de um assassinato ! Explicou a viuva, finalmente.

— Ah ! Gritou a outra, como se só esperasse aquella phrase para ter a confirmação de uma terrivel suspeita.

E cahio de costas.

O quarto encheu-se logo. Todos queriam saber o que havia. D. Januaria correu a apoderar-se da filha, e os mais principiaram a cruzar entre si olhares interrogativos e desconfiados.

Julia, sem dar mostras do que se passava em torno de si, afastou-se distrahidamente e sahio a dizer entre dentes:—Preso e accusado ! Preso talvez para sempre !

E ao entrar no carro, que a esperava na porta, abriu a soluçar com desespero

Recolheu-se á casa, mas não pôde socegar.

A duvida sobre o destino de Gregorio trazia-lhe o espirito em um sobresalto constante. — Era urgente obter noticias d'elle n'aquella mesma noite, fosse de quem fosse ! Custasse o que custasse ! Com tanto que Julia soubesse o que era feito de seu Gregorio.

E n'esta impaciencia percorria toda a casa ; ora ia á janella, ora de um quarto para outro. Chamou duas vezes a criada para mandar á policia, mas receiando complicar mais a situação, resolveu não mandar. Afinal pediu a capa e o chapéo, e deliberou sahir. Eram já oito horas da noite.

— Lá em baixo talvez ella conseguisse saber alguma cousa a respeito de Gregorio... calculava a viuva, descendo commovida a escadinha do chalet. Ao chegar ao jardim soltou um grito.

Pareceu-lhe haver distinguido, encostado ao muro, e meio escondido na sombra, o vulto de um homem, que a observava attentamente.

— Angela ! Bradou ella para dentro da casa..

— Angela ! Traz luz !

E não pôde accrescentar mais nada, porque as pernas tremiam-lhe e a voz embaraçava-se-lhe na garganta.

A criada, tambem possuida já do susto, appareceu com a luz.

Julia não se havia enganado. Escondido nas moitas do jardim, estava um homem, que se dirigio humildemente para ella, com o chapéo na mão.

— Ai ! Intergeicionou a viuva, recuando aterrada.

— Não se assuste, minha senhora, disse o desconhecido, com muita brandura. Eu não faço mal a ninguem ! Sou um pobre velho inoffensivo.

E Julia, ainda não de todo acalmada, vio-lhe com effeito as longas barbas e os cabellos brancos.

— Mas o que fazia você ahí?! Disse ella com difficuldade. — Fez-me ficar sobressaltada deste modo!...

— Perdõe, minha senhora, foi sem querer! Respondeu o velho.

— Mas, enfim, o que quer você.

— Eu vinha dar um recado de um moço, que foi preso agora a noite?

— Gregorio?! Exclamou a viuva, perturbando-se toda. — Oh! Falle! Falle! Diga o que é!

— Mas elle me recommendou que só desse o recado a uma moça, com quem tinha relações ha cousa de dois annos!

— Sou eu mesma! Falle!

— A senhora então é a viuva Julia Guterres, a mesma que esteve na secretaria de policia hoje á tarde?...

— Sou. Póde dar o seu recado!

Mas o velho, em vez de obedecer-a, endireitou o corpo, avançou dous passos, e soprou em um apito, que trazia comsigo.

— Que é isto?! Perguntou Julia, alterando-se de novo.

— A senhora está citada para depôr hoje mesmo na policia o que sabe a respeito de certa pessoa.

E o falso velho dirigio-se a um soldado, de quatro que acudiram ao seu apito, e ordenou-lhe que acompanhasse aquella senhora á presença do chefe na secretaria de policia.

— Sim, Sr. delegado! Respondeu a praça.

— Bom! Agora vamos á casa da noiva! Accrescentou o disfarçado ás praças que restavam, tirando as barbas e a cabelleira.

E seguiram para a casa de Clorinda.

Julia, entretanto, caminhava resignadamente para a policia. Não proferio durante o caminho uma unica palavra. Aquella situação, si por um lado a constrangia, por outro alegrava-lhe o coração, com a esperança de ficar ella sabendo ao certo tudo o que havia a respeito de Gregorio.

O chefe recebeu-a em um gabinete, onde já a esperava, fel-a assentar-se, disse-lhe que podia descansar, e, depois de chamar o escrivão e ordemar que se preparasse, principiou o interrogatorio.

XI

DEPOIMENTO

— Seu nome, minha senhora? perguntou o chefe de policia á viuva.

— Julia Guterres, respon deu esta, sem titubear.

— Seu estado?

— Viuva.

— Profissão?

— Vivo de meus rendimentos.

— Quaes são elles?

— Tenho acções, predios e escravos.

— V. Ex. conhece Gregorio Souto Maior?

— Muito.

— Desde quando?

— Ha dois annos.

— E essa pessoa diz-lhe respeito em alguma coisa?

— Em tudo.

— Como assim?

— Eu o amo.

— Perdão, observou o Dr. Ludgero, limpando no lenço as lunctas; que acabava de desarmar do nariz — Pergunto se essa pessoa acha-se implicada de qualquer fórma em seus interesses.

— De que especie de interesses falla o senhor?

— Dos interesses pecuniarios.

— Absolutamente, respondeu Julia, com um gesto de impaciencia.

— E quaes são os interesses de V. Ex. em que elle se acha implicado?! Sim! Visto V. Ex., quando eu fallei dos interesses pecuniarios, ter lembrado outros interesses, é porque...

— Referia-me aos interesses de meu coração, de minha felicidade!

— Ah!

— Posso dizel-o abertamente, porque sou livre e senhora de minhas accções, todavia peço-lhe que não insista n'esse terreno... Ha certas coisas na existencia de uma mulher, que não lhe poderiam ser arrancadas do coração sem um grande abalo do pudor, ou talvez da dignidade!

— Compreendendo perfeitamente, respondeu o chefe de policia, collocando de novo as lunetas, sem se alterar

— mas V. Ex. deve saber que eu, no logar em que estou, cumpro um dever! A justiça, minha senhora, tem por obrigação do cargo violar friamente todos os recintos. Quanto não me custa ouvir ás vezes pormenores de uma desgraça vergonhosa ou de alguma grande miseria de familia! Mas assim é preciso; eu aqui não sou um homem, sou simplesmente um instrumento da lei. V. Ex. tenha a bondade de abrir o coração francamente. Diga-me tudo o que sabe a respeito de Gregorio e me poupará d'essa fórma o sacrificio de interrogal-a.

— Mas o que quer o Sr. que lhe diga?! Do que serve minha opinião a respeito de uma pessoa, que eu propria acabei de confessar que adoro?

Gregorio, por peor que fosse para os outros, seria sempre para mim o ideal dos homens! V. S., que naturalmente conhece o coração da mulher, deve comprehender o que ha de sincero e verdadeiro n'essas palavras. Nós, quando amamos, desejamos de tal modo descobrir boas qualidades e brilhantes talentos no objecto de nosso amor, que, seja elle a mais ruim das creaturas, apparece-nos, á luz maravilhosa de nossa dedicação, radiante e bello como o sol! Quasimodo, visto por esse prisma, transforma-se em Apollo de Belvédère. Nosso coração, quando ama, é como o casulo ovoide do bicho de seda; de uma lagarta feia e nojenta engendra a mimosa borboleta, que é na natureza como que a passagem das aves para a fiôr.

— Conclue-se do que acaba V. Ex. de dizer que, apezar de suppôr Gregorio o melhor dos homens, não está disposta a sustentar que elle seja impeccavel!

— Não tive semelhante idéa! Considero Gregorio com os defeitos de sua idade e de seu temperamento. Elle seria capaz de commetter qualquer leviandade, qualquer tolice, mas não uma infamia!...

— Sabe V. Ex. de que o suspeitam?

— Ouvi vagamente dizer aqui que se tratava de um roubo e de um assassinio.

— E o que mais sabe a'esse respeito?

— E' justamente por não saber mais nada, que lhe vou pedir o obsequio de dizer o que ha. Constou-me agora a noite que elle fôra preso, mas tudo isso é tão vago e incerto que...

— V. Ex. conhece este anel?!

E o chefe passou a Julia um anel de homem com pedra de cornalina.

— Sim, disse ella o examinando, parece que o reconheço. E' o mesmo ou muito parecido com um, que dei a Gregorio no dia de anno bom.

— Este anel foi encontrado no lugar do crime e corrobora as suspeitas sobre Gregorio.

— Valha-me Deus! exclamou Julia —mas pôde não ser o mesmo!

— Temos ainda um outro corpo de delicto. Examine bem V. Ex. esse farrapo de casimira e queira ver se se lembra ter visto algum dia Gregorio vestido com um palitot d'essa côr.

A viuva tomou nas mãos o farrapo, que lhe passou o chefe, e ficou a examinal-o attentamente.

— Então?... disse este, vendo que ella não respondia. — Lembra-se?

— Não sei, Sr. doutor, é isto uma circumstancia tão pequena, que me foge inteiramente da memoria.

— E' destas pequeninas circumstancias que se tiram as conclusões lucidas sobre qualquer crime, minha senhora; não podemos desprezar nada. Tenha a bondade de declarar se se recorda de ter visto Gregorio algum dia vestido d'essa côr.

— Elle usava frequentemente roupas escuras, mas algumas vezes, muito poucas, a passeio no campo ou de volta de um jantar de amigos, o vi vestido de côr alvadia.

— Mas d'esta côr, não o vio nunca, minha senhora?

— Não me recordo absolutamente, Sr. chefe.

— Elle era prodigo, extravagante?

— Para ser prodigo é preciso ter uma fortuna, e Gregorio vivia do que ganhava com o trabalho.

— Não sabe se elle gostava de prazeres ruidosos?

— Não, ao que supponho, não.

— Nunca o vio ebrio?

— Nunca.

— Recebeu d'elle muitos obsequios?

— De que especie?

— Obsequios de valor, em presentes, em dadivas de preço.

— Os objectos, que conservo d'elle, só tem valor para mim, porque vieram de suas mãos.

— Não despendia elle então muito com V. Ex.?

— Não havia necessidade d'isso.

— Em que qualidade frequentava elle então a sua casa, minha senhora?

— Na qualidade de meu amigo, a quem me aprouve franquear toda a minha existencia e todo o meu coração.

— V. Ex. deseja vel-o ainda?

— Com muito gosto.

— Sabe onde elle está?

— Disseram-me hoje que estava preso.

— Sabe que elle tinha um casamento marcado para tarde?

— Sei, respondeu a viuva, deixando transparecer o desgosto que lhe causava essa pergunta.

— E sabe o resultado d'esse casamento?

— A noiva esperou inutilmente; Gregorio não appareceu.

— E porque elle não appareceu? Sabe, minha senhora?

— Naturalmente porque o haviam prendido.

— Entretanto elle não foi preso. Escondeu-se ou fugio, justamente pouco depois do crime.

— Não se sabe então onde elle está?!

— Não, minha senhora, respondeu friamente o Dr. Ludgero, levantando-se.

— Bem, accrescentou elle — por ora nada mais temos a perguntar. V. Ex. póde retirar-se e esperar que a citem para um novo interrogatorio.

Julia retirou-se com effeito, e a segunda testemunha foi introduzida no gabinete do chefe.

Era o velho Jacob, criado de Gregorio.

— Espere um instante, disse o chefe, indo até a porta, por onde vira passar um policia secreta.

— Então?! Perguntou-lhe em voz baixa — descobriu alguém que possa esclarecer o negocio?

— Sim, Sr. chefe.

— Quem é?

— Uma mocinha italiana, que, em companhia do irmão, toca bandolim nos cafés.

— Ah! fez o Dr. Ludgero.

X

O BARÃO E O BANDOLIM

Antes de proseguirmos, é necessario dar dous dedos de explicação a respeito do que ha de commum entre a mocinha do bandolim e o suspeito Gregorio:

Uma noite, sete horas em ponto, o nosso heróe, depois de se vestir com o esmero e correção de quem deseja agradar olhos exigentes, met-teu-se no bond em caminho da cidade, e só apeiou para tomar o da Tijuca.

Escusa dizer que não era o rico panorama do arrabalde, que forneceu o titulo a este romance, o que attrahia o moço áquellas horas. E não menos escusado é declarar que especie de iman o puxava para alli com tanta força.

Não! Seria fazer muito pouco na perspicacia do leitor e, (a modestia que gema a vontade) e muito pouco igualmente no interesse d'esta obra, que precisava não ter sido lida absolutamente, para que o leitor não soubesse a que freguezia queremos bater.

Não! Ninguém nos arrancará o nome do iman que em tal noite attrahia Gregorio com tanta violencia.

Ninguém! O mais que poderemos fazer é declarar, por muito favor, que o iman era viuvo, ou viuva; tinha um par de olhos de côr duvidosa, mas de um brilho tal, que não deixava duvidas a ninguém; um narizinho arrebitado, cabello castanho-claro e um corpo reforçado, porém muito esbelto e flexivel.

Agora, o leitor que adivinhe o resto; nós não deixaremos escapar o nome de...

Descance! Que não diremos.

Mas muito bem! Gregorio met-teu-se no bond da Tijuca e apeiou-se de frente de um chalet, pintadinho de novo e meio apadrinhado do sol pela folhagem de algumas arvores.

Durante o dia, bem entendido, porque durante a noite o padrinho era um formidavel cão preto, que bradava armas a todo o vulto, suspeito ou não, que passasse pela esquina.

E tanto assim que, mal Gregorio approximou-se do portão, já o tal padrinho ladrava a bom ladrar.

— Está quieto, Neptuno! Exclamou o moço, fazendo vibrar a campainha.

Veio logo a criada e Gregorio perguntou:

— Ella está em casa?

Este modo de saber se a pessoa que vamos visitar está em casa, prova alguma cousa.

Prova, pelo menos, que Gregorio era tão familiar da criada, quanto o era de Neptuno, e por conseguinte que aquella visita poderia ter todos os meritos que lhe quizessem dar, menos o da novidade.

— Sahio, respondeu a criada, abai-xando o rosto.

O moço não disse cousa alguma, mas ficou a sacudir a perna, apoiado na bengala.

Depois principiou a assoviar, como se esperasse alguem.

A criada, com o rosto mettido entre dous varões da grade, que ella segurava com ambas as mãos, esperava que elle resolvesse qualquer cousa, com o ar de quem não espera cousa alguma.

— Então sahio, heim?... Insistio Gregorio, interrompendo o assovio, e bamboleando a perna com mais força.

— E', disse a criada, bocejando.

E os dous ficaram calados por algum tempo; afinal Gregorio mostrou tomar uma resolução e accrescentou:

— Ora vá dizer-lhe que eu bem sei que ella está em casa...

— Minh'ama sahio! Sustentou a criada a rir-se.

— Homem, faça o que lhe digo!

— Gentes! Ella não está!..

— Você então não quer ir?! Bem...

E Gregorio fez o movimento de quem se afasta, levando uma intenção de vingança.

— Eu vou ver! Exclamou a criada, largando os varões do portão.

Gregorio voltou logo, como se fosse puxado por todo o corpo.

A criada desapareceu nas sombras duvidosas do jardim, e pouco depois, ouvio-se o som de uma voz de mulher que parecia rallar dentro do chalet.

Gregorio sorriu sosinho e retomou o fio da musica que assoviava.

Quando havia gasto já uns dois minutos de assovio, abriu-se uma das janellas do chalet e desenhou-se contra a luz da sala a figura sympathica da viuva.

— Já voltou?! Disse Gregorio, transpondo o portão, e indo postar-se debaixo da janella.

— Você não disse que não voltava mais aqui?! Perguntou a outra por sua vez.

E como Gregorio não respondesse — Tambem, olhe que ninguem o iria buscar!..

— Isso sei eu!.. Observou o rapaz, armando um gesto de quem medita. E accrescentou depois.— Bem tolo seria si acreditasse em amores... de viuva.

— N'esse caso, porque voltou?!

— Voltei... nem eu sei porque!.. Antes não tivesse vindo!..

— Pois olhe, ainda está em tempo!

— Tem razão! Respondeu Gregorio.—Eu devo ir! Boa noite.

— Não vê que era capaz!..

— Você duvida?! Interrogou Gregorio, como quem diz cousa muito seria.

— Duvidava! Respondeu a viuva.

Gregorio deu uma volta sobre os calcanhares e encaminhou-se para o portão, sem dizer palavra.

— Nhonhô! Gritou a viuva, quando elle já transpunha a sahida.

— Que é? Perguntou elle, voltando-se com indifferença.

— Venha cá.

— Que deseja?

— Entre.

— Para que?

A viuva fez um movimento de hombros e foi abrir a porta da sala.

Gregorio subio e ella o recebeu com um beijo.

— Não! Disse elle — A senhora ás vezes tem cousas bem exquisitas!

— Presumido!...

— Ainda não me esqueci do que se passou aqui outro dia...

— Ah! vem a tolice!

— Tolicie não! A senhora rio-se para elle!

— Bem caso faço eu agora d'aquelle typo! Um esgançado!

— Sim! Mas a senhora não lhe tirava os olhos de cima!

— Foi para isso que vieste cá?!

— Eu não queria entrar!...

— Então para que entrou?!

— Queria vêr se me encontrava com o tal barão!

— Com que fim?!

— Para pedir-lhe que a tratasse com toda a delicadeza!

— Não era preciso; o barão é a cortezia personificada.

— Pois case-se com elle!

— Quem sabe, hein?!

E os dois continuaram a altercar meio resentidos, meio alegres, até que Gregorio tomou o chapéo, despedio-se um tanto molestado e sahio.

Entre o largo de S. Francisco e o ponto dos bonds de Botafogo, onde tinha de tomar o das Lorangeiras, ao passar por um café, descobriu alguém que o fez parar.

Gregorio encostou-se á parede da *Notre-Dame* e ficou a olhar muito para um sujeito de idade duvidosa, cabellos e barba exageradamente pretos e lustrosos, olhar vivo, gestos ceremoniosos e chapéo alto de pello.

Era o barão.

A um dos cantos do café a menina do bandolim dedejava o seu instrumento ao lado do irmão, e parecia

inteiramente preocupada com a musica.

O barão olhava-a com insistencia.

Em quanto que em outra mesa mais afastada, um rapaz louro, bastante magro, de monoculo, gestos bragues muito angulosos, fallava a um grupo de quatro ou cinco amigos, que o escutavam com interesse. Trabalhava-se de politica.

No fim de meia hora, o barão sahio do café, e depois de alguns passos pelo largo de S. Francisco, fallou em particular a um homem, que o esperava por alli, e seguio tranquillamente a direcção da rua do Theatro.

Gregorio vio tudo isto e principiou a seguir com a vista o novo personagem.

A menina do bandolim acabava, todavia, de recolher o instrumento a um sacco de baeta escura, e retirava-se com o irmão.

Gregorio acompanhou-os a certa distancia.

XI

PRIMEIRO ENCONTRO

Emquanto Gregorio acompanha em distancia a mocinha do bandolim, vejamos o que vae pelo café d'onde ella sahio.

Alguns typos ergueram-se logo, e se foram retirando vagarosamente; outros deixaram-se ficar ainda a beber e a dar de lingua; a mesa do rapaz louro, de monoculo, não soffrera a menor alteração—elle continuava a fallar, sempre com loquacidade, e os outros continuavam a ouvil-o com a mesma attenção.

Typos novos, só dois havia, que acabavam de entrar, conversando em voz baixa, muito animadamente.

Pelo modo por que discutiam adivinhava-se facilmente que o mesmo interesse os prendia a um só assumpto

Eram de meia idade; um, porém, apparentava ser mais velho e de costumes mais serios que o companheiro.

Em si nada tinham que pudesse chamar a attenção ao primeiro lance da vista: Trajavam vulgarmente roupas baratas de casimira e cada qual carregava o seu chapéu de sol, como um symbolo de paz burgueza.

Assentaram-se, defronte um do outro, pediram cerveja nacional e proseguiram na sua conversa com o mesmo empenho.

Deu meia noite. Os varios grupos, que enchiam as mesinhas do café, foram desaparecendo, até que o dono da casa dirigio-se aos dois ultimos e participou-lhes que desejava fechar as portas.

Então o que parecia mais velho atirou os olhos para o relógio, fez um signal affirmativo e, sempre a conversar com o companheiro, conduzio-o para a rua.

— E' o que lhe digo, segredou lhe o outro, quando sahiram — pôde contar commigo! Diga ao commendador que estou prompto para o que der e vier...

— Posso então dizer ao commendador Portella que você quer?!

— Póde.

— Bem, nesse caso, precisamos amanhã mesmo entendermo-nos com elle. Onde nos devemos encontrar?!

— Onde quizer. Aqui no café por exemplo.

— Está dito. Então até.

— Até! respondeu o outro, tomando o largo de S. Francisco.

Mas voltou pouco depois de partir, para perguntar alguma coisa ao ouvido do que deixara.

— Não! respondeu este — o melhor é levar você uma boa navalha! Deixemo-nos de innovações! Cada um com o que aprendeu!

— Bem...

E separaram-se.

Entretanto, a mocinha do bandedolim seguia pela rua do Theatro, com o passo seguro e apressado, de quem não deseja ser demorada no caminho. Um homem, sahindo de uma esquina, pretendeu apoderar-se d'ella.

Gregorio porém não déra a este tempo para isso, collocando-se entre os dois e repellindo o aggressor com um murro.

A mocinha soltou um grito, chegou-se ao irmão, e deitou com elle a correr em direcção contraria á que levava.

— Diga ao barão que ainda não foi d'esta vez! gritou Gregorio para o sujeito a quem esmurrára, e seguiu o rumo que levára a sua protegida.

Quando se convenceu que ella estava fóra do perigo, tomou o bond, e retirou-se para casa.

A menina, com o sobresalto em que ficou na occasião de ser aggreddida, não pôde agradecer a generosidade de Gregorio, mas guardou bem na memoria a sua physionomia, e principiou desde então a distinguil-o intimamente com certa estima.

Só dous mezes depois do conflicto tornaram-se a encontrar. Ella, como n'essa occasião estivesse em meio de uma peça que tocava, limitou-se a cumprimental-o com a cabeça e a sorrir para elle de um modo reconhe-

cido. Mas, terminada a musica, pousou o bandolim sobre uma cadeira e depois de receber a esportula das mesas, foi agradecer de viva voz o obsequio que havia recebido.

— Nunca mais lhe succedeu nada? perguntou-lhe Gregorio.

— Não senhor. Depois d'aquella vez faço-me acompanhar sempre por um parente meu, que me vem buscar aqui.

— Pois estinarei que continue dessa fórma. Na sua idade toda a cautella é pouca.

E ficaram um instante a conversar neste theor, quando Gregorio reparou que uma mulher parára um instante á porta do café e olhara investigatoramente para elle.

Reconheceu-a logo e correu ao seu encontro. Era a viuva.

— Muito bonito! disse esta, quando Gregorio conseguiu alcançal-a—Póde voltar para onde estava!...

E como Gregorio ficasse a rir com ar de pouco caso — O Sr. nem precisava levantar-se para vir ter commigo! Era melhor que ficasse lá mesmo!

— Deixa-te disso!

— Vou deixar-me é de ligar tanta importancia a umas certas cousas!

N'este ponto foram interrompidos por duas senhoras, que pararam para fallar com Julia.

Gregorio despedio-se e seguiu a direcção contraria ao café em que ficára a menina do bandolin.

No fim da rua parou, comprou charutos e á vista, do annuncio de uma companhia acrobatica, que estreava no circo do Lavradio, resolveu passar ahi a noite.

Ao entrar teve de afastar-se para dar passagem a uma familia, com-

posta de tres senhoras e um cavalleiro, que acabava de descer do bond.

— Oh! O Gregorio! Exclamou aquelle, logo que o vio, e escancarou os braços expansivamente.

— Roberto! gritou Gregorio atirando-se-lhe nos braços.

— Não sabia que tinhas voltado!

— Vim hontem.

— Mas como foste lá pelo norte?!

O que fizeste? O que...

— Nada, isto é, casei-me. Olha aqui tens minha mulher.

E voltando-se para uma das senhoras — Sinhasinha! este é o Gregorio, um menino que deixei quasi do tamanho desta bengala e encontro mais alto do que eu!

E acrescentou, cortando uma risada e designando as outras senhoras—A Sra. D. Januaria, velha amiga de minha mulher, e sua bella filha D. Clorinda.

Gregorio desfez-se em cortezias, terminadas as quaes offereceu o braço á mulher de Roberto e puzeram-se todos a caminho. Não consentiram que elle abandonasse o camarote.

— Nada! dizia Roberto — Agora tem paciencia, mas não te deixo ir d'aqui. — Amanhã has de ir jantar commigo e ficas prevenido de que te não dispenso um só domingo!

E o espectaculo passou-se todo em conversa.

Ao levantar-se no dia seguinte, Gregorio notou que sentia um desejo vago de fazer qualquer coisa, que elle não podia determinar bem que especie de coisa podia ser.

E n'esta duvida, neste estado vacillante da vontade, passou-se a manhã inteira, passou-se tambem todo

o jantar, apesar da alegria ruidosa de Roberto.

Só á noite, com a chegada de D. Januaria e da filha, é que Gregorio conseguiu descobrir o que diabo tanto desejava elle esse dia—era ver Clorinda.

— Ora esta! dizia comsigo o rapaz
—E eu que não atinava!...

XII

EM CASA DO DR. ROBERTO

Gregorio não esperou segundo convite para jantar aos domingos com o Dr. Roberto.

Duas razões o levavam a dar semelhante passo: a primeira era porque n'aquelles dias costumava o amigo reunir em casa algumas pessoas, entre as quaes figuravam quasi sempre D. Januaria e a sua adoravel filha adoptiva. A segunda razão o leitor saberá d'aqui a pouco. Por enquanto precisamos fallar de outra cousa.

As reuniões do Dr. Roberto eram muito limitadas; pouca gente apparecia, além da que acabamos de citar. A mulher, D. Thereza, não dava muito para etiquetas, si bem que jogasse soffrivelmente com os preceitos da cortezia e fosse de seu natural amiga de agradar e servir. Gostava, porém, que não a tirassem da liberdade e do commodo.

Isso mesmo dizia o seu ar descansado e bondoso, e a sua figura gorda e lymphatica. Comtudo era muito difficil sorprehender-lhe nos labios o menor gesto de contrariedade, e até consta que ella, por mais de uma vez, tomára espontaneamente muitas massadas por infelizes, cujo unico merito e cuja unica attracção era a necessidade.

No fim de poucas horas de conversa já se ficava gostando d'aquellas maneiras singellas e d'aquelle tratar sem cerimonia. D. Thereza mettia a gente no coração, sem esforços, sem barulho, inalteravelmente. Tomavamos a sympathia e a estima como quem toma uma cajuada — aos golpes largos e compassados.

Gregorio quando a visitou pela primeira vez, depois do espectaculo do Lavradio, passou algumas horas assentado ao seu lado, e sentio-se durante esse tempo ir pouco a pouco penetrando do ar morno, indifferentemente satisfeito, que respirava d'ella toda, como a propria temperatura do corpo.

Thereza não se levantou para recebê-lo, mas demorara nas suas mãos algum tempo a do rapaz, e indagavalle da saude com um riso esparrihado por todo o rosto. A's vezes parecia que ella se deixava sorrir indeterminadamente, por esquecimento ou por preguiça de suspender o sorriso.

Suas feições estavam sempre abertas, como as gavetas de um desmazelado. Mas olhava-se para dentro d'ellas, com o desinteresse com que se olha para o interior de gavetas vasiaas.

Nada a sobresaltava, nada a affligia.

De manhã, ás 10 horas, a criada ia ajudal-a a sahir da cama para o banho morno, depois servia-lhe uma papa de leite e farinha de mandioca, e passava a penteal-a, calçal-a e vestil-a.

Durante esse tempo as duas conversavam--de vagar, molemente, um assumpto bambo, sem interesse para ninguem, e massadoramente virgulado de grandes pausas.

Thereza gostava em extremo que lhe mexessem na cabeça, estimava que a criada demorasse bem o arranjo de seus cabellos, durante o qual repoltreava-se ella na cadeira, tosca-nejando uma voluptuosidade surda e espessa, de gata saciada.

Às vezes adormecia n'essas occasiões, e era preciso que a criada a chamasse depois para o almoço.

Comia muito compassadamente, aos bocadinhos, como uma criança gulosa. Era doida por doces e quitutes. Quando passava pelo assucareiro tirava em geral um pouco de assucar, com que cobria a lingua, como se aquillo lhe refrescasse a bocca.

Fazia muita questão em materia de comida. Recommendava de vespera, durante o almoço ou o jantar, o que lhe appetecia comer no dia seguinte. Algumas iguarias mais de seu gosto, como a moqueca de peixe, por exemplo, ella só saborcava sem talher, á mão.

O marido por muito tempo procurou reagir contra esses habitos sedentarios, expoz á mulher os inconvenientes de uma existencia sem exercicio, sem preocupação de especie alguma, offereceu-lhe livros, lembrou-lhe a jardinagem, fallou de tudo que podia honestamente prender o espirito de uma senhora ou obrigal-a a qualquer esforço physico. Mas nada conseguiu; Thereza não se alterava por cousa alguma. Quando o marido insistia muito nas suas costumadas censuras, ella respondia com todo o descaço:

— Ora, seu Roberto, deixe cada um com seu genio!

E Thereza ficou no que era.

Estivera gravida uma vez, e a

gravidez só lhe parecia antypathica, porque a obrigava a sahir um tanto de seus habitos sedentarios. O filho tomou a resolução de morrer. E fez bem.

Contrastava vivamente com o typo da dona da casa, uma de suas visitas mais constantes e mais de sua intimidade—D. Josephina de Britto; a mesma que no primeiro capitulo, por occasião do gorado casamento de Gregorio, tão indignada se mostrou com o estranho procedimento do noivo.

D. Josephina era a antythese perfeita da amiga. O que esta tinha de flacida e molleirona, tinha a outra de activa, impaciente, curiosa e ralhadreira.

Nunca ficava socegada em um lugar: de manhã á noite vivia a sara-cotear pela casa, a dar fé de tudo, até que enfiava o vestido, punha a capa e corria ás amigas para boquejar sobre os conhecidos.

Fallava de tudo e de todos sem o menor escrupulo, e desconfiava de toda a especie de homem, passados, presentes e futuros.

O longo e rigoroso celibato, a que sempre vivera amarrada, e que por muito tempo lhê zurzira os nervos, acabara por tornal-a frenetica e ruim.

Josephina tudo perdoava a qualquer pessoa, menos a felicidade do amor.

Não admittia que alguém tomasse a serio isso a que ella chamava—mal de tolos!

N'esse ponto extremava perfeitamente com Thereza, que se comprazia em acompanhar voluptuosamente o progresso de qualquer namoro, chegava até a prestar-se ás vezes como auxiliar e desfazia-se em riso,

quando assistia ou lhe contavam algumas scenas d'aquelle genero.

Taes tendencias muito deviam aproveitar a Gregorio, como effectivamente teremos occasião de ver mais para diante.

Por ora, deixemos tudo isso á margem, assim como o contraste entre a cara feia e magra de D. Josephina e o rosto gordo, risonho e bem abonado da mulher do Dr. Roberto, para nos occuparmos exclusivamente da segunda razão que levou Gregorio a jantar todos os domingos com aquelle amigo.

XIII

ISOLAMENTO

A outra razão que levava Gregorio a jantar todos os domingos em casa do Dr. Roberto era a circumstancia especial de se haver retirado para a Europa a familia com quem elle morava.

Esta razão parecerá pouco obvia á primeira vista, porém não é.

O leitor, se nunca morou em familia ou se nunca teve de separar-se d'aquella com quem convivera indefinidamente, não póde avaliar o alcance do que avançamos; mas, se ao contrario, o leitor é um d'esses muitos infelizes, que de um momento para outro se viram obrigados a separar das pessoas com quem habitava, para seguir um destino de desordem e bohemia, o leitor n'esse caso avaliará o peso de nossas considerações e sentirá o valor da oppressão em que ficou nosso heróe com a partida da familia entre a qual vivia.

E' preciso ter experimentado o que isso é, para saber quanto custa.

A gente sente-se como que abandonado no fundo sombrio e humido de um poço secco.

Antes da separação não seriamos capazes de imaginar o estado em que ficamos; então, até se nos affigurava que a cousa não havia de ser objecto de penna e magoa.

Supponhamos que a vida exterior, com seus theatros, as suas palestras de café, os seus almoços ruidosos e cheios de riso, as aventuras pican-tes, as suas peripecias, as suas alegrias ephemerias, compensariam perfeitamente a convivencia habitual e burguezmente amiga d'aquelles com quem moravamos.

Illusão! Pura illusão! A rua, o theatro, as *soirées*, os passeios, a conversa descuidosa dos amigos, não substituem absolutamente o que nos falta em casa. Todo esse conjuncto de impressões, todo esse baralho de gosos mais ou menos passageiros não nos enche o vacuo insondavel que nos deixam aquelles, que nos observavam nos momentos em que não armamos posição para produzir effeito, que nos estudavam friamente nas situações calmas e sinceras de nossa vida, e que acabaram por nos conhecer melhor que nós mesmos e por conceder-nos no coração um logar especial e proprio, onde nos podiamos refugiar conflantemente, quando voltavamos desilludidos e cansados de percorrer toda a escala das falsas sensações mundanas.

Abençoados lares! Quão pouco é necessario para o bom resultado de vosso mister sagrado e consolador! Uma pequena vivenda humilde e pobre, um pouco de sol, um pouco de ar, o producto de algumas horas de trabalho, tudo isto illuminado de amor e boa vontade — e eis ahi os elementos de uma felicidade completa.

Comparai os dous destinos:

De um lado o desaffeioado pandego, que vive *au jour le jour*, comprando taco a taco a sua vida inutil e egoista; de outro lado o trabalhador modesto, que moureja durante o dia para prover a existencia da mulher que ama e a dos filhinhos que á noite o esperam, tontos de somno, sem se quererem recolher antes de vir o papai.

Um vai aos theatros, bebe, ri, galanteia as mulheres, mas volta para a cama do hotel em que mora ou da amante que lhe pertence na occasião, com o corpo cançado e gasto e a alma desconfortada e fria. Tudo o aborrece, tudo o enche de tedio — os amigos, os prazeres e o proprio vicio. Acorda sempre de máo humor, não encontra em cousa alguma um lado que o seduza e prenda. Em quanto que o outro, o burro de carga, aquelle que durante o dia em vez de gastar, ganhou; aquelle que devia ao chegar a noite sentir-se cançado e indisposto — esse entra em casa quasi sempre cantarolando e sempre sorrindo; abraça a mulher, beija os filhos, affaga o cão, dá uma vista de olhos pelo jardim e afinal assenta-se ao lado dos seus para ceiar, feliz, confortado, fortalecido pela dignidade do seu esforço, abençoado por aquelles que vivem de sua actividade e de seu amor, e afinal deita-se a dormir, tranquillamente, com o coração despreoccupado, o sangue fresco e a consciencia lisongeadã.

Taes eram as considerações que fez Gregorio, quando se sentio só e desamparado de qualquer affeição domestica.

Foi terrivel a primeira noite que elle passou, depois que se foi a familia com quem morava. Tudo lhe pa-

recia triste e insociavel; tudo o encrava com uma physionomia dura e antipathica — os mesmos trastes da casa, d'antes tão familiares e amigos nas conversas de depois do jantar, agora mostravam-se concentrados e mocambuzios, como se tivessem alguma razão de queixa contra elle. Notava-se em toda a casa uma vaga tristeza de saudade, parecia que os moradores haviam todos morrido e que andavam seus espiritos a pairar nos ares silenciosamente, como o fumo preso dentro de uma sala.

O isolamento o opprimia e acabrunhava. Gregorio só então pôde avaliar o gráo de estima em que tinha seus companheiros e o quanto lhe valiam os obsequios que d'elle recibia. Choviam-lhe na memoria os pequeninos episodios da convivencia, para os quaes não attentara até ahí — lembrava-se de certa vez em que D. Joanna, uma das pessoas com quem morava, viera pedir-lhe que lhe escrevesse uma carta, e elle tanto gracejou sobre o assumpto que a pobre senhora acabou por ficar zangada. Lembrava-se de um dia em que passou muito occupado e só entrou em casa ás nove horas da noite, doido de fome e canção, e que vieram todos fazer-lhe companhia a um jantar improvisado alegremente.

A reminiscencia d'estas e outras cousas igualmente insignificantes era o bastante para o prostrar na melancolia e na saudade, a ponto de levalo a sonhar o casamento.

Foi n'essas circumstancias que vio pela primeira vez Clorinda e que aceitou sem discutir o convite para jantar aos domingos em casa do Dr. Roberto.

Gregorio sonhara quanto não seria bom fazer existencia ao lado de uma mulher nova, bonita e carinhosa. Quanto não seria bom, á volta do trabalho, encontrar em casa aquelle ente delicioso, que reunia em si todos os segredos da fememilidade e todos os segredos da convivencia.

— Definitivamente era preciso casar. Aquella vida miseravel de homem solteiro não lhe poderia convir! Elle, que diabo! Ganhava o bastante para si e para a mulher; não tinha por conseguinte razões que o forçassem a contrariar as suas aspirações e... diga-se tudo, o seu amor, porque afinal de contas elle já amava Clorinda e já não podia imaginar a felicidade senão em companhia d'essa creatura adoravel.

A viuva, sem que ninguem lh'o dissesse, comprehendeu e avaliou tudo o que se passava no espirito de seu amante. Como mulher de experiencia adivinhara, ao primeiro symptoma dos novos amores de Gregorio, a tempestade que se lhe armava sobre seu coração, e ainda como mulher de experiencia, tratou de disfarçar o sobresalto e desviar a nuvem, que se approximava carregada de electricidade.

Mas tudo foi debalde: pouco depois Gregorio pediu Clorinda em casamento e as cousas tomaram o caminho que o leitor já sabe.

Mal sabiam, coitados! O que lhes estava reservado...

XIV

SEM INTERESSE

Julia, ao sahir da secretaria de policia, levava o coração encharcado de sobresaltos—as duvidas, os terrores, as saudades do amante enchi-

am-na toda de uma grande tristeza hysterica.

Entrou em casa sem dar uma palavra á criada, que a seguia com olhos espantados. Depois, arremeçou o chapéu, a capa, e afinal a roupa, e deitou-se de bruços na cama, a soluçar desesperadamente.

As 7 horas da manhã, quando a criada entrou no seu quarto, para lhe entregar um papel que vinha da policia, achou-a já de pé e vestida em trajos de sahir.

— O que mais teremos?! perguntou ella comsigo, sem disfarçar o aborrecimento.

Era uma nova intimação policial.

— Ainda está ahí o portador d'isto? perguntou á criada, depois de correr os olhos pelo papel que tinha nas mãos.

— Não, senhora, retirou-se.

— Bem. Eu saio depois do almoço. Olha, se na minha ausencia vier procurar-me quem quer que seja, dize-lhe que tenha a bondade de esperar um pouco; não me demorarei.

Mal tinha acabado de pronunciar estas palavras, quando vibrou fóra a campainha. A criada correu ao portão, e voltou logo, dizendo que um homem de meia idade e bem vestido procurava pela senhora.

— Faze-o entrar para a sala.

E a criada fez entrar o Dr. Roberto.

— Desculpe-me, se tomo a liberdade de incommodal-a, minha senhora, sem ao menos ter o gosto de ser conhecido de V. Ex., mas desde hontem que ando doido por saber qualquer informação a respeito de Gregorio e, já porque me conste que elle não lhe é igualmente indifferente, já porque sei que V. Ex. conversou com a noiva, e conversou tam-

bem com a policia, não resisti ao desejo de vir pessoalmente pedir-lhe que me diga com franqueza o que é feito d'esse pobre moço, a quem estimo, como se fosse meu filho. Ia ser seu padrinho de casamento e fui por bem dizer o padrinho de seu amor...

— Ah!

— Elle conheceu Clorinda em minha casa e eu convencido de que só a familia traz consigo certa estabilidade e certo amor ao trabalho, procurei o melhor que pude approximal-os um do outro.

— Ah!

— Gregorio, continuou o Dr. Roberto—tem muito character, muito coração, bastante talento, mas muito pouco juizo. E' dos meus! A vida de solteiro acabaria por inutilisal-o completamente; eu sonhava aquelle malogrado casamento como se eu proprio fosse o noivo! Calcule, por consequente, minha senhora, como não estarei desapontado, tonto, com o que se passou, e como não estarei louco por saber que fim levou o nosso querido Gregorio!

— Elle amava muito a noiva?

— Extraordinariamente.

— Sabe d'isso com toda a certeza?!

— Que interesse o poderia levar a casar senão o amor?...

— E ella correspondia a esse affecto?

— Creio que com o mesmo enthusiasmo. Porque me pergunta isso, minha senhora?

— Naturalmente porque isso me interessa. O senhor foi o unico encaminhador do casamento de Gregorio?!

— Pelo menos o mais empenhado para que elle se realizasse.

— E tem ainda esperanças n'essa realisação?

— Terei depois que V. Ex. m'as der, declarando o que sabe a respeito de Gregorio.

— Eu sei tanto como o senhor.

— Não sabe então nada a esse respeito?!

— Nada?! Pois o senhor não está a par das pesquisas policiaes sobre Gregorio? não sabe que elle é accusado de um crime de morte e de roubo?!

— E' impossivel! exclamou o doutor, fazendo um ar espantado.

— E' a verdade! sustentou Julia com tristeza. Infelizmente é a pura verdade!

— Mas o que os levam a suppor semelhante cousa?

— Sei cá! O factio de haver elle desaparecido por occasião do crime, o factio de ter elle sabido que a victima recebera n'esse dia uma grande quantia em dinheiro, e emfim o factio de ser encontrado no logar do delictio um anel, que pertencia ao accusado.

— E' inacreditavel!...

— O que mais me admira é não estar o senhor a par de tudo isto!

— Como poderia estar, se ainda não voltei á casa da noiva; tenho gasto o tempo a procurar Gregorio por toda a parte. Quando soube que elle desaparecera, corri ás Larangeiras—o Jacob, porém, não me aliantou a menor idéa.

E os dois conversaram ainda largamente sobre o mesmo assumpto, sem que nenhum d'elles conseguisse achar o fio do enigma.

O Dr. Roberto retirou-se afinal para casa, torturado de incertezas e receioso de uma grande calamidade.

Julia compareceu ao novo inquerito.

— Conhece a menina do bandolim? perguntou-lhe o chefe de policia no fim de seu interrogatorio.

— Póde ser, mas se a conheço não ligo o nome á pessoa.

— Tenha a bondade de ver este desenho; elle dá uma idéa perfeita de quem fallamos.

E o chefe passou á viuva um quarto de papel branco, onde havia um esboço á penna.

Julia mal olhou para o papel, exclamou:

— Ah! Ja sei! Agora sei quem é.

Eapezar da situação, não pôde deixar de rir.

Era uma excellente caricatura da menina do bandolim, desenhada a traços largos pelo Raul Pompeia. Esse desenho mais tarde foi reproduzido pelo proprio autor e offerecido á galeria da fallecida *Gazetinha*, d'onde fôra ainda subtrahido, naturalmente por algum policia secreta, como veremos depois.

— D'onde conhece V. Ex. essa menina, perguntou em seguida o chefe.

— De uma noite, que por acaso a vi conversando com Gregario á mesa de um café.

— Sabe quaes eram as relações entre ella e o accusado?

— Absolutamente. Calculo, porém, que não passariam de um ligeiro namoro, sem consequencias. Esta menina é honesta.

— Conhece a letra do accusado?

— Perfeitamente.

— Tenha a bondade de vêr esta carta.

E passando-lhe uma carta, que tirou de um maço de papéis,—parece-lhe escripta por elle?

— Sim, esta letra é de Gregorio ou muito se parece com a d'elle.

— Faça o favor de lêr, disse o chefe.

Julia leu o seguinte:

« Querida Thereza. » Mas como fizesse logo um ar de surpresa, o chefe esclareceu:

— Thereza é o nome da menina do bandolim.

— Ah! disse a viuva, e continuou a leitura.

« Hontem não me foi possivel vêr-te um só instante; o trabalho prendeu-me até tarde, hoje, porém, creio que terei a ventura de contemplar-te por muito tempo. Se até lá não me houverem já devorado as saudades, aproveitarei a occasião para te comunicar que chegou o momento de transformarmos a nossa sorte. Aquillo se vai realizar e com isso se realizará tambem o nosso casamento. Ah! quanto sou feliz só em pensar em semelhante cousa.

Adeus, até logo, pensa um pouquinho em mim e tem confiança na minha coragem. » — Teu G. »

Seguia-se a data.

— Essa carta foi escripta justamente na vespera do crime, affirmou o chefe.

— Mas eu nada entendo, porque a vespera do crime era igualmente a vespera do casamento de Gregorio.

— V. Ex. possue a letra do accusado.

— Sim Sr., e creio que a tenho aqui mesmo, respondeu a viuva, remechendo na sua bolsa — Ah! cá está um bilhete seu, acrescentou ella, passando uma tira de papel ao chefe de policia.

O bilhete constava apenas disto.

« Nhanhan.

Não posso ir, como prometti, fa-

zer-te companhia domingo ao jantar. Chegou da Europa um velho amigo meu, o Dr. Roberto, e tenho de estar com elle esse dia.

Desculpa e recebe saudades

De teu. »

Não havia assignatura. O chefe perguntou quem era aquelle Roberto e, depois de sahir a viuva, ordenou que o intimassem para comparecer em sua presença.

XV

NOVA ESTAÇÃO

Continuava o processo, mas a policia principiava a desesperar do nenhum exito de seus trabalhos de investigação e pesquisa.

Os depoimentos seguiam-se quasi sem intermittencia, e nada de apparecer o autor do crime. Os corpos de delicto destruiam-se uns aos outros. Fez-se o interrogatorio do velho Jacob, da noiva, dos padrinhos, dos convidados para o casamento, e nada!

Gregorio não apparecia. Nem se quer um indicio, nem se quer um signal rapido, que os orientasse n'aquella conjunctura.

Entretanto, Clorinda foi gradualmente habituando-se a idéa da ausencia de seu noivo e voltando aos habitos primitivos de menina. A viuvez sem luto não é viuvez; em breve regressavam-lhe os sorrisos ao rosto, como voltam as flôres na primavera.

Passou o primeiro e o segundo mez, ao terceiro já as cousas pareciam novamente locadas nos seus eixos. A casa de D. Januararia retomava o ar que possuia antes do mallogrado casamento; veio de novo o commendador Portella, sempre muito preocupado com a sua pessoa, veio D. Jo-

sephina com o seu máo genio, veio o Dr. Roberto, acompanhado pela sua inalteravel esposa, e veio o João Rosa, aquelle sugeitinho magro e activo, que no primeiro capitulo dissemos parecer muito empenhado no bom exito do casamento.

Aos domingos á noite reuniam-se invariavelmente ou em casa de D. Januararia, ou em casa do Dr. Roberto.

E' em uma d'essas noites de palestra que os vamos encontrar todos reunidos em casa da boa velha.

São oito horas. O commendador acaba de entrar, com o sobretudo no braço esquerdo, e corre um por um os circumstantes, á cumprimental-os com enormes phrases, cheias de affectação.

— Oh! A nossa querida Sra. D. Januararia, como tem passado, depois da ultima vez em que tive o prazer de vel-a? Pergunta elle á mãe adoptiva de Clorinda, apertando-lhe a mão, todo vergado para frente, a bambolear o corpo.

— Assim, assim... respondeu aquella, dando um suspiro.

— Ah! Os tempos não andam bons! Não andam! Ainda hontem conversando em uma soirée do ministro da fazenda, com a viscondessa da Boa Estrella, disse-me ella que ultimamente tem uma pequena febre todas as noites.

E voltando-se para os outros:

— E' verdade! Sabem quem está tambem incommodado? O barão de Mesquita! Terça-feira, quando jantavamos juntos... jantar simples, intimo, sem ceremonias! Ah! Elle é muito meu camarada! Tanto como o visconde do Bom Retiro! Mas bem! Jantavamos juntos, e o barão de repente leva a mão ao estomago e em-

pallidece. Não lhes digo nada! Só hontem conseguiu deixar a cama!

— Sim?! Perguntou por condescendencia o João Rosa, a quem mais directamente parecia dirigir-se o commendador.

— Pois não! Confirmou o pedante. Mas o que quer o senhor?!... Nós todos estamos sobre um grande pantano! Sim! O Rio de Janeiro é um grande pantano! Não acha doutor?

— Está visto! Respondeu Roberto.

— Pois bem, quaes são as medidas empregadas para sanar o mal? Nenhuma! Projectos não faltam, mas quanto á realisação... Encarregasse-me eu de providenciar sobre isso, e viriam os resultados! Havia de arriscar bom dinheiro, havia! Mas juro-lhe que o trabalho appareceria! Oh! Nós aqui não temos iniciativa de especie alguma! Uma vez, em Pariz, quando visitei o Thiers, disse-me elle que o Brazil estava fadado a representar um papel importantissimo nos seculos futuros; eulhe respondi, batendo no hombro, meu bom Sr. Thiers, não julgue o Brazil pelos relatorios officiaes e pelas descripções européas. O Brazil...

Mas foi n'isto interrompido por dois rapazes, que vinham de entrar na sala.

— Ah! Disse D. Januaría, reconhecendo um d'elles — sempre veio? E accrescentou para os outros: — é o Sr. Duque Estrada, filho de uma das familias que me honram com a sua estima.

— E' parente do senador?

— Não, senhor, respondeu o rapaz, não temos parentesco algum.

E chegando-se mais perto da dona da casa, disse-lhe indicando o companheiro. Tenho a honra de apresen-

tar-lhe o meu distincto amigo Adelino Fontoura, um bello talento!

— Oh! Disse o Fontoura, vergando-se reverentemente, dentro de seu croisé preto.

E depois de uma troca geral de cumprimentos, os dois recém-chegados foram collocar-se no vão de uma janella.

— Muito se parece este rapaz com o filho de um lord que conheci nos salões da princeza Rattazi, disse o commendador, mostrando o Duque Estrada.

Era este um moço magro, espigado, barba loura partida no queixo, á parisiense, vestia-se á moda, mas com simplicidade e tinha na physionomia o ar condescendente e attencioso dos homens educados no seio da familia.

O outro era de menos estatura, feições mais varonis, mais reforçado de membros, um pouco aspero de rosto, cabeça grande, achatada no craneo e cabellos pretos muito curtos e lustrosos.

— Aquella é que é a tal menina do casamento?! Perguntou Fontoura discretamente ao companheiro, indicando Clorinda, que em um dos angulos da sala conversava animadamente com o João Rosa.

— E', respondeu o outro.

— Encantadora! Accrescentou o Adelino. — E aquelle exquisitão do Urbano Duarte havia dito que ella era feia!...

— Ora!... Desdenhou o Estrada, que havia chegado o ouvido perto da bocca do outro: — tu bem sabes quem é o Urbano para julgar mulheres! O Augusto Off, por exemplo, juro-te que é de minha opinião.

— Porém ella está de namoro com aquelle sujeito?...

— Não sei.

— Pelo menos conversam muito animadamente! O que são as mulheres... Disse o Adelino, sacudindo philosophicamente a cabeça!— Ainda não ha quatro mezes que ia casar com o tal Gregorio, e já parece resolvida a aceitar um outro. Quem é aquelle sujeito, conheces ?

— Aquelle que conversa com ella ?

— Sim.

— Ah! De vista. E' um typo ahi do commercio, creio que empregado em uma casa de café. Parece estimado.

— Acho-o com cara de tolo !

— Dizem que não, que é um sujeito mutio fino para negocios.

Clorinda levantou-se e foi para o piano.

— Já me tardava! Resmungou Adelino, quando ouviu as primeiras notas da musica. Era uma opereta de Offenbach.

Na occasião em que os dous companheiros se retiraram, um d'elles fez notar ao outro a insistencia com que João Rosa olhava para Clorinda.

— Com effeito ! Disse o Adelino— Fiem-se em mulheres !

Clorinda com effeito recebia agora com menos severidade a côrte de João Rosa.

Resistira a principio, chegou a repellil-o uma vez com energia, mas elle voltou pacientemente, humilde, a repetir seus protestos de amor.

Ella hesitou ; não disse abertamente que não, mas tambem não disse que sim. Ficaram no — talvez.

D. Januaria é que pouco se mostrou preocupada com o novo pretendente da pupilla, outra idéa a atormentava — é que ha dois mezes não recebia a mesada, que até ahi lhe chegára ás mãos, e esta circum-

stancia a vinha collocar presentemente em sérios embarços.

Mais um mez e a miseria abria as fauces medonhas e patenteava as unhas desapiedadas.

Foi o que veio a succeder, como se verá por diante.

XVI

TRANSFORMAÇÕES

A suspensão da mesada collocou D. Januaria em formidaveis apuros. A pobre senhora teve logo de encurtar a mão sobre umas tantas despezas e tomar encommendas de engomagem e costura.

Mas isso não bastava: o trabalho da mulher, por mais valioso que seja, é sempre estreito e mal recompensado. Em balde mãe e filha puxavam heroicamente pela agulha e pelo ferro de engommar; em balde velavam grandes serões á luz de um bico de gaz: nada chegava—os recursos iam minguando de dia para dia e a casa ia perdendo com isso uma certa decencia que gozara até ahi.

Conchegaram-se os horisontes; e as duas mulheres estremeciam, sentindo já de perto o tossir impertinente da miseria e o terrivel estalar de suas sordidas moletas.

Para onde fugiriam ellas do espectro sinistro que se avisinhava a passos funebres? No deserto de sua pobreza não avistavam refugio; nem uma só palmeira amiga, que de longe lhes acenasse, para que se fossem recolher á sua sombra hospitaleira.

Tudo aridez, tudo repulsão—a areia queimava-lhes os pés e o sol bebia-lhes o pranto ensanguentado.

E assim, mais e mais se foram retrahindo, fecharam-se ás visitas, que

lhes pudessem acarretar qualquer despeza, privaram-se de tudo que não fosse restrictamente indispensavel. Em breve seria necessario, depois de vendidas as joias, arrancar do fundo da gaveta alguns d'esses objectos de valor, que ás vezes conservamos como a ultima lembrança de um bom passado.

Ah! E' como se os arrancassemos do fundo do coração! Qual é a mãe, qual é a avósinha, que não conserva, embrulhado em papel de seda, os brincos com que casou ou a medalha em que guardava o retrato do marido ou do filho?

Quem não possui um d'esses legados da felicidade, que, por mais insignificante que seja, não represente toda uma existencia inteira?...

Depois de vendido o piano, a mobilia da sala de visitas e o mais que podia dar alguma cousa, D. Januaria, na contingencia de obter dinheiro, resignou-se á separação dos poucos objectos de luxo, que conservara do tempo do marido. Abriu a velha gaveta de sua commoda, mas ao tocar em uma caixinha de madeira pollida, embalsamada pela antiguidade, as mãos principiam-lhe a tremer e as lagrimas saltaram-lhe dos olhos.

Estava ahi um collar de perolas, que o marido lhe atara ao collo na noite do casamento. N'esse tempo ella era formosa, moça, e cheia de esperanças, as perolas assentavam tão bem na sua pelle morena e fresca! Mas desmereciam de brilho e brancura, quando ella sorria e mostrava as outras perolas da bocca.

Entretanto estas amarellecaram e cahiram, como as folhas no outôno, e aquellas conservaram o mesmo brilho e a mesma alvura.

Ao ver esses objectos, testemunhas de sua extincta mocidade e cúmplices discretos de sua longinqua ventura, a pobre senhora transportou-se ao passado e ficou a meditar longamente. O que lhe restava de tudo isso?!

O que ficou de tanto amor, de tanta belleza, de tanta juventude?!

— Nada! Só ella! Ella, que por bem dizer já não existia!...

E, tomando nas mãos tremulas os objectos que tirara da caixinha, beijou-os repetidas vezes, a abaçar os soluços, para que Clorinda não os ouvisse da sala proxima.

— Mas é sempre certo que te tens de separar d'elles? Perguntava-lhe o coração, a gemer.—Não reparas, velha desalmada! Que esses objectos são a unica cousa que te falla do passado? Não reparas que em torno de ti já morreram aquelles que viveram no teu tempo, aquelles que te amaram e te viram bella?! Póde mandal-os embora, vende-os, mas vai-te tambem embora para a tua cova, que nada mais tens de fazer cá no mundo!

Clorinda, que se approximára da mãe, sem ser sentida, encontrou-a a gesticular n'este dialogo, a mexer com os braços e a sacudir a cabeça, desvairadamente em grande trasbordamento de lagrimas.

— Que é isto mãesinha?! O que tem a senhora?!

A velha olhou-a com sobresalto, e guardou contra o seio despojado o cofre de suas reliquias.

— Mãesinha! Valha-me Deus! O que é isto?

A velha não respondeu e continuou a encaral-a com desconfiança.

Havia desaparecido de seu rosto a doce expressão de bondade e ter-

nura, e os olhos scintillaram como os de furia.

Clorinda recuou, tomada de um grande terror. O vulto esquelectico da mãe fazia-lhe medo n'aquelle momento. A velha afastou-se, a olhar sempre desconfiadamente para os lados, e foi metter-se a um canto mais sombrio da casa, abraçada á caixinha, que levava consigo.

Clorinda não se animou a segui-la; a idéa de que a velha enlouquecera e seria capaz de estrangulal-a no mesmo instante, foi a primeira que lhe atravessou o espirito e agitou-lhe o corpo n'um estremecimento de medo. Quiz chamar alguém, quiz pedir soccorro, mas nada lhe occurria nesse momento; afinal, ouvindo, no interior da casa, os passos de Januaria, ganhou o corredor e atirou-se para a rua.

Já não era a mesma rapariga. Principiava a emmagrecer a olhos vistos. O trabalho exagerado e as noites de fadiga haviam-lhe assombrado os olhos, ainda ha pouco tão transparentes; as faces seccaram com o máo trato; a bocca resfriou com a ausencia do riso, que era a sua alma; e o rosto despio-se d'aquella frescura virginal, como a flôr perde o perfume e pende tristemente seu calice emmurchecido.

O peso do trabalho arqueara-lhe um pouco as costas e levantara-lhe as espaldas. O pescoço destacava-se agora mais das clavículas; e as mysteriosas curvas de seu collo iam-se quebrando e produzindo tristes angulos descarnados.

Ella parou no meio da rua, attonita.

Era a primeira vez, que se achava assim, em trajos de casa, ás vistas

brutaes dos visinhos e dos transeuntes.

— Mas o que lhe competia fazer?! Para onde devia ir?! Ah!

Teve uma idéa. Procurar o Dr. Roberto, contar-lhe o que se passou e pedir-lhe soccorro.

Mas o Dr. Roberto morava no Rio Comprido, não sabia ella em que altura, eram mais de seis da tarde, faltava-lhe dinheiro para tomar um carro, e D. Januaria precisava de cuidados immediatos.

E n'esta conjunctura, aguilhoada pelo pudor e pelo medo, encostou-se á parede da casa, e escondeu o rosto para que não vissem as suas lagrimas.

N'este estado sentio que alguém lhe tocára no hombro, voltou-se rapidamente, e deu face a face com Julia Guterres.

— Ah! Disse a pobre menina.

— A senhora não é a noiva de Gregorio? Perguntou a outra.

— Sim, sou eu! Não me estranhe ver aqui! Mãesinha creio que enlouqueceu; eu tenho medo— veja como tremo!

— Como está mudada!... Mas o que tenciona fazer a senhora?

— Não sei! Não conheço as ruas, não conheço ninguém! Tenho medo de voltar. Se visse como ella está!...

— Sua mãe?

— Sim; está furiosa! Não sei o que faça!

— Quer ir commigo?

— Não tenho animo de abandonar mãesinha!

— Vamos chamar um medico?

— Pois sim.

Ea viuva chamou o primeiro carro, que atravessou a rua, e mettu-se dentro d'elle com Clorinda.

Mas logo depois de dobrar a esquina, Julia fez parar o carro e gritou para aquelle rapaz louro que, no capitulo X, vimos conversar em uma roda no café em que tocava a menina do bandolim — Dr. Trovão ! Tenha a bondade ?!...

E depois de fallar-lhe em voz baixa, seguiram os tres para a casa de D. Januaria.

Anoitecia.

XVII

AQUI ANDA COUSA!

Não trocaram uma palavra durante a viagem. Clorinda, a um canto da carruagem, resfolegava dos sobresaltos que soffrêra essa tarde; o Trovão meditava sobre o que lhe dissera a viuva: e esta, concentrada e triste, perdia-se a contemplar silenciosamente o rosto desfeito e sombroso da outra.

Não era sómente o desejo de fazer bem a Clorinda o que a levava a offerir-lhe serviços com tanta solicitude; havia n'isso tarabem uma parte de interesse proprio — a viuva precisava ouvir fallar de Gregorio.

O leitor, se algum dia deixou-se absorver por um amor sem limites, e, depois de haver resignado no objecto d'essa paixão todos os conductos da felicidade e da paz, vio-se constrangido a consentir que elle se fugisse e o deixasse só, a braços com o desejo, que consome, e á braços com a saudade, que alimenta— deve ter notado que á essa dolorosa ruptura sobreveio-lhe ao coração um desejo constante de ver e ouvir tudo aquillo que recorde e falle do ente fugitivo, que pouco antes constituia a melhor parte de sua vida.

N'esse estado passamos a descobrir grande interesse n'aquillo que ha pouco nos era alheio e indifferente.

Parece que o coração, não podendo possuir inteiro o objecto amado, quer reconstruil-o pelos fragmentos de seu ser, espalhados na natureza. E assim vamos catando, aqui e alli, tudo o que lhe diz respeito, tudo o que nol-o recorde, tudo o que revele ao menos sua passagem. As palavras de alguém que o conhece e que tem occasião de lhe fallar, dão-nos um prazer extraordinario.

A simples presença de alguma pessoa, que nos lembre a mulher amada, faz-nos pulsar com mais força o coração. A cadeira em que ella se assentava, quando estavamos juntos; o espelho em que se mirava, endireitando os cabellos antes de partir, tudo isso nos falla de nosso amor e de nossa saudade. Tudo nos transporta para as epocas felizes em que a possuíamos.

Julia, com respeito a Gregorio, estava justamente n'esse caso: Desde que elle se ausentára, a desditosa viuva principiou a sentir-se attrahida para tudo aquillo que lhe recordava o amante.

Gostava de encontrar-se com o Dr. Roberto, procurou relacionar-se com alguns outros amigos de Gregorio, e n'essas circumstancias bem se pôde calcular o interesse que a levou a socorrer Clorinda.

Todavia estava bem longe de imaginar a verdadeira situação da pobre menina. Ao ver de perto a dura miseria, que a cercava, sentio-se deveras commovida.

Acasa parecia abandonada; não se ouvia alli o menor rumor.

Salas sem trastes, parcedes nuas, armarios vasilios, cosinha fria; tudo isto dava-lhe o melancolico aspecto de uma velha casa para alugar.

Os tres subiram afinal e foram encontrar a velha Januaria estendida no chão do mesmo quarto em que a deixára a filha adoptiva.

Estava immovel, com a cabeça pendida para o lado esquerdo e com os braços crusados sobre o peito, apertando contra elle a caixinha das joias.

Descobria-se-lhe a vida, sómente por um esforço quasi imperceptivel que fazia o corpo para respirar.

Os tres approximaram-se e ella, ao sentir o medico segurar-lhe um dos pulsos, tentou gritar e apertou mais a caixinha contra o seio.

Clorinda contou as circumstancias que precederam áquella crise.

— Comprehendo! Disse o medico — não resistio á provação! Pobre creatura!

E depois de examinal-a por algum tempo, declarou que só um tratamento muito serio a podia salvar.

Clorinda não respondeu, e as lagrimas correram-lhe dos olhos.

— E se fossem lá para minha casa?... lembrou a viuva com muito interesse.

— Iriamos incommodal-a, respondeu Clorinda no auge da afflicção.

— Aqui é que ella não se poderá curar, observou o Trovão — se não vier alguém ao seu auxilio.

— Eu ficarei com ella... disse Clorinda.

— Mas V. E. não precisa menos de tratamento. Se não tomar cuidado não lhe dou muito tempo para cahir de cama.

— N'esse caso aceito, pelo menos até que mãisinha se restabeleça, concordou afinal a menina, com o ar

acanhado de quem se vê obrigada a receber obsequios de um estranho.

— Pois a mudança se fará hoje mesmo, e o doutor irá visital-a com regularidade.

O Trovão receiptou, tomou nota do numero da casa da viuva e sahio, promettendo mandar immediatamente alguém que se encarregasse de transferir para lá a doente e cuidar do mais que fosse necessario.

N'esse mesmo dia D. Januaria e a filha ficaram aboletadas no pittoresco chaletzinho da Tijuca em que morava Julia.

Clorinda communicou o occorrido ao Dr. Roberto e pediu-lhe que apparecesse para ver a enferma. D. Januaria só no dia seguinte voltou a si, mas ainda com muita febre e fraqueza de razão.

Uma semana depois appareceu o João Rosa, Clorinda o recebeu com frieza. Fallaram vagamente sobre varios assumptos, mas, logo que a conversa se queria encaminhar para o casamento, ella a desviava instinctivamente. Mas João Rosa não desistia, continuava de pé firme no seu proposito.

Julia, considerando o estado desvantajoso de Clorinda, achava aquella insistencia extraordinaria em um homem, que não parecia talliado para os sacrificios e para a dedicação. O ar aventureiro de João Rosa, o seu olhar cubitoso e mobil, a sua bocca apertada e quasi sem labios, o seu todo furão, secco, inquieto, não podiam esconder um coração terno e generoso.

A viuva desconfiou, foi talvez a primeira que se atreveu a suspeitar das intenções de João Rosa. Até ahi, a excepção do Dr. Roberto, todos os

mais censuravam a rapariga por não aceitar o novo partido que se lhe offerecia.

— Mas o que levará este homem a desejar com tanto interesse a mão de Clorinda?! pensava a viuva — Por que ama?! Não é possível, aquelle typo não ama senão o dinheiro! Será por capricho? Não! Porque elle não tem caprichos.

E Julia, por mais tratos que desse ao espirito não conseguia descobrir cousa alguma.

Uma vez, sem querer, ouvio na propria casa, o seguinte dialogo, travado entre elle e Clorinda:

— Posso então ter ao menos uma esperança? Perguntava elle.

— Mudemos de conversa... respondeu ella,

— Não! A senhora hoje da-me uma resposta. Já esperei por muito tempo.

— Pois a resposta é que não. Não o aceito para marido!

— Mas reflecta um pouco, D. Clorinda. Lembre-se da posição falsa em que a senhora se acha. Não seria melhor que, em vez de chegarem as cousas a este extremo, tivesse a senhora resolvido casar commigo e evitado com isso vir morar n'esta casa por obsequio? Não lhe parece que eu lhe poderia proporcionar uma existencia mais segura e mais definida?

— Mas é que eu não me quero casar com o senhor!

— E porque? Porque me não ama?!

— Não é só isso. Tenho-lhe amizade, mas não me posso casar com o senhor.

— Mas porque?

— Porque já estou compromettida. Meu noivo desapareceu, mas emquanto não me constar sua morte só a elle pertenco.

— E se nunca lhe constar semelhante cousa?!

— Paciencia!...

— Pois eu não desanimo! Esperarei! Esperarei sempre! disse João Rosa com firmeza.

— E' o que digo! considerou a viuva. Anda n'isto qualquer segredo, que obriga aquelle homem a perseguir Clorinda.

E a viuva tinha razão, como passamos a demonstrar.

XVIII

EXPLICAÇÕES

João Rosa era muito da casa de D. Januaria e fazia o possível por agradar Clorinda, quando appareceu Gregorio e com este a sua completa derrota.

Se até ahi a rapariga pouco se lhe mostrava propensa, depois da chegada do novo pretendente virou-lhe as costas por uma vez, e voltou-se abertamente para o outro.

João Rosa ficou furioso; mas, como não era homem de desistir ao primeiro obstaculo, tratou de retrahir-se e preparar traiçoeiramente as armas para um combate sem tregoas.

Gregorio mal podia desconfiar de semelhante cousa, e continuava a cultivar a flôr, de onde esperava colher o fructo saboroso de sua felicidade. Não faltava uma noite á casa da noiva e ahi passava horas da mais doce e tranquillã esperança.

Clorinda agradava-lhe por todos os motivos. Era bonita, sympathica, tinha bom coração e parecia muito intelligente; não seria por conseguinte de esperar que desse uma mulher caprichosa, cheia de exigencias, se-

quiosa de luxo e atrophiada pela vaidade. Uma vez collocada no lar, daria com certeza um bello modelo de virtudes domesticas e conjugaes.

Afinal pedio-a, e, como D. Januaria guardasse sobre a procedencia da filha adoptiva um certo sigillo, elle por seu lado se absteve de indagações, e guardou para mais tarde qualquer deslindamento. Sabia, entretanto, que a noiva não era filha de D. Januaria e sim de uma senhora de Pernambuco, cujo nome nunca lhe disseram.

Ora, o motivo d'aquellas reservas da velha, já o leitor sabe qual é—nada mais que a bigamia do Leão Vermelho, isto é, do pai de Clorinda e de Gregorio, como bem se vio pelas confidencias que a este fez o conde no seu palacete da Tijuca.

Ficou marcado o casamento, e os noivos pareciam não fazer mais nada do que esperar o dia feliz de sua união.

Amavam-se e amavam-se deveras.

Mas, João Rosa não dormia. A principio lançara mão de meios pequeninos para afastar Gregorio de Clorinda; escrevia cartas anonymas, mettia em circulação certas noticias escandalosas, que pudessem provocar a desconfiança da parte de D. Januaria e mais tarde da noiva. Mas nada d'isso produziu effeito.

Os dois moços continuavam a amar-se mutuamente, alheios a tudo que se agitava em torno d'elles; tinham os olhos cravados no disco luminoso de sua felicidade, e o clarão que vinha d'ahi offuscava-lhes a vista e não lhes deixava perceber mais nada.

João Rosa estudou com paciencia o talho da lettra do rival, e com tal geito se houve em falsifical-a, que

conseguiu enganar a propria policia e, o que é mais extraordinario, a propria viuva Julia, que se muito havia já familiarisado com as cartas de Gregorio.

O leitor deve lembrar-se d'aquella carta amorosa, dirigida phantasticamente por Gregorio á menina do bandolim, e que mais tarde figurou nos autos policiaes.

Pois essa carta era producto d'aquella especie.

Gregorio nunca dispensara á menina do bandolim mais que uma certa sympathia respeitosa, inspirada pelo desejo de perseguir o barão, que a requestava, e talvez um tanto pelo seu espirito romantico, sempre propenso a intervir no que tivesse resaios de phantasia.

A João Rosa não escaparam as poucas vezes que elle se encontrára e conversára com a tal menina, e procurou tirar d'isso algum partido. D'ali a carta. Carta, que nunca chegou ás mãos da pessoa a quem era dirigida, mas que foi machiavelicamente parar em poder do chefe de policia.

Porém nada d'isso tem valor algum ao lado do que ainda produziu o espirito perverso e ambicioso de João Rosa.

Antes do apparecimento de Gregorio em casa de D. Januaria, já elle o conhecia de vista no commercio e sabia de seus negocios; de sorte que, começando depois a perseguil-o na sombra, sabia já o rumo dos passos do inimigo e fazia com mais segurança as pontarias de seu odio.

Porém mesmo assim nada conseguiu; Gregorio parecia protegido por mão mysteriosa que o afastava de todos os perigos. N'estas circum-

stancias vio João Rosa chegar a vespera do casamento, teve impetos de commetter tudo para destruil-o; lembraram-lhe os maiores disparates, pensou em assassinar Gregorio, mas faltou-lhe para tanto a resolução.

Na impotencia suprema d'este desespero, o acaso teve a idéa de protegel-o, e permittio que elle fosse um dos primeiros contempladores da victima assassinada nos armazens de rapé de Paulo Cordeiro. João Rosa sabia perfeitamente que Gregorio estava muito a par do dinheiro que na vespera entrou para aquella casa, e que motivára o crime, e, como pouco antes havia intencionalmente subtraído o annel de Gregorio, sem comtudo saber ainda que partido tiraria d'elle, collocou-o ao lado do morto e tratou em conversas de encaminhar as suspeitas para o dono da joia.

E, como isso talvez não chegasse a tempo de transtornar as nupcias, enviou logo uma denuncia ao chefe de policia, e correu para a casa da noiva com a idéa de preparar por lá o terreno.

Calcule agora o leitor qual foi a principio sua alegria, quando vio que Gregorio não apparecia, e depois qual foi a sua surpresa, quando soube que elle não fôra tomado pela policia e que desaparecera, sem que alguém soubesse para onde.

Mas qual era o motivo que levava João Rosa a desejar com tanta instancia unir-se á Clorinda?!

O amor não podia ser! Como observou já a viuva.

O que seria, pois?!

E' isso o que convém quanto antes pôr ás claras.

João Rosa, de seu natural curioso e bisbilhoteiro, logo que se deu em

casa de D. Januaria, ficou mordido de interesse por saber d'onde lhe vinha a gorda mesada com que ella e a pupilla subsistiam tão decentemente.

E desde então não pôde mais descançar. Era preciso descobrir a fonte d'aquelle mysterio ou elle ficaria devorado pela curiosidade. Mas o peor é que a velha, por mais que fizesse o bisbilhoteiro, nunca deixava escapar uma unica palavra, que o encaminhasse no segredo.

João Rosa indagava para todos os lados, espiava de esguelha as gavetas, apanhava sorrrateiramente os fragmentos de papeis, que cahiam no chão, quando em sua presença D. Januaria abria qualquer carta. Mais nada conseguiu. Afinal, depois de muito escogitar chegou a descobrir o portador da mesada. Era um portuguez, velho e gordo, proprietario de um pequeno armazem de seccoos e molhados para os confins da rua da Quitanda.

Metteu-se de amizade com o homem, e tanto fez, tanto virou, que conseguiu emfim saber que aquella dinheiro era enviado pelo proprio pae de Clorinda, que vivia em Portugal e passava por morto no Brazil, em virtude de umas tantas cousas que elle narrador ignorava.

E terminou declarando que esse tal sujeito de Portugal era homem de grande fortuna e havia naturalmente de legal-a a unica filha que possuia — Clorinda.

Tanto bastou para accender no coração ambicioso de João Rosa a cubiça do dinheiro d'aquelle menina. E, quando mais tarde veio a saber que o Leão Vermelho falleceu em Portugal com o nome de João Brazi-

leiro e legara seus bens ao unico filho existente no Brazil, justamente como disse o conde a Gregorio no III capitulo, João Rosa, que ignorava a relação de Gregorio com o fallecido, guardou o seu segredo contra D. Januaria e Clorinda, e tratou de apoderar-se d'esta, fosse como fosse.

Mal sabia elle o que havia de resultar de tudo isso!

XIX

O COMMENDADOR PELO AVESSE

Tratemos agora de esclarecer os verdadeiros tramites do crime, de que foi injustamente suspeito o pobre Gregorio, e puxemos ás vistas de quem nos lê a figura do seu principal autor e a d'aquelles que lhe serviram de cúmplices.

Se o leitor é pessoa de memoria, deve ainda estar lembrado de dous typos de meia idade, que, no capitulo XI, dialogavam no café da menina do bandolim e tão empenhados pareciam no assumpto de sua conversa, que só resolveram a levantar o vôo, quando lhes foi dizer o dono da casa que desejava fechar a porta.

Um d'esses dois typos, justamente o que parecia mais moço, estava ha muitos annos ao serviço do commendador Portella. Chamava-se Pedro Sarmiento, era na sua roda mais conhecido pelo cognome de *Talha-certo*. Fôra na infancia aprendiz marinheiro, depois servira na guerra do Paraguay, como voluntario do exercito, e, afinal, sem profissão e sem padrinhos, cahira na dependencia do commendador e servia-lhe de guarda-costas.

O commendador tinha habitos muito especiaes, muito seus—habitos de

viver na sua intimidade, que desdiziam totalmente d'aquellas jactancias, que lhe vimos ablaquear em casa de D. Januaria.

No privado de sua casa era outro homem. Despia-se das fumaças da rua e dava-se todo ao prazer de estar ás soltas com o criado. Ahi não armava posições, não peneirava a phrase, não lembrava a sua importancia social, nem as suas franquias de homem rico; ao contrario parecia farejar o que houvesse de mais banal e de mais degotado para lhe servir de palestra com o famulo.

E, uma vez achado o fio do assumpto, espojava-se nelle, voluptuosamente, como se quizesse refocillar das fadigas, que lhe impunha o seu viver de homem superior.

Elle, que nas salas, ao ouvir fallar da quebra do banco tal, da fallencia d'este ou d'aquelle negociante, do bom ou máo exito de taes e taes emprezas, sacudia sempre os hombros com desdem e dizia entre dentes que tudo isso era bagatellas! Bagatellas! Ouvia, entretanto, com muito interesse as frioleiras, que á noite, ao despil-o para a cama, lhe contava em camaradagem o seu *Talha-certo*.

Quanto mais frivolo era o assumpto, tanto mais elle o esmiuçava, o esmerilhava, já o interrompendo com perguntas curiosas, já fazendo exclamações de surpresa, já obrigando o criado a repetir o facto com mais minudencia e convicção.

Depois atirava-se á cama, e, todo retrahido nos lençoes e abraçado aos travesseiros, deixando só de fóra o seu carão afogueado, provocava *Talha-certo* a novos esclarecimentos, e saboreava as palavras do criado com um gosto pueril de crianca mexeriqueira.

O *Talha-certo*, que lhe já conhecia as manhas, dava-lhe a chupar só cousas lisongeiças e, com muita adulação, arranjára sempre um meio de incensar o amo. Ora, contava-lhe o que a seu respeito lobrigara de tal senhora; ora, referia um facto ridiculo de algum sujeito, que pretendia competir em fortuna com o Portella; ora, finalmente, tirava mesmo elle do thuribulo e passava a defumar o patrão por conta propria.

E estes pequeninos encomios, obscuros e sem garantia, punham no velho coração do commendador um prazer delicioso.

— Então o tal sujeito gostava de me ouvir, *Talha-certo* ?!

— O que ?! ficou abysmado! Disse que vocemecê fallava que nem um padre!

— Deixa-os lá! Ainda não ouviram nada!...

— Não! Mas olhe que vocemecê tem um modo as vezes de dizer as cousas, que faz a gente ficar mesmo olhando.

— Achas, *Talha-certo* ?!

— Não sou eu só quem acha — são todos.

— Cousas!

No dia seguinte, Portella envergava a sobrecasaca, mettia-se no chapéo alto de castor, enfiava as luvas escuras de pellica, tomava a sua bengala de castão amarello e, quando ganhava a rua com o seu passo arrogante, a sua grande figura apumada e sobranceira, ninguem seria capaz de advinhar que ia alli a mesma creatura mulherenga, que adormecêra na vespera a babar-se com os gabos de um criado inepto.

Tambem era só o *Talha-certo* quem desfructava as privanças do commen-

dador e quem lhe devassáva as fraquezas da intimidade; para os mais era este o mesmo personagem, sempre cioso de sua estimação e de sua irrecusavel valia.

E quem precisasse obter qualquer cousa das mãos do Portella, nunca a alcançaria senão por intermedio do seu privado. Mas, em compensação, com esse tudo se obtinha, desde uma carta de fiança, até um empenho seguro para qualquer ministro.

Foi em uma d'aquellas conversas pueris que o commendador veio a saber que Jorge Ruivo estava no Rio de Janeiro.

— Jorge Ruivo?! Exclamou Portella, saltando da cama e desfazendo o semblante piegas, com que costumava ouvir as confidencias do criado — Jorge Ruivo?!

Não estás enganado, *Talha-certo*?

Não estou, não senhor. Era elle em pessoa; apenas tinha as barbas mais crescidas e a cabeça mais calva.

Quando o vi, reconheci-o logo, por aquelle cestro antigo de sacudir a cabeça para a esquerda.

— Ora esta! Disse comsigo o commendador.

— Quando digo que vocemecê me devia ter deixado aviar com uma navalhada aquella peste... Escusava agora de tel-o pela prôa, porque o demonio é muito capaz de lembrar-se ainda do passado e...

— Nada! Interrompeu o Portella, muito preocupado — precisamos desembaraçar-nos d'aquelle homem! Só a idéa de que podia enconral-o na rua e soffrer qualquer desfeita, faz-me perder a cabeça!... Olha cá!

E chegando-se mais para o criado, passou-lhe um braço no hombro e

perguntou-lhe brandamente, quasi com ternura :

— Tu és capaz de desempenhar uma commissão de que te quero encarregar?!

— Sempre fui. Adiante!

— Trata-se de despachar o Ruivo, mas de modo que ninguem venha a suspeitar de ti, e muito menos de mim...

— Já se vê!

— Mas onde o terás a geito?!

— Isso indaga-se! Sei que elle é empregado nos armazens de rapé de Paulo Cordeiro.

— Mas como se arranjará o negocio? Sabes que estas cousas não se podem fazer no ar...

— Deixe tudo por minha conta!

— O que tencionas fazer?

— Não se importe com isso! Amanhã mesmo fallo ao Tubarão.

— Mão! Já tu queres metter mais um na historia. O melhor era fazeres tudo por ti.

— Mas eu havia de não fallar ao Tubarão?! Vocemecê bem sabe que não podemos fazer nada sem combinarmos primeiro os dous. Foi o nosso trato! Nada! Juramos sobre as horas mariannas! Quando elle tem qual-quer cousa diz-me logo; e quando eu tenho, tambem lhe digo! Não! Não sou homem de tratar uma cousa e fazer outra! O trato é trato!

— E' o diabo! E' mais um que fica sabendo da cousa!...

— Quem?! O Tubarão?! Ora, senhor! Então você não sabe o que está ali! Aquillo é fazenda muito boa! Não! Por esse lado não tenha receios! O Tubarão é cousa séria. D'alli não sahe um pio, quando é preciso guardar segredo!

— Vê lá o que vais fazer!...

— Deixe por minha conta, já lhe disse! Descance que tudo se fará, se Deus quizer!

O commendador acabou por concordar, e *Talha-certo* na seguinte noite encontrou-se com o companheiro á mesa de um café, como vimos pelo capitulo XI.

Esse companheiro era o Tubarão, cujo papel n'este romance é talvez mais importante do que suppõe o leitor, que ainda não sabe o que ha de commum entre o commendador e o Ruivo.

XX

TUBARÃO

O Tubarão, o tal sujeito que cavaqueára com o famulo do Portella no café da menina do bandolim, era um homem de grande corpo, costas largas, um pouco vergadas, o que lhe dava ao todo o aspecto bonachão do burguez, que só conhece duas preoccupações — o negocio e a familia.

Pelo seu ar modesto e pacifico ninguem calcularia que estivesse alli o homem de maior força muscular do Rio de Janeiro.

Contavam-se muitos episodios de sua vida, que deixavam em grande distancia as façanhas do Nogueira lutador, do *Cá-te-espero* e outros famigerados pulsos, dos quaes resam algumas costellas e varios narizes a mais inexcureavel das memorias.

De uma feita, o commendador Ascolle e o Dr. Figueiredo, que sentiam pelo Tubarão o interesse que experimentamos por um bello phenomeno, quizeram medir-lhe toda a extensão da força de um sôco e para isso puzeram á sua disposição um desses dinamometros, vulgar-

mente conhecidos por — cabeça de turco.

— Bem! disse o Ascolle ao hercules — Agora o senhor não tem mais do que dar com toda a força um murro n'este logar.

E mostrou-lhe a almofada de marroquim vermelho, destinada a receber a pressão e gradual-a conforme o peso do corpo que a opprimisse.

O Tubarão negou-se a principio, sorrindo com o seu ar de bondade ingenua, mas, instigado pelos outros, deu um passo atrás, recolheu vagarosamente o braço, e depois disparou com elle um murro contra o marroquim.

Ouvio-se apenas um ranger e estalar de ferros. E a balança cahio aos pés do Tubarão, em pedaços.

De uma outra vez, querendo Tubarão arrancar um gancho da parede, engatou-lhe o dedo e puchou; mas o gancho estava bem seguro e fez resistencia. Tubarão firmou um pé contra o muro e empregou toda a força.

Veio o gancho afinal, mas o Tubarão havia varado a parede com a perna.

Como esses mil outros factos diziam a riqueza de seus musculos; ora um carro, que elle safara da lama com um simples empurrão, ora um kiosque que ia abaixo se o Tubarão por acaso esbarrava-se com elle; ora o caso singular de, no meio de um grande conflicto da praça, não tendo elle com que se defender, apoderar-se do lampeão da esquina e fazer d'este arma de combate.

Comtudo não havia homem que menos gostasse de brigar. Soffria as vezes em silencio as mais grosseiras provocações, aconselhava quasi sem-

pre o adversario a que o deixasse em paz, e recorria a todos os meios para evitar o choque; até que lhe faltava por uma vez a paciencia e com uma das mãos apoderava-se do provocador e mandava-o passeiar á dez metros de distancia — no ar.

As suas relações com o *Talha-certo* vinham de uma vez em que Tubarão encontrou-o no meio de seis urbanos, a tomar bordoadas de todos elles.

Metteu-selogo no barulho, escudou com o corpo o que apanhava, e despedio os outros a ponta-pés.

Desde essa vez ficaram amigos.

Todavia muito se dissimilavam no character: *Talha-certo* era máo, tinha mãos instinctos, gostava de perseguir, abusava da navalha e vendia-se para qualquer crime; o outro não, arriscava-se quasi sempre para socorrer alguém; resentia-se, é verdade, do meio em que vivia ultimamente e da falta de educação, mas era susceptivel de brio, coragem e dedicação.

O companheiro, sabendo que elle nunca abanava as orelhas, quando qualquer collega pedia o seu auxilio, contavas empre com aquelle concurso, e esta confiança tornava-o mais atrevido e mais impertinente.

— Mas o que quer você de mim?.. perguntara Tubarão ao outro, n'aquella noite em que os vimos conversar no café.

— Quero que você me ajude.

— No que?

— Na função do Pedro Ruivo!

— Ah! O Pedro Ruivo está ahí?!

Ora até que afinal o vou pilhar ás direitas! Deixa estar que não me escarpas d'esta vez, grande velhaco!

Estas exclamações do Tubarão significam que entre elle e o Ruivo ha-

via contas velhas para ajustar. Mais tarde o leitor saberá o que isso tudo quer dizer.

— Sim! disse o *Talha-certo*— mas o patrão quer vêr-se livre d'elle por uma vez!

— Quer que o mates? perguntou o outro.

— E'! Fallou-me n'isso. Você sabe que o Ruivo tem em seu poder aquelles documentos do commendador e pôde pregar-lhe alguma peça!...

— Mas tomam-se-lhe os documentos, e não é lá preciso matar o pobre diabo!

— Como não é preciso! Você sabe quem é o Ruivo! Homem, quem o inimigo poupa nas mãos lhe morre!...

— Não é tanto assim. Pôde arranjar-se tudo sem sangue! Eu me encarrego de arrancar-lhe os documentos! Deixe-o commigo.

— Isso não basta! Segredou-lhe o *Talha-certo*.

— Se lhe estou a dizer que o commendador se quer desfazer d'aquella bisca!...

— Pois então vá você e seu patrão para o inferno! Cá, por mim não vejo necessidade de matar aquelle pedaço d'asno!

— Ah! Eu cuidei que você ainda gostava de ajudar os companheiros! N'cste caso fica o dito por não dito! Ora adeus!

— Espere, homem! Eu estou disposto a ajudal-o! Você bem sabe que nunca desamparei os amigos! Mas, com os diabos! O que não vejo é necessidade de matar ninguem! Se a gente só precisa dos papeis, para que lhe ha de tirar tambem a vida?!

— Para maior segurança! Mas, uma vez que você põe difficuldades,

já cá não está quem fallou! Não se trata mais d'isto.

— Não! eu vou! Vou para o que der e vier, porém achava melhor não sangrar o sujeito.

E, quando os dois sucios levantaram-se da mesinha do café estavam perfeitamente combinados.

Pedro Ruivo costumava sahir ás seis e meia do trabalho, *Talha-certo* sabia a direcção que elle tomava sempre, e iria esperal-o no melhor ponto para um ataque. E estava convencido de que uma vez assassinado o Ruivo, os taes documentos, presumidos em seu poder perderiam todo o valor, porque só por elle podiam ser explorados.

Antes porém de pormenorisarmos o resultado d'aquelle conchavo, temos de dizer alguma cousa a respeito de Tubarão.

Leão Vermelho, ainda no começo de sua carreira maritima, distinguia, á bordo da corveta em que estava, um grumete de 16 annos, vivo, intelligente e forte; quando mais tarde Leão Vermelho ganhou as suas dragonas de 1º tenente e mudou de navio, levou comsigo o rapaz e tomou-o para seu criado.

Nunca mais se separaram, até que o official cansado de vagar pelo oceano, requereu sua reforma, arranjou um logar em terra, na cidade do Porto, e, contando com certa estabilidade, casou pouco tempo depois com uma irmã bastarda do conde de S. Francisco — Cecilia, a filha da interessante professora Helena, de que fallámos no terceiro capitulo.

Para o leitor não é novidade saber que do consorcio do Leão Vermelho com a filha de Helena, resultou um

fructo, que se baptisou com o nome de Gregorio.

Por esse tempo Leão Vermelho era ameaçado de perder o seu emprego e correu para a capital, com a intenção de collocar-se sob a protecção immediata do ministro da marinha.

Nada obteve; e, em um assomo de raiva, arrancou as dragonas e fez presente d'ellas ao rei, pedindo que lhe dessem quanto antes a demissão da armada.

N'isso foi logo attendido. E então, desempregado, aborrecido, tendo de provêr á subsistencia da familia, Leão Vermelho, resentido com a sua patria e com o seu governo, resolveu aventurar-se em um navio mercante e partir para o Brazil.

Mas antes de ir era preciso dar um pulo ao Porto, tranquillisar a mulher e abraçar o filho.

Não gastou muito tempo com isso, e já na occasião de partir, á bordo, no segredo de seu beliche, abraçou seu antigo criado, aquelle que nunca o abandonára, e disse-lhe com os olhos cheios d'agua — Tubarão! confio-te minha mulher e meu filho; não os percas de vista. Sei que és louco pelo pequeno e podes servir-o de muito.

Depois approximou-se mais d'elle e disse-lhe em segredo alguma cousa, que o fez estremecer ligeiramente.

— Póde ir descansado, capitão! Respondeu o ex-grumete, fazendo um movimento de confiança em si — Prometto que cumprirei as suas ordens!

— Então toma; é o presente que te deixo.

E passou-lhe um embrulho, que tirou do bolso.

— Obrigado! disse Tubarão, a examinar o objecto que recebera.

Era uma boa navalha de marinheiro.

XXI

ALGAS

Tubarão deixou á bordo o seu antigo commandante e voltou cabisbaixo e triste para casa. As ultimas palavras, que lhe segredára o Leão Vermelho, obrigavam-no a cahir em meditações de sabor estranho e amargoso.

— Não! Não é possível!... Resmungava elle consigo— O capitão não tem razão! São desconfianças! Não póde deixar de ser!

Pois elle podia lá acreditar que a Sra. D. Cecilia, tão meiga, tão simples, fosse lá capaz d'isso?!— Não! Definitivamente o capitão não tinha a cabeça no logar quando lhe recommendou que vigiasse a mulher!

E d'esta fórma, ia o Tubarão caminho de casa, a gesticular consigo no seu monologo.

N'esse tempo teria elle vinte e oito annos. Era então uma bella estampa, destro e rijo, affeito aos temporaes e ás duras fadigas do oceano. A vida do mar dera-lhe á physionomia aquelle ar contemplativo e doce, que se nota quasi sempre nos marujos. E' como se lhes fosse accumulando no semblante o resaibo de velhas saudades da patria e dos amores que ficam em terra.

O marinheiro é fatalmente generoso e bom; ama seus semelhantes, tem dos homens uma idéa elevadissima, porque não os conhece: entre elles antepõe o oceano seus abysmos, onde não chegam as paixões, o egoismo, a vaidade. O aspecto imponente do mar fortalece e alarga o coração;

a alma parece que fórma seus horisontes pelos horisontes que avistam nossos olhos.

Tudo mar! Tudo céu! Qual é ahi o objecto, o monumento, que nos denuncie o prestigio ephemero de algum monarcha, a quem a tolice e a inconsciencia entregou um sceptro e ergueu um throno?! Qual o mau-soléu que nos diga a importancia da vaidade de algum nababo, que submergisse n'aquelles desertos ineluctaveis?! Qual é o conquistador que tem lá a sua estatua?! Qual é a religião que tem lá o seu templo?! Qual é o despota que tem lá o seu cadafalso?!

Nada! Ahi é o grande campo da igualdade. Nada humilha! Nada amesquinha! Nada nos leva a comparar o poder dos outros com a nossa incompetencia e a nossa fraqueza.

O velho monstro ante-diluviano não admittre prerogativas; eternamente indomavel e altivo não quer que no seu dorso se ergam capitolis e oblações.

E' d'essa autoridade e d'essa independencia que o mareante forma o seu character e o seu coração. Forte como o mar, brando como as aguas, elle maneja tão bem os segredos do odio, como regula e dirige os impulsos da dedicação e do sacrificio.

Ninguem ama com tantos desvelos, mas tambem ninguem odeia com tanta impetuosidade.

Para o Tubarão essas leis tinham uma applicação muito justa. Elle era homem de arriscar a vida pelos seus amigos, mas de arrancar-a brutalmente áquelles que não o fossem. Então pelo seu ex-commandante o que não seria capaz de fazer?! Leão Vermelho representava para Tubarão

um idolo sagrado; a solidariedade nos perigos e nas cancelas do mar, identificára aquellas duas almas, asperas e compassivas ao mesmo tempo, — comprehendiam-se com um simples gesto, e nunca precisaram de mais para se entenderem perfeitamente.

Depois que os dois abandonaram o navio e se foram refugiar tranquillamente á sombra morna da familia, o marinheiro sentio-se preso de grandes nostalgias — faltavam-lhe as melancolicas sestas, que elle outr'ora desfructava á prôa, cantando á guitarra ao lado dos companheiros; enquanto o sol, ao longe, descambava no poente, atufando-se nos limbos afogueados do horisonte.

E o marinheiro em terra, como a ave que arrancaram de seu bosque, principiou a depôr a substancia de sua dedicação aos pés da esposa do commandante. Amava-a com um respeito religioso, uma especie de adoração. Vivia preocupado a afastar de em redor d'ella tudo aquillo que de leve a pudesse contrariar.

Durante o tempo em que Cecilia estava para dar á luz Gregorio, só o dedicado marinheiro sabia corresponder ás exigencias e aos caprichos da enferma. Procurava cercal-a de distracções, como se ella fosse uma criancinha doente.

Cantava-lhe as modas de sua terra, n'aquella toada monotona dos marujos; e muitas vezes, como estivessem no verão, iam espáirecer um pouco para o terraço, e ahi o marinheiro contava as melancolicas legendas do mar, onde figuram louros principes encantados, que vão prear sereias nas costas da Normandia. Fallava-lhe

das brancas miragens que, em noites de luar, fluctuam pelas aguas, e entre as quaes o navegante apaixonado descobre o vulto estremeado de sua amada.

Cecilia, com os olhos presos no céu, os labios mal cerrados, e toda ella resentida da profunda ternura que a gravidez traz consigo, ficava embevecida a ouvir as historias do marujo. Um dia perguntou-lhe si elle nunca tivera tambem o seu amor.

Tubarão não respondeu, coçou á cabeça, e depois limpou com as costas da mão duas lagrimas, que lhe corriam pelas faces tostadas do sol.

— Conte-me antes a sua historia... pediu Cecilia com a voz quebrada—eu teria prazer em ouvi-la. Vamos! Conte a historia de seus amores...

— Não, patroasinha! Marinheiro não tem amores... Pobre de nós si nos fica o coração em terra, quando temos de embarcar. A's vezes no dia em que saltamos a um porto estranho, sem conhecer ninguem, sem encontrar um rosto amigo, lá vemos entre a multidão os olhos formosos de alguma mulher que nos captiva—levamos a saudade para bordo; são magoas para toda a viagem!

— Mas você commoveu-se ainda ha pouco, Tubarão, quando lhe falei nos seus amores...

— Lembrei-me de minha mãe! A pobresinha chorava quando eu parti, e ninguem lhe tirava da cabeça que ella nunca mais me veria...

— E depois?

— Quando voltei á minha aldeia, ella já estava no cemiterio. O vigario mostrou-me a sepultura — era no chão, debaixo de uma grande arvore, perto da capella.

— E o que fez você?

— Eu ajoelhei-me e rezei as orações, que ella me ensinára, quando eu era pequenino. Depois, como o serviço me esperava á bordo, á pressa colhi as flores que havia por alli, espalhei-as sobre a sepultura, e voltei para o trabalho. Fui muito triste — era tão boa aquella velhinha!

A proporção que corria o tempo, ia Tubarão mais e mais se afeiçoando á Cecilia. Só os homens do mar, essas almas ingenuas e criadas ao mar largo e ao correr franco dos ventos, conhecem os mysterios d'esse amor desinteressado e heroico.

Para o marujo, a mulher apparece por um prisma muito melhor do que aos outros homens.

Elle só lhe conhece a influencia feminal e angelica por intermedio da saudade. Para o marujo a mulher é sempre um ente adoravel, que se deve amar de joelhos.

Um sorriso de seus pequeninos labios côr de rosa é o bastante para prostrar o leão valente, que pouco antes affrontava a furia dos vendavaes e a sanhuda cólera dos mares.

Tubarão estava n'essas circumstancias a respeito de Cecilia, quando o commandante, ao partir para o Brazil, lhe segredára aquellas palavras que o fizeram estremecer.

O marinheiro chegou á casa possuido de grande pezar. — Como?! Seria possível que o commandante tivesse qualquer razão para dizer aquillo?! Não! Não era possível!

Mas o pobre Tubarão, disposto a seguir os passos da patrôa, como lhe ordenára o capitão, tinha mais tarde de soffrer a mais dolorosa das decepções que lhe podia succeder.

XXII

TEMPORAL AO SECCO

Quando Leão Vermelho partio para o Brazil, seu filhinho Gregorio tinha apenas dous annos de nascido.

Tubarão, que ouvira aquella criança balbuciar os primeiros vagidos, foi de tal fórma lhe tomando amizade, que acabou por fazer d'ella toda a sua preocupação e todo o seu enlevo.

Passava horas esquecidas com o pequenino no collo, a conversar, a fallar em linguagem de criança, a suspendel-o no ar e a metter-lhe o dedo na bocca e nas covinhas das pernas.

O bebê desfazia-se em risadas com o marinheiro, e puxáva-lhe as barbas, na graciosa irracionalidade dos dous annos. Tubarão babava-se, a rir e a chorar de ternura.

E quando o amo chegou a partir, já o pobre homem estava preso áquella gente por uma amizade sem limites, cuja transparencia só as palavras do commandante, segredadas á bordo, embaçavam sob maneira.

Todavia era forçoso obedecer. O marinheiro principiou então a seguir os passos de Cecilia, sem perder de vista todos os seus movimentos. O menor incidente da physionomia, a mais leve alteração de humor, tudo o marujo observava com cuidado e reserva.

Um dia achou-a summamente triste e concentrada. A' mesa não dera uma palavra e á noite, depois de passar longas horas fechada no quarto, appareceu com os olhos inchados e vermelhos. O proprio filho n'esse dia não conseguiu distrahir-a; ella, ao contrario parecia não poder suppor-

tar os seus gritos e as suas travesuras.

— Vocemecê sente alguma cousa, D. Cecilia? Perguntou-lhe o Tubarão, quando a pilhou de geito.

— Estou nervosa! Respondeu ella, affectando despreocupação.

— Hão de ser as saudades do capitão!... Aventou o marinheiro, torcendo nas mãos o seu pesado gorro de baêta azul.

Aquella observação perturbara sobre maneira a rapariga e trouxe-lhe ás faces um leve côr de rosa.

— Ha seis mezes que elle se foi... Accrescentou Tubarão, com os olhos baixos e o semblante entristecido — seis mezes?! Quasi sete. Ora espere!

E depois de contar os mezes pelos dedos — E' isso, são seis mezes e dezoito dias.

— Deve ser isso mesmo! Disse Cecilia, quasi com impaciencia.

E os dous calaram-se, sem encontrar mais nada para dizer.

— Vocemecê precisa de mim para alguma cousa?

— Não. Podes te recolher quando quizeres. Não preciso de companhia.

O marinheiro afastou-se, sacudindo os hombros, e foi para o seu quarto. Mas não pôde conciliar o somno: a preocupação estranha da patrão e as recommendações do commandante tiravam-lhe o socego do espirito — Não! Dizia elle de si para si. — Não! não é possivel! Além d'isso, com quem?! Aqui só vem o velho capitão Rego e outros tão inoffensivos como este! Ella pouco sae!... Onde, por conseguinte, poderia apanhar uma relação que autorisasse as palavras do commandante?! Não! definitivamente! o que ella tem são saudades do marido! Nem podia scr de outro

modo ! Sete mezes não são sete dias, coitada !

E a fazer d'estes raciocinios, o Tubarão virava-se de um para o outro lado da cama, sem conseguir dormir.

Deram onze horas, doze, uma, e nada ! O somno não queria vir. Tubarão levantou-se, ia accender um cigarro e esperar que elle chegasse assentado nos bancos do jardim. Mas, antes de riscar o phosphoro, sentiu rumor de passos justamente no logar para onde tencionava ir.

— Olé ! Disse comsigo.—Ha mais quem não consiga adormecer?... Ora, vamos ver quem é o meu companheiro de insomnia.

E, com muito cuidado, espreitou pela janella, de modo que não fosse visto.

Effectivamente um vulto negro, que parecia de homem pela estatura, acabava de saltar a grade e dirigia-se para um massiço de verdura, que ficava justamente por debaixo das janellas de Cecilia.

Tubarão sentio o coração estrebuchar-lhe dentro, como se quizesse saltar-lhe fóra pela bocca. Tremeram-lhe as pernas, faltou-lhe quasi a respiração, e a pelle crispou-se-lhe toda em um calafrio de febre.

O vulto chegára á janella de Cecilia e roçara levemente a ponta da bengalla pelas gelosias fechadas.

O marinheiro espiava, com uma anciedade crescente. A' semelhança dos naufragos que, a proporção que lhes sentem escapar das mãos os meios de salvamento, vão refugiando a esperança em tudo que lhes acode á phantasia, elle contava ainda poder no fim de tudo justificar a innocencia de sua querida ama.

Mas, ao quarto signal do vulto mysterioso, abriu-se discretamente uma das folhas da janella, e a cabeça encantadora de Cecilia assomou á luz melancolica das estrellas.

Conversaram os dous, mas Tubarão não conseguiu ouvir mais que um confuso sussurrar de vozes, que se perdia no somnolento rumorejo da noite. No fim de meia hora a janella fechou-se de novo, e o vulto encaminhou-se vagarosamente para o portão.

O marinheiro, havia já collocado á cinta a navalha que lhe déra o commandante, abriu a porta e, collando-se á parede, ganhou cautelosamente o jardim pelo lado contrario, ao que seguira o vulto.

Só o conseguiu avistar já na rua, ao dobrar de uma esquina. Tubarão caminhou mais apressadamente para elle, porém, na occasião de alcançal-o, sahiram-lhe ao encontro dois homens e obstaram-lhe o passo.

— O que deseja o Sr. d'aquella pessoa ? Perguntou-lhe um d'elles, com accento muito hespanhol.

— Quero perguntar-lhe uma cousa.

— Pois entenda-se comnosco. Elle agora não lhe póde fallar. O que deseja d'elle, vamos !

O marinheiro respondeu d'esta vez com um formidavel empurrão, que atirou por terra os dois sujeitos. E lançou-se de novo a perseguir o vulto do jardim.

Este, porém, havia aproveitado o conflicto para fugir, e o marinheiro não conseguiu mais apanhal-o.

Entretanto os dois outros homens seguiam de perto Tubarão, a fallar emvoz baixa, e a bater nas pedras da rua com as suas grossas bengalas.

O marinheiro, quando se convenceu de que não alcançaria mais o vulto

do jardim, parou, á espera dos dous que vinham atraz.

Estes pararam por sua vez, e suspenderam a conversa. Só se puzeram de novo a caminhar, quando o marinheiro caminhou tambem.

— Ora raios! Bradou Tubarão, avançando de um pulo sobre elles — vocês já me vão azedando os figados! e segurou-os a ambos pelo pescoço e atirou-os de cambalhada contra a parede.

Os dois cambalearam algum tempo, um desabou sobre a calçada e o outro, sacando uma faca da algibeira, investio sobre o marinheiro.

— Ah! Elle é isso?! Bradou este, desviando o corpo.—Pois manda de lá a tua faquinha, que te quero dar a resposta!

O outro, porém, em vez de mandar a faca, limitou-se a responder:

— Hombre! siga su camiño, y no me embrome usted!

— Ainda bem! resmungou Tubarão.

E afastou-se com ar de desprezo.

Tambem já era tempo, porque o céo principiava a vestir os prenuncios da aurora.

Tubarão entrou em casa apoquentado pelos proprios raciocinios.—E' o demo! Considerava elle — se a patrôa dá para tolices! Eu cá faço o que me manda a consciencia! Se descobrir que ella engana ao meu commandante, côso-a com uma naifada e levo o pequeno ao patrão! Ora, ahí está!

— Mas como diabo podia aquillo acontecer!... Considerava elle depois, já estendido na sua dura cama de lóna.—Aquella menina que lhe parecia uma santa! Ah! peste de mulheres! Fosse lá um homem adivinhar aquellas trincas!

— E' que a côso á naifadas! Reconsiderava elle, tonto de soffrer.— Que tenha paciencia!... Não admitto que se engane a um homem bom, como o meu commandante! Vá para o cesto da gavea, raio de uma macaca!

E quando Tubarão ergueu-se no dia seguinte, sem haver dormido, tinha já a sua resolução tomada.

XXIII

PEDRO RUIVO

Cecilia, quando tinha apenas quinze annos e recebia de sua propria mãe a educação relativamente boa, que mais tarde fez d'ella o encanto de algumas salas do Porto, conheceu um rapaz ainda muito novo, bonito, janota, boa mão de redea e herdeiro presumptivo de uma das familias mais ricas d'aquella cidade.

Esse rapaz era Pedro Ruivo. Teria então vinte e dous annos e gosava já na sua provincia de uma enorme fama de — homem perigoso, para as mulheres de toda a especie.

Cecilia, um mimo de frescura, de graça e de innocencia, não lhe poderia passar despercebida. Pedro fez o possivel por conquistar a sua sympathia; passara-lhe quatro vezes pela porta, picára o cavallo defronte de sua janella, offerecera-se em todas as occasiões para dançar a walsa e fizera-lhe de vez em quando repetidos protestos de amor.

Mas a bella menina sorria de tudo isso e não parecia resolvida a tomar a sério os juramentos de seu ruidoso namorado.

Pedro Ruivo, ferido no amor proprio, sentia-se cada vez mais empenhado pela indifferença de Cecilia, e, longe de desistir, redobrava de

coragem e perseverança nos ataques.

Mas qual! O demonio da menina era intransigente. Ria-se com elle, conversava, aceitava-o para uma, duas e tres walsas, porém não lhe dava a menor esperança a respeito de amor.

— Não me quer então definitivamente?! Perguntou-lhe uma vez Pedro Ruivo.

— Querel-o?! Para que?... Interrogou ella, em vez de responder.

— Ora para que!... Exclamou o janota. Para tudo! Inclusive para seu marido, se a senhora o quizesse!...

— Marido?! O senhor não me parece que sirva para isso...

— Julga-me então assim tão sem prestimo?!...

— Não é isso, mas é que ainda lhe falta o juizo.

— Não sei o que a leva a suppor semelhante cousa!...

— Pois se não sabe, procure alguém que lh'o ensine. Eu confesso que não tenho muita paciencia para ensinar!...

— E' porque não sahio a sua mãe!... observou o Ruivo, com intenção.

— Nem a meu pae, respondeu a menina, tornando-se vermelha—que era um insigne picador!...

— Ah!

— Com licença! disse Cecilia, erguendo-se do logar em que estava, creio que procuram por mim lá dentro.

E Pedro Ruivo ficou só na sala, entalado pela situação.— Oh! exclamou elle consigo — Esta rapariga ha de abaixar a prôa ou não serei eu quem sou!

No dia seguinte pediu a um seminarista seu amigo que lhe arranjasse

uns versos de amor e publicou-os na folha mais lida do Porto, com o seguinte titulo: — A'quella, por quem morro e que tanto despreza os meus protestos — a ti, Cecilia de minha alma. — Assignava «P. R.»

A menina leu e comprehendeu a intenção do supposto poeta. D'ahi a quatro dias appareceu outra dôse de lyrismo. Esta agora trazia o seguinte rotulo: — Ainda! Ainda!

E continuou, duas, tres e quatro vezes por mez. Cecilia habituou-se áquella musica, e todos os conhecidos principiaram a tratar dos amores ingratos do Ruivo e da pertinacia da filha de Helena.

O namorado teve afinal de sahir do Porto para fazer uma viagem ao Minho, em companhia de sua familia, e durante anno e meio, que lá esteve, grandes mudanças se tinham de operar no objecto de sua paixão.

E' que Cecilia tornava-se mulher: seus membros arredondavam-se; seu corpo tomava as seductoras proporções do amor. A garganta fazia-se mais carnuda, o collo mais cheio, o olhar mais feminino, a bocca mais sensual e vermelha, e a pelle mais humida e mais branca.

A flor desabrochava.

Já não era o mesmo botão de rosa, petulante e empertigado, que parecia sorrir e mofar de tudo; agora a flor desabotoara aos raios de estranhas aspirações e deixava-se pender melancolicamente para a haste vergada com o seu peso.

Vieram os sobresaltos dos dezeseite annos; os sonhos indefinidos das noites de vigilia, e as vagas tristezas das horas em que o sol parece ir-se deixando morrer de volupia no horizonte.

Cecilia sentia acordar-lhe dentro uma nova alma, que se não contentava com os folguedos da menina e com as doces afeições de seus parentes.

Alguma cousa pedia-lhe no coração um affecto mais exclusivo e mais della.

Já não podia observar sem commoção o arrolar de dois passaros no mesmo ninho. Toda a natureza apresentava-lhe agora um novo aspecto de vida e fecundidade; — as arvores pareciam-lhe mais flacidas e mais affectuosas nos seus requêbros ao roçar da brisa; as noites de luar fallavam-lhe agora em uma linguagem para ella desconhecida até ahí; e o ar, o céu, as aguas de qualquer regato, tudo sobre que ella pousava os olhos e demorava os sentidos, vaporava de si uma alma mysteriosa e tepida que a envolvia toda como em uma atmospherá de perfumes inebriantes.

Pedro Ruivo voltou ao Porto justamente n'essa época. Cecilia não o recebeu mais em ar de mofa, como até ahí costumava fazer; e elle, pelo seu lado, não trazia tambem aquelle aspecto banal do estroina desreoccupado e tólo.

E' que durante a ausencia Pedro Ruivo sentira pela primeira vez o dente canino da adversidade. — Seu pae, que estava á morte no Minho, chamara-o de parte e fallara-lhe muito seriamente sobre o futuro.

— Si eu morrer, dizia o pobre velho a chorar— vás ficar pobre e desprecatado no mundo. Tens os habitos da prodigalidade e não sem possuíres os agentes do trabalho. O que será de ti, meu filho, se desde já não mudares de

rumo e não cuidares de arranjar meio de vida ?!

Pedro procurou serenar o pae, prometteu-lhe uma completa regeneração e chegou a fallar em casamento com Cecilia.

Casar ?! interrogou o velho, franzindo a fronte despojada— Sabes lá o que isso é !...

O filho apresentou as suas razões, pintou o character de sua pretendida, e descreveu o modo por que ella resistira a todos os meios de seducção empregados por elle.

O velho conformou-se mais com aquella noticia, quando Pedro lhe disse que a menina era filha bastarda do conde de S. Francisco e teria um soffrivel dote pela morte da mãe.

— Bem ! Disse elle — Já que tanto o desejas, casa-te. Póde ser que esteja ahí a tua regeneração e a tua felicidade !...

E alguns dias depois Pedro Ruivo partia para o logar em que estava Cecilia.

D'esta vez não andaram as cousas, como nos primeiros tempos. Pedro Ruivo desprezou as velhas amizades da pandega, não fazia mais as extravagancias, que d'antes escandalisavam o Porto; deixou-se de correrias e de namoros arriscados, para se entregar exclusivamente ao amor de Cecilia.

E ella, no fim de contas, já o amava; Pedro Ruivo surprehendera-lhe a alma, justamente quando esta, á semilhança das flores, abria ao amor os seus delicados pistillos.

E é exactamente n'essa occasião, que o coração da mulher está em branco e prompto a receber para toda a vida a grande impressão, que o fecunda. Outras virão depois, mas a

primeira ha de sempre predominar.

Podemos escrever o que quizermos em uma parede; mas tudo desapparece, menos aquillo que foi gravado, quando o estuque ainda estava fresco e brando. E' o segredo das almas virgens. — Tão fracas para receber a primeira impressão, quão fortes para conserval-a por toda a existência.

Cecilia palpitou aos primeiros arroubos de mulher sob o dominio de Pedro Ruivo. Entregou-lhe as primicias de sua feminilidade, de sua ternura, o segredo de seus sonhos, o idéal de seus desejos.

Elle povoou todo o seu espirito com a vantagem insubstituivel do primeiro que o occupava. Apoderouse d'ella, uniu-a ao seu destino, antes mesmo de unil-a ao seu corpo.

Tudo que pouco antes a arrebatava para um mundo vago e idéal, que ella antivira aos primeiros toques da puberdade; tudo isso, que ella encontrara espalhado pela natureza e que subtilmente descobrira no perfume dos prados, no azul do ceu, no mysterio dos ninhos, no rumorejar das folhas e no sussurrar melancolico das aguas; tudo isso Cecilia achou reunido na mascula figura de Pedro Ruivo.

O seu olhar, o seu sorriso, a sua voz, o seu tacto, o calor de seu corpo, consubstanciavam todas as côres, todos os sons, todas as luzes, todos os movimentos e todas as impressões esparsas maravilhosamente pela natureza.

Em uma palavra—ella amou-o!

XXIV

NOIVOS

As cousas n'este pé, Pedro Ruivo pediu Cecilia em casamento. D. Helena concedeu-a de muito boa vontade, indo por bem dizer ao encontro do pedido, como se já contasse com isso mesmo.

Havia nos planos da professora uma subtil intenção de conveniencia. — O futuro genro, como já tivemos occasião de declarar, passava por homem rico e presuppuesto de herdar todos os bens de seu pae. — Cecilia faria sem duvida uma boa aquisição, porque, além de tudo, faltava-lhe o dote; e só com a morte de Helena receberia alguma cousa, e ainda assim pouco.

Pedro Ruivo, por sua vez, desde que percebeu a miseria que lhe estava imminente, via em Cecilia uma taboia de salvação. Havia por conseguinte de parte a parte a intenção de se illudirem.

E o receio que tinha cada um de entrar em claras explicações a respeito dos proprios bens, empecia-os de indagar sobre os do outro.

D'essa fórmula caminhavam imperturbavelmente as circumstancias para a certa realisação do consorcio. Helena desfazia-se em obsequios e franquezas com a pessoa, que ella suppunha destinada a trazer um futuro opulento para a filha, e para si a segurança e o descanso da velhice.

Por outro lado o rapaz não perdia occasião de cercar de obsequios e desvelos áquelles a quem ia dever a salvação e a felicidade.

Nunca houve tanta harmonia e tanta gentileza entre o noivo e a familia da noiva. Era bastante que um dos tres revellasse qualquer desejo, para um dos outros se precipitar a satisfazel-o. Ora cabia a Pedro esta ventura com respeito á noiva, ora cabia a Helena com respeito ao futuro genro. E n'este circulo de galanteios viviam os tres em perenne dedicação um pelo outro.

D'entre elles, só a encantadora Cecilia andava de boa fé. Essa sim, não procurava armar ao effeito para ninguém e deixava-se simplesmente arrastar pelos impulsos de seu proprio coração;— tudo o que fazia, era perfeitamente por seu gosto, sem constrangimento e sem obrigação.

Pedro Ruivo julgava ter encontrado a porta do céu.— Não é que sou um demonio deveras feliz? ! considerava elle sosinho.— Tive dinheiro — esbanjeio-o; e quando podia soffrer as consequências d'isso, eis que apparece um anjo, um verdadeiro anjo salvador, a resgatar-me do castigo de meus vicios e de minha prodigalidade ! Oh ! definitivamente sou um homem feliz ! Queixe-se quem quizer da existencia, eu continuarei a achal-a encantadora !

E, quando Pedro Ruivo depois de conversar calorosamente com a noiva, se recolhia a seu quarto de rapaz solteiro, accendia o charuto, atirava as pernas para sobre a mesa e ficava, ou a revêr-se nas correrias escandalosas de seu passado, ou a sonhar na tranquillidade endinheirada de seu futuro conjugal.

Mas...(ahi temos um *mas*, para autorisar aquelle proverbio que sustenta não haver gosto completo n'esta vida) uma intempestiva noticia do

Minho veio perturbar os sonhos felizes do Ruivo. Seu pai não deitaria mais que alguns dias e era necessario que se fosse o filho despedir d'elle.

— Ora, com a fortuna ! Bradou o Ruivo ao receber a noticia. Lá se vai tudo quanto Martha fiou ! Se o velho commette a imprudencia de morrer agora, fico completamente desmoralizado ás vistas da familia de minha noiva, e arrisco a perder o jogo; pois que se espalhará logo a verdade concernente ao estado de meus haveres !

— Nada, considerou elle, receioso de perder o dote da noiva.—E' preciso quanto antes providenciar de modo a que a morte de meu pae não me affecte os projectos.

E, emquanto o pai agonisava no Minho, talvez demorando a morte para ver e abençoar o filho pela ultima vez ; este meditava junto de Cecilia novos planos de especulação, os quaes foram realizados do seguinte modo :

Estavam na primavera. As arvores vestiam-se de flores á grata luz dourada que baixava do céu. Ruivo combinára com a noiva um passeio ao campo. Iria tambem D. Helena e mais um casal, muito amigo da casa — o Lobato e a mulher. Cecilia recebeu o convite com grande alvoroço; gostava tanto de passear de vez em quando ao ar livre, sob o tremulo murmurejar das folhas !

Partiram todos ás quatro horas da madrugada, Ruivo fizera vir de vespera um grande carro, apropriado para os conduzir á quinta de um seu parente, que n'essa occasião estava a banhos para outro lado.

A excursão foi muito alegre, havia em todos o bom humor peculiar ás

matinadas. O dia apresentava-se cheio de luz e temperado por um doce calor voluptuoso. Os cinco companheiros não se calaram um instante; tudo era pretexto para fazer riso.

Cecilia parecia desfrutar o melhor momento de sua vida. Toda risonha, nas suas rendas de linho e no seu claro vestido de fustão, estava como nunca encantadora de frescura e singeleza.

O grande chapéu de palha da Italia dava-lhe á cabeça esperta e redonda uma expressão particular de travessura ingenua. Parecia uma pensionista que voltara do collegio a passar terias com a familia.

Sentia-se feliz e disposta a descobrir encantos em tudo que a cercava.

Durante a viagem quasi que não teve uma só occasião de esconder os bellos dentes brancos.

— Como tens hoje tão boa côr!... observava D. Helena, a revêr-se com orgulho na formosura da filha.

E em continuação de uma conversa, que pouco antes sustentava com a senhora do Lobato, disse com referencia á filha. — Ultimamente está mais animada.

— Acho-a até mais gordinha... observou a outra.

— E', confirmou a professora, — ella agora come com mais appetite.

— Pudera! Disse o Lobato, fazendo um ar cheio de intenção. — Está noiva!

Cecilia abaixou os olhos sorrindo, mas ergue-os logo para ir ao encontro dos de Pedro, que n'essa occasião acabava de tocar com o pé á ponta do pésinho da menina.

— E' a melhor época do amor! Considerou elle philosophicamente,

deixando escapar o gesto para cima da mulher.

— Má lingua! Respondeu esta a rir-se. E continuou na sua conversa com Helena, que lhe ficára de frente.

Pedro Ruivo é que parecia preocupado exclusivamente com a noiva.

— Não sei o que tanto têm os namorados para dizer um ao outro! Observou o Lobato, em voz baixa, á mãe de Cecilia.

— Homem! Respondeu-lhe a mulher, — deixe os outros! Quem sabe se você no seu tempo não fez a mesma cousa!

O Lobato protestou em ar de galhofa. Helena expendeu algumas considerações a respeito de namoros, e os noivos continuaram a conversar, muito unidos, muito seguros de sua felicidade.

— Quando é o dia? Perguntou Lobato a Helena.

— No principio do mez que vem, respondeu Pedro, interrompendo sua conversa com Cecilia.

— Ah! Então é sempre d'aqui a uma semana?

— Infallivelmente.

— Está tudo prompto; accrescentou a professora, com ar de satisfação. — D'aqui a oito dias sou sogra.

— E em breve talvez avó! Profetizou o Lobato, rindo.

Cecilia abaixou de novo os olhos, corou, emquanto o Ruivo apertava-lhe uma das mãos, como para dar idéa de sua impaciencia.

E d'essa fórma continuou o passeio, até que afinal chegaram á quinta. Era um casarão velho e sem cuidados de arte, mas em compensação cercado de bellas arvores frondosas e de enormes taboleiros de verdura,

que alegravam o ar com o cheiro fresco das hortaliças.

Pedro foi o primeiro a saltar e offerecer a mão ás senhoras.

Estava muito elegante. Vestia um fato alvadio, de casimira cambraia, tinha polainas, um grande laço na gravata de linho e o chapéo de palha um pouco derreado sobre a orelha esquerda. Ia muito bem esse trajar com a sua physionomia alourada, os seus olhos vivos e enfeitados pelas lunetas azues, que elle levava por amor do pó. Destacava-se-lhe bem da pelle branca do rosto o bigode retorcido e bem alinhado, e de todo elle rescendia um bom ar de asseio e trato.

Fez-se logo o almoço ao ar livre, debaixo de uma arvore, e á sobremesa acudiram os brindes á felicidade dos noivos e a tudo aquillo que é de costume brindar n'essas occasiões. Depois, o Lobato estendeu-se sobre a relva, tirou um jornal do bolso das calças, e poz-se a toscanear sobre o artigo de fundo; enquanto Helena, de camaradagem com a mulher d'aquelle, entretinha-se a adiantar um trabalho de agulha, que levava dentro de sua cesta.

Os namorados, sempre juntos, ficaram a conversar.

XXV

A UNHA DO GATO

O sol estava já um tanto alto; fazia calor. As arvores pareciam convidar a gente para se ir deitar á tepidez aprazivel de suas sombras. Reinava um grande silencio pela quinta; só se ouviam os rumores confusos do campo e a voz longinqua

de algum pastor, que tocava além o seu rebanho.

Helena estendera-se mais na cadeira de balanço, em que se havia assentado, sentio amollecer-lhe o corpo um espreguiçamento agradável, deixou cahir esquecida sobre os joelhos a costura que tinha entre mãos, e foi pouco a pouco adormecendo no gozo placido da digestão do almoço. A mulher do Lobato, assim que a vio fechar os olhos, levantou-se e foi ter com o marido, que, ás voltas com o seu jornal, estava prestes a fazer o mesmo que Helena. Assentou-se ao lado d'elle, tomou-lhe no collo a cabeça e, como estivessem sós, beijou-o na bocca; e acariciou-lhe os cabellos.

O Lobato aninhou-se melhor no regaço da mulher, cingio-lhe a cintura com o braço e adormeceu de todo.

Cecilia, entretanto, passeiava do lado opposto pelo braço do noivo. Pedro Ruivo fallava-lhe de seu amor, dizia a impaciencia que o devorava n'aquelles ultimos longos dias.

Ella sorria, olhando fito para o chão, e deixava que o rapaz lhe apertasse apaixonadamente o braço carnudo e bem feito.

— Si soubesses quanto soffro! Disse elle approximando o rosto ao de Cecilia—é um tormento! Hei de ver chegar o instante de minha felicidade e ainda me parecerá um sonho!...

— Falta tão pouco! Murmurou ella, com um sorriso adoravel.

— Oh! Faltam seculos! Exclamou elle beijando-lhe a mão—Faltam seculos!

E, arrastados pelo prazer de estar juntos, iam andando por debaixo das

árvores, esquecidos de tudo e só cuidados do seu amor.

A' certa altura, Cecilia quiz voltar, mas Pedro pediu-lhe que não, com um olhar humido de ternura.— Ainda não voltemos! E' tão bom estarmos assim unidos, a conversar sósinhos! Tão poucas occasiões temos tido para isso...

— Sim, mas é que mamãe póde reparar. Voltemos, sim?! Vem! Não é bonito ficarmos aqui.

— Espera! Disse o moço, segurando Cecilia pela cintura— espera um instante.

E puxou-a para si.— Não te vás. Ouve!

Ella fugia com o rosto, toda vergada para traz nos braços do noivo— Não! Não faça assim! Pódem nos vêr! Deixe-se d'isso!...

Mas elle não attendeu e perseguiu-lhe o rosto com os labios estendidos.

— Não! Insistia ella — Não! Não faça! Oh! Eu fico zangada!

— Mas, meu bem, tu não deves ser assim commigo! Nós somos quasi casados!

— Mas ainda não somos!

— Tens medo de qualquer cousa?...

— Tenho medo de tudo!

— Ora!... Resmungou Pedro Ruivo.

E ficou muito serio.

— Estás zangado?... Perguntou ella com meiguice.

— Não sci. E' melhor não fallarmos n'isso!

E continuaram a andar para diante de braço dado.

Não deram uma palavra.

— Estás massado? Perguntou Cecilia, novamente, vergando o rosto para encarar o rapaz.

Elle respondeu, dando-lhe um beijo em cheio nos olhos.

Ella recuou, soltando um gritosinho, mas Pedro apoderou-se-lhe de novo da cintura e puxou Cecilia para um banco de pedra, que ficava proximo.

Quando voltaram a casa, Helena achou a filha muito corada, e um tanto sobresaltada.

— Aconteceu-te alguma cousa? Perguntou ella: — parece que te assustaste.

Cecilia negou.— Era do calor naturalmente. E logo que se achou só, cobrio o rosto com as mãos e desatou a soluçar nervosamente.

Comtudo o resto do dia correu pacificamente e á tarde arrumaram as suas cestas e puzeram-se de novo a caminho.

Pedro Ruivo encontrou em casa uma carta tarjada de preto. Era a noticia da morte de seu pae. Elle pouco se impressionou, esperava já por aquillo, e, como estivesse muito fatigado do passeio do dia, adiou para depois os transportes de seu amor filial, e deitou-se na cama.

D'ahi a instantes dormia profundamente.

Causou no Porto e no Minho grande espanto a toda a gente, saber que o pac de Pedro Ruivo, em vez de deixar ao filho uma enorme fortuna, apenas deixara algumas dividas. D. Helena não o queria acreditar, e só se desenganou da verdade, quando a ouviu entre as lagrimas do proprio filho do defunto.

— Com que o Sr. ficou inteiramente pobre?! Exclamou ella, fazendo um gesto, de que nunca uzara para o futuro genro.

E' verdade! Respondeu este, sacu-

dindo tristemente a cabeça.—E' verdade!

— Ora essa!... Disse a professora, pallida de raiva. — Ha cousas n'este mundo!...

— E' a sorte, D. Helena, accrescentou o Ruivo, limpando os olhos.

— E agora?! Interrogou ella.

— Resta a resignação! Eu por mim, sei conformar-me com o destino!

— Mas é que nem todos pensam como o senhor! Ha de permittir-me observar-lhe que era de seu dever de cavalheiro prevenir-nos da desgraça que o ameaçava. Ora essa!

— Mas se eu não sabia de cousa alguma, D. Helena...

— E' impossivel, senhor!

— Mas se lhe digo que é a verdade, minha senhora?!

— Diga o que quizer... eu não acredito!

— Pois não acredite, exclamou Pedro Ruivo, perdendo a paciencia. — Ora pilulas!

— Faltar-me ao respeito! Bradou Helena, possuida de cólera... Ainda bem que o senhor mostrou as unhas antes do casamento. Olha de que escapamos!

— Sim! Agora tenho todos os defeitos!... Em quanto me suppunham rico, era — um Santo Antoninho onde te porei! Pois se não me quizer dar a mão de Cecilia, não dê! Só lhe affianço que não sou eu só a perder com isso?!

— Hein?! O que quer dizer na sua?!...

— Não posso dar explicações, minha senhora! Sua filha é quem está mais no caso de esclarecer-a.

— Minha filha?! Mas o Sr. graceja, com certeza!

— Pôde ser! V. Exc. fallará com Cecilia. E já agora não me casarei sem ser eu o requestado. Até logo. Quando precisar de mim é só mandar chamar-me; antes d'isso não voltarei!

E Pedro Ruivo afastou-se, no firme proposito de não voltar, sem ser chamado. Aquelle desespero de Helena, com a noticia de sua pobreza, estava previsto ha muito tempo.

— Olha se não trato com actividade do negocio!... Achava-me a estas horas posto á margem, disse elle consigo, quando se viu na intimidade de seu quartinho de rapaz solteiro!

Entretanto ao que Helena ouvira de Pedro Ruivo sobreveiu-lhe uma grande febre. Aquellas ameaças perturbavam-lhe o espirito. A viuva procurou inteirar-se do que havia, e com facilidade chegou a um resultado.

Cecilia estava deshonrada. A desesperada mãe não pôde resistir ao golpe, e cahio fulminada por uma terrivel congestão cerebral. Nada lhe valeu; nem a dedicação de Cecilia, nem os soccorros do medico. Expirou no dia seguinte, ás duas horas da tarde.

Foi então que Pedro Ruivo apresentou-se de novo á orphã, offercendo-lhe, com um gesto heroico, a sua mão de esposo. Cecilia recebeu-o entre soluços.— Elle era a ultima felicidade que lhe restava!

— Pelo menos farei o possivel por merecer-a, Cecilia! Amo-a ardentemente, e todo meu sonho dourado é possuil-a como esposa.

— Casaremos quanto antes, disse ella — será um casamento de luto, mas assim é necessario! Só elle me poderá salvar!

Porém, no dia seguinte Pedro Ruivo chegou ao conhecimento de

que Helena apenas legara á filha uma pequena nesga de terra, que herdara de seu pae no Alto Douro.

— Raios me partam! Exclamou o Ruivo, quando recebeu essa noticia.

E preparou logo as malas e fugiu para Lisboa, com a intenção de passar ao Brazil.

Cecilia, opprimida de desgostos, de remorsos e de soffrimentos, foi pouco depois recolhida á casa d'aquelle velho amigo de seu avô, de quem falla o terceiro capitulo d'este romance.

Foi ahi que ella teve occasião de servir de enfermeira á filha de seu bemfeitor, como dissera já o conde de S. Francisco a Gregorio, quando este achava-se detido em seu palacete da Tijuca.

Mas a desgraçada menina não podia ficar tranquilla:—o fructo do crime de Pedro Ruivo em breve havia de patentear-se aos olhos de todos; e por conseguinte só na morte ella encontraria refugio.

— Matar-se! Matar-se quando sentia nascer-lhe uma nova existencia nas entranhas! Matar-se quando toda ella parecia reviver para a maternidade e para o amor!

XXVI

COUSAS VELHAS

O velho conde de S. Francisco, o pae de Cecilia, na occasião em que sentiu-se ir resvalando para a sepultura, estava, como nos dizem as *confidencias* do terceiro capitulo, desacompanhado de sua familia legitima e completamente desprovido das consolações e dos confortos de qualquer affecto. A ausencia das filhas e a desorganisação de sua casa, d'antes

tão methodica e bem dirigida, haviam-lhe emborcado no coração esse amargor espesso e lugubre, que nos dá aos ultimos dias da existencia um estranho gosto de morte e nos conduz a sonhar com a sepultura, como se sonhassemos uma outra vida, que nos sorri com o seu triste aspecto de paz e de esquecimento.

Felizes os que plantam previdentemente na mocidade os colmos com que mais tarde têm de cobrir seus derradeiros dias, e á sombra affectuosa dos quaes lhes é permittido abrigar o coração contra os ventos frios da velhice e contra os primeiros sobresaltos da morte. Desgraçados dos que deseem d'este mundo sem ter o calor de alguns beijos, que lhes aqueçam as mãos tremulas e frias, sem ter quem lhe recolha o ultimo gemido e a ultima palavra.

A vida deve sempre ser um sonho comprehendido entre dois beijos — o beijo que nos dá nossa mãe quando nascemos, e o beijo supremo de nosso filho no momento de desabarmos nas sombras pavorosas da morte.

O conde de S. Francisco foi um d'aquelles desgraçados. Helena era mãe, mas não era esposa. Só estás sabem ligar heroicamente o seu destino ao destino do pae de seus filhos; só essas sabem resistir ás grandes tempestades do lar e ás extremas provações do amor. Para morrer abraçado ao navio é preciso ser legitimo commandante; é preciso que a dignidade do cargo e a responsabilidade moral da posição o prendam no seu posto de honra. O falso capitão não está na altura d'esses sacrificios e d'essas abnegações.

Foi justamente o que succedeu com Helena. Quando rebentaram as

desavenças no seio da familia do amante, ella puxou a filha para si e afastou-se, deixando que o apaixonado velho tragasse no segredo de seu desespero as dores lancinantes da soledade.

Vieram logo os padecimentos do corpo, a aggravação das enfermidades adormecidas até ahi; e o conde cahio prostrado no leito em que tinha de expirar. O filho em Coimbra; as filhas, uma casada e longe com o marido; a outra recolhida ao convento, só lhe restavam famulos e enfermeiros de aluguel.

Lembrou-se então de escrever a um seu velho amigo, que n'outro tempo fizera com elle as campanhas contra os francezes. Era um veterano reformado com a patente de coronel, e que lia seis annos descansava em terras que possuia no Porto.

Foi um espalhafato a sua chegada no castello do conde. Os dois velhos precipitaram-se nos braços um do outro e começaram a chorar como duas crianças. O conde não podia pronunciar palavra; as lagrimas corriam-lhe em borbotão pelas barbas brancas. E todo tremulo, a soluçar, humilhado pela nimiedade daquella commoção, sentio faltarem-lhe as derradeiras forças e cahio agonisante.

O coronel, estonteado pela situação, maldizen lo a idéa de apresentar-se tão de surpresa, procurava consolar o amigo, pedia-lhe que socegasse um instante, e jurava não abandonal-o tão cedo.

— Sim! Meu velho camarada! Fica! Estou muito abandonado. Preciso de alguém que me ajude a morrer na fé em que me crici! Não te roubarei muito tempo. E's o unico que ainda vive dos nossos bellos

tempos da mocidade! Bem dizia eu cá commigo que não faltarias á entrevista de minha morte! Obrigado! Obrigado, amigo velho!

Mas o coronel pouco tempo teve de ficar ao lado de seu velho camarada. O conde morreu quatro dias depois que elle chegou ao castello. Assistiram-lhe os sacramentos; o moribundo bebeu as palavras untuosas do confessor, com a voluptuosidade de quem bebe um bom vinho — parecia confortado e disposto a deixar o mundo em paz. E' que naturalmente elle antevia as auroras d'aquella vida d'além tumulo, de que fallamos no principio d'este capitulo.

Antes, porém, de morrer, conversou largamente com o amigo a respeito dos seus, que deixava — Meus filhos legitimos, disse elle — estão abrigados por natureza, têm o que herdar e não lhes faltará logar na sociedade. Mas eu tenho uma filha natural, uma filha que adoro e que, apesar da ingratição com que ella e a mãe me deixaram n'este isolamento, não me sahe da memoria um só instante. Tu já sabes de quem fallo.

— Pois bem; pensa um pouco em Cecilia; a infeliz pode algum dia precisar de teus soccorros. Guarda bem esta recommendação; eu sei porque t'a faço. Deixo-lhe alguma cousa, mas recio que a mãe não saiba ou não queira que isso aproveite á fillia. Por consequente, meu velho amigo, segue-a com a tua experiencia — é o unico serviço que te imploro para depois de minha morte.

— Dsceança, respondeu o coronel — prometto que farei o que me recommendas.

— Bem! Posso então fechar os

olhos em paz ! Cecilia era o meu ultimo cuidado.

— Não te afflijas ! Eu velarei pelo seu destino.

— Obrigado ! muito obrigado !

E o conde morreu dois dias depois, repetindo ao coronel as suas recommendações.

Foi d'esta fórma que, por occasião da morte de Helena e da miseravel fuga de Pedro Ruivo, Cecilia recebeu em casa a visita do velho coronel.

A figura austera e encanecida do veterano, a calma resolução de seu porte marcial, e a singela energia do tom de suas palavras, inspiraram á orphã immediata confiança. Ella, porém, não se podia furtar á certa estranheza que lhe causava semelhante visita, principalmente depois de saber que o velho ia resolvido a levá-la para a companhia de sua familia. O coronel comprehendeu a surpresa da menina e acrescentou.

— Cumpro um dever sagrado, minha filha : seu pae recommendou-me que não a desamparasse quando visse que a senhora precisava de algum auxilio. Creio que chegou a occasião; está orphã e sem arrimo. Cumpre-me amparal-a ; serei seu pae de hoje em diante.

Cecilia accitou commovida a generosa mão que se lhe estendia ; mas a idéa dolorosa de seu estado perturbava-lhe o espirito e a fazia receiar qualquer consequencia má de tudo aquillo. Entretanto que remedio tinha ella senão aceitar de olhos fechados aquelle recurso ou então voltar a primitiva idéa do suicidio ?!

Mas é tão difficil morrer na sua idade !

É tão difficil abandonar a vida, quando os prados tem flores ; o céu

tem segredos ; e as noites nos fallam de illusões nas suas mysteriosas vozes e no brilho melancolico de suas estrellas !... Porém si aceitasse, como supportar a exhibição de sua falta ? ! Como patentear o corpo de delicto, que lhe avultaria nas entranhas ? Como poderia ella se justificar de tamanha criminalidade ? !—Si ao menos pudessem avaliar, julgava ella consigo—quanto nós, as mulheres, somos escravas do coração ; quanto a natureza nos fez passivas e credulas ! Si pudessem avaliar o modo porque succumbimos á primeira falta ; si soubessem como acreditamos no homem, que nos assalta o coração pela primeira vez ! Mas não ! Ninguém criminalará o seductor e todos amalçoarão a victima ! Ninguém se lembrará que minha culpa vem de minha innocencia, de minha virgindade e da singella expontaneidade de meu amor ! Todos escarnecerão de mim ; todos rirão de minha desgraça ; só porque não fui tão friamente calculada, tão previdentemente reflectida, que soubesse empregar as astucias e as artimanhas necessarias para equilibrar o amor de meu noivo, de modo que elle não fugisse por uma vez desesperançado ; nem tão pouco fugisse por haver conseguido já o que desejava. E, porque não tive o talento de ser hypocrita, de fazer negaças e de tirar partido de minha mocidade e de minha belleza, hei de passar por uma creatura ruim, por uma mulher de máus instinctos, por um ente desprezivel e máo, que se deve evitar como se evita a peste.

— Mas se assim é—continuava ella a considerar—porque capricho creou a natureza o amor com toda a sua cegueira, com toda a sua boa fé, e

com todos os seus perigos?! Porque razão não se queixam contra o creador de haver formado o nosso coração de carne e não de pedra? Porque não o responsabilizam de nossa ternura, de nossa fraqueza e dos reclamos de nosso sangue?! Se tínhamos de fazer calar todas as vozes interiores, para que inventaram na natureza outras tantas vozes que as correspondem, e que nos ensinam a descobrir o objecto de nossos sonhos apaixonados!

E Cecilia revoltava-se de ante-mão contra a injustiça, que presentia sobre ella. Na sua consciencia e no seu coração nada a accusava — não sentia o menor remorso do que fizera, como não sentia appetites de vingança. Se tinha algum desejo, era de perdoar o homem a quem se dera, e pedir-lhe que abençoasse com seus beijos o filhinho.

XXVII

A ENFERMEIRA

Cecilia foi afinal para a casa do coronel.

Morava este retirado da cidade, em uma bella e simples vivenda campestre, na companhia de uma irmã tão velha como elle e de uma filha, que era o encanto de seus olhos já amortecidos e o sol de sua longa viuvez.

Chamava-se Margarida. Um sonho de vinte e dous annos: olhos azues, de uma grande doçura ingenua, cabellos louros, reseccos, e quasi sempre ennastrados em uma trança solitaria, que lhe cahia singellamente ao comprido das costas.

Contradizia um tanto do seu sorrir triste de mulher, o doce ar de menina

enferma, que obrigava o velho soldado a constantes sobresaltos pela saude da filha. Receiava que ella não tivesse forças para viver: Margarida fôra sempre propensa ás molestias pulmonares. Em pequenina os medicos a desenganaram, e, de então para cá, sua vida era tratada como objecto delicadissimo, que se pôde quebrar com o menor sopro. E seria isso o que sem duvida teria succedido, si com a viuvez do coronel, não se apresentasse sua irmã, disposta a servir de mãe á Margarida.

O coronel enviudara quando a filha tinha apenas cinco annos, e desde então nunca mais D. Germana, sua irmã, os desamparou.

Pôde-se por consequente calcular o estado em que ficou o coronel, sabendo, ao chegar á casa, que Germana estava perigosamente enferma, e que Margarida não lhe abandonava a cabeceira e passava em claro noites consecutivas.

Mas não tinha de ficar ali sua amargura. Dias depois morria a mãe adoptiva de Margarida, e esta por sua vez cahia sériamente prostrada pela molestia. Foi então que, de volta dos estudos, appareceu em casa do coronel o conde de S. Francisco.

Ia agradecer os ultimos obsequios prestados pelo veterano a seu pai. Em sua companhia levava um capitão de marinha, ainda bastante moço, com quem travára relações no mar, e de quem se tornára muito amigo.

O conde offereceu á irmã bastarda os serviços que estivessem a sua disposição, e apresentou-lhe o official de marinha com as palavras mais lisongeiras que encontrou.

Tencionavam os dois amigos, uma vez desimpedidos da obrigação deli-

cada que os levára alli, voltarem immediatamente, cada um para seu destino. Mais assim não succedeu. Os desvelos de Cecilia á cabeceira de Margarida, o modo carinhoso, a abnegação, o amor, com que ella desputava a amiga das garras da morte, seduziram-os a ponto de prendel-os. Cecilia com effeito havia tomado muito interesse pela enferma. Uma certa afinidade de temperamentos e cômo que uma estranha necessidade de padecer pelos outros amarravam-n'a á cabeceira de Margarida. Suas dores escondidas, talvez já o seu arrependimento de ter sido tão credula e tão fraca, pediam-lhe aquelles trabalhos penosos, como o remorso pede ao criminoso a dura expiação de seus delictos.

A victima de Pedro Ruivo comprazia-se naquella dedicação; achava prazer, conforto, no martyrio a que se impuzera por um reclamo de sua consciencia. E d'essa fórma não abandonava um só instante a cabeceira de Margarida, prompta sempre ás horas de dar o remedio, de mudar-lhe a roupa, de correr ao seu mais leve gemido e de sustental-a nos braços horas esquecidas; sempre risonha, sempre meiga, sempre consoladora.

Quando a doente principiou a convalescer, adorava a sua enfermeira. O conde de S. Francisco e o seu amigo da marinha encontraram-n'as n'essa situação. Margarida acabava de erguer-se pelo braço de Cecilia.

Principiou então uma nova epocha para todos elles. Os dous rapazes se tinham apaixonado pelas duas bellas amigas. O conde pretendia a filha do coronel e o official a outra.

Mas Cecilia ignorava tudo isso. Uma tarde a amiga tomou-lhe as

mãos e disse-lhe que tinha um pedido a fazer-lhe.

— Só um? Perguntou aquella, beijando-a na face.

— Só, porém tão sério, que vale por muitos...

— O que é?

— E' o pedido de tua mão.

— De minha mão? Perguntou Cecilia, empallidecendo.

— Sim, e tu já sabes para quem, disfarçada!

— Para o Leão Vermelho!...

— Justamente, para esse rapaz, que tanto estima teu irmão, quanto te adora.

Cecilia não respondeu e deixou-se possuir de um grande embaraço. A outra insistio, beijando-a, affagando-a, dizendo-lhe as vantagens que poderiam vir d'esse casamento.

Começou então para a filha de Helena uma grande luta interior. Seu character leal e generoso revoltava-se contra a mentira e a falsidade; mas o perigo imminente de sua posição, a vergonha que a esperava, o sobresalto em que ella vivia, acabaram por lhe suffocar os bons impulsos.

Entretanto Leão Vermelho tinha de partir e preeisava de uma resposta difinitiva.

— E' muito cedo! interveio o coronel, lembrando que Cecilia apenas o conhecia ha tres dias.

— Estas coisas resolvem-se assim ou se não resolvem, respondeu o official— Parto amanhã para uma viagem longa, talvez a ultima que faça, e desejo saber se posso ir casado ou se tenho de procurar esquecer-me das saudades que d'aqui levo.

Cecilia concordou finalmente, e d'ahi a dois dias casava-se com o Leão Vermelho e seguiam viagem.

Sua ausencia causou uma enorme tristeza em casa do coronel, mas o conde procurava suavizal-a do melhor modo possivel, o que conseguiu em grande parte.

O medico aconselhára a Margarida uma viagem á bons climas antes do casamento. Partiram os tres, os noivos e o coronel, dentro de quinze dias. Atravessaram a Hespanha, passaram-se depois á França, á Italia, á Sicilia. De volta á Portugal recolharam-se ao antigo Castello da familia do conde, reuniram-se os parentes d'este e celebrou-se afinal o casamento com muita pompa e com muita alegria.

Entretanto Leão Vermelho, voltava ao Porto com a mulher e com um filhinho, que nascera no mar. Esse filhinho era Gregorio.

O commandante, como vimos no capitulo XX, tratou então de obter a sua reforma, e com ella um logar que o deixasse gozar em terra firme o descanso e a felicidade do lar domestico.

Conseguiu, afinal, realisar esse desejo, mas por outro lado principiou a soffrer na sua intimidade com Cecilia. A mulher parecia-lhe reservada; dir-se-ia que tinha algum segredo que a fazia soffrer constantemente. Em balde o commandante a espreitou por muito tempo, em balde procurára pilhar-lhe um gesto, uma palavra, um sonho, que lhe indicasse a ponta do segredo. Nada! Um dia, porém, surpreendeu-a a escrever alguma coisa, com muito empenho, e na occasião em que, pé ante pé, foi espiar o que ella escrevia, Cecilia soltou um grito, cobriu o papel com ambas as mãos e empallideceu.

— Deixe-me ver essa carta! disse Leão Vermelho seccamente.

Cecilia respondeu que tinha vergonha de mostral-a—era uma futilidade, uma tolice!

— Não faz mal! quero ver!

— Não... objectou a mulher, procurando compor um gesto de meiguice e de sangue frio.

— Peior! exclamou o commandante, encolerisando-se.—Dê-me isso por bem, si não quer dar á força.

— Pois ali a tens!

E Cecilia sacudiu os hombros, resignadamente.

Leão Vermelho leu a carta com visiveis signaes de colera na phisionomia. Os olhos pareciam crescer-lhe debaixo das sobrancelhas crespas e negras; os labios iam-se-lhe adelgaçando na proporção da leitura, e mostravam cada vez mais os dentes mareados pelo tabaco.

— A' quem era isto dirigido?! Perguntou elle, contrahindo as palpebras e atravessando a mulher com um olhar frio e penetrante.

— Para que o queres saber?! Não vês pelo que está escripto a posição que tomei para quem me dirijo?...

— Não tenho nada com isso! Quero saber a quem é dirigida esta carta!

— Mas o que lucras tu em saber a quem ella é dirigida?!

— Mão! Responda a minha pergunta e guarde as considerações para depois!...

— Pois então fica sabendo que te não digo cousa nenhuma!

Leão Vermelho segurou Cecilia pelo braço e repetio a sua pergunta, mas ainda assim nenhuma resposta obteve.

— Bem! disse elle.— Saberei por outro lado.

Todavia a carta, longe de depôr contra a mulher, dizia o seguinte :

XXVIII

DECEPÇÕES

« Caro Senhor.

Se, como diz, é cavalheiro, peço-lhe que não insista na sua perseguição; se é meu amigo, como também o diz, poupe-me á inquietação a que me obrigam os seus mal entendidos protestos de amor. Lembre-se de que sou casada e procuro todos os dias esquecer-me do passado, d'esse passado que me acabrunha, não pelo remorso, mas pelo desgosto e pela afflicção. Já soffri demasiado por sua causa, pague-me agora de tudo isso, deixando-me em paz; não queira augmentar mais os motivos de queixa que tenho contra o Sr. Se suppõe que algum laço ainda nos une, está completamente illudido, porque meu »

Consistia n'essas palavras a carta que Leão Vermelho sorprehendeu a mulher escrevendo e que exigira lhe fosse entregue. Guardou-a comsigo, e principiou desde então a desconfiar de Cecilia. Foi por esse tempo que lhe appareceram as ameaças de perder o emprego de que falla o capitulo XX, e que Leão Vermelho vio-se obrigado a seguir para Lisboa, afim de se entender com o ministro da marinha.

Sabe o leitor, por aquelle mesmo capitulo, qual foi o resultado de sua viagem e da má vontade do governo portuguez. — Leão Vermelho demittio-se e, depois de ir ter com a mulher e o filho, resolveu dar vélas para o Brazil em um navio mercante. Sabe também que elle na occasião de seguir, já no beliche, fez ao seu fiel

servo qualquer recommendação que o aterrou e sabe igualmente que Leão Vermelho entregou a Tubarão uma boa navalla de marujo.

O marinheiro, como vimos depois no capitulo XXI, ficou deveras impressionado com as palavras que lhe dissera á bordo o commandante. Ellas não lhe sahiam da cabeça; parecia-lhe estar ainda a ouvir o patrão dizer-lhe com a voz engrossada pela commoção — Não te descuides, meu amigo! O horisonte anda um pouco turvo; desconfio que teremos borrasca! Olho na bussola e não no leme! Se desconfiares da pequena, communica-me qualquer signal, e se descobrires coisa séria, já sabes, não precisa esperar por mim! dá-lhe duas naifadas e manda-a de presente aos melros.

E entregou-lhe a navalha.

Tubarão não quiz ligar importancia ás suspeitas do commandante, mas a scena do jardim, aquella entrevista fóra d'horas de Cecilia com um vulto mais que suspeito, vieram justificar no animo do bom marinheiro a recommendação de Leão Vermelho!

— Quem o havia de acreditar?... dizia comsigo Tubarão — Uma pessoa tão seria e tão meiga, que era mesmo a imagem de Nossa Senhora do Socorro! Ah! mas tanto ella, como aquelle maldito papa-figos que tenham paciencia, se os pilhó, trabalha a faca!

E nunca mais se descuidou nas suas observações e na sua espionagem.

Entretanto Cecilia não era tão culpada, como faziam suppôr as apparencias:

Pedro Ruivo sahira do Porto com a intenção de seguir para o Brazil, como o dissemos, mas chegado a

Lisboa recolheu-se á casa de uma familia, que fôra muito da amizade de seu pae, e ahi se deixou ficar, depois de saber que Cecilia havia casado, e que elle por conseguinte não seria perseguido. De volta ao Porto, dous annos decorridos sobre aquelles acontecimentos, Pedro Ruivo uma manhã em que passeiava pelo Jardim das Virtudes, encontrou Cecilia, acompanhada de uma bella criancinha loura.

Ella não o viu, mas elle reconheceu-a logo e começou de segui-la á certa distancia.

Cecilia, depois de fazer o seu passeio, recolheu-se á casa, e Pedro Ruivo ficou sabendo ao certo onde residia a sua noiva de outro tempo.

— E não é que o demonio da rapariga está ainda mais bonita do que era?!... Considerou elle ao voltar pelo mesmo caminho. E, possuido de estranhas commoções, principiou desde então a sentir-se pender para Cecilia, por esse estímulo traçoeiro que nos faz desejar as cousas prohibidas. Ella nunca lhe pareceu tão desejavel, tão bella, tão digna de ser amada. D'antes a extrema innocencia, a franca confissão de seu amor sem calculos e sem artificios, a candura de suas palavras quasi infantis, faziam de Cecilia um thesouro tão facil de alcançar, que Pedro Ruivo nunca se lembrara de calcular-lhe o valor.

Procurou um pretexto de poder-se aproximar della. Mas a coisa não era tão facil, como lhe pareceu a principio. Cecilia devia guardar fundo sentimento de sua desgraça; não era natural que a presença de Pedro Ruivo lhe fosse muito agradavel. Foi então que o miseravel se lembrou do

filho.— Ora esta! exclamou elle, abrindo os braços com enthusiasmo. — Tenho o melhor conductor que se póde desejar e não me lembrava d'isso. Nem é preciso grande esforço! Ella será talvez a mais interessada em tornar-me a ver!

E certo de que o filho era um instrumento seguro para os seus projectos, escreveu uma extensa carta a Cecilia, na qual procurou pintar o arrependimento que o pungia n'essa occasião, as saudades que o arrebatavam para ella, e o desejo apaixonado de ver e beijar o seu querido filhinho.—Contento-me com pouco! Dizia elle no fim da carta—desejo apenas uma ou outra vez contemplar o innocente fructo de nossos amores infelizes. Sei que deve haver no seu coração, Cecilia, muito resaiço de desgosto; mas, si soubesse quanto tenho soffrido por amor d'isso, perdoava-me tudo. Oh! Soffri muito! Os remorsos não me desamparavam um só instante o coração. Chorei muita lagrima! Amarguei muito soluço! Entretanto era preciso resignar-me ao destino sombrio, que eu mesmo preparava para mim. Fui culpado! Fui muito culpado, mas o arrependimento foi maior que as culpas. Não lhe peço que me ame; não lhe peço até que me perdôe, comtanto que, se ainda existe no seu coração alguma cousa d'aquella ternura compassiva de outr'ora; se se não apagaram de todo aquelles piedosos sentimentos, que faziam da senhora uma santa, e que depois fizeram de mim um martyr pelo remorso que senti de não a ter adorado como devia e de não a ter merecido em castigo de minha maldade e de minha cegueira; se ainda existe no seu

coração algum residuo d'essas virtudes — permitta, por quem é, permitta pelo amor que tem naturalmente ao ente que lhe sahiu das entranhas, que eu abraçe meu pobre filhinho! Estou convencido que as lagrimas de um pai desgraçado não terão em resposta a indiferença e o desprezo... Oh! só agora acredito na colera divina!»

Seguiam-se ainda algumas considerações sobre a fatalidad:, sobre o destino e outros pretextos de que se costumam servir os seductores vulgares e os apaixonados vadios, e terminava a carta por um formidavel —adeus, com ponto de admiração, e depois a assignatura.

Pedro Ruivo contava como certo o effeito daquelle chorrilho de banalidades.—Em lendo isto, calculava elle —as lagrimas saltam-lhe dos olhos, e Cecilia abre-me os braços no delirio da paixão. E se assim não fosse, para que diabo servia a gente se matar á aprender um bocado de rethorica?!

Mas Ruivo enganou-se na sua previsão—Cecilia leu a carta sem se commover, e tomou a resolução de não responder cousa alguma.

Depois de cinco dias encontraram-se de novo na rua. Mas d'esta vez o Ruivo não esperou que ella o lobrigasse, fôï ao seu encontro. Ainda soffreu uma decepção, porque tinha como certo o sobresalto e o espanto de Cecilia, quando ella aliás fallou-lhe sem se perturbar absolutamente.

— Que frieza!... Disse comsigo o rapaz, mordido no seu amor proprio.

E para se consolar procurou descobrir n'aquelle propria indiferença um cunho de affectação, que significava o medo que elle fazia a Cecilia.

— Não quiz então responder á minha carta?

— Não, senhor.

— E porque?

— Porque entendi que não devia responder.

— Não consente então que eu de vez em quando abraçe esta criança?...

— Não, para que?!

— Para que?! Ora essa! Porque é meu filho!

— O senhor está gracejando com certeza!...

— Cecilia! Nega que eu seja pae de seu filho?!

— Com licença. Adeus.

E Cecilia afastou-se muito tranquillamente.

Pedro Ruivo ficou deveras massado com aquella indiferença—Além de tudo, pensou elle, gesticulando sosinho—ella tem a coragem de negar que sou eu o pae do pequeno!... Ora esta! Confesso que não a suppunha tão fina!

E depois de escogitar um plano de ataque, bateu com a mão na testa, e exclamou — Ah! Tenho uma idéa!

XXIX

CONSEQUENCIAS

O plano de Pedro Ruivo era atemo-risar Cecilia, ameaçar-a de um escandalo, obrigar-a a ceder pelo medo.

Aquelle homem, que desprezara a occasião em que a bella rapariga abriu-lhe francamente a alma, impregnada de todos os perfumes da innocencia e do amor, sentia-se agora estimulado grosseiramente por um desejo ardente de possuil-a. A mesma physionomia, os mesmos olhos, a mesma bocca, o mesmo cabello, tudo que d'antes lhe parecia vulgar

e sem interesse surgia-lhe agora nos sentidos por um prisma novo de seducção. A resistencia de Cecilia, o pouco caso que ella mostrou pela approximação de Pedro Ruivo, a sua desdenhosa indifferença, tão sincera e legitima como o arrebatamento de seu amor de outro tempo, cahiram sobre o coração estimulado do perjurio, espremendo-lhe um resto de sensibilidade que todo o homem possui, mesmo depois de muito estafado pelas depravações.

— Se não consentires em fallar commigo, escreveu elle, depois de outras tentativas — farei publico o segredo de teu filho. Contarei a historia do nosso amor e attrahirei sobre tua cabeça a colera de teu marido. Amo-te, já o sabes perfeitamente, não é meu filho, que me arrasta para ti, és tu propria! Se me quizeres attender, terás em mim um escravo submisso, e se não quizeres pôdes contar com um inimigo implacavel. Escolhe. Amanhã á noite estarei debaixo de tua janella; se me não appareceres, juro-te que faço o que ha pouco prometti. Não te pôdes desculpar, teu marido está em caminho para o Brazil; previno-te de que qualquer cilada, que me tentasses armar, recahiria sobre ti; lembra-te que és a mais compromettida n'este negocio. »

Aquellas plirases mal alinhavadas e grosseiras produziram o effeito ha tanto ambicionado pelo Ruivo — Cecilia teve medo. Teve medo e foi á entrevista, como já sabe o leitor.

— O que deseja o senhor de mim, perguntou ella com a voz um tanto tremula, ao apparecer entre as folhas da janella.

— Desejo dizer-te o que sinto por

ti, o que soffro; contar-te os meus tormentos, e pedir-te que me ames tambem, que te compadeças do meu desespero e de minha dôr!

— Era só isso o que desejava?

— Não me trates com essa frieza, Cecilia, lembra-te de nossa passada felicidade, lembra-te de nossos primitivos amores!

Cecilia não respondeu.

— Não me dás então uma palavra?! Insistiu Pedro Ruivo no fim de uma pausa.

— O que lhe hei de dizer? Não tenho absolutamente nada para lhe communicar. O senhor ameaçou-me de perturbar a paz de minha casa, de envergonhar-me aos olhos da sociedade, de tornar conliccida a unica falta que commetti, de incompatibilisar-me com meu marido, si eu não consentisse em lhe fallar. Pois bem: eu tive medo de suas ameaças e cá estou. Ainda não se dá por satisfeito?! Faça então o obsequio de dizer o que ainda quer de mim?! Mas tenha a bondade de apressar-se, porque este ar frio da noite pode causar-me mal.

— Bem! visto isto preferes que eu pblique o nosso segredo, não é verdade?! Queres que amanhã todos saibam que sou o pai de teu filho?! Pois eu te farei a vontade!

— Valha-me Deus! disse Cecilia, deveras impaciente — Como posso preferir semelhante coisa, si cá estou?! si consenti em fallar-lhe á estas horas, e nestas circumstancias?!

Isso não basta! Tu bem sabes que o verdadeiro amor não se contenta com tão pouco! Minha ameaça continúa de pé, se me não deixares approximar de ti!

— N'esse caso, respondeu Cecilia,

com um gesto de resignação—o remédio que tenho é abaixar a cabeça debaixo de sua colera e sujeitar-me a sua vingança. Bem! O senhor dirá o que quizer! Fará o que bem entender! Pela minha parte, lancei mão do que estava ao meu alcance para evitar uma calamidade; nada consegui, paciência! Não me posso queixar de ninguém!

— Não! Deve queixar-se de si, porque com uma palavra sua, com um sorriso, eu cahiria a seus pés, escravo e submisso.

— Si ainda tem alguma esperança a esse respeito, póde perdê-la. Eu não farei a menor concessão!

— Cecilia, reflecte um instante!

— E' justamente porque muito reflecti sobre isso, que me sinto tão segura na minha resolução.

— E's cruel!

— Não, sou rasoavel! Nada lucro em esconder uma falta com outra maior. Em vez de uma teria duas. Pois o senhor que me não perdoa a unica culpa que commetti em minha vida, e essa porque fui credula e innocente; quanto mais se possuísse o segredo de uma outra, perpetrada agora, quando já conheço os homens e tenho alguma experiencia das coisas!

— Sim, disse Pedro Ruivo, dominado pelas palavras de Cecilia — mas é que as duas faltas se destruiriam mutuamente. E eu, passaria do papel de accusador ao de cumplice, por conseguinte teria tanto empenho como tu em esconder o nosso mysterio.

— Não! prefiro a sua raiva, a sua guerra, á toda e qualquer cumplicidade commigo.

— Não me amas então?

— De certo.

— N'esse caso entrega-me meu filho!

— Não tenho em meu poder nada que lhe pertença.

— Cecilia, é perigoso zombar d'essa fórma com a minha colera!

— Faça o que entender.

E Cecilia retirou-se, fechando a janella.

— Escuta! Disse ainda Pedro Ruivo, mas não recebeu resposta alguma. O jardim havia cahido de novo no triste silencio da noite; só se ouvia o confuso sussurrar de algumas arvores, que se espreguiçavam na sombra.

Como sabe o leitor, Tubarão presenciou aquella scena, sem comtudo ouvir o sentido da conversa dos suppostos namorados; como sabe ainda, elle perseguiu Pedro Ruivo, e teve de bater-se com os dois sujeitos que lhe guardavam as costas.

No dia seguinte o marinheiro levantou-se da cama, sem ter dormido, e sahiu de casa antes que os mais acordassem. Sentia-se muito abatido; a decepção que lhe causaram as scenas da vespera trazia-lhe o coração opprimido, como se o empalmasse uma formidavel mão de ferro.

— Não ha que hesitar, pensava elle na sua brutal comprehensão do dever. — O remédio que ha é despachal-a e levar o pequeno ao commandante! Mal porém tomara essa deliberação, acodira-lhe um profundo desgosto de não poder justicar de qualquer modo o procedimento de Cecilia e convencer-se afinal de sua innocencia.

N'este estado entrou em uma hospedaria para almoçar, e durante o almoço deu uma direcção decisiva aos seus raciocinios. Tubarão, como

todo o homem do mar, não tinha o habito de raciocinar andando pela rua.

Só podia concentrar as suas idéas no socego da solidão, ou assentado no fundo de alguma taverna, com os cotovellos fincados á mesa e a cabeça segura por ambas as mãos. Além de tudo isso era quasi sempre necessario fechar os olhos, como se só quizesse olhar para dentro do cerebro, sem espedçar nenhuma actividade de sua attenção com os objectos que ti esse defronte de si.

Foi o que elle fez. Metteu-se no fundo de uma casa de pasto e pediu de almoçar.

— Verdade! verdade! principiou o raciocinio — eu ainda não sei bem de que se trata. Quem sabe lá si a mulhier do commandante precisa ser já castigada ou precisa ser simplesmente aconselhada?... Sim, porque no fim de contas, ella apenas conversou com o tal pelintra e não o recebeu em casa. Ora, si eu fôr logo ás do cabo, posso talvez ser precipitado; o melhor então é espreitar mais algum tempo, porque se elle ha qual-quer coisa, eu o saberci!

N'este ponto de seus raciocinios, Tubarão ouviu perto de si uma voz, que lhe chamou logo a attenção. Era nada menos que a voz de um dos sujeitos, a quem elle esbordoára na vespera.

— Olá! disse comsigo o marinheiro, procurando occultar-se o melhor possivel ás vistas do que fallava — não pensei encontral-o tão cedo! Ouçamos o que diz a peste!

Era com effeito um dos homens de Pedro Ruivo, que acabava de entrar em companhia de um sucio, e ficára assentado de costas para o marinheiro.

Traziam a conversa principiada de fóra; e versava ella justamente sobre os acontecimentos da vespera.

— Mas emfim?! Perguntou o que ainda não era conhecido do Tubarão — O que quer você de mim?!

— Quero que venha commigo; eu já não me fio mais n'aquelle hespanhol! E' um chorincas! Si não fosse elle, afaço que o sujeito não sahia tão fresco da brincadeira!

— Mas então vocês não lhe fizeram nada?!

— Pois se lhe estou a dizer que o hespanhol era o unico que estava armado, e em vez de sangrar logo o tratante, poz-se a remanchar e deixou-o ir como veio!

— Ora isso não se acredita! Eu não o deixaria sair, sem provar o feittio cá da menina! Disse o outro com presumpção, a bater sobre a algibeira em que guardava a sua faca.

E perguntou, depois de uma pausa — Para quando então precisam vocês de mim?!

— Para depois d'amanhã.

— Bem. Podemo-nos reunir aqui mesmo ou em casa de Pedro Ruivo?!

— Pedro Ruivo?! Disse comsigo o Tubarão--Ora espere!...

E ficou a pensar.

XXX

REVELAÇÕES

Tubarão lembrava-se vagamente de ter já ouvido pronunciar varias vezes o nome de Pedro Ruivo, quando alguns conhecidos da familia de Cecilia fallavam a respeito d'esta, com referencia ao passado.

— E' o tal sujeito que se esteve para casar com ella!... concluiu o marinheiro depois de muito puxar

pela memoria. — Pretenderá perseguil-a ainda?! Máos raios o partam, se são essas as suas intenções, porque lhe torço o pescoço enquanto o demo esfrega um olho!

E só se retirou quando os dous da outra mesa haviam já sahido.

Ao chegar á casa foi logo se encaminhando para a sala de jantar, onde Cecilia costumava trabalhar aquellas horas. E com effeito ella lá estava, assentada a uma mesinha de costura, aparentemente toda preoccupada com o serviço que tinha entre mãos. O marinheiro parou á porta, sem ser sentido pela patrôa. — Quem póde lá acreditar que aquillo seja uma peccadora!... Disse elle consigo, a contemplar a casta figura da rapariga. Ella nunca pareceu tão senhora de si, tão tranquillã. Tinha a physionomia fresca como depois de uma boa noute de somno; os olhos transparentes, os dentes limpos, os cabellos bem penteados.

O filhinho brincava a seus pés, entre um montão de alegres destroços. Viam-se bonecos decepados, restos de pequeninos carros de folha, um pedaço de uma espada de páo, um tambor invalido, uma cornetinha já sem feitio, e, finalmente, uma infinidade variadissima de objectos, onde havia carretéis de linha, caixas de phosphoros vazias, varetas de leque, luvas sem par e mil outras cousas, que só têm valor e utilidade para as crianças.

E Gregorio, no meio d'aquella barricada, fallava, ria, gesticulava, muito entretido com seus brinquedos. Foi por isso que elle não deu pela chegada do marinheiro, á quem aliás era muito agarrado.

— A patrôa dá licença? disse este

da porta com a sua voz rude de marujo.

— Ah! é você, Tubarão? entre. Como está?

— Eu, graças á Virgem, não vou com máo vento! E vocemecé?

— Bem, obrigada, respondeu Cecilia, estalando um suspiro.

E como Tubarão ficasse calado — Você sahiu hoje muito cedo.

— E' verdade, resmungou o marujo, coçando a cabeça, sem encontrar um modo de principiar o que desejava dizer. — E' verdade...

— O que tem você hoje, Tubarão, está com umas maneiras estranhas!

— São cá cousas. Eu não preguei olho esta noite!

— Heim?! perguntou Cecilia com sobresalto.

— E'! respondeu o outro--Passeia-a em claro e de pé!

— De pé?! No seu quarto naturalmente?...

— Sim. Na minha janella.

— Na sua janella, mas...

— Das onze ás tres da madrugada.

— Ali! fez Cecilia, sem levantar os olhos.

E os dous ficaram mudos, de frente um do outro. Ella principiou a coser com mais empenho, porém a agulha tremia-lhe nos dedos.

— Vou escrever ao patrão! disse afinal o marinheiro.

— Vai escrever? exclamou Cecilia, erguendo-se e deixando cahir no chão a costura — Mas o que tem você para dizer ao capitão?! Falle com franqueza!

— Eu vi tudo! explicou seccamente o marinheiro.

— E porque então não veio ao meu soccorro?! Se soubesse o serviço que me teria prestado!

— Como?! O serviço?! Vocemecê então não estava por seu gosto a aturar aquelle sujeito de hontem?!

— Oh! Deus sabe porque o aturei!

— Mas o que é?!

— Infelizmente não lhe posso dizer nada! Mas juro-lhe que sou incapaz de faltaraos meus deveres de esposa!

— E consente que um homem penetre fóra d'horas em sua casa, patrôa?! Ah! Isso não se faz!

— Em minha casa, não!

— Mas no seu jardim!

— Oh! não me crimine por amor de Deus! Juro-lhe que não sou culpada!

— Sim! eu acredito, mas...

— As apparencias accusam-me, bem sei! porém, repito-lhe que sou incapaz de enganar meu marido.

— Que quer dizer então a visita d'aquelle homem?! Desculpe vocemecê, mas eu tenho de dar contas ao commandante! Não! lá o que está a minha confiança ha de ser vigiado. Si aquelle sujeito é um velhaco, eu o afasto com dois murros; si elle aqui veio autorisado pela dona da casa, então é com ella que me tenho de haver!

— O que quer dizer você?

— Quer dizer que eu aqui represento a pessoa de meu patrão? Se elle é atraído, tenha vocemecê paciencia, mas eu o vingo.

— Uma ameaça?! Mas...

— Não tem mais, nem menos! E' pôr em pratos limpos o que ha! Cartas na mesa! Ou então faça justiça a meu modo.

— Meu Deus! exclamou Cecilia, segurando a cabeça. — Que humilhação! Que vergonha! E, vendo que o marinheiro parecia firme nas suas ameaças, precourou abrandal-o com

ternura. — Mas, Tubarão, reflecta, lembre-se que ha cousas, segredos, que se não podem contar assim tão facilmente!

— Uma mulher honesta não tem segredos para seu marido!

— E se fôr um segredo, que venha do tempo em que eu ainda não era casada?! Acaso podem agora responsabilisar-me por elle?

— Conforme!... Respondeu Tubarão na sua calma inalteravel. Em todo caso não admitto que se engane o meu commandante! Si vocemecê não me quer dizer o que ha, Pedro Ruivo m'o ha de dizer.

— Ah! Exclamou Cecilia, empallidecendo. Estou perdida! Sabe tudo! Murmurou ella consigo.

— O que ha entre o Ruivo e vocemecê, D. Cecilia?!

— Oh! Se sabe tudo, não me obrigue a corar em sua presença! Poupe-me essa vergonha!

O pequenito levantára-se attrahido por aquella scena e olhava espantado para Tubarão.

— Eu não sei cousa alguma! Vocemecê m'o dirá!

— O' meu Deus! Mas o que quer que lhe diga?!

— Quero que me falle com franqueza ou eu communico o que sei ao commandante. Se vocemecê fôr innocente, eu não lhe farei mal algum... Póde ficar descansada.

— E jura-me, Tubarão, que, se eu lhe provar minha innocencia, posso contar com o seu auxilio para fugir á perseguição de Pedro Ruivo?

— Palavra de marinheiro!

— Nesse caso vou contar-lhe tudo.

E Cecilia narrou francamente os factos de sua vida, já sabidos pelo leitor. Tubarão ouviu-os com inte-

resse, e terminada a narração corriam-lhe as lagrimas dos olhos — com mil raios! exclamou elle afinal — ha muito homem ruim n'este mundo!

. E tendo reflectido um instante, perguntou se Gregorio não era então filho do commandante.

— Não! respondeu Cecilia — não é.

— Raios me partam! que não sei o que faça! A senhora devia ter declarado isso logo, no momento de se casar.

— Faltou-me a coragem, meu amigo.

— Agora, ou hei de mentir ao patrão, ou tenho de accusal-a, o que de veras me faz pena, porque no fim de contas todo o culpado é aquelle maroto. Ah! Elle é que devia receber uma boa lição. E ha de recebel-a ou eu não sou quem sou!

Cecilia, quando o Tubarão se despedio, recolheu-se ao quarto muito incommodada. A' noite appareceram-lhe febres, e no dia seguinte não se pôde levantar da cama.

Entretanto o marinheiro em balde procurou encontrar-se com Pedro Ruivo. Este nem só faltára a entrevista de que fallaram os dous homens da taverna, como não apparecia em parte alguma; só no fim de quinze dias constou que elle já não estava no Porto.

— O velhaco parece que adivinhou! disse comsigo o Tubarão, e adiou para mais tarde o que reservava para o Ruivo. — Mas não pôde ficar tranquillo; Cecilia, continuava doente, desde o dia em que o rude marinheiro forçou-a a contar a historia de sua falta.

— Fui um bruto! considerava o pobre Tubarão, no meio de seus remor-

ros—devia ter feito a cousa de outro modo. — Fui logo as do cabo! arre!

E para penitenciar a falta que commettera, desfazia-se em desvelos com a enferma.

A molestia, porém, não cedia, e o medico de Cecilia principiava a desanimar.

Assim correram dois mezes e meio, até que a chegada inesperada do commandante veio transtornar completamente a situação. Leão Vermelho trazia comsigo uma carta anonyma em que lhe patenteavam as culpas da mulher. Pedro Ruivo cumprira a sua promessa, Cecilia estava denunciada. O commandante, que vivia já sobre desconfiado com a primeira carta, surprehendida nas mãos da esposa, acabou por se julgar trahido e ultrajado; principalmente á vista dos sobresaltos da accusada, quando ouviu fallar do crime de que era suspeita, e a vista dos embaraços de Tubarão, quando o amo o interrogou sobre o que se passára com Cecilia na sua ausencia.

— E's um canalha! Bradou-lhe o commandante, quando percebeu que Tubarão não lhe contava tudo o que sabia.

— Serei, com mil raios! Mas não abro a bocca para dizer uma palavra!

— E's então o cúmplice d'aquella miseravel?!

— Não! Sou o cão, que lhe guarda a porta. Ninguem entra alli para fazer-lhe mal!

Ouviu-se então uma gargalhada estranha. E o vulto de Cecilia, pallido e transformado, assomou á porta de seu quarto.

Parecia vir da sepultura.

XXXI

DISSOLUÇÃO

Leão Vermelho recuou assustado, e Tubarão olhou com grande espanto para a figura esqualida, que se acabava de delinear na porta do quarto.

Cecilia parecia um espectro: a magreza extrema seccára-lhe as feições e bebera-lhe as côres provocadoras do rosto; os olhos jogavam sinistramente dentro de suas cavadas orbitas, na travessa inconsciencia da loucura; os dentes arreganhavam-se com o riso indifferente da caveira, arregoando as pelles empobrecidas da face; os cabellos, cerosos e sem brilho, cahiam-lhe desgrenhadamente pelo rosto e pelas costas, dando-lhe a expressão phantastica de uma furia de Goya; o peito, despojado pela molestia, apparecia na sua profunda pallidez, por entre os rasgões da camisa, e os braços esqueleticos mexiam-se vagarosamente, quasi sem força para supportar o proprio pezo.

Os dous homens sentiram-se atterrados á vista d'aquella apparição incesperada. O pequenino, ao encarar com o medonho espectro da mãe, abriu a chorar de medo e a segurar-se nas pernas do marujo.

Cecilia, entretanto, continuava a rir estranhamente e a fazer para os dous momices inintelligiveis. O marinheiro cobriu o rosto com as mãos e abafou os soluços; só se lhe via arfar o largo peito, debaixo das grossas barbas rociadas pelo pranto. O commandante, passeiava os olhos de um para o outro, como se lhes

perguntasse comsigo o que haviam feito de sua felicidade, de sua familia e de sua consolação. Depois apoiou-se á parede e caminhou tropeçadamente para o quarto; o pequenito quiz acompanhá-lo, mas elle o desviou com a mão, sem voltar o rosto.

Cecilia apontou para o filho esoltou uma nova risada. Então o marinheiro abaixou-se, tomou no collo a criança e começou a ameigá-la, como fazia d'antes nos tempos mais felizes; Gregorio só se consolou de todo com a promessa de que o marujo lhe contaria a historia da serêa, que furtava os meninos endiabrados. Mas o pobre homem tinha de interromper de vez em quando a sua narrativa, porque um aspero novello tomara-lhe a voz na garganta.

— Você está chorando? perguntou o pequeno, muito admirado.

— E' que tenho pena dos meninos que a sereia carrega...

— Coitadinhos! disse o pequeno, muito interessado na historia, e pediu ao marujo que lhe cantasse uma certa moda de que elle gostava muito.

— Não! hoje não se canta!

Mas o pequeno insistiu, chorou; e o marinheiro afinal, para não ser ouvido pela patrôa, carregou com elle para aquelle terraço, a que nos referimos no capitulo vinte e um, e principiou a cantar a mesma toada com que procurava antigamente distrahir Cecilia.

A voz rude e grossa tremia-lhe na garganta, com um forte sentimento melancolico, que lhe emprestavam as commoções desse dia. O pequenito, assentado ao collo do marujo, olhava para elle, embebido naquella toada

monotona, com que tantas vezes adormecera.

Quando Tubarão acabou soluçando a ultima estrophe de sua cantiga, reparou que perto de si estava a louca, que ali viera attrahida por uma vaga reminiscencia das suas tardes de verão. Elle tambem chorava, mas o seu pranto era alheio e estranho como o seu riso.

Veio o medico mais tarde e declarou que a doente precisava sahir d'aquella casa para se poder tratar. Tubarão não sabia o que havia de fazer, procurou fallar ao amo, mas este soltára-lhe um formidavel grito e recommendára que o deixassem em paz. Depois tornou a fechar a porta do quarto e não appareceu a ninguem mais n'esse dia.

Em taes apuros sahiu de casa o marinheiro para providenciar sobre o que mais urgia; quando, ao dobrar uma esquina, dá cara a cara com Margarida, que passeiava pelo braço do marido.

— E' o Tubarão! Exclamou o conde, quando o marinheiro aproximou-se d'elle.

— Creio que sim! Porque eu mesmo já não sei por onde anda o meu pobre bestunto!

— Você já não mora em companhia de Cecilia? Perguntou Margarida.

— Pois é por causa d'ella mesmo que estou n'esta dobadura.

E o marinheiro em poucas palavras contou o que havia.

— Conde! Depressa, gritou a boa senhora—corramos a soccorrer a pobre Cecilia! O conde deu-lhe o braço e seguiram todos para a casa de Leão Vermelho.

Margarida havia chegado na ves-

pera ao Porto, e tinha de partir d'ahi a tres dias.

O medico aconselhára ao marido que a fizesse viajar, e o conde, que adorava a mulher, tremia só com a idéa de que a ella voltassem os antigos padecimentos.

Mas d'esta vez era necessario um clima mais quente, e, como Margarida não se dava bem com os ares da Italia, ficara resolvido que o venturoso casal se passaria para o Brazil.

O conde chamou um carro que passava na occasião, e d'ahi a pouco eram conduzidos pelo marujo ao lado da louca. Cecilia não os reconheceu, ou pelo menos não mostrou o menor interesse em tornar a vê-los. Leão Vermelho atirou-se nos braços do amigo, e então desabafou em lagrimas o desgosto que se lhe havia accumulado no coração — Sou um desgraçado! disse elle, com a cabeça no peito do conde — imaginei que o casamento me traria a paz da velleice e a consolação para as injustiças que recebi de toda parte, quando elle só servio para me acarretar novos dissabores e para me amargar de todo a existencia.

O conde interrogou por varios modos o commandante, mas este não lhe quiz dar explicações. Ficou decidido que Cecilia entraria para uma casa de alienados e passaria, quando melhorasse, para o convento de Santa Clara; e quanto a Gregorio a condessa o reclamou para si e encarregou-se de educal-o.

D'ahi a tres dias estava tudo prompto. O conde seguia com a esposa e o pequenito para o Brazil, e Leão Vermelho, acompanhado de seu fiel marinheiro, tomava passagem para as Antilhas hespanholas, onde tencio-

nava especular com um fornecimento de tabaco, que trouxera da Bahia.

Gregorio demorou-se tres annos em poder da condessa, e durante este tempo recebeu a mais desvelada educação que se podia proporcionar a um filho querido. Margarida tomou-lhe verdadeira affeição e só consentiu em separar-se d'elle, quando deu á luz a unica filha que teve, Maria Luiza, aquella bella menina loura, que no capitulo quarto costurava á luz do candieiro de alabastro no palacete da Tijuca.

Gregorio passou então para o collegio do barão de Totœpheus, onde cursou os seus primeiros estudos. A condessa, mal se convalesceu do parto, voltou com o marido á Portugal, deixando tomadas todas as providencias necessarias para que no Brazil nada faltasse ao filho adoptivo, o qual foi recommendado particularmente a uma sua amiga, D. Florentina de Aguiar.

E agora, que Gregorio está aboletado perfeitamente no collegio, com o seu bello enxoval de roupas brancas, os seus livros novos, a sua cama de ferro, a sua mesinha de cedro, a sua pequenina estante de madeira pintada, deixemos que elle se desenvolva e prepare, para entrar mais tarde nas scenas que o esperam no correr d'este máu romance. Por enquanto vamos acompanhar o Leão Vermelho, cuja vida transcendente tem de explicar muito dos episodios occorridos nos passados capitulos e muitos dos episodios ainda não conhecidos do leitor.

Bem! Agora podemos proseguir:

Leão Vermelho pouco tempo se demorou pelas Antilhas; percorreu Cuba e Porto Seguro; foi feliz no

seu commercio de tabaco, e tentou alargal-o, entregando-se a novas especulações.

Os desgostos de familia, a ausencia do amor, a falta absoluta de alquem a quem elle se dedicasse de coração, deram-lhe ao character esse espirito ganancioso, que se nota principalmente nos judeus desmanados e nos padres catholicos, a quem as leis canonicas prohibem constituir o lar, a dedicação e a sociabilidade.

Mas o pai official de Gregorio tinha a boça do amor e tinha innegavel queda para fazer familia.

E a prova disso terá o leitor d'aqui a pouco.

Dissemos que elle se lembrara de ampliar as suas especulações, e acrescentamos agora que Leão Vermelho não poderia encontrar melhor epoca para pôr em pratica tal resolução.

A guerra do Paraguay estava no seu apogeu; os commissarios de todos os matizes enriqueciam da noite para o dia; chegar ao Paraguay com um carregamento de viveres e objectos de uso vulgar, era ter como certo o valor d'esses objectos dobrado vinte vezes a peso de ouro.

Leão Vermelho fez um grande carregamento com todo o dinheiro que ganhara nas Antilhas, e resolveu seguir para o Rio da Prata.

XXXII

CAPITULO RUIM

Leão Vermelho teve de demorar-se no Rio de Janeiro mais tempo do que contava, porque fôra acommettido de febre amarella. Morava para as bandas de Catumbý, n'uma casa de pensão, dirigida por uma viuva ainda moça. Foi esta quem se encar-

regou de o tratar, e com tanto empenho dedicou-se á similhante tarefa, que o capitão, ao convallecer da febre, havia adoecido de uma outra enfermidade, cujos linitivos só a propria enfermeira lh'os podia ministrar.

E ministrou-os. Não a medir suvinamente as doses, como fazem os medicos, mas a franqueal-as liberalmente, como se quizesse utilizar as suas drogas, que se iam disvirtuando sem aproveitar a ninguem. De sorte que o Leão Vermelho, ao partir para o Rio da Prata, já levava saudades da côrte e sentia-se já perfeitamente consolado de suas primeiras adversidades conjugaes.

Os resentimentos desapareceram afinal, mas as saudades foram avultando de tal fôrma, que o commissario acabou por acreditar que não poderia mais dispensar a consoladora companhia da viuva. Isso mesmo deixava elle provado no calor de suas cartas e no interesse que punha nas suas palavras, sempre que fallava em voltar para a casa de pensão da Sra. D. Henriqueta dos Santos. Esta pelo seu lado não podia deixar de ter na memoria o querido hospede, porque Leão Vermelho fazia-se representar na ausencia por um phenomeno pathologico muito conhecido, que ia roubando á viuva uma grande parte da elegancia, e dando á sua cintura uma certa dilatação suspeita.

Quando, um anno depois, o commissario voltou ao Rio de Janeiro, em vez de ser recebido simplesmente pelos dous bellos braços carnudos de Henriqueta, foi tambem recebido por mais outros dous, não tão provocadores e tão carnudos, porém talvez

mais bellos e mais adoraveis — eram os bracinhos de uma filha.

O leitor não precisará fazer um grande esforço de intelligencia para adivinhar que essa criança é Clorinda, a formosa creatura, que havia de mais tarde cahir nas graças do nosso Gregorio.

Leão Vermelho continuava a prosperar; as especulações do Paraguay enchiam-lhe fartamente as algibeiras.

D. Henriqueta desfez a casa de pensão, e d'ella conservou sómente uma velha amiga de muitos annos — D. Januaria. D'esse modo não só cumpria um dever de gratidão para com a pobre senhora, que fôra por longo tempo o seu braço direito, como tambem evitava ficar só com a filhinha, durante as repetidas viagens de seu homem.

O commissario comprou uma confortavel casinha no Campo de Sant'Anna, preparou-a com o talento dos homens dados á familia, e dispoz-se a encontrar n'esse modesto refugio a paz e a felicidade, que não conseguiu gosar nos braços de sua legitima esposa.

Clorinda foi baptisada muito modestamente; convidou-se para padrinho um rapaz da visinhança que já em algum tempo fôra pensionista de Henriqueta — o Portella; bello moço do commercio, pacifico e de bons costumes.

Diziam d'elle cousas muito boas, e entre os da mesma classe passara por espirito claro e vantajosamente cultivado. Foi d'esse padrinho que brotou aquelle pretencioso commendador, com quem travámos conhecimento desde o primeiro capitulo. Portella sempre tivera comsigo a ponti-

nha do pedantismo. Já n'aquelle tempo, si bem que os meios lhe não permitissem ablaquear grande figura já gostava elle de empinar o nariz e de omittir opinião sobre assumptos de sua ignorancia.

Para madrinha convidou-se quem era de esperar—D. Januaria. A boa senhora morria de amores pela filhinha da amiga, e pareceu muito satisfeita com o convite.

Foi tudo muito bem.

Leão Vermelho, ainda não saciado, voltou ao campo de suas especulações e, ao que parece, não com menor fortuna do que da primeira vez, porque ao voltar agora tratou de desenvolver a sua casa, cercou-se de uma certa opulencia, abriu a porta a umas tantas pessoas de consideração, e procurou estender as suas relações pelo que havia de melhor na sociedade.

O diabo era o facto de não ser casado, ou por outra—de ser já casado, e não poder justificar as suas relações com Henriqueta e apresental-a limpamente nos salões, que se abriam em torno d'elle.

Entretanto ninguem no Brazil parecia estar a par de seu casamento em Portugal, e elle proprio ia jurar que Ceecilia havia já morrido no tal convento a que se recolhera — Pois se nunca mais lhe constou a menor noticia a respeito da pobre louca !...

Sob esta impressão recebeu a noticia de que acabava de morrer em Minas Geraes um tio materno de Henriqueta, de quem nem a propria sobrinha se lembrava. Nada menos que uma herança de cem contos de réis.

Este facto o resolveu a contrahir casamento com Henriqueta e partir

depois em companhia d'ella para o logar onde tinha de receber o legado ; mas a fortuna, que até ahi não o desamparára, entendeu d'essa vez virar-lhe as costas. O tio de Henriqueta deixára alguns parentes afastados ; esses parentes cobicaram tambem o dinheiro do defunto e trataram de guerrear a pretensão da sobrinha. Leão Vermelho foi perseguido ; os inimigos, no furor de o prejudicarem, descobriram a sua bigamia, e levaram o escandalo para a imprensa e mais tarde para os tribunales. O commissario, desesperado com similhante perseguição, deixa a provincia e, sendo perseguido igualmente no Rio de Janeiro, fugiu para Buenos-Ayres. A mulher, a filha e D. Januaria ficaram na eôrte.

Definitivamente a estrella do pobre Leão Vermelho principiava de novo a assombrar-se, porque pouco depois de sua partida, Henriqueta fallecia sobre um parto máu e prematuro.

Comtudo as perseguições continuaram, e Leão Vermelho resolveu voltar á patria e reclamar depois a filha para a sua companhia. Constou então que elle havia morrido e os inimigos apaziguaram-se por uma vez. Clorinda ficára em companhia da madrinha—D. Januaria, que desde então principiou a servir-lhe de mãe. Foi n'essas condições que a encontramos já mulher no primeiro capitulo, a vestir-se para o casamento de Gregorio. O pae fazia chegar mysteriosamente ás mãos de Januaria uma mezada, que chegava perfeitamente para ella e Clorinda. O leitor sabe já o effeito da suspensão d'essa mezada, o que representa a morte do commissario. Mas o que ainda não dissemos, e o que o leitor talvez

tenha vontade de saber, é o que foi feito da Tubarão, e quaes são as circumstancias que o collocaram mais tarde ao lado de Talha-certo e o envolveram afinal no crime da casa Paulo Cordeiro.

E' justo. Vejamos !

O marinheiro acompanhou o amo ao Paraguay e por ordem d'elle ahi ficou para o secundar nos seus negocios. Depois, com a segunda viagem de Leão Vermelho, ultimaram-se as especulações e o marujo conseguiu encartar-se á bordo de um navio brasileiro. Só voltou á côrte com o fim da guerra e passou então a trabalhar como calafate no arsenal de marinha. Nesse estado é que o encontramos no café da menina do bandido.

Sabe agora o leitor a verdadeira causa do espanto e talvez da alegria do Tubarão ao ouvir dizer pelo *Talha certo* que Pedro Ruivo estava no Rio de Janeiro. O marinheiro nunca perdoara o que elle fizera a Cecilia e aguardava ainda com o mesmo empenho um seguro momento de vingar a sua querida ama. Falta ainda ao leitor saber um outro ponto: as relações que existem entre o commendador Portella e o tal Ruivo; relações essas, que, a julgarmos pelo capitulo XX, emplicam com uns certos documentos, que parecem desfavoraveis ao commendador e que supponmos em poder do Ruivo.

Vamos a isso:

XXXIII

PERDIDO

E' tempo de accentuarmos melhor o typo de Pedro Ruivo, cujo desenho

foi até agora apenas esboçado por alguns factos de sua vida.

Ruivo era uma d'essas figuras dúbidas, das quaes é muito difficil determinar o character, as intenções e a idade, sómente pelas apparencias physicas. A expressão de sua physionomia variava conforme a situação; as vezes nadavam-lhe os olhos em um mar de ternura, as vezes scintilavam de esperteza e ganancia, as vezes amorteciam indifferentes e des-trahidos. E todo o rosto acompanhava essa gymnastica, fazendo-se, ora compassivo, ora carrancudo, ora imbecil. A tez tão facilmente apparecia corada e lustrosa, como se tornava pallida e baça; os labios mexiam-se de mil modos e davam á bocca todas as expressões da dor, da alegria, da maldade, do heroismo e do egoismo. Só um traço se conservava fiel aos seus labios—era um certo arquear do canto da bocca, como se nota em geral nos velhos comicos, habituados ao falso riso.

Pedro Ruivo talvez dêsse um bom actor. Ninguem como elle governava tão despoticamente a physionomia, e ninguem sabia conduzir as inflexões da voz com tanta arte e com tanta felicidade. Quando queria enganar alguém, percorria o diapasão de sua voz, com o talento e com a facilidade com que o Cardoso de Menezes percorre o teclado de qualquer piano. E d'ahi então, como este, arrancava a seu bel-prazer os tons maviosos, os queixumes doloridos ou então os gritos indignados, as agudas exclamações de colera, de amor ou de pasmo.

Tudo isto sem o menor esforço, sem o menor estudo. Conhecia por natureza todos os segredos da humil-

dade, da doçura, todos os pequeninos meios de agradar, de abrir os corações e ir penetrando familiarmente por elles, como quem entra em casa.

Entretanto não tinha amigos e era incapaz de fazer qualquer sacrificio por alguém. Sacrificio ?!

— Não era capaz de fazer o menor serviço desinteressado, fosse elle o mais simples deste mundo.

Quando se mostrava indignado defronte de alguma injustiça ou de alguma perversidade, ninguém seria capaz de acreditar o cynico que alli estava; da mesma fórma quando tinha de desaggravar o supposto brio de qualquer offensa, ninguém, pelo seu aspecto resolutivo e vingador, seria capaz de perceber o poltrão que se escondia debaixo d'elle.

Com esses dotes conseguiu sobreviver ao destroço de seus bens e conseguiu inspirar sympathia a muita gente. Logo que empobreceu principiou a tirar partido do jogo; não jogava sem trapacear. Uma noite, justamente no tempo em que elle perseguia a mulher de Leão Vermelho, foi pilhado em uma formidável ladroeira, e teve de fugir do Porto. E' assim que se explica a sua desapareição, quando o marinheiro pretendia passar-lhe as unhas.

Pedro Ruivo conseguiu passar ao Rio de Janeiro. O Brazil sorria-lhe de longe, como um vasto campo onde podia exercer livremente a sua industria de cavalheiro. Começou logo a correr as provincias, já engajado em uma companhia dramatica, como secretario; já á sombra de algum amigo remediado da fortuna; já como *fac totum* de alguma estrella de brilho suspeito. E assim se escoaram dez annos; appareceram-lhe

então os primeiros fios brancos na cabeça.

Ruivo comprehendeu então que havia esbanjado todos os bens com que viera ao mundo, e pensou na regeneração, mas desgraçadamente para elle já era tarde—quem não fórma o seu character até os vinte e cinco annos só por um phenomeno o formará depois d'isso. Desgraçado d'aquelle que chega aos trinta sem poder explicar em que até ahi consumiu a sua actividade e a sua competencia. Desgraçado, porque será fatalmente um homem inutil e sem a dignidade do trabalho; porque nunca mais comprehenderá o que significa a imputabilidade moral; porque nunca poderá constituir familia, formar o seu lar e a sua estabilidade, e com elle uma posição definida no circulo social.

Quando Pedro Ruivo chegou a se convencer d'essa verdade, cahiu em um grande desanimo. Sentia-se cansado de não fazer cousa alguma; a idéa de sua maldade e de sua influencia perversa sobre aquelles com quem conviveu, encheu-lhe o coração de um profundo desgosto envergonhado. Faltaram-lhe as doces consolações do cumprimento do dever, as doces consolações do amor e do sacrificio.

Pensou então no suicidio—a morte appareceu-lhe como apparece a idéa da deserção ao soldado; queria fugir da vida, porque esta se convertera em um fardo difficil de supportar.

Mas não teve animo de morrer; não tinha coragem de separar-se por uma vez d'aquella materia vil, que lhe exigia constantemente o necessario para alimentar-se. Que inferno! considerava elle nos seus mo-

mentos máos, ter de sustentar esta besta!

Era o egoismo que soltava o dó de peito. Pedro Ruivo não se queria incomodar para manter o seu proprio corpo. Tanto se habituara a não se occupar com a humanidade, que acabou por se julgar a si proprio um importuno a quem era preciso fugir. Com a differença que aos outros conseguia elle escapar facilmente, ao passo que contra a sua propria perseguição só na sepultura encontraria guarida.

A existencia tornara-se-lhe um verdadeiro tormento.

Vivia mal alimentado, mal nutrido, as vezes sem casa, sempre sem esperanças e sem alegrias.

A felicidade dos outros atormentava-o de um modo cruel; não podia ver os nedios burguezes passarem pela rua, a rir pelo braço da esposa, ao lado dos filhinhos, com o rosto encharcado de felicidade.

Não podia supportar a presença de um par ditoso, unido pelo amor e abençoado pelo trabalho.

A mulher, esse animal adoravel, que d'antes o levava a commetter tantos desatinos, convertera-se agora, para elle, em uma verdadeira perseguição: quanto mais bella fosse, quanto mais terna, mais digna de ser amada, tanto mais Pedro Ruivo não a podia supportar.

Agora a um beijo prefereria um par de botas, e de bom grado trocava todos os sorrisos feminis do mundo por uma miseravel nota de cinco mil réis. A fome, o máo trato, os vicios e as enfermidades do sangue transformaram-lhe completamente o corpo. Já nada existia d'aquelle typo asseiado e sympathico que vimos passear de

braço dado a Cecilia no domingo, da excursão á quinta. Seus olhos perderam o brilho sensual dos outros tempos, agora deixavam-se engolir somnolentemente pelas palpebras bambas e amortecidas; o nariz, de fino e bem feito que era, transformou-se em um objecto informe, gorduroso, vermelho e cheio de excrescencias; a bocca perdera os dentes e descahira pelo habito do cachimbo; o velho abuso do alcool principiava a reclamar os seus direitos e a sacudir-lhe com *delirium tremens* os membros narcotizados pelo vinho.

Todo elle era inchação, tosse, reumatismo e máos humores. Já não podia tragar o fumo, já não podia beber aguardente sem ficar logo embriagado e tremulo. E, sem roupa, sem dinheiro, sem vontade de viver, escrophuloso, porco, meio idiota, arrastava-se cantarolando pelas tavernas, dormia pelas calçadas, bebia nos chafarizes e pedinchava pelas casas de pasto.

N'este estado, dormitava uma tarde nos bancos do Passeio Publico, quando ouviu perto de si a conversa de dous typos, que fallavam animadamente. Um era o commendador Portella; o outro o leitor reconhecerá depois.

— Mas onde estão os papeis?! perguntou o Portella, chegando a bocca ao ouvido do outro.

— Estão ainda no hotel Caboclo, dentro de minha mala. Eu posso ir buscal-os hoje mesmo e entregal-os ao senhor, comtanto que no acto da entrega o amigo...

— Caia com o continho de réis!... Está dito, póde ficar descansado! Leve-me os papeis e terá o dinheiro!

— Bem, vou então buscar a mala— disse o sujeito ao commendador— E leve-lhe depois os documentos.

— Ou então, olhe! O melhor é seguirmos juntos; vamos lá para casa, e mandaremos buscar a mala por uma pessoa de confiança. Lá saberão entregal-a?

— Isso é o menos. Não tenho outra malazinha de ferro em meu quarto, mas é que ha certos objectos, que não devemos confiar de ninguem.

— Bom! Bom! Volveu o commendador—escusa de desconfiar com a gente! Já cá não está quem fallou. Vá o senhor mesmo buscar a sua mala.

E os dous, depois de conversarem ainda por algum tempo, sahiram vagarosamente do Passeio Publico.. Mas, Pedro Ruivo, que ouvira toda a conversa, havia já disparado com direcção ao hotel do Caboclo.

XXXIV

AVENIDA ESTRELLA

Pedro Ruivo correu para o hotel do Caboclo, e ahi chegado tratou de saber reservadamente como se chamava o hospede, que elle vira a conversar no Passeio Publico com o commendador Portella.

— João Rosa, disseram-lhe. Pedro Ruivo dirigiu-se então ao gerente da casa e explicou-lhe que a pessoa d'aquelle nome mandava que lhe entregassem alli uma pequena caixa de ferro, que estava no seu quarto.

— Vá você mesmo buscal-a, respondeu o gerente—é aquelle o quarto.

E mostrou uma porta no fundo de um corredor sombrio e mal arejado.

— A chave! reclamou Pedro Ruivo.

— A chave? Pois você não a traz? O hospede d'esse quarto nunca a deixa no hotel.

Pedro Ruivo deu aos diabos a sua

caminhada. Queixou-se de João Rosa, do gerente, de si, e afinal desceu muito desapontado as escadas e collocou-se á porta do hotel, para ver se mariscava alguma coisa— Ora bolas! dizia elle comsigo— Quando um diabo dá para ser caipora é isto que se vê!

E reconhecendo João Rosa em um typo que acabava de entrar, apartou-se, receioso de que descobrissem a sua tentativa de ha pouco. Todavia ninguem no hotel attentou para a rapida entrada e a immediata sahida de João Rosa. Elle fôra simplesmente buscar o cofre. Pedro Ruivo estava assentado ao canto, quando o viu passar todo atarefado a sobraçar o tal cofre de ferro.

— Alli vai o meu cofre! Resmungou comsigo o gatuno, e ferido por uma idéa subita, levantou-se rapidamente, tirou o chapéu e perguntou ao Rosa com a sua doce voz de bom homem.

— Oh! patrõesinho! Dê esse caretinho a ganhar á gente! V. S. vai-se ahi a machucar.

João Rosa hesitou a principio por um impulso de sua rigorosa economia, mas julgando bem do pezo do cofre pela má impressão que principiava a sentir nos braços, perguntou ao carregador quanto queria para leval-o até a rua Direita e, depois de ajustar, passou o cofre para as mãos do Ruivo.

Quem viu o modo simples porque este recebeu aquelle objecto; o ar modesto com que elle de pé, esperava humildemente que o outro seguisse caminho, não seria capaz de suspeitar nem de leve das suas intenções.

O Rosa seguiu adiante, Ruivo o acompanhou a pequena distancia.

Mal porém tinham feito uns quarenta passos, e já o ultimo se havia enfiado pela porta de um café, que ficava na esquina, e sahido pela porta da outra rua, emquanto Rosa mais adiante o procurava com a vista.

Pedro Ruivo ganhou a primeira rua da cidade nova, metteu-se no primeiro bond que passou, e seguiu para o Rio Comprido. Só parou de frente da antiga Avenida Estrella. Elle não conhecia ninguem alli, mas o aspecto do logar pareceu-lhe magnifico para um segredo. Entrou.

A Avenida Estrella é uma velha chacara situada ao sopé de umas montanhas que ficam á esquerda de quem sóbe o Rio Comprido. Ha na entrada um grande portão de ferro, talhado entre um extenso gradeamento, onde de espaço a espaço avultam columnas de pedra e cal, quadradas e encimadas por uma especie de tullipa aberta para o céu. Algumas d'essas columnas despiram-se já do estuque e mostram a côr da pedra e a côr do barro; em outras nota-se a ausencia do capitel, e a queda das cimalthas.

Mas quem entra na avenida Estrella esquece-se de tudo isso, arrebatado pela exuberante vegetação que o cerca.

De todos os lados a mesma pujança e a mesma opulencia da natureza. Os montes afogam-se em um oceano de verdura; as arvores amontoam-se de longe, accumuladas uma sobre outras, formando matizes admiraveis e planos, que se vão amortecendo, á proporção que se afastam de nossos olhos; até se confundirem com a violeta das longinquas serras, que, lá no extremo do horisonte, desapparecem por entre os vapores do céu.

Principia a chacara por um renque de palmeiras, que parecem brotar dos massiços cercilhados da murta e das moitas compactas de margaridas. Estes massiços formam pequenas ruas, que se entranham pela chacara e vão dar aos tableiros de hortaliça e as vallas de agrião. Depois é que surge a velha escadaria de pedra rajada, e afinal o casarão antigo, mysterioso e triste, como um castello abandonado da idade média.

Pedro Ruivo enveredou por uma d'aquellas ruas e caminhou atôa por entre a verdura. Quando se julgou em logar seguro, pousou no chão o cofre e principiou a contemplal-o, assentado ao seu lado — O que estaria alli dentro?! — papeis sem duvida! mas papeis que valiam pelo menos um conto de réis para o commendador Portella.

E Pedro Ruivo, sem conseguir domar a fantasia, principiou a fazer soberbos castellos de fortuna, entre os quaes se sonhava nadando em muito dinheiro — Era impossivel que alli só estivessem os taes documentos, que sobressaltavam o commendador! Não, com certeza havia muito mais! O cofre não era tão pequeno! O peor é que Ruivo não o conseguia abrir — as quatro faces lisas d'aquella maldita caixa não apresentavam o menor signal de fechadura, não tinham o menor indicio por onde se devia abrir. Eram quatro laminas de aço, formando um perfeito parallelepipedo. Havia alli com certeza algum segredo subtil, alguma mola, com a qual o gatuno não atinava. E o Ruivo, possuido inteiramente pela sua preza, olhava-a por todos os lados, experimentava-lhe todos os cantos, sem conseguir descobrir cousa alguma.

A noite formou-se de todo. Uma bella noite luminosa, cheia de estrelas. Pedro Ruivo continuava a tatear o cofre, quando de repente sente fugir-lhe debaixo dos dedos a extremidade do angulo de umas das laminas.

— Ah! Disse elle sem poder conter a alegria. Estava tudo descoberto. Tudo, até o proprio Ruivo, porque o seu grito chamára a attenção do hoteleiro, pápa Falconnet, que n'aquella occasião passeiava pela chacara a refazer-se com o fresco da noite.

Papá Falconnet era um bello velho francez de setenta e tantos annos, porém ainda muito senhor de todas as suas faculdades physicas e intellectuaes. Homem de pouca estatura, grosso de hombro, pulsos rijos, cabeça perfeitamente coberta de cabellos grisalhos, curtos e crespos, bigodes e barba á cavaignac. olhos vivos, pescoço reforçado e dentes ainda vigorosos.

E o bom do velho tinha uma certa vaidade com aquella fortaleza. — Pois olhem que não foi porque não aproveitasse bem a minha mocidade! exclamava elle de bom humor, a quem lhe elogiava os seus bellos setenta e dous annos. E affiançava sempre que antes de engolir os trinta e tantos annos que tinha do Rio de Janeiro, já havia grammado vinte em Paris, dez na Belgica e outros dez em Bordeaux, e que durante todo esse periodo, só duas coisas conhecera que verdadeiramente o assombraram: — Era Napoleão Bonaparte e a portentosa natureza do Brazil.

Falconnet nascera sob o imperio napoleonico, palpitava a sua moci-

dade com os dramas agitados do grande corso e nunca mais se pudera fugir á romantica influencia d'esse tempo. Ainda agora, quando alguem lhe fallava de Austerlitz, de Marengo, Ratisbonne ou de outra qualquer victoria do feliz capitão, os olhos do velho hoteleiro enchiam-se de enthusiasmo, a cabeça parecia mais des- empanada, e com um braço no ar principiava elle a cantar o hymno de seu paiz.

Os hospedes tratavam-n'o todos com uma grande liberdade amiga — batiam-lhe nos hombros e perguntavam-lhe como iam seus amores. Falconnet ria, fingia zangar-se, ralhava, mas d'ali a pouco mettia-se na troça com os rapazes e não se lembrava mais de que tinha o triplo da idade de cada um d'elles.

Pois foi esse homem de setenta e tantos annos quem descobriu Pedro Ruivo escondido por entre as arvores da alameda. — O que faz você ali?! perguntou elle approximando-se.

— Estou descansado, disse o gatuno, procurando esconder o cofre.

— Pois venha descansar cá para dentro, aconselhou o velho, approximando-se mais, disfarçadamente.

E quando o Ruivo ia abrir carreira por entre o mato, já o francez ganhára de um salto a distancia que os separava e o empolgava pelos braços. Não foi preciso sustel-o durante muito tempo, porque appareceu logo o hortelão, que estava perto, e pouco depois os hospedes, a cujos ouvidos chegaram os gritos do hoteleiro.

Mas, na occasião em que conduziam Pedro Ruivo para a casa, deu este um arranco das mãos, que n'essa occasião o seguravam, e ganhou o mato, pelo lado das montanhas.

— Não o deixemos fugir! gritou um dos rapazes que o perseguiam.

— Anglada! Augusto! Affonso! Por aqui! Cerquem o gatuno!

E os tres precipitaram-se sobre o encaço de Pedro Ruivo. Se o leitor, em vez de ler simplesmente o que vai escripto, ouvisse tambem o metal da voz que gritou, ficaria sabendo que alli estava Gregorio.

XXXV

FÓRA DE PROPOSITO

Pedro Ruivo continuou a subir de carreira o monte, perseguido e cercado pelos rapazes do hotel. Mas o cofre difficultava-lhe a fuga; as pernas principiavam-lhe a tremer; o cansaço tomava-lhe a respiração; e elle, já sem forças, ia render-se, quando descobriu a gruta. As pessoas que conhecem a Avenida Estrella sabem a que gruta nos referimos.

Pedro Ruivo escondeu alli, rapidamente, o cofre em um canto sombrio. Era tempo, porque caliu logo prostrado, sem poder articular uma palavra. A idéa, porém, de que sua presença n'esse lugar podia encaminhar a attenção para o objecto que elle acabava de esconder, obrigou-o a afastar-se com difficultade, até chegar a um ponto, onde se assentou á espera dos perseguidores.

Gregorio, que ia á frente dos outros rapazes, ao ver a calma do perseguido e o ar triste de miseria e fraqueza, espalhado em todo elle, não pôde conter uma desagradavel impressão de vergonha.—Pois era para perseguir aquelle desgraçado, que se fazia tanto alarme?!...

— Não se fie muito! sentenciou o Anglada, a endireitar as lunetas, que lhe haviam escorregado no furor da carreira. O Augusto e o Affonso tomaram a deliberação de encarar o episodio pelo lado ridiculo, e abriram a rir ao mesmo tempo.

Entretanto Gregorio approximou-se do gatuno e olhou-o com muito interesse. A figura artisticamente contristadora de Pedro Ruivo enchia-o de estranha compaixão. Sem saber porque, sentia-se attrahido para aquelle destroço de homem, que lhe apparecia alli inesperadamente, como se lhe quizesse dar uma idéa da mingoa e da obscura necessidade que iam lá por fóra.

Não julgue o leitor que pretendemos fallar da voz do sangue. Longe de nós semelhante intenção. Seria isso inteiramente contrario aos nossos principios de respeito á verdade; o que devemos patentear é o espirito romanesco de Gregorio, sempre propenso á contemplação mystica de certos phenomenos psychologicos. Pedro Ruivo apresentava-se a sua imaginação por um prisma phantastico.

E com effeito muito havia de interessante e quasi sobrenatural n'aquella figura, ao mesmo tempo insinuante e repulsiva. Parecia que duas individualidades, completamente contradictorias, se tinham combinado para produzir o mesmo typo. A profunda expressão melancolica dos olhos amortecidos de Pedro Ruivo, o pungente sorrir de seus labios arroxeados, a calma reflectida de sua larga fronte despojada de cabellos, contrastavam com as outras feições constituintes de sua personalidade. A extincta pratica das salas,

o habito de tratar com pessoas finas, dera-lhe esse geito particular dos homens de educação, que sempre conservamos, mesmo depois de percorrermos toda a escala das depravações.

Pedro Ruivo tambem tivera mãe, tambem bebera com o leite a delicada sensibilidade feminina, a doce ternura materna, que uma vez infiltradas em nossa alma tem de influenciar em toda nossa existencia. Estranho phenomeno do primeiro amor que recebemos no berço, quando ainda não attingimos a comprehensão das cousas que nos cercam. Quem poderia acreditar que um beijo, uma ternura, uma phrase meiga e amorosa, balbuciada na sombra ignorada da alcova em que nascemos, tivesse de governar e dirigir mais tarde todos os nossos actos e todos os nossos sentimentos? Quem poderia conceber a idéa d'esse poder mysterioso, d'essa lei incomprehensivel que determina as faculdades de nosso character e todos os defeitos, todas as virtudes, e todas as manifestações de nosso coração?

O salteador, o bandido, que jámais conheceu os carinhos maternos, será fatalmente insensivel a tudo e inabalavel ás scenas mais pungentes das desgraças humanas; não, porém, o malfeitor, que ouviu no berço as doces canções de sua mãe, aquelle que em pequenino adormeceu ouvindo a musica inimitavel dos beijos, aquelle que respirou o perfume de um peito entumecido de leite, aquelle que foi penetrado pela tepidez confortadora de um seio materno, esse encontrará na mais dura situação de sua vida, no ultimo degráo de seus vicios a no ta dolorosa e ao mesmo

tempo consoladora, que lhe parecia extincta no coração, mas que de facto havia apenas adormecido.

Gregorio fazia considerações d'esta ordem ao contemplar a figura scismadora de Pedro Ruivo. Não teve vontade de rir, como os outros rapazes; ao contrario, levado pelo sentimentalismo de seu temperamento, toda a sua vontade foi de penetrar na intimidade do vulto mysterioso que tinha defronte dos olhos e procurar arrancar-lhe qualquer revelação, que lhe dissesse o que ia por aquella alma.

— Com effeito! considerava elle— o que não haverá de extraordinario na vida d'este homem?! Que estranhas circumstancias não o teriam arremeçado a este extremo de miseria e de indifferença?! O que não lhe teria succedido para o conduzir a todo este aviltamento?! Será simplesmente um gatuno?! Será um libertino?! Ou será uma victima de mil infortunios?!

Já tivemos occasião de fallar ao leitor do talento com que Pedro Ruivo armava a expressão de sua phisionomia e o provcito que elle sabia tirar d'esse talento. Não sabemos todavia se isso parecerá fóra do natural, mas o que podemos afiançar é que tal propriedade existe em certos homens, e que Gregorio, ou fosse por um proprio impulso de seu temperamento, ou fosse por qualquer outro motivo, sentiu-se summamente interessado pelo homem a quem ha pouco perseguia. Tanto que, depois de encaral-o por meia hora, perguntou-lhe amigavelmente o que elle viera fazer alli.

Pedro Ruivo sacudiu os hombros.

— Em que se occupa o senhor? Onde mora? Perguntou Gregorio.

— Eu não me occupo e não moro, respondeu o gatuno.

— E então como o vive ? insistiu o rapaz.

— Não vivo, respondeu o outro, com um accento de profunda tristeza.

— E porque não procura trabalhar? Porque não se occupa em qualquer serviço ?

— Porque me falta a coragem para isso. Eu sou um desgraçado. Estou completamente perdido !

— Entretanto não me parece um homem sem habilitações.

— Ah ! isso são modos de ver. Todo o homem tem habilitações, desde que se dispõe a isso. Eu podia dar um bom saltimbanco, mas o maldito rheumatismo não me deixa ser senhor de minhas pernas.

— Mas por que não se arranja ahi em qualquer cousa ? Hoje no Rio de Janeiro é muito facil ganhar a vida.

— Espero tirar um premio na loteria.

— Não tem parentes ?

— Tenho.

— Ah !

— Mas estão mortos.

Pergunto-lhe si tem algum vivo.

— Tambem tenho d'isso. Tenho um filho.

— Ah !

Tem um filho ?... E o que é feito d'elle ?

— Não sei.

— E o que mais tem além d'esse filho ?

— Uma fome devoradora. Ha trinta e tantas horas que não como.

— Pois venha para cá. Vou dar-lhe o que comer.

— Obrigado, disse Pedro Ruivo, levantando-se disposto a acompanhar Gregorio.

E d'ahi a pouco entravam os dous no hotel, seguidos dos outros rapazes, que já lá haviam chegado.

O typo miseravel de Pedro Ruivo causou nos hospedes uma terrivel impressão. O gatuno desafinava desastradamente com o character socegado e burguezmente confortavel da casa do papá Falconnet.

Vieram logo todos os de casa para a sala em que estava Pedro Ruivo.

O velho havia já referido os pormenores de seu encontro na chacara, e, como de costume, exaggerara um pouco as circumstancias do facto. Principiou-se a coxixar sobre o recém-chegado e ninguem parecia disposto a perdoar a exquiritice de Gregorio, recolhendo á casa um vagabundo, desprezível por todos os motivos.

Todavia Gregorio ordenou que dessem de comer a Pedro Ruivo e voltou á sala para a palestra.

N'essa occasião acabára de chegar o padre Almeida.

XXXVI

ENTRE MENINO E HOMEM

O padre Almeida era um homem forte, sanguineo, cheio de gestos largos, que diziam muito bem com a sua ruidosa voz de baixo profundo. Nascera em Portugal, mas na educação entrara-lhe algum elemento italiano e francez, que o faziam talvez menos espirital, porém com certeza mais expansivo e sociavel.

Não gostava de hypocrisias, contava lealmente as escapulas que fazia do estreito circulo de sua fé, e não tinha pelos maçons, pelos positivistas e pelos atheos o odio ridiculo que costumam ter os padres vulgares.

Conversando em plena sociedade era um perfeito *gentleman*, entre rapazes era simplesmente uma boa perna da palestra. No seu modo de vestir, no uso de seu cigarro, nas suas partidas de bilhar, na escolha de suas joias, era tão franco como no seu modo de fallar.

A' noite formava-se a roda em casa do papá Falconnet, e o demonio do padre não ficava calado um só instante, e fazia rebentar boas risadas em torno de suas pilherias e de seus repentes.

Estas miravam quasi sempre o jovial dono da casa, ou a sua não menos jovial esposa, que as ouvia tranquillamente, com um pequeno riso de mófa — Está sempre disposto a brincar! Dizia ella afinal, sacodindo os hombros.

E afastava-se logo, saracoteando a sua vigorosa corpulencia, na preocupação dos arranjos da casa.

Além de Gregorio foi esse o unico hospede que attentára mais fixamente para Pedro Ruivo. O habito de estudar os homens pelo lado sentimental da fé, a longa pratica de certos mysterios religiosos, que se acham articulados com todos os mysterios da alma, a experiencia das miserias da carne e das miserias do espirito, adquirida obscuramente no segredo do confissionario, deram-lhe a singular propriedade de penetrar subtilmente nos corações alheios, e de ler nas physionomias como se ellas fossem livros abertos defronte de seus olhos.

Pedro Ruivo foi conduzido para a cosinha, onde lhe deram o que ceiar. O padre o observava á certa distancia. Terminada a refeição o vagabundo veio a sala agradecer o obsequio que

lhe fizeram e pedir licença para se retirar.

— Este homem commetteu hoje um crime, disse o padre seccamente com a sua voz mascula de baixo. Pedro Ruivo estremeceu e olhou energeticamente para elle. A physionomia do gatuno havia tomado a expressão conveniente para a occasião.

— Juro-o! sustentou o padre.

— E que o leva a avançar semelhante cousa?! perguntou o Ruivo, apertando os olhos e cruzando os braços.

— Sua cara, respondeu o interrogado, sem pestanejar.

— Foi para isto que me conduziram aqui?! Antes m'o tivessem dito, porque não teria vindo.

— Este homem roubou, accrescentou o padre — E o fructo de seu roubo está escondido na gruta.

— Ah! bradou o gatuno, saltando para a porta, enquanto os outros repetiam estupefactos as ultimas palavras do padre.

Não sabiam que este, logo ao entrar em casa, pedira ao papá Falconnet informações a respeito dos factos concernentes ao homem suspeito, que acabava de ser introduzido no hotel, e por elles tirara a lucida consequencia, que tanto assombrava Pedro Ruivo.

O gatuno, ao perceber-se denunciado, fugiu sem dar tempo a que o agarrassem, e precipitou-se pelos fundos da casa, em direcção á gruta.

— Prendam-n'o! gritou o padre, avançando; mas todos os esforços foram baldados, porque Pedro Ruivo ganhara a cliacara e desaparecera pelas sombras da floresta, que principiava á pequena distancia. Gregorio recolheu-se ao quarto, enver-

gonhado de ter protegido um gatuno d'aquella ordem.

Elle alli no hotel sempre fôra muito estimado de todos, se bem que para alguns passasse, debaixo do ponto de vista politico e social, por um simples visionario. Gregorio, como todo o brasileiro da idade que elle contava n'essa occasião, e que escapou á desgraça de ser atrophiado por algum pai nescio e caturra, tinha as suas convicções republicanas e enthusiasmava-se loucamente por tudo que dissesse respeito a liberdade. Inteligente e brioso não podia pactuar com a idéa do servilismo e da escravidão. Comtudo sabia governar perfeitamente o seu temperamento e passava por moço socegado e comedido. Morava ha dois annos na Avenida, e durante esse tempo ninguem tivera nada que dizer de seu procedimento. Nunca o viram se exceder nas libações do jantar, nunca o viram apoquentar com sorrisos intensionados e com olhares exigentes ás raras mulheres que por lá appareciam; e, se dermos credito ao proprio dono da casa, Gregorio levava o seu puritanismo ao ponto de nunca haver, (por acaso, bem entendido), dado algum encontrão na criada, que aliás era uma moçoila das ilhas, corada como um pecego maduro e rija como um pecego verde.

E cremos que as cousas continuariam eternamente n'esse pé, se o mesmo acaso, que nunca o quiz fazer abalroar com a rapariga côr de pecego, não se lembrasse de arrastar até a socegada Avenida Estrella, um formoso lyrio cor de neve, doce e melancolico como um suspiro de amor.

Mas não precipitemos os aconteci-

mentos, ainda nos falta dizer o que foi feito de nosso heroe, depois que no capitulo XXXI o deixamos perfeitamente aboletado no collegio do barão de Totœpheus.

Gregorio chegou aos quinze annos com muito boa disposição de corpo e não menos aproveitamento intellectual. Os cuidados immediatos de D. Florentina e os desvellos, não menos valiosos, que de longe lhe enviava a condessa, foram-lhe de grande valimento. Mas até ali nunca recebera elle de quem quer que fosse algum esclarecimento lucido a respeito de seus antecedentes, nem a respeito das pessoas a quem devia sua educação. Ia quasi sempre passar os domingos em companhia de D. Florentina de Aguiar, mas a respeito d'esta sabia apenas que não era seu filho e ignorava completamente que especie de relações havia entre ella e elle, e quaes as razões que a faziam tanto se incomodar por sua causa,

As coisas neste ponto, cahiu gravemente enferma D. Florentina, e Gregorio ao visital-a recebeu a noticia de que ia sahir do collegio e passar á praticar na alfandega, como caixeiro de um parente d'aquella senhora, o qual era despachante geral.

— Chegaste a idade em que tens de principiar por ti mesmo a ganhar a tua vida, disse D. Florentina — Eu me sinto ir acabando muito apressadamente, e só desejo vêr-te amparado antes que me fechem os olhos; de hoje em diante não deves contar no mundo com mais ninguem além de ti. Já não precisas do auxilio da pessoa, que até agora provia a tua subsistencia; por conseguinte, meu querido filho, faze por ter juizo e por seres um ho-

mem de bem. Não queiras nunca gosar a gloria de homem de talento, não te queiras fazer saliente e notavel, procura antes a doce paz de uma obscura felicidade. E isso, só a bôa mediocridade nos pôde proporcionar, de um modo verdadeiramente seguro e constante. E' possível que ainda venhas algum dia a conhecer teu pae ou tua mãe, pede-lhes que te abençóem, e tu, perdoa-lhes alguma falta que elles por ventura hajam commettido a teu respeito.

Gregorio pediu ainda mais alguns esclarecimentos de sua procedencia, e desde então principiou a sentir uma vaga tristeza, produzida pela falta de alguma cousa, que elle não conseguia determinar bem o que fosse. Era um desejar indeciso e duvidoso, do qual elle não conhecia o norte, uma especie de saudade, sem motivo e por isso mesmo mais dolorosa. Sentia estranhas nostalgias de um mundo desconhecido, que seu coração sonhava e anteavia por entre effluvios nebulosos.

E foi n'este melancolico pungir de magoas indefinidas, que elle assistiu á morte de sua mãe adoptiva. Sobreveiu-lhe uma enorme crise nervosa, chorou extraordinariamente, chorou com soffreguidão de quem precisa desabafar velhas tristezas, accumuladas no peito ha muito tempo. E até gosava certo prazer voluptuoso com lhe correrem as lagrimas dos olhos. Entretanto alguma coisa lhe dizia de dentro que toda aquella dôr e todo aquelle pranto não era formado pelo muito amor que elle tivesse a D. Florentina. Elle a queria muito, não ha duvida, tinha-lhe bastante amisade, mas podia perfeitamente conformar-se com a sua morte. O que

lhe fazia chorar, o que o fazia nervoso e profundamente triste era outra causa—era a falta prematura de sua verdadeira mãe.

Assim como a parturiente, a quem roubassem o filhinho recém-nascido, precisa desaffrontar-se do leite com que contava alimental-o e que lhe intumece agora o seio dolorido e delicado, assim Gregorio precisava desopprimir o coração d'aquelle amor tranquillo e doce, com que a natureza apercebe o coração dos filhos.

XXXVII

OLYMPIA

Foi com o espirito enfermado por aquellas apprehensões que Gregorio, uma tarde em que estava assentado debaixo dos bambús da Avenida Estrella, vio subir vagarosamente a velha escadaria de pedra rajada, que conduzia casa do papá Falconnet, uma senhora ainda moça, extremamente pallida e muito sobrecarregada de languidas tristezas.

Ia pelo braço de um velho de alguns sessenta e tantos annos, que parecia preocupado exclusivamente com ella. O velho desfazia-se em sollicitudes e carinhos, a moça sorria ás vezes para elle, por condescendencia.

Era uma mulher de quasi trinta annos, esbelta, não muito magra, physionomia insinuante; olhos voluptuosos, humidos, de um brilho singular, cabellos negros, brillantes e volumosos, dentes claros, bocca bem talhada, mas ligeiramente constrangida por um desdenhoso gesto de indifferença. Ao vel-a de relance, toda envolvida no seu longo paletot de casimira alvacenta, sem joias no pes-

coço e nas orelhas, com o rosto nublado na penumbra de seu largo chapéu de palha, com o seu triste caminhar de grávida, o seu descahir de cabeça, as suas mãos transparentes, como que esquecidas e sem movimento, sentia-se a gente attahir para ella, por uma placida *sympathia* compassiva. A expressão resignada de seus olhos, aliás talhados para os segredos da ternura, o melancolico sorrir de seus labios, que, entretanto, pareciam feitos sómente para executar a musica idéal dos beijos, o seu ar abatido e fraco, a sua respiração quebrada, a sua voz supplicante e humilde; tudo o que, respirava de sua figura adoravel e romantica, penetrava os sentidos com a voluptuosa impressão, que nos produzem os perfumes da igreja, os sons plangentes do órgão, e os mysticos arroubos religiosos.

A tarde ia já cahindo no crepusculo. O sol havia mergulhado na fimbria vulcanica do horizonte, mas toda a natureza ainda palpitava sob a sensação de seus ultimos beijos fecundos e ardentes. As aves recolhiam-se ao mysterio de seus ninhos, e do fundo sombrio dos arvoredos exhalava-se o canto monotono das cigarras, que sobresahia d'entre os primeiros rumores da noite como um interminavel gemido solto no espaço.

E' a hora das profundas concentrações, dos extasis voluptuosos. Tudo parece que tem uma saudade á carpir, de cada moita de roseiras, de cada grupo de bambús, partem ternos suspiros e queixumes dolorosos. A natureza como que chora a partida de seu fogoso amante, que desappareceu nas dobras luminosas do occi-

dente. Tudo é viuvez! Tudo é saudade!

E' n'essa hora dubia e transitoria que nos é dado surprehender a natureza nos segredos de seu amor; é entre o ultimo sorriso do sol e a primeira lagrima da noite, que podemos penetrar no coração enorme de nossa mãe commum. Ella como que o abre para chorar a vontade; sente-se então o orvalho de seu pranto; ouve-se a dor de seus soluços.

Gregorio estava arrebatado por essas idéas, quando contemplou o vulto melancolico, que subia lentamente a escadaria de pedra pelo braço do velho. E desde então aquella triste figura de mulher não lhe sahio mais da memoria. Só no dia seguinte tornou a vel-a; ella havia passado muito mal a noite, tivera ameaças de uma crise nervosa e fôra preciso consultar pela manhã o medico.

Uma semana depois, Gregorio havia já travado relações com os dous novos hospedes, e possuia alguns esclarecimentos a seu respeito; si bem que o velho, por indole natural, se mostrasse reservado com todos.

A senhora, que o acompanhava era sua filha; chamava-se Olympia, e vivia ha quatro annos separada do marido o qual já apresentámos ao leitor no capitulo V, a queixar-se na secretaria de policia ao delegado Benevides do roubo que acabava de soffrer a casa Paulo Cordeiro.

O marido de Olympia era o caixa d'esse estabelecimento e, como vimos n'aquelle mesmo capitulo, foi elle quem chamou sobre Gregorio a attenção das autoridades policiaes.

Olympia era um espiritosinho muito caprichoso; educada sentimentalmente, nunca chegára a com-

prehender a vida positiva que lhe offerecia o marido e nunca se identificára com os seus interesses e o seu character pratico. D'ahi nasceu a separação. Mas o pae, a quem não faltavam recursos, e que seria capaz de sacrificar-os por amor de sua querida Olympia, não hesitou em recebê-la nos braços e fazer d'ella toda a preocupação e todo e encanto de sua velhice.

Mas o peor é que depois da separação, Olympia principiou a padecer extraordinariamente dos nervos. Dentro de seis mezes logo se lhe operou grande mudança em todo o corpo; — ficou muito mais magra, mais pallida e mais apprehensiva; e afinal cahio em tal abatimento que o velho teve serios receios de perdê-la.

Olympia já não ria, não gostava, como d'antes, de conversar com as amigas, não pulava de alegria quando lhe traziam o camarote do lyrico ou algum novo romance de Alencar, e nem mais pensava na dança e nas modas. Seu piano adormeceu abandonado á um canto, e ninguem mais a ouvia cantar uma de suas predilectas romanças, de que sabia ella tirar tanto partido.

As amigas de má lingua, quando souberam do seu rompimento com o marido, bradaram logo que tal facto era de esperar e prophetisaram que Olympia principiaria desde então a cultivar abertamente a sua paixão pelo luxo e pela opulencia.

Mas tudo sahio ao contrario. Desde a desunião do casal, que o vulto encantador da festejada senhora desertou por uma vez dos salões do Cassino e dos grupos aristocraticos de suas relações. Ninguem mais aprendeu com ella a collocar uma capa, a

trazer um novo chapéo, a escolher uma flôr, a combinar duas côres n'um vestido ou a servir uma chavena de chá.

— Estará apaixonada pelo marido?!... perguntava-se nas salas. E esta pergunta provocou as mais descontraídas respostas. Uns admitiam isso perfeitamente, considerando o genio caprichoso de Olympia; outros negavam, lembrando o typo vulgar e tolo do marido; alguns fallavam temerariamente de uma paixão romantica, que teria justamente sido a causa do divorcio; outros affirmavam que Olympia só desejava armar effeitos e chamar sobre si a attenção de todos. E assim se inventaram mil romances e mil legendas, predominando sempre a singular supposição de que Olympia o que estava era seriamente apaixonada pelo marido.

Mas desnortearam logo, quando souberam, por fonte limpa, que esse acabava de propor á mulher uma boa reconciliação e que tal proposta fôra rejeitada promptamente. A verdade é que ella não appareceu em mais nenhuma festa e nunca mais mandou illuminar a sala nas quintas-feiras, que era o seu dia de recepção. E como se ainda não bastasse tudo isso, e receiasse que as antigas amidades a fossem importunar no seu isolamento, exigio do pae que a tirasse de Botafogo para um logar modesto e sem visinhos.

O pae recuou assombrado — O que!? minha filha, perguntou elle muito commovido — Que caprichos são esses?! Pois já não chega a reclusão em que vives?! Tu, tão moça, tão bella, tão querida da sociedade, enterraes-te em um logar

obsuro, ignorado. Para que?! Não tens vergonhas que te impeçam de apparecer publicamente! não tens desgostos que te privem de gozar!

E o velho, depois de passeiar muito agitado, accrescentou—Não! isso, tem paciencia, não se deve fazer! Ir para um logarzinho modesto! Que idéa! Antes entreres logo para um convento!...

— Quem sabe mesmo si não seria melhor!... Disse Olympia com os olhos cravados no ar.

— Melhor o que, minha filha? Não te mortifiques d'essa fórma. Falla-me antes com franqueza! Abre esse coração a teu pae! Dize-me o que soffres! Si te falta alguma cousa, confessa-me tudo. Sabes quantô te amo! Sabes que tu és toda a minha vida, toda a minha felicidade! Não vês que estou chorando?! Não vês que tu me matas com essa tua magua fechada e egoista?!

E o velho não pôde continuar, porque effectivamente a commoção cortara-lhe a voz. E com medo de provocar á filha alguma crise nervosa, procurou mostrar-se tranquillo e principiou a affagar-lhe brandamente os cabellos; mas Olympia, sacudiu com frenezia a cabeça, e atirou-se nos braços do pae, com uma explosão de soluços.

— Então, minha filha?! Que é isto?! Vamos! Não te affligas d'esse modo!

Ella, porém, nada respondia e continuava a soluçar hystericamente.

XXXVIII

CAPRICHOSA

Terminada a crise, Olympia cahiu n'um grande abatimento. Em balde

procurava o pae distrahir-a, fallando-lhe de tudo que lhe vinha a fantasia; ella continuava na sua postura indifferente, a estalar suspiros na garganta e a menear tristemente a cabeça de um para outro lado.

A' noite, por chamado do velho, viera o Dr. Roberto, a quem o leitor já conhece desde o capitulo XI. Olympia sobresaltou-se com essa visita.—Ora! para que chamou o medico?!... disse ella visivelmente aborrecida, quando o pae foi prevenil-a de que o doutor a esperava na sala.

E accrescentou, sem sahir do logar em que se achava:

— Eu não estou doente! Eu não preciso absolutamente de medico!

— Bem, considerou o pae, procurando abrandal-a—não recebas o medico; mas isso não impede que falles ao Dr. Roberto. Sabes que elle é amigo velho da casa. Não seria bonito que...

— Ora, senhores! eu não estou para visitas!

— Mas, minha filha, isto é uma questão de delicadeza!...

— Ahi está porque eu desejo esconder-me em qualquer modesto retiro. E' para não ser apoquentada constantemente por semelhantes importunos!... Sempre a delicadeza! sempre a cortezia! sempre as exigencias sociaes! Mas que diabo tenho eu com tudo isso?! Acaso peço eu á sociedade mais alguma cousa, além de que me deixe em paz e não me aborreça?! Quaes são os serviços que eu recebo de suas mãos?!

E depois de assentar-se á uma mezinha, apoiar a cabeça na mão esquerda, principiou a bater nervosamente com o pé no tapete.

— E' muito boa! exclamou ella afinal, com a cara fechada. Não procuro ninguem! não cultivo amizade de especie alguma! porque então não me deixam ficar em paz?! Ora, que aborrecimento!

E voltando-se para o pa', disse resolutamente:— Não appareço ao Dr. Roberto. Para o medico estou de perfeita saude e não preciso d'elle; para o amigo da casa estou doente e não posso recebê-lo.

— Mas, minha santa! disse o pae, beijando-a na cabeça—tu te precisas tratar. Não te quero ver assim frenética e aborrecida. Vamos, vem ver o Dr. Roberto.

— Tem muito gosto n'isso? Perguntou ella, passando um braço na cintura do pae.

— Si tenho, meu amor.

— Bom; então faça-o entrar.

O medico declarou que Olympia precisava de um bom regimen, estava muito anemica e muito debilitada, era necessario entrar em um sério tratamento. Fallou da alimentação, lembrou os calcarios, os ferruginosos, recommendou os banhos de mar, os passeios ao ar livre e as distrações do espirito.

— Exercício! bastante exercício! dizia elle — e de vez em quanto um pouco de musica, não da italiana, da allemã, da boa musica allemã! Mas o que elle entendia mais conveniente era uma viagem a Europa. Olympia precisava tomar interesse por qualquer cousa. Ella estava muito mais enferma do que suppunha — tinha os nervos em petição de miseria.

E, quando ficou só com o velho, disse-lhe em voz baixa — não é bom contrariar-a; n'aquillo que o Sr. lhe puder fazer a vontade, faça! Si ella

tiver algumas fantasias, alguns caprichosinhos, procure satisfazê-los! A contrariedade podia vir a prejudicá-la extraordinariamente e talvez occasionar um desarranjo cerebral.

— Minha fillia então está muito mal, doutor?! Falle com franqueza! Disse o velho em sobresalto, aparrando com os olhos as palavras que cahiam da bocca do medico,

— Hum, hum!... resmungou este, a bambalecar a cabeça—Ella tem uma nevrose!

E depois de fitar por algum tempo as taboas do tecto, disse batendo com a biqueira do guarda chuva na ponta da botina:— Esta senhora precisava fazer as pazes com o marido! Isso é que era o verdadeiro remedio...

— Acha, então, Dr?...

— Indispensavel, disse o medico, dilatando a palavra e arregalando os olhos.

— E é justamente o que ella não quer! balbuciou o pae de Olympia, com um ar triste.— Ainda hontem fallaram-lhe n'isso e ella teve um accesso nervoso.

— Sim, mas talvez venha a resolver-se!...

— Qual! tornou o velho — eu conheço aquelle geniosinho: quando lhe dá a cabeça para um lado, não ha quem a volte para o outro. N'isso sahio tal qual a mãe. Teimosas como só ellas.

— Em todo o caso, accrescentou o medico, despedindo-se do velho — Ella não perdia nada em fazer uma viagem. E já ao sahir, ainda disse da escada—Não se esqueça! Distrações, exercicios, boa alimentação e banhos do mar.

O velho voltou para o lado da fillia, com a cabeça baixa e as mãos nas al-

gibeiras do seu rodaque.— Sabes? disse assim que chegou perto d'ella — Vamos a Europa.

— Heim?! perguntou a rapariga arregaçando os labios e franzindo o bello narizinho.

— Sim... respondeu o pae. O Dr. Roberto acha que devemos fazer uma viagem...

— Ah! está porque eu não queria visitas de medico! exclamou ella. — Eu não saio do Rio de Janeiro. Logo vi que appareceria alguma contrariedade!...

— Bem, minha filha, não fallemos mais n'isso! elle, coitado! se recommenda uma viagem, é porque acha que isso te fará bem. Ora! tambem estás agora com umas exquisitices que...

— Não se pódem aturar! Não é isso que o senhor quer dizer, meu pae?!

— Não senhora, não é isso! Nem admitto que estejas agora aqui a imaginar tolices. Não queres fazer a viagem, pois não a faremos. E o mesmo succederá com os banhos, os passeios e as distracções?

No dia seguinte o velho fallou em tres mezes de Petropolis. Estava ahí o verão e não havia necessidade de supportar o calor da côrte.

— Não quero ir, respondeu laccnicamente a filha. E não se fallou mais n'isso.

Foram depois lembrados outros passeios, mas Olympia recusou-os igualmente.

— Para onde então queres ir? Perguntou o velho, lembrando-se da recommendação que lhe fizera o medico de não a contrariar.

— Não sei, disse ella, sacudindo os hombros.— Podemos passeiar todos os dias de manhã aqui mesmo pela

côrte. Iremos hoje a um arrabalde, amanhã a outro. Quantos aos taes banhos, não! deixemo-nos de banhos de mar!

No dia seguinte o velho arranjou uma sege de vime, propria para os passeios campestres. Os dois sahiriam n'ella de casa e quando estivessem em pleno campo, saltariam a andar de pé por entre a vegetação. Olympia não podia supportar o bonde tomara medo de montar a cavallo desde que se sentia incommodada dos nervos.

Uma vez passeiavam pelo Rio Comprido. O carro ficára com o cocheiro a espera no caminho da Tijuca. Olympia, pelo braço do pae, caminhava vagarosamente, entretida a olhar para os objectos que a cercavam. Em certa altura parou, impressionada por um canto monotono, que lhe chegava aos ouvidos de um modo estranho.

— Que é isto?! perguntou ao pai.

— Devcm ser os trabalhadores de alguma pedreira, que fica perto. Eu conheço esta toada. E' assim que elles fazem quando estão brocando a pedra, para introduzir a polvora e lançar-lhe fogo.

— Ah! Disse Olympia muito interessada.— E onde é a pedreira?

— Não sei, mas naturalmente para este lado. E' d'aqui que vem o canto. E o velho apontou para a sua direita.

— Vamos lá! Disse Olympia. O pae não se animou a contrariar-a e continuou a caminhar, na direcção do canto dos trabalhadores.

Effectivamente os dous, depois de caminhar por algum tempo, acharam-se á fralda de uma pedreira, que fica situada nos fundos da Avenida Estrella.

Olympia parou dominada pelo espectáculo grandioso que tinha defronte dos olhos. A montanha, com o seu ventre já muito retalhado, surgia da terra, como um gigante de pedra, e arrojava-se imponentemente para o céu, por entre nuvens de verdura. Via-se o amago azulado da rocha, reverberar aos primeiros raios do sol e parecer estender-se, defronte de nós, como um oceano massiço. Em baixo amontoavam-se as enormes avalanches de granito, ruidas e arrojadas impetuosamente pela explosão da pólvora. De todos os lados, ouvia-se trabalhar o picão e o macete; e além, sobre o calvo pinacaro da montanha, quatro homens cantavam agarrados a um immenso furão de ferro com que penosamente abriam uma nova mina.

Todas as vezes que suspendiam a pesada barra de ferro, repetiam o seu côro monotonico e triste, que ouvido de longe affigurava uma supplica religiosa.

Foram esses sons que impressionaram Olympia. E com effeito, havia algum encanto melancolico n'aquella toada cançada dos trabalhadores.

— Vamos lá! disse ella ao pae.

— Onde, minha filha? Perguntou o velho assustado.

— Lá em cima, onde aquelles homens estão abrindo a mina. Eu quero ir ver aquillo.

— Estás sonhando! respondeu o pae — não sou tão louco que consinta em semelhante imprudencia. Esta pedreira é muito alta; tu sentirias vertigens e serias capaz de perder os sentidos!

— Não faz mal; eu quero ir.

— Não! deixa-te d'isso.

— Ora, meu pai, não me contrarie por amor de Deus!

E Olympia soltou-se-lhe do braço e foi perguntar ao trabalhador, que ficava mais perto, por onde se subia para a pedreira. Depois de informada encaminhou-se para o logar indicado.

— Espera ahi! gritou o pobre velho tentando alcançá-la — Espera, Olympia! Eu te acompanho, minha filha! E correu para ella.

Olympia havia já galgado o primeiro lance da pedreira.

XXXIX

O MOÇO DA PEDREIRA

A subida foi penosa. O caminho era estreito, irregular e seixoso, as vezes o pé não encontrava resistencia, porque o cascalho rodava sob elle. Olympia, sem querer dar parte de fraca, segurava-se arquejante ao velho, mas este mesmo sabe Deus com que esforços conseguiu não perder o equilibrio.

Pararam tres vezes para descansar, á ultima nenhum dos dous podia articular uma palavra; o suor corria-lhes da frente e as pernas tremiam-lhes convulsivamente. Mas Olympia não desistiu do proposito; queria chegar ao alto da montanha. O caminho em cima era perfeitamente plano, até conduzir ao pequeno comoro onde trabalhavam cantando os quatro homens.

Olympia chegou ahi exhausta completamente de forças; tremia-lhe todo o corpo em um arrepio, ao mesmo tempo de medo e de gosto. Ella experimentava certa sensualidade em defrontar o abysmo, que se precipitava debaixo de seus pés. Precisava descansar, mas não tinha animo de des-

viar a vista do panorama que se descontinava em torno. E, preza ao espaço pelos olhos, sentia-se arrebatado n'um extasis delicioso, como se se tivesse desprendido da terra e pairasse voluptuosamente nos ares.

Assim quedou-se alguns instantes, enquanto o pae, ao lado descansava, assentado sobre uma pedra.

Depois, Olympia começou a empalidecer gradualmente; foi pouco a pouco fechando os olhos, e teria cahido de costas, se a não amparassem o velho e os homens que alli perto trabalhavam.

— Eu já previa isto! Considerava o pae, ainda não restabelecido do cansaço. Lembrar-se de subir a estas alturas!... E agora a volta?...

Póde ficar tranquillo, disse um dos trabalhadores — eu me encarrego de descer esta senhora, sem que lhe aconteça a menor coisinha.

— Ainda bem! respondeu o velho.

O trabalhador, que se acabava de offerer para levar Olympia, era um moço talvez de vinte e cinco annos. Forte, bello de vigor. Estava nú da cintura para cima, e a riqueza de seus musculos patenteava-se ao sol como um arrojado da velha estatuaria da Grecia.

Os cabellos, empastados de suor cahiam-lhe em desalinho sobre a fronte tostada; os olhos, sem a expressão maliciosa dos olhares educados nas salas, á luz do gaz e á vaporisação enervante de falsos desejos, tinham todavia essa irradiação pura, que penetra a alma placida das mulheres, e as leva a sonhar estranhas fantazias e amores romanescos.

Elle entretanto não tinha consciencia de tudo isso; offerencia-se para

conduzir Olympia, porque podia facilmente desempenhar esse serviço, e lucrar uma esportola.

— Vamos! disse o velho— não convém demorarmos-nos mais aqui. Veja-se a póde trazer carregada.

O rapaz passou um braço na cintura de Olympia, e com o outro suspendeu-a pelas curvas dos joelhos, chamando-lhe todo o corpo contra o seu largo peito nú. Ella deixou pendida a cabeça sobre o seu hombro, na inconsciencia do vágado e continuou adormecida.

Os dois seguiram pela irregularidade ingreme do caminho. Era preciso muito cuidado para não rolarem juntos; as vezes em um solavanco mais forte o rosto gelado de Olympia ia de encontro á face esfogueada do trabalhador.

Ella afinal soltou um gemido e abriu vagarosamente os olhos. Não perguntou onde estava, não indagou quem a conduzia, apenas esticou nervosamente os dedos n'um estremeção preguiçoso, para de novo estreitar-se ao peito do rapaz, cingindo-lhe os braços em volta do pescoço. Feito isto, tornou a cair no seu entorpecimento, e ficou com os olhos meio cerrados, as narinas soffregas, os seios offegantes e os labios mollemente separados por um espasmo voluptuoso. Sentia-se muito bem no conchego tepido d'aquelle collo robusto, penetrada pelo calor lascivo e vivificante do corpo masculino que a sustinha. O contacto d'aquella vigorosa carnação, creada ao ar livre e enriquecida pelo trabalho e pelo largo sol americano, sacodia-lhe todos os sentidos e acordava-lhe em sobresalto o sangue adormecido nas veias.

A descida cada vez se tornava mais

penosa. O moço fazia milagres de equilibrio para lhe não faltar o pé. Olympia parecia escorregar-lhe dos braços; elle a puxou mais para o hombro e a cingiu mais estreitamente contra o peito. Ella suspirava de leve, como em um sonho doce de amor. Sentia no rosto a respiração quente e accelerada do moço e nas carnes macias da garganta o roçagar de suas barbas asperas e mal tratadas.

Quando chegaram em baixo, já o papá Falconnet, que assistira a todo o episodio dos fundos de seu hotel, os esperava com duas cadeiras.

O velho assentou-se logo em uma d'ellas; enquanto na outra o trabalhador depunha Olympia.

Foi então que ella abriu de todo os olhos.

— Ah! exclamou, cobrindo o rosto com as mãos, sem poder encarar para o rapaz, que a trouxera ao collo. Agora fazia-lhe mal olhar para aquelle homem de corpo nú, que defronte d'ella limpava com os dedos o suor da testa. As faces tingiram-se-lhe de prompto rubor e uma afflicção terrivel apoderou-se-lhe da garganta. Olympia chamou com um gesto o pae para junto de si e entre gritos começou a estrebuxar nervosamente.

Foi uma syncope fortissima. Ella nunca soffrera uma igual.

O papá Falconnet apresentou logo um frasquinho de vinagre e deu as providencias para se conduzir a enferma á casa d'elle, sem que fosse necessario dar a volta pela rua. Abriu-se uma passagem na cerca do fundo da avenida, e Olympia, carregada em sua cadeira, recolhia-se d'ahi a pouco á um aposento preparado ás pressas.

Entretanto a crise cessou pouco

depois, mas Olympia sentiu febre, dôres de cabeça e vontade de vomitar. Mandou-se chamar á pressa o medico, que ficava mais proximo; veio o Dr. Americo dos Santos, medicou promptamente, e dentro de tres horas a enferma voltava no seu carro para Botafogo.

No dia seguinte ainda o pai de Olympia não tinha perdoado a si mesmo a sua condescendencia da vespera, a respeito da tal ascensão a pedreira, quando lhe surge a filha no quarto e o intima para voltarem incontinenti ao Rio Comprido.

— O que?! Exclamou o velho, muito espantado—Ainda não ficaste satisfeita de Rio Comprido? Queres outra vez visitar a pedreira?!

— Não, disse ella de melhor humo: que nos outros dias.—Apenas quero passar algum tempo naquella casa onde me recolheram.

— Na Avenida Estrella?! Ora, minha filha!

— E' verdade, respondeu ella—é o unico logar que me convem.

— Mas, Olympia, que idéa é essa tão extravagante?! Pois então tu te queres ir metter alli, minha filha?! Ora não penses em similliante coisa!

Mas, como a filha mostrou-se inabalavel na sua resolução, o velho cedeu afinal, e na tarde desse mesmo dia entravam os dois na Avenida Estrella, como vimos pelo antepenultimo capitulo.

O pae de Olympia, o qual ainda não sabe o leitor que se chama Manuel Furtado Ribeiro, que é commendador, e que, ha alguns annos, abandonara o commercio, onde durante a sua vida conseguiu fazer fortuna, o pae de Olympia, diziamos, só por muito amor á filha, e só por muito respeito

ás recommendações do Dr. Roberto, é que podia consentir n'aquella mudança para a Avenida Estrella.

O bom velho tinha as suas basofias; gostava de apparecer, folgava em ver scintillar ao gaz de suas salas as commendas de alguns ministros e as calvas de alguns senadores. Lisongeava-se muito com a amizade do Bom Retiro, com a intimidade do Octaviano Rosa e de outros, que sempre o distinguiram. Era conservador ás direitas; tinha muito respeito e muita veneração ao seu imperador; e, nos dias de grande gala, mandava sempre illuminar o frontespicio da casa.

Por conseguinte não poderia consentir de cara alegre n'aquelle novo capricho da filha.

— Metter-se na Avenida Estrella?! dizia elle comsigo, furioso por não poder dissolver semelhante idéa—Mas onde já se vio caprichos de tal ordem?!

Já por occasião do casamento de Olympia, o commendador Ribeiro soffrera um grande choque no seu amor proprio. Elle sonhava para a filha um partido muito mais brilhante e muito mais honroso do que o caixa do Paulo Cordeiro. Tanto assim, que na primeira desavença do casal, disse francamente, que o genro afinal não passava de uma caixa de rapé.

O marido de Olympia nunca perdôou ao sogro semelhante qualificação, e, si até ahi não morria de amores por elle, de então em diante quasi que o não podia supportar.

Verdade é que semelhante casamento nunca se teria realisado, se não fosse já n'esse tempo andar o velho perseguido pela necessidade de casar a filha.

XL

INTERIOR

O facto é que o commendador Ferreira mudou-se com a filha para a Avenida Estrella.

O pobre homem, quando entrou na antiga chacara, bem mostrava pelo rosto o sacrificio que ia a fazer; só Olympia seria capaz de constrangel-o a tanto. Foi com o coração opprimido e com o semblante fechado que elle transpoz a sala do hotel. As velhas paredes, os moveis decrepitos, o tremulo soalho, a melancolica apparencia de tudo aquillo enchiam-lhe o coração de uma tristeza dura, de um máu estar grosseiro e doloroso. Aquillo tudo fallava-lhe em desconforto, em bohemia, em digestões mal feitas e em noites mal dormidas.

O commendador, como todo o homem que ganhou posição á custa dos proprios esforços, ligava extraordinaria importancia ás suas commodidades. Queria a sua boa cama, o seu bom prato, o seu banho facil e prompto, e a sua liberdade plena em certas occasiões. Não comprehendia a existencia sem *robe de chambre*, sem chinellas, sem a bella preguiçosa depois do pasto, o pallito ao canto da bocca e os olhos amortecidos pela digestão tranquilla do jantar. Além d'isso gostava que lhe admirassem a casa, que lhe fallassem das plantas, dos ganços que elle tinha no tanque do jardim, que lhe elogiassem a mobilia da sala, que lhe perguntassem qual era o posto de seu pae, cujo retrato lá estava na sala, fardado, dentro da custosa moldura de ouro. Todos esses nadi-

nhas davam-lhe muito prazer, faziam-n'o estimar a vida.

— Mas o medico recommendara-lhe que não contrariasse a enferma. — Que diabo havia elle de fazer?! O que não seria capaz de sacrificar por amor d'aquella filha?! Elle a estremejava tanto!... De todas as suas affeições, Olympia era tudo o que restava. A' proporção que ellas se foram extinguindo, a rapariga ia herdando de cada uma a dose de ternura que lhes dava o commendador; de sorte que ao desaparecer a ultima, Olympia ficou senhora do coração inteiro de seu pac. Ella só representava todos aquelles a quem o bom homem amara durante a sua longa vida.

O commendador fôra casado duas vezes. A primeira mulher, justamente a que elle mais estimara, ou, talvez, a unica que elle amou, deralhe Olympia e um outro filho, que nasceu pouco depois; a segunda mimoseou-o com tres raparigas, das quaes duas eram gemeas. Mas tudo isso morreu; tudo isso desertou — aquelle aos treze annos e estas antes dos doze. Só Olympia resistiu e se conservou fiel ao infeliz patriarcha. Não admira, pois, que elle a amasse com tanto extremo. E esse amor puro e desinteressado de pae, fazia com que a gente esquecesse e perdoasse algum ridiculosinho, que por ventura turvasse a sympathica figura do commendador.

Póde agora o leitor calcular quanto lhe não seria penoso habitar a Avenida, para que o pobre velho ainda se não tivesse habituado áquella idéa e ainda se não mostrasse de todo resignado. Definitivamente era enorme o sacrificio. A filha nunca exigira

tamanha provação de seu amor e de sua condescendencia.

E o velho, pensando justamente o que acabamos de dizer, deixava-se entristecer pelo aspecto sombrio da Avenida Estrella. O papá Falconnet entretanto, mal o pillou desacompanhado da filha, correu ao seu encontro e principiou a fallar-lhe minuciosamente da casa.

— V. Ex. aqui ficará melhor do que em parte alguma! affirmava elle com um ar de bom mercador. — Não me fica bem dizel-o, mas juro-lhe que escolho do melhor para servir meus hospedes!

E, desfazendo-se em cortezias, obrigava o commendador a acompanhá-lo — Tenha a bondade! dizia elle. Tenha a bondade de passar um instante á nossa sala de billiar. E' o que se vê! Aceio, simplicidade e commodo completo! Agora temos alli a sala de jantar! Faça o favor de ir entrando. Aqui janta-se de frente das arvores! E' como se fosse em plena floresta. Ouvem-se da mesa cantar os passarinhos. Veja, sr. commendador, tenha um pouco mais de paciencia e ollie V. Ex. para isto — é nossa cosinha. Pouco luxo, mas aceio por toda a parte. Agora vou mostrar-lhe os banheiros!

— Não! dispense-me, respondeu o commendador com delicadeza — Estou muito fatigado e prefiro recolher-me.

E, antes que papá Falconnet o destivesse, já elle se tinha afastado, para ir visitar a filha.

Os hospedes, que foram entrando pouco a pouco á proporção que anoi-tecia, olhavam com certa surpresa para o commendador e faziam entre si perguntas a seu respeito. Olympia

mostrou-se no dia seguinte, e dispensou que lhe servissem o almoço no quarto.

Era um domingo; a mesa encheu-se de hospedes, que só n'esse dia comiam no hotel. O commendador assentou-se contrariado ao pé da filha, depois de comprimentar os outros commensaes. Gregorio estava entre elles e não tirava os olhos de sobre Olympia.

Esta impunha, sem saber, uma certa cerimonia; havia constrangimento; ninguem se queria servir sem passar o prato ao vizinho. A figura nutrida do commendador destacava-se amplamente d'entre dois rapazes magrinhos, que pareciam irmãos. O Falconnet occupava a cabeceira e fallava discretamente sobre a excellencia do almoço.—Não me fica bem dizel-o! repetia elle, mas incontestavelmente estes camarões estão soberbos!

E voltando-se para Olympia, — V. Ex. não quer repetir, minha senhora?

Olympia respondeu que não com o garfo.

Mme. Falconnet preparava e distribuia pratos aos seus hospedes. A conversa em breve começou a estalar de varios pontos da mesa, a principio apenas murmurada, depois mais alta um pouco, e afinal livremente. Os assumptos chocavam-se no ar. De um lado discutia-se a respeito da guerra franco-prussiana, que ainda tinha n'essa occasião um cheiro activo de novidade; de outro, fallava-se a respeito da ultima estação de febre amarella, que assolára o Rio de Janeiro; os dous rapazinhos parecidos disputavam uma questão sobre um tal Matheus, o qual um affirmava que

era filho da Bahia, e o outro sustentava que era fluminense. A's vezes fallavam pela frente do commendador e estendiam-se sobre o prato, quasi a tocarem o nariz um com o outro; as vezes derreavam a cadeira para traz e gesticulavam com um braço pelas costas de seu visinho commum do centro. O commendador, entallado entre os dois, ora chegava-se para a frente, ora empinava-se para traz, sem querer interromper com o seu corpo volumoso as vistas dos contendores.

Dava-se com o commendador n'essa occasião um phenomeno muito vulgar. Elle alli, entre aquella gente singella e pouco escrupulosa na pratica das etiquetas, sentia-se mais do que nunca disposto a conservar a sua austera attitude de homem fino; o contraste estabelecido entre elle e os mais, instigava-o a sustentar com muito empenho a sua figura diplomatica e severa. Em outros logares, onde aliás qualquer sem cerimonia não seria perdoada, o bom commendador nunca se mostrava tão fiel aos rigores da cortezia, e parecia até disposto a reagir contra alguns d'elles.

Todavia Gregorio não tirava os olhos de Olympia. Sua imaginação piruetava em torno da formosa creatura, procurando puxar-lhe pelos olhos, pelo riso ou pelo perfume dos cabellos, o fio de algum segredo, o raio de alguma paixão, que a fazia tão preocupada e triste, e lhe dava aquelle ar melancolico de rôla sem companheiro.

Depois do almoço appareceu o Dr. Roberto. O commendador carregou com elle para o quarto e desabafou então as suas penas.

— Fez bem! respondeu-lhe o medico.—Fez bem em não contrariar-a. Descance que não levarão aqui muito tempo. Ella se aborrecerá em poucos dias!

E perguntou, depois que o commendador lhe tornara a fallar da scena da pedreira — Ella estava em jejum?

— Não. Tomou leite antes de sahir de casa.

— Mas a crise atacou-a só na volta do passeio á montanha?

— Só, mas continuou com uma tal vehemencia que fiquei devéras assustado. Nunca a vi assim tão ruim, doutor.

— Ella teve alguma contrariedade?

— Não.

— Viu alguma cousa que a assustasse? Encontrou-se com qualquer objecto que a sobresaltasse?

— Não. Nada d'isso. Teve uma vertigem, quando estava lá em cima da pedreira; o moço carregou com ella e...

— Que moço?... Interrompeu o medico.

— Um trabalhador atôa, que se offereceu para carregal-a até á baixo.

— E trouxe-a?

— Perfeitamente.

— Ella estava sem sentidos?

— Não dava acôrdo de si.

E, depois que o medico recebeu mais algumas informações do outro, bateu com o guarda-chuva no chão e disse entre dentes—comprehendo! Comprehendo, coitada!

E, como o commendador quizesse saber o que elle resmungava, o outro respondeu, affagando a barba — O melhor é arranjar-lhe as pazes com o marido! Isso é que é!

XLI

TOLICES

Tanto para o velho, como para a filha formou-se então uma vida muito especial. Olympia acordava cedo, tres horas antes do que era seu costume em Botafogo, banhava-se n'agua fria, enfiava-se no paletot de casimira e sahia a passeiar pelo braço do pae. Voltava á hora de almoço, depois do qual lia o seu romance, ou fazia um pouco de musica em um velho piano, que adormecia ha muito tempo na sala do billiar. A's vezes dormia, ás vezes costurava, ás vezes não fazia coisa alguma, até que o papá Falconet vibrava de novo a campainha chamando para a mesa. Depois do jantar sahia de novo a passeio ou ficava entretida a olhar para os trabalhos da pedreira no fundo da chacara.

Era bem singular o que sentia Olympia á vista dos trabalhadores. Seu espirito, finamente educado entre carinhos de familia e delicadamente animado pelos costumes distinctos de uma vida superior, contrariava-se sobremaneira com a ausencia do meio em que se desenvolvera, mas o corpo, ao contrario, forcejava por saltar fôra d'aquelles arraiaes e precipitar-se aventureiramente nos dominios do mundo estranho, desenhado em sua fantasia apenas por alguns objectos externos. Esse mundo tinha para ella o encanto do desconhecido, do imprevisto, do arriscado.

Uma vez, olhava para os trabalhadores da pedreira, quando vio approximar-se d'elles uma rapariga. Era ainda muito moça, forte, rica de

quadris. Levava uma cesta no braço e parecia alegremente empenhada no serviço que estava fazendo. Um dos trabalhadores, ao vê-la, soltou uma estrondosa exclamação de prazer, e correu ao seu encontro.

A rapariga deitou a cesta no chão e estendeu-lhe a cara. Elle a beijou em cheio na bocca e em seguida abraçou-a pela cintura. Depois seguiram juntos para o lado dos companheiros; sentaram-se todos em volta de uma pedra, despejaram a cesta e principiaram a comer alegremente, ao sol.

Esta scena produziu em Olympia uma impressão incommoda e ao mesmo tempo agradável. Fizera-lhe mal aos nervos o espectáculo d'aquella ternura grosseira e sincera. Sentira appetite de participar do almôço d'aquella gente. Ella, a quem já não provocavam os imaginosos acepipes da meza de seu pae, desejou comer a farinha dos trabalhadores, beber o seu vinho máu e palear com elles, em torno d'aquella meza improvisada, informe e tosca, mas tão alta, tão elevada do chão, que ella não podia chegar lá sem perder os sentidos.

E tão empenhada ficou a ver aquelle espectáculo, que se não conseguiu tirar do logar em que estava, senão quando os trabalhadores, depois de beberem pela mesma garrafa, deram o almoço por findo e despediram-se da rapariga.

Foi então que Olympia reparou que, á pequena distancia de si, estava Gregorio, assentado debaixo de uma arvore, com uma pasta sobre as pernas cruzadas, na attitude de quem desenha. Pela frequencia com que o rapaz olhava para a pedreira comprehendia-se logo que sua intenção

era copiar-a. Olympia ficou tomada d'uma grande curiosidade por aquelle desenho, e foi-se pouco a pouco approximando de Gregorio. Elle a sentia chegar perfeitamente, mas fingia não dar por isso e affectava grande preocupação com o seu trabalho. Ella afinal estacou discretamente atraz do desenhista e ficou a observar-lhe o trabalho por cima de seu hombro. Gregorio proseguiu o desenho como se continuasse inteiramente só; todavia a presença de Olympia perturbava-lhe de leve o espirito e punha-lhe no coração um doce constrangimento amoroso. Elle assentia sem a vêr, pelo perfume sensual do corpo de Olympia, pelo suave murmurio de sua respiração opprimida e pelo calor sensitivo de seu halito nazal.

E ella, preza pelo interesse do desenho, ia cada vez mais approximando o rosto sobre a cabeça de Gregorio, esquecida de que já o coagia com o corpo. O rapaz voltou-se finalmente e complimentou-a com toda a delicadeza.

— Ah! disse ella, em ar de quem pede desculpa.—Perdão! não desejava interromper o seu trabalho.

— Oh! respondeu Gregorio, procurando disfarçar a commoção—nem vale a pena fallarmos a respeito d'isso. Este desenho não merece tanto!

E fez um gesto de querer inutilisá-lo.

— Não! disse Olympia, defendendo o album em que trabalhava Gregorio, não estrague! Antes faça-me presente d'elle.

— Oh! Coitado! Elle não merece tanto!

— Mas eu quero! disse a caprichosa rapariga, com o seu habitual

modo de impôr. — Eu preciso d'este desenho.

— Está ás ordens de V. Exc., balbuciou o outro, despreendendo a folha. E accrescentou em tom mais baixo: — E' inspirado pelo almoço dos trabalhadores da pedreira.

— O senhor então gosta de contemplar a natureza? perguntou ella, com os olhos muito abertos sobre Gregorio.

— Ainda não consegui perder essa mania, respondeu elle, desculpando-se.

— Mania?! Não sei porque. Só as almas grosseiras e vulgares não se commovem de frente de certos espectaculos da natureza! Por mim, se me não permittissem contemplar o céo, as arvores, as aguas do mar, os aspectos das montanhas e as multiphas transformações de nossas paysagens, creio que desistiria da vida! Que vale este mundo sem um pouco de fantasia? Supprimain a musica, as flores, os sonhos, o amor, as vaporesas illusões, que nos accommettem em momentos de expansão, e o que resta depois?! Nada! Destroços de uma vida estúpida e sem graça!

— Oh! V. Exc. tem um coração de poeta!

— Poeta?! Essa palayra para mim não tem significação! Todo o homem é poeta emquanto não atrophia a sua alma com as brutaes escoriações do vicio! Poeta?! repisava Olympia, como se fallasse consigo mesma — Poeta! Mas o que quer isso dizer?! O que é não ser poeta?! Como se póde admittir um coração insensivel ao que ha de bello, de attrahente, de mysterioso, e de casto por toda a natureza? Como é possivel conceber a idéa de que alguém passe n'esta

existencia, sem notar uns tantos phenomenos espirituaes que vão deslisando ante nossos olhos?!

— Mas a realidade de nossa vida é tão dura e rigorosa!... Considerou Gregorio, perdendo o seu acanhamento em presença dos modos francos de Olympia.

— Que realidade?! Perguntou ella, sem armar contracções na physionomia— de que realidade falla o senhor?! As que eu conheço são todas encantadoras! A vida, quanto mais difficil, quanto mais trabalhosa! quanto mais aspera, mais fascinação me apresenta! Quanto mais ferve a dor no coração do pobre, tanto mais suave e fragrante é o perfume de sua existencia! Eu seria incapaz de amar verdadeiramente um homem feliz! Eu morreria de amores por um desgraçado!

— Quem me dera ser um desgraçado!... Balbuciou Gregorio, com os olhos perdidos pelo espaço.

— Para que?! interrogou Olympia, quasi sem mexer com os labios.

— Para merecer o amor de um coração como o seu! Para esquecer-me de tudo, pensando n'esse amor idéal independente, sem leis e sem senhor. Para poder um dia adormecer embalado por um dos seus sorrisos, e despertar no seu collo, esquecido do mundo em que me criaram, para só pensar nas vibrações d'essa paixão idéal, talvez insensata, mas com certeza esplendida e incomparavel!

— O senhor tem idéas de louco! replicou Olympia, depois que Gregorio terminou.

— E é! Mas agora a respeito da loucura, digo o que V. Exc. me disse a respeito da poesia.— Quem não será louco?! O que é ser louco?! O que

é esquecer as leis das conveniências? O que é calcar debaixo de suas fantasias aquillo de que os outros fizeram o seu ideal e a sua ambição?! O que é isso?! Isso é ter o coração ainda não contaminado das podridões da realidade! E' não conhecer o que ha de torpe nas exigencias sociaes! E' desprezar a parte vil e miseravel do mundo, para só aceitar a outra parte ainda pura, embalsamada e bella.

— O Sr. delira! observou Olympia.

— Sim! Continuou Gregorio, como se se esquecesse da presença da outra.

— O mundo tambem tem suas cousas boas! Nem tudo é torpe e miseravel! Se ha especulação e covardia de um lado, do outro ha sombras mysteriosas, ha noites de amor ideal e tardes cheias de saudade! Ha brisas que suspiram, ha regatos que murmuran, ha céos de azul profundo, que nos arrebatam das torpezas de nossa materialidade, para nos conduzir ás vagas regiões do ideal, ou disso a que V. Exc. chama delirio.

— Eu tambem tenho delirios! disse ella, segurando-lhe uma das mãos.— Eu tambem percebo n'esta vida alguma coisa que não pertence de todo á materia e que entretanto existe, porque eu a sinto, porque ella tem uma voz, uma expressão, um modo de se impôr aos meus sentidos, a minha faculdade de amar!

— Amar! repetiu Gregorio.

— Amar, sim! confirmou Olympia.

— Outro nome não tem isso que me impelle as vezes para a doce contemplação de certas manifestações da natureza. Confesso-lhe que tenho

vergonha de ser ridicula! Eu nem sei se lhe pareço louca! E' tão difficil encontrar alguém que nos comprehenda!...

N'isto foram interrompidos pelo commendador, que acabava de chegar. Olympia e Gregorio calaram-se de subito. O velho observou o desenho, complimentou o autor, fallou de amigos seus que desenhavam tambem com muito gosto, e prophetisou lisongeiramente que Gregorio seria um segundo Motta.

Só na seguinte semana nm acontecimento, verdadeiramente notavel, quebrou a monotonia da existencia que Olympia levava na Avenida.

Foi um passeio á gruta.

XLII

EM CAMINHO DA GRUTA

A gruta! Mas saberá o leitor por ventura o que é a gruta a que nos referimos?! Acaso já viajou o leitor pelos difficeis montes do Rio Comprido, para saber onde fica esse bello thesouro de pedra, que jaz escondido por entre a luxuriante vegetação d'aquelle arrabalde?!

Se ainda não viajou, o que aliás é muito natural, tenha a bondade de seguir os passos de Gregorio, porque elle, de braço dado á scismadora Olympia vai emprehender esse passeio.

Estamos em uma bella tarde de Dezembro. O duvidoso relógio do papá Falconnet balbuciou ha pouco duas horas da tarde. E' domingo, e, apezar da estação, o sol não constrange a quem deseja passeiar. Ha um doce recolhimento na floresta, que nasce aos fundos da Avenida Estrella — Dir-se-hia que está para

anoitecer, tão abafada vae a atmosphera. As aves saltam cantando na espessura da folhagem e a luz do céu filtra-se por entre as nuvens e derama-se suavemente pela terra.

Faz gosto sahir de casa; metter uma fiôr na gola do paletot de brim, tomar um guarda-sol de linho, derubar o chapéo de palha sobre os olhos, e enveredar por entre os tortuosos caminhos do campo.

E' bom levar consigo uma forte bengala ou um pedaço de bambú, porque o terreno é muito accidentado e sujeito a cobras. As vezes quasi que se torna impraticavel a viagem, encontram-se angulos de pedra nua, que é preciso vencer com difficuldade, e que surgem por entre a verdura como os cotovellos de um mendigo por entre as mangas da casaca.

Nesses casos o remedio que ha é subir, primeiro de gatinhas e passar depois a ponta do bambú ao companheiro para poupar-lhe aquelle incommodo. Outras vezes são os espinhos que se apresentam para obstar a passagem; entra então o primeiro deixando-se arranhar a vontade pelos espinhos, e grita para tráz aos companheiros, que se acautelem.

Si estes por ventura são pessoas de expediente, afastam com a bengala os taes galhos espinhosos, e passam adiante; si não o são, o remedio que lhes resta é voltar para casa e deixarem-se de passeios á gruta, porque depois dos espinhos apparecem os cipós da grossura de todos os dedos, que se nos engranzam pelas pernas e pelo tronco e só nos deixam continuar o passeio depois de os havermos cortado com um facão.

Foi n'essas circumstancias que se achou Olympia no tal domingo a que nos referimos. A mesa do almoço fallara-se da gruta.

— Que gruta?! perguntou ella, já mordida de curiosidade. O papá Falconnet tratou logo de explicar o que vinha a ser a gruta, encarecendo-lhe o valor, conforme era de seu costume sempre que se referia a qualquer objecto de seu interesse.

— Vou visital-a, disse a filha do commendador, com um gesto resolutivo.

— Máu! resmungou o pai, sem animo de contrariar-a. E accrescentou em voz alta -- faça idéa do que não será a tal gruta!

— Em todo o caso tenho vontade de ir vel-a, e irei! respondeu Olympia em ar de resolução.

— Não sei se fará bem, observou o padre Almeida, que até ahí parecia não haver prestado attenção á conversa. Aquelles caminhos são perigosos.

E, como Olympia o interrogasse com um gesto, elle disse mais — V. Ex. póde perder-se...

— Não deve ser tanto assim, respondeu ella, sem poder fitar os olhos no padre.

— Todavia, é bom não se fiar muito, minha senhora! volveu elle, pondo uma intenção philosophica nas palavras.

— Não tenho medo! disse Olympia afinal, sacodindo os hombros. E resolveu que depois do almoço iria á gruta. Gregorio offereceu-se logo para acompanhial-a.

— Aceito com muito prazer, respondeu ella, agradecendo-lhe o offerecimento com um gesto de cabeça. Outras pessoas apresentaram-se em seguida, e ficou decedido o passeio,

— Queira Deus que te não succeda alguma cousa!... Observou o pae de Olympia, assim que a pilhou só. — Tu andas fraquinha, minha filha, e não deves abusar muito!

— Ora! disse ella, sacudindo os hombros — Não hei de morrer de velhice. Além de que o medico aconselhou-me que fizesse exercicio!

— Mas não indo á gruta, aqual, ao que ouvi dizer, é um logar bastante longe d'aqui e quasi inaccessible!

— Não deve ser tanto assim!

A's duas horas puzeram-se todos a caminho. O commendador não resistiu ao desejo de acompanhar á filha, mas no fim de subir duzentos passos já elle não podia ir adiante.

Em balde procurou convencel-a que deviam todos voltar; Olympia, apesar de muito cançada, declarou que o pae queria um absurdo e continuou a caminhar.

O commendador ainda tentou subir alguns passos, mas toda a sua boa vontade nada conseguiu, e elle assentou-se com os outros companheiros, que haviam desistido igualmente. Pouco depois voltavam para casa.

Só tres não desistiram — Olympia, Gregorió e o Augusto.

Este ultimo ia á frente rompendo a marcha, o que aliás pouco lhe custava, graças a destreza de que dispunha e ao seu vivo instincto de mateiro. A's vezes o caminho fechava-se de todo ou tomava uma direcção despercebida á primeira vista, Augusto suspendia-se então por um cipó, ou singrava por entre o matto, e gritava pouco depois aos companheiros — Tomem á esquerda! Cá está o caminho! Cuidado com os espinhos á direita! Outras vezes a ladeira tornava-se ingreme de mais,

e era preciso que Augusto improvisasse um corrimão para que os companheiros pudessem subir.

E, só depois de muito mattejar, foi que os tres chegaram a um ponto mais elevado da montanha, que se debruçava pittorescamente sobre um valle profundo e sombrio.

— E' alli em baixo a gruta! exclamou Augusto, apontando para o valle. E' preciso descbrirmos a descida. Ah! Eil-a! Por aqui! por aqui! Cuidado no sentar o pé, porque esta pedra escorrega muito!

Gregorio dava a mão a Olympia, e ajudava-a na descida. Ella quasi não fallou por toda a viagem, mas sentia um grande encanto n'aquillo tudo.

Nunca fizera um passeio tão penoso. Nunca houvera visto de perto os rebentões das mattas, que formam a nossos olhos os mais caprichosos arabescos; nunca se penetrara d'esse ar embalsamado dos campos, que nos alegra o sangue e nos faz amar a natureza; nunca ouvira os sons eolios da floresta, que nos despertam na alma as notas adormecidas da infancia; nunca bebera a luz do sol, depois de filtrada por uma abobada de verdura, e nunca ouvira tão perto o concerto amoroso dos passaros e o crepitar harmonioso das folhas secas, que estalam ao sol.

Ao chegaram ao fundo sombroso do valle, Olympia não pode conter a commoção. Era um lugar ameno, mysterioso, cheio de encantos. De lá não se via a terra, nem se via o céo, tudo era verdura.

O chão desaparecera, alastrado pelas *trapoerabas*, que recamavam a gramma macia com as suas mi-mosas floresinhas azues. Das arvores

só se viam as grandes copas avelludadas, porque os troncos nasciam obliquamente dos montes que sitiavam o valle; algumas equilibravam-se de cima, presas pelos pés, como enormes ramalhetes voltados para a terra. As infinitas trepadeiras, as eaprichosas parasitas vingavam e serpenteavam por todos os lados como se quizessem ennastrar interiormente aquelle ninho ideal de verdura pelo modo que fazem os passaros seus ninhos.

Por todo lado rebentavam flores, por todo lado penduravam-se eipós, entrelaçados de baunilha, e agitavam-se as palmas estrelladas dos noveis eoqueiros, que forçavam para romper por entre as largas palhetas dos tinhorões e as linguas espinhosas da babosa.

A luz do sol só penetrava n'aquelle doce interior de verdura, depois de uma grande refração pelas camadas de foilhagem; de sorte que chegava pallida e amortecida como a claridade melancolico do erepuseulo.

Os tres passeantes estaçaram sem dar uma palavra, inteiramente dominados pelo aspecto imponente, como que religioso d'aquelle recinto. Affigurava-se-lhes que tinham indiscretamente violado o mysterio de alguma camara nupcial ou talvez o sanetuario de algum tumulo. Tudo alli respirava uma grande paz; o coração dillatava e tranquillamente, esquecido de cuidados e fadigas. Tudo era morno, amigo e silencioso.

XLIII

A GRUTA

Depois de mais alguns instantes de contemplação, os tres seguiram

para a gruta. Entrava-se por uma abertura natural, apenas indicada pelo desvio da follagem, que n'esse ponto parecia se tornar mais sombria. Mal porém se transpunha essa entrada, afastando com ambas as mãos os galhos que pareciam querer defendel-a, achava-se a gente n'um logar inteiramente contrario ao que se acabava de deixar. Era a passagem da gruta. Um pedregal escuro e humido, d'onde se exhalava um ar frio e um tanto pesado.

Constava de penhascos accumulados uns sobre os outros, formando medonhas cavernas, onde apenas de espaço escorria algum tremulo fio de luz.

Os negros pedregulhos, accessiveis sómente aos destemidos parasitas, pareciam sustidos por uma força estranha, porque se empinavam muitos metros fóra de sua base. Por entre elles serpenteava um corredor irregular e sombrio.

Era a unica passagem que havia; Augusto introduziu-se por ella, e os outros dois o acompanharam. Na proporeção que avançaram, ia o ar se tornando mais frio e o sileneio mais intenso. De todos os rumores de fóra ali só chegava um vozcar confuso, que esfusiava por entre as pedras. Olympia parecia encantada com o passeio e apertava nos seus o braço de Gregorio. Depois de andarem um quarto de hora, deram a um logar mais amplo e descoberto. Via-se então o eeo por entre o rendilhado da floresta, que lá em cima crescia sobre a rocha. Algumas arvores debruçam-se no abysmo e estendem pela aridez da pedra seus retrocidos braços de gigante,

Mais alguns passos e começaram a

ouvir o murmúrio de uma pequena cascata que corria pouco adiante. Agora é preciso ir descendo e segurar-se com mais cuidado, porque o limo difficulta o caminho transformado em ladeira. A pedra está rachada em varios pontos e é necessario galgar a fenda com um salto.

Olympia principiava a cansar de novo; as fendas reproduziam-se mais amiudadamente; já se vê por entre ellas luzir a agua; vão rareando as pedras; vão avultando as figas d'agua. Terminou a descida, já se não está sobre uma rocha, passeia-se n'um lago, guarnecido de pedras, que surgem aqui e ali, como para facilitar a viagem.

E' esse o ponto mais bonito da gruta. A vegetação surge de cima com mais abundancia; os despenhadeiros são enfeitados com as trepadeiras e parasitas, que sobem e descem por elles, n'uma variedade riquissima de flôres. A agua corre placidamente debaixo de nossos pés; ouvem-se cantar os passaros e sentem-se os sopros embalsamados da floresta. De um lado principia de novo o campo, vê-se a terra e ouve-se o marulhar das folhas; do outro agrupam-se penhascos, por entre os quaes já não é possível transitar sem risco de vida.

Gregorio deu a mão a Olympia, fel-a subir a uma das pedras que se erguiam defronte d'elles e mostrou-lhe a cascata. A rocha era fendida em toda a sua extensão, formando magnifico effeito com os pedregulhos que se entremettiam por ella.

Augusto galgou uma das arestas da pedra, disse aos companheiros que o esperassem um instante, emquanto

ia elle observar se havia pela rocha alguma passagem para o outro lado. Olympia e Gregorio oppuzeram-se. Acharam muito arriscado o que Augusto queria fazer. A rocha era sumamente lisa e escorregadia, não havia onde a gente se agarrar. Mas antes que os dois tivessem tempo de destruir a idéa, já Augusto se havia encarapitado em uma das pedras, que ficavam entaladas na fenda, e procurava, equilibrando-se, alcançar uma outra. Afinal conseguiu ir adiante e, depois de se deixar escorregar pela rocha, logrou chegar ao lado contrario.

Os companheiros ficaram sobresaltados. Gregorio fez Olympia assentar-se, e offereceu-lhe dous cajús, que n'essa occasião acabava de colher. E, em quanto não vinha Augusto, pozeram-se a conversar sobre as bellezas naturaes que os cercavam.

Mas Augusto nada de apparecer. Olympia tornava-se inquieta, e Gregorio procurava tranquilisal-a assentado ao seu lado.

Afinal ouviu-se a voz de Augusto, que chamava pelo outro. A voz sahira justamente da parte mais baixa da rocha, no logar em que principiava a fenda.

— Onde estás tu?! Perguntou-lhe Gregorio, approximando-se o mais que pôde do logar d'onde vinha a voz.

— Estou aqui em baixo. Só ha uma fenda, por onde nem um gato pôde passar!

— E porque não voltas por onde foste?!

— Impossivel! Vim deixando-me escorregar e não consigo subir. Já tentei varias vezes.

— E agora?

— Agora é seguirem vocês por ali, que eu os vou encontrar mais adiante.

— Mas eu não conheço estes caminhos!...

— Não ha que errar, disse Augusto, procurando metter a cabeça na unica fenda da rocha, que lhe permetteria semelhante cousa — Tomas esse caminho, onde estão as palmeiras e vais sempre seguindo á esquerda, até chegares a pedreira. Vão. Eu não posso ficar aqui mais tempo, tenho agua até os joelhos. E' verdade! não esqueças de levar o sacco que eu trazia a tiracollo e que tirei para passar a rocha. Até logo.

— Até logo, repetiu Gregorio.

— Sempre á esquerda! ainda recommendou o outro.

Olympia não deu uma palavra durante o dialogo dos dois rapazes, mas deixou bem patente o seu sobresalto pela physionomia.

— Nós o encontraremos alli mais adiante? disse Gregorio, dando-lhe o braço. — Vamos.

E puzeram-se a andar silenciosamente. O caminho por onde voltavam era encantador, se bem que um pouco maltratado. Olympia por duas vezes queixou-se de que os espinhos feriam-lhe o rosto. Gregorio observou-lhe que era preciso conservar a coragem com que ella emprehendera o passeio.

— E' que tenho medo de nos perdemos aqui! Respondeu ella, com um principio de máo humor. — Além disso já estou fatigada e tenho sede!

— Tome um pouco de vinho; e, se quizer, podemos descansar aqui.

— Não! Não! Prefiro ir adiante, Estou impaciente por chegar ao tal

ponto em que nos temos de encontrar com o Augusto.

— Mas que mudança tão rapida fez a Sra., D. Olympia: ainda ha pouco estava de tão bom humor; e agora...

— Parece-lhe que não devo estar afflicta?

— Não sei porque...

— Imagine que não damos com o caminho e nos desencontramos de Augusto!

— Haviamos de achar salida!

E assim conversando, encontraram-se defronte de tres picadas. Gregorio hesitou qual devia escolher entre as duas que ficavam á esquerda.

— Que lhe dizia eu!... observou Olympia, cruzando os braços.

— Deve ser esta. Não se mortifique. E' por aqui com certeza.

E seguiram. Mas pouco depois tiveram novo obstaculo — todos os caminhos que encontravam tomavam para a direita.

— Com certeza já estamos errados! observou Olympia.

— E' melhor passarmos por aqui, disse Gregorio — Esta picada vai com certeza dar ao ponto de que nos fallou Augusto.

A viagem, porém, ia cada vez se tornando mais difficil. Reproduziam-se os obstaculos. Olympia observou que antes tivessem voltado pelo mesmo caminho. E continuaram a andar. De repente acharam-se defronte de matto virgem, era preciso voltar atraz, mas na volta já não encontraram o logar por onde haviam ido, tomaram o primeiro caminho que appareceu, e desde então puzeram-se a andar atôa, ora para esquerda, ora para a direita. Gregorio gritou varias vezes na esperanza de ser ouvido por Augusto ou por qualquer outra

peessoa. Mas nada vinha ao seu auxilio. A floresta continuava a susurrar indifferentemente.

Assim se escoaram duas horas. Olympia afinal declarou que não podia dar mais um passo sem ter descansado. Gregorio conduziu-a para debaixo de uma arvore e fel-a repousar. Depois abriu o sacco de Augusto, tirou una garrafa de vinho, encheu um copo e passou-o a Olympia.

— Temos aqui tambem o que comer, disse elle apresentando uma empada, queijo e fructas. Olympia aceitou sem responder. Gregorio foi buscar duas palmas largas de pindoba, estendeu-as defronte da rapariga e assentou-se ao seu lado.

Começaram a comer silenciosamente. Ella parecia muito preocupada; percøbia-se que a difficuldade de achar o caminho não era a causa principal de seu máo humor. Gregorio sentia-se constrangido com aquella situação, a ponto de não encontrar o que dizer.

Nunca a influencia amorosa, que Olympia exercia sobre elle, o perturbara tanto, e nunca elle se achou tão ridiculo, tão detestavel como n'aquella occasião.

XLI V

SCOTT

Depois da refeição, Gregorio convidou Olympia a proseguirem a jornada.

— Estou tão abatida! disse ella, erguendo custosamente as palpebras e estendendo o braço ao moço, para que a levantasse.

— Sente-se incommodada? Perguntou Gregorio com solícitude, segurando-lhe a mão.

— Ai! disse ella suspirando e pondo-se afinal de pé. Mas Gregorio teve de amparal-a, porque Olympia fechou os olhos e cambaleou levemente.

— Que sente? interrogou elle, empolgando-lhe a cintura. Olympia não respondeu e deixou-se cahir no collo do rapaz. Vieram logo os soluços e os suspiros estalados na garganta.

Gregorio, na candura de seus dezeseis annos e na predisposição lyrica de seu espirito, não podia julgar physiologicamente o valor d'aquella crise. Todos os factos da vida real e todos os phenomenos da organização humana tinham para elle uma explicação romantica. Mal educado pela metaphysica do collegio em que se desenvolveu e dominado pela corrente de sentimentalismo da epocha em que veio ao mundo, repugnavam-lhe as frias verdades que nos dirigem e as calmas leis que regulam nossos actos.

Para elle, Olympia, com o seu character caprichoso, que se possuia tão depressa dos arrebatamentos da leõa, como das ternuras gemidas da rolinha, não podia deixar de ser um mytho prenhe de sympathias e attracção. Gregorio não tinha uma opinião segura sobre ella, aspirava-lhe o perfume através do véo nebuloso que a envolvia, aceitando-a na sua adoração, como o crente aceita Deus, sem o comprehender e sem ousar interrogal-o.

As vezes vinham-lhe impetos de cahir-lhe aos pés e confessar-lhe tudo o que soffria a pensar n'aquella amor; pungia-lhe a necessidade de dizer-lhe que a amava com todo o transporte do primeiro desejo, que a via em todos os seus sonhos e que asentia por todas as veredas de sua alma.

Que estranhas commoções apoderaram-se de Gregorio, em quanto sustinha no hombro a formosa cabeça de Olympia! em quanto lhe via de perto a brancura do pescoço, sorvia-lhe os perfumes do cabello e bebia-lhe a musica do pranto.

Comtudo ella parecia ir serenando á proporção que lhe corriam as lagrimas. Gregorio, cheio de hesitação e receioso de affligil-a, mal ousava passar-lhe as mãos pelo cabello.

— Veja se consegue tranquillisar-se um pouco, aconselhava elle com a voz tremula, todo possuido de uma grande agonia.

— E, como se tivesse nos braços uma criança nervosa, batia-lhe carinhosamente nas costas e dizia-lhe com meiguice — Isso passa! Isso passa! Não se affija!

Olympia não respondia, e continuava, não ainda a soluçar, mas a embalar o peito com o fluxo e refluxo de suspiros, que costuma succeder o choro, como o languido balanço do navio depois que a tempestade passou.

— Eu talvez a esteja constrengendo... arriscou Gregorio, procurando delicadamente desvial-a de seus braços.

— Não! respondeu ella, puxando-o para si e chegando o rosto para mais perto do d'elle.

Entretanto a tarde principiava a encher a natureza de sombras. As aves despediam-se do sol com os seus ultimos gorgeios, e as arvores pareciam ir pouco a pouco se retrahindo, no mysterioso recolhimento do crepusculo.

Só ás sete e meia conseguiram alcançar a casa. Todos os esperavam com anciedade, Augusto havia che-

gado ha muito tempo, porém sabendo que os dois companheiros não appareciam e, receiando que estivessem talvez perdidos no campo, voltou a procural-os e trouxe-os comsigo. Olympia, com grande espanto de Gregorio, longe de chegar aborrecida e contrariada, entrou em casa muito satisfeita, atirou-se rindo aos braços do pae, e ordenou gracejando ao hoteleiro que lhe servisse o jantar.

Vinha tão expansiva e folgazã que causou verdadeira surpresa a todos. O sol emprestara-lhe ás faces um vivo côr de rosa, que lhe enfeitava o rosto com muita graça; os olhos nunca haviam luzido com tanta vida, e ella toda nunca parecera tão bem disposta e tão sã.

O commendador, que passara o dia em sobresaltos com a demora da filha, era de todos o mais encantado por aquella metamorphose.

Olympia apparecia-lhe agora como nos outros tempos, em que governava com o espirito todo a sociedade em que se achasse.—O Dr. tinha razão! Dizia o velho comsigo—os exercicios são de um effeito magnifico! Hci de fazel-a visitar a gruta todos os dias! Se as melhoras continuarem d'este modo, em breve tenho minha filha perfeitamente curada!

E o velho esfregava as mãos e chorava de alegria.

O jantar foi de uma animação sem exemplo na Avenida Estrella; os mesmos hospedes, que já haviam jantado, voltaram á mesa attrahidos pelas gargalhadas provocadas em torno de Olympia, graças á descripção que ella fazia de seu passeio. Gregorio, entretanto, não parecia o mesmo — estava abatido e concentrado. Por duas vezes seus olhos se cruzaram

no ar com os da caprichosa senhora, e por duas vezes elle os abaixara, dominado de estranho acañamento.

E aquelle ar inexperadamente alegre e petulante de Olympia, com o qual elle nunca a vira, e que contrastava desastradamente com o seu outro ar de soffrimento e melancolia, contristava o inexperiente moço, como se fosse uma lesão feita á sua felicidade e aos gosos de sua sympathia.

— Pois eu pensei que chegasse aqui sem uma hora de vida! observou o pae, embebido a olhar para a filha, enquanto lhe servia a sobremesa.

— Nunca me senti tão bem disposta! respondeu ella, a estender o copo ao Falconnet para que lhe desse vinho.—Sinto-me tão bem que estou resolvida a ir hoje a qualquer theatro!

— O que?! Exclamou o velho, arredando a cadeira com um salto.

— Que espanto! Reprehendeu a filha.

— Sete lembra cada loucura!...

— Oh! Senhores! Pois o senhor não é o proprio que me tem pedido todos os dias para ir aos theatros, aos bailes e aos passeios?!...

— Sim, mas não depois de um dia coma este!...

— Pois em outra qualquer occasião não me lembraria semelhante cousa. Se recusei das outras vezes e aceito agora, é porque só agora tenho vontade de ir.

— Mas é que talvez te faça mal!...

— Isso mesmo dizia-me o senhor antes do passeio á gruta.

— Não te desejo contrariar, mas...

— Vai sempre contrariando, não é verdade?...

— E' que são já oito horas; tu deves estar muito fatigada e...

— Ora, valha-me a paciencia! Eu estou perfeitamente disposta.

E Olympia ameigou o pae e ordenou-lhe que se fosse vestir.

O commendador obedeceu, a sacudir os hombros. Papá Falconnet trouxe para a mesa os jornaes do dia e discutiu-se qual seria o espectáculo preferido. Olympia, sem se pronunciar por nenhum, recolheu-se ao quarto com a criada, em quanto se ia buscar um carro. A's dez horas partia com o pae para a cidade. Em caminho resolveram aceitar o S. Luiz, onde trabalhava essa noite o Furtado Coelho, mas já na porta do theatro, Olympia tomára outra resolução — queria ir ao Chiarini.

E o carro voltou para o circo da Guarda Velha.

Funcionava o segundo acto, quando ella entrou pelo braço do pae. Havia uma grande enchente, o publico estava agitado, o enthusiasmo explodia por toda a parte e de todos os lados gritavam — Scott! A' scena o Scott!

Dois sujeitos de libré azul e alamares dourados conduziam para o interior do theatro um cavallo que acabava de servir. Alguns espectadores haviam se levantado. Das galerias trovejava um barulho infernal: batiam com as bengalas, com os pés, com os bancos, gritavam, gesticulavam. E por entre aquella descarga continua e atoadora, só um nome sobresahia, exclamado por mil vozes — Scott! Scott!

Olympia sentiu-se aturdida no meio d'aquelle pandemonium. De repente um grito unisono partiu da multidão, estalaram as palmas, choveram os chapéos, agitaram-se os lenços, arremecaram-se os leques, os ramilhetes e as bengalas,

Scott havia apparecido.

— Bravo! gritaram—Bravo! E os applausos estoiraram de novo com mais intensidade.

— Bravo o Scott! Bravo o Scott!

O acrobata, que entrára de carreira, parou em meio do circo, aprumou o corpo, sacudiu a cabelleira, e, voltando-se para todos os lados, atirava beijos e agradecia sorrindo, entre uma tempestade de applausos.

Era um bello americano, riço, athletico, agil e robusto ao mesmo tempo, forte como o tigre e destro como o corço.

Olympia, do logar em que estava, via-lhe perfeitamente o azul dos olhos, a linha pura do perfil e a scintillação dos dentes.

Elle, depois de agradecer, estalou graciosamente os dedos e despedio-se a dar cambalhotas no ar.

Rebentou de novo a tempestade, e as bocças dispararam uma carga de — bravos!

Olympia, entretanto, com a cabeça pendida para frente, o olhar fito, a bocca mal serrada, cahia na sua habitual tristeza e parecia indifferente a tudo que tinha em torno de si.

Quando se retirava do theatro com o pae, um menino na porta apregoava, a dez tostões, photographias do Scoot.

Olympia comprou uma.

XLV

ENFERMIDADES

No dia seguinte, Olympia levantou-se muito tarde e de máo humor. Sua primeira phrase, quando se encontrou com o pae, foi para lhe dizer que não ficava nem mais um dia na Avenida Estrella.

— Fizeram-te alguma cousa? perguntou o extremoso velho, esquecendo-se por um instante do prazer que lhe dava aquella resolução.

O commendador estava, como se costuma dizer, pelos cabellos, para deixar a casa do papá Falconnet. Olympia respondeu que não com um gesto de cabeça, e accrescentou depois muito aborrecida:— Estou farta de tudo isto! Preciso sahir d'aqui quanto antes!

— Como quizeres, minha filha!

E ficou resolvido que partiriam naquelle mesmo dia. A's duas horas da tarde appareceu o Dr. Roberto; o commendador tomou-o de parte e relatou-lhe minuciosamente as caprichosas mudanças de humor que a filha experimentara desde a vespera.

— O medico ficou pensativo, depois de ouvir a narração do velho— A' que horas voltou ella do tal passeio? perguntou afinal.

— A's sete e meia da noite.

— Jantou logo que veio?

— Logo, e com uma boa disposição, que ha muito tempo não tinha. Depois quiz ir ao theatro, cousa de que ella não podia ouvir fallar.

— A' que theatro foram?

— Ao circo do Chiarini.

— Ah! resmungou o medico.— Talvez ficasse nervosa á vista dos equilibrios arriscados.

— Não sei!... disse o pae com o ar triste—o facto é que ella estava hontem muito bem disposta e hoje é o contrario, nunca esteve tão impertinente!

E depois de se conservarem calados por algum tempo, o commendador accrescentou:

— Agora entendeu que não póde

supportar mais esta casa e quer mudar-se hoje mesmo.

— E o commendador está resolvido a fazer a mudança?

— Pois não! já está tudo prompto. Partiremos d'aqui a pouco.

Olympia appareceu já em trajos de sahir. O Dr. Roberto foi pressurosamente ao seu encontro e perguntou-lhe pela saude.

— Assim... respondeu ella, sacudindo os hombros. — Estou muito aborrecida.

— Tem tido dores de cabeça?

— Um pouco, mas hontem passei muito melhor.

— Por que não dá de vez em quando um passeio como o de hontem? Elles lhe são de grande utilidade!...

— Talvez não seja tanto assim...

— Voltou muito fatigada?

— Muito menos do que suppunha. Quando cheguei á gruta, sim, estava tão prostrada, que me parecia impossivel conseguir voltar á casa.

— Veio depois a reacção?

— E' verdade, e fiquei então muito bem disposta.

— Foi em companhia de muita gente?

— A principio, respondeu Olympia, impacientando-se com as perguntas insistentes do medico — depois ficamos tres, apenas.

E, como se quizesse fugir d'aquella conversa, saltou logo para outros assumptos muito diversos e afinal pediu licença e afastou-se quasi com um arremeço.

O medico a viu ir, pensativa — E' exquisito! disse elle consigo, e passou a prestar attenção ao papá Falconnet, que ao seu lado lhe fazia rasgados cumprimentos em francez.

O hoteleiro precisava que o doutor fizesse uma visita a um de seus locatarios, que amanhecera doente.

Tratava-se de Gregorio. O medico foi conduzido ao quarto d'este. Entrou quasi ás apalpadelas, porque vinha da grande claridade de fóra. Só no fim de algum tempo começou a distinguir o que tinha defronte dos olhos. O papá Falconnet o acompanhava, sempre a desfazer-se em cortezias e palavras agradaveis.

— Abra um pouco aquella janella, recommendou-lhe o medico. Falconnet correu a obedecel-o.

Gregorio estava assentado na cama, com os travesseiros entalados nas costas. Tinha o ar muito abatido e preocupado.

— Quem é? perguntou elle ao sentir os passos do medico,

— E' o doutor, respondeu Falconnet, entrando.—Veio ver D. Olympia e aproveitou a occasião para fazer-lhe uma visita.

— O que tem ella? Interrogou o rapaz.

— Está, como sempre, soffrendo dos nervos, explicou Roberto.

— Mas não tem alguma novidade?

— Não disse o medico, sacudindo os hombros.

E, assentando-se á cabeceira do doente, indagou do que este soffria.

— Indisposição de corpo, respondeu Gregorio.—Nem valia a pena o senhor se incomodar em vir cá. Afinal não estou doente.

O Falconnet havia-se aproximado e explicava que aquillo devia ser motivado pela soalheira que Gregorio apanhara na vespera.

— Ah! o Sr. foi ao tal passeio da gruta? perguntou-lhe o medico.

— E' verdade, respondeu o enfermo,

O Falconnet principiou então a narrar o que a respeito do passeio ouvira na vespera contado por Olympia.

— Entretanto a ella fez bem o passeio! considerou Roberto, tomando o pulso de Gregorio. E depois de examinal-o, receitou e prometeu voltar.

Olympia retirou-se com o pae n'esse dia, como havia sido combinado. Não se despediu de Gregorio, apenas o commendador o procurara para lhe agradecer o incommodo que o rapaz tivera na vespera com a filha.

Gregorio ficou muito surpreendido com a noticia da partida de Olympia.

— Não o podia acretidar! Pois ella ia assim sem mais nem menos, sem lhe dar uma palavra, como se nada tivesse havido entre elles dois?...

Entretanto o commendador offerecera-lhe a casa, e Gregorio pensava com prazer em aproveitar esse obsequio. No dia seguinte, sem ter experimentado nenhumas melhoras, levantou-se da cama, vestiu-se e sahiu. Na occasião em que ganhava a rua encontrou-se com o Dr. Roberto, que o ia visitar.

— O que? Pois o senhor já de pé? perguntou o medico com um gesto de censura.

— Estou perfeitamente bom, respondeu o outro.

— Mas o senhor commetteu uma imprudencia. Ainda hontem sentia-se tão mal e já hoje...

— Não era cousa de valor! O passeio ha de fazer-me bem. Vou visitar o commendador.

— Ah! n'esse caso vamos juntos; eu tencionava tambem ir para lá quando sahisse d'aqui.

Eos dois começaram a descer a rua do Rio Comprido. O Dr. Roberto ia preocupado: a singular molestia de Gregorio e aquella pressa do rapaz em visitar, ainda doente, o commendador, as melhoras ephemerhas de Olympia, a circumstancia de haver Gregorio tomado parte no passeio á gruta, tudo isso dava tratos á imaginação do medico.— Ah, rapazes, rapazes! dizia elle consigo—e oh mulheres! mulheres!

Em casa do commendador foram sorprendidos por uma novidade: Olympia não queria ficar em Botafogo, e exigia que o pae a levasse para a Tijuca.

Estavam tratando da nova mudança, quando os dois entraram. Olympia recebeu Gregorio com muita friesa, mal lhe tocou as pontas dos dedos e não lhe dirigiu uma só vez a palavra, durante o tempo em que estiveram juntos. Parecia que nunca houvera absolutamente nada entre elles. Gregorio ficou furioso; no seu raciocinio aquelle procedimento significava um grande cynismo. Olympia apparecia-lhe agora ao espirito como uma mulher vulgar, friamente descarada, capaz de todas as hypocrisias e de todas as brutalidades. Sua fantasia sobre excitada pelo amor, não cançava de evocar as reminiscencias dos momentos de ventura, que lhe proporcionou a incomprehensivel senhora. Com um certo prazer amargo, sonhava-se em todas as peripecias do passeio á gruta — via Olympia junto de si, encantadora de pallidez e anciedade; sentia-lhe ainda o cheiro penetrante do corpo, a doçura de seus soluços hystericos e os estremecimentos convulsos de sua carne.

E procurava agora confrontar a carinhosa figura, que então tinha nos braços, com a figura insociavel e secca, que o acabava de repellir com um gesto de desesperadora indifferença. Mas, se Olympia o tratava d'esse modo, o commendador não; ao contrario procurava cercal-o de obsequios e cortezias.

— Apareça-nos sempre, dizia elle — O senhor nos dará muito prazer com a sua visita.

Gregorio chegou á casa possuido de um aborrecimento extraordinario; tudo o enfastiava, tudo o constrangia. Já não podia supportar as palcstras do papá Falconnet, quando este disparava no seu enthusiasmo a fallar de Bonaparte, já não encontrava prazer em apostar o salto de carneiro com os outros rapazes da Avenida. Tudo o contristava, tudo o enchia de tedio, porque tudo lhe recordava a ausencia de Olympia.

O velho divan da sala de jantar, onde ella as vezes quedava-se esquecida com um livro abandonado no collo, as flôres, que ella preferia para as suas jarras, a escada por onde ella subira no momento em que Gregorio a viu pela primeira vez; tudo o atormentava, tudo o fazia desabar n'uma nostalgia insupportavel e sem fundo. No meio de seu desgosto só uma idéa lhe sorria—tornar a ver Olympia, sentir-lhe de novo o calor do corpo e beber-lhe os beijosquentes da paixão.

Quanto mais se convencia de que ella o despresava, quanto mais se compenetrava de que ella o não queria, mais assanhado o desejo trincava-lhe o coração e chibateava-lhe os sentidos.

O Dr. Roberto foi o unico que comprehendeu tudo isso.

— Ora, vamos lá estudar mais este caso! Disse o medico comsigo, resolvido a tratar de Gregorio.

XLVI

QUEDA E MORTE

N'essas condições Gregorio resolveu abandonar a Avenida Estrella. A preocupação de seu amor infeliz absorvia-lhe a melhor parte de sua actividade; já não estudava, pouco trabalhava, sentia-se ir enfraquecendo e acovardando todos os dias. O desgosto seccara-lhe a coragem com que até ahi commettia qualquer empreza e que lhe assegurava o bom exito antes de dar o primeiro passo. Estava mais magro, mais descorado e mais tímido.

O Dr. Roberto principiou então a se interessar por elle. Gregorio peiorava, só um bom tratamento o salvaria; o pobre moço tinha os pulmões fracos e muito propensos aos tuberculos e á tísica. Essa circumstancia era devida aos vicios de seu pae, cuja existencia, irregular e má, já o leitor conhece. Gregorio participava moralmente do character generoso e do genio docil de Cecilia, mas a sua compleição physica vinha directamente de Pedro Ruivo.

O medico, quando o viu em risco de vida, carregou com elle para casa e transformou-o no objecto de seus cuidados. E' que Roberto ainda não tinha familia e precisava dedicar a alguem essa porção de ternura e amizade que todo o coração bem construido, possui para depositar aos pés da primeira pessoa que a saiba conquistar. Em pouco tempo ligava-os a mais inquebrantavel adhesão.

Tambem era muito facil de se ficar

gostando de Gregorio: elle dispunha em alto gráo d'essa irresistivel sympathia, que é como o perfume das almas candidas e que em geral se manifesta pelo sentimento da justiça, pelo respeito aos fracos, pela veneração dos fortes e pelo amor aos bons. Gregorio não tinha os encantos brilhantes e ruidosos do homem de talento ou do homem devasso; não possuia a nota aguda do romantismo estrepitoso, que produz tanto effeito para as mulheres nervosas e impressionaveis; mas captivava com a doçura de sua voz, com a simplicidade de seus costumes, com uma certa ingenuidade inextinguivel de seu coração brando e compassivo. Elle não deslumbrava, mas seduzia. Não entrava no coração com o quente fuzilar de raios, mas filtrava-se como o ar frio, que nos penetra até a medula. Custava a introduzir-se, mas em compensação nunca mais saía. Todo elle derramava-se no espirito que se lhe abria para recebê-lo, Tinham raizes seus olhares, seus sorrisos e a doce expressão de sua voz. N'elle eram tudo tentaculos de polvo, tudo acariciava agarrando-se, tudo prendia, tudo enlaçava.

No fim de algum tempo o Dr. Roberto tinha por elle a adoração que se póde ter por um filho estremeado. O commendador Ferreira, a quem Gregorio frequentava com mais assiduidade depois que se restabeleceu, fôra pouco a pouco se penetrando do mesmo sentimento pelo rapaz e acabou por não lhe poder mais dispensar a companhia.

Só faltava Olympia, mas d'essa não podemos adiantar idéa, sem voltarmos ao ponto em que a deixamos

á sahir do circo de acrobatas. Todavia convém, para fazer justiça a Gregorio, declarar que este, ao saber com certeza da posição de sua bem amada, e logo que reconheceu a affeição com que o commendador o acolhia, sentiu-se envergonhado de seus intentos e tratou de retrahir os impulsos, que o impelliam para Olympia. Foi peor. E' muito perigoso contrariar uma mulher nas circumstancias d'aquella. Mas por enquanto deixemos de parte as considerações e vamos colher a caprichosa filha do commendador na occasião em que ella entra no carro, que a esperava á porta do circo Chiarini.

O pae havia já por duas vezes lhe dirigido a palavra, perguntando-lhe o que a fazia preocupada e triste. Olympia respondera alguns sons que o velho não comprehendeu, e durante o caminho não articulou mais uma palavra. Mal chegou ao quarto atirou-se sobre o canapé e abriu a chorar com desespero.

Já sabe o leitor que ella não quiz ficar mais um só dia na Avenida e que, transferida para Botafogo, exigio que o pae a levasse para a Tijuca. E' ahí que a temos defronte dos olhos.

A casa é elegante, um pequeno chalet pintado de azul, com guarnições brancas. Ha um jardim em frente da casa; um rengue de palmeiras, caminha do portão de ferro até a escadaria de pedra, que precede a sala de visitas. As trepadeiras grimpam-se pelas paredes e enroscam-se pelos troncos das arvores. Do lado esquerdo uma pequena e detestivel gruta de cimento romano, cospe, pela bocca de um delphim de barro, um fio de agua encanada.

A' direita ha um caramanchão de maracujá e para os fundos do chalet estende-se a chacara, onde se vêm avultar a arvore de fructa pão, o coqueiro, o cambucá e a mangueira.

Olympia enterrou-se ahi inteiramente prostada. Pouco ou quasi nunca vinha á sala, comprazia-se em ficar no quarto, entretida com algum romance ou a bordar á luz da janella. Sahia as vezes com o pae, para ir ao circo Chiarini, mas isso mesmo principiava a aborrecel-a. Gregorio ia sempre aos domingos jantar lá; Olympia o tratava com frieza, quasi com desprezo. A' noite apparecia o Dr. Roberto, conversava-se um pouco sobre tudo, Olympia as vezes tocava, as vezes conversava, outras vezes não vinha á sala.

Havia n'essas reuniões uma dura tristesa de luto e desgosto. Pouco riso, nenhuma pilheria, muito bocejo. Entretanto Gregorio não faltava; o Dr. Roberto tinha de fazer uma viagem ao norte e partiu no primeiro vapor; a coisa tornou-se mais reduzida e mais fria. Olympia piorava.

Uma occasião estavam no circo, o commendador, a filha e Gregorio. Olympia não dava uma palavra, tinha os olhos presos em Scott, que trabalhava. O acrobata fazia o seu melhor e mais arriscado trabalho.

Era a sorte dos saltos no ar. Tomava um trapezio, deixava-se levar por elle, depois soltava as mãos, dava uma cambalhota no espaço e agarrava-se afinal em um outro trapezio que o esperava do lado opposto.

A cada um destes saltos seguia-se uma explosão de palmas.

Scott havia já por duas vezes feito o seu vôo arriscado, faltava-lhe o ul-

timo e o mais difficil. Consistia no mesmo que os primeiros com a differença que o acrobata, em vez de atirar-se de frente, tinha de atirar-se de costas e voltar-se no ar para alcançar o trapezio fronteiro,

Scott assomára no alto trampolim, que fôra collocado nas torrinhãs, ao pé do tecto. Havia um grande silencio impaciente nos espectadores, os corações batiam com sobresalto. Todos os olhos estavam cravados na esbelta figura do acrobata, que, lá do alto, nas suas roupas justas de meia, apparecia como uma estatua de marmore. Destacava-se-lhe bem o peito largo e abaúlado, via-se-lhe a riqueza dos braços e a nervosa musculatura das coixas.

Scott tomou o trapesio com uma das mãos, em quanto limpava com a outra o suor da testa, depois collocou o lenço á cinta, esfregou péz nas palmas das mãos e agarrou o braço do trapezio. Ouvia-se a respiração offegante do publico. Scott sacodiou o corpo, experimentou o trapezio e deixou-se arrebatado por elle, de costas. Em meio do circulo desprendeuse, gritou—ai! como era de costume, deu uma volta no espaço e lançou-se de braços estendidos para o outro trapezio. Mas o vôo fôra mal calculado, e o acrobata não encontrou onde agarrar-se.

Um grito terrivel, como de cem tigres a que rasgassem a um só tempo o coração, echoou por todo o theatro. Viu-se o enorme corpo de Scott solto no espaço virar para baixo a cabeça e cahir estatelado no chão com as pernas abertas. O recinto do circo encheu-se logo. Nos camarotes as mulheres desmaiaram em gritos; algumas pessoas fugiam do theatro

como se houvesse um incendio; outros protestavam contra a queda do grande gymnasta. Ninguem mais se entendia, davam-se encontrões; nas torrinhas passavam uns por cima dos outros para poder vêr se distinguiam o acrobata. Este, entretanto, sem accôrdo e quasi sem vida, agonisava por terra, a vomitar sangue.

Olympia, sem saber como, estonteada, horriavelmente pallida, tremula da cabeça aos pés, achou-se ao lado d'elle. Abaixou-se, tomou a cabeça do acrobata e posou-a no seu collo.

Scott estremeceu; esticou as pernas e os braços, torceu a cabeça para um dos lados, revirou seus olhos azues, contrahiou a bocca, serrou os dentes e soltou um gemido muito triste e prolongado.

— Ai! gritou enormemente Olympia cahindo de costas.

E começou a estrebuxar no chão.

XLVII

MÁU CAMINHO

Só acordou em casa, ao lado de seu pae.

Acompanhára-os desde o circo um medico ainda moço, que se achava presente na occasião do desastre. Era o Dr. Dermeval da Fonseca.

Dos tres parecia ser este o unico que conservava o sangue frio na alcova a que recolheram a desfallecida. O commendador nada mais fazia do que ir de um para outro lado, sem nunca acertar com os objectos que lhe pedia o medico. Expediram-se receitas para a botica, vieram os remedios, e ás onze horas a enferma voltava a si. Abriu os olhos, olhou espantada por algum tempo para o pae e para o Dermeval,

depois, reconstruindo as idéas, lembrou-se do facto que a fizera desmaiar, soltou um grito e recalhiu na syncope. O Dermeval e o commendador apoderaram-se d'ella. Olympia queria morder os pulsos e gritava, agatanhando-se.

Gregorio, na sala proxima, passeiava muito agitado, impaciente por descobrir um meio de ser util áquella situação. Mas não se animava a approximar do quarto de Olympia; receiava commetter com isso alguma indiscripção. Ao mesmo tempo o seu amor proprio sentia-se acariciado pelo desastre do acrobata. Gregorio tivera ciumes desde a primeira vez que observou o modo apaixonado por que Olympia acompanhava com a physionomia as difficeis e graciosas evoluções do gentil funambulo.

Não é que elle contasse ou ambicionasse merecer algum dia o amor da caprichosa senhora, não, porque estava no firme proposito de nunca deixar transparecer o menor vislumbre de seu desejo, ainda que para isso fosse necessario afogal-o em sangue. Mas o coração tambem vive d'esse dubio querer e não querer, d'esse vago desejar, que nasce e avulta em nossos sentidos, sem o menor concurso do raciocinio. Gregorio era sem duvida um espirito summamente idealista e sempre voltado para o céo, mas era brasileiro e tinha dezesseis annos; não podia, por conseguinte, furtar-se ás tendencias naturaes do meio em que nascera, e á fatal idiosincrasia de sua raça. Verificava-se com elle um facto que se observa commummente em todos os brasileiros de dezesseis annos, que não tiveram a fortuna de encontrar alguém que lhes encami-

nhasse convenientemente a educação e lhes methodizasse a tempo o curso dos estudos e das impressões. Gregorio educara o seu character e o seu gosto artistico vasando-os nos moldes europeus, cuja estatura só lhe chegava ao espirito por intermedio de alguns livros mal escolhidos e de alguns jornaes pouco escrupulosos. Lamartine foi um dos primeiros que se apoderou d'elle: que o fascinou com a sua seductora tristeza apaixonada; depois Musset, Gautier e Victor Hugo terminaram a obra. Gregorio não resistio ao desejo de sentir com elles. — Era tão agradável chorar na sua idade! E' tão bom soffrer quando soffremos por gosto!...

E assim se formou o que n'elle encontramos de contemplativo e mystico; o que significa que o idealismo de Gregorio era artificial, era emprestado pela leitura mal feita de alguns poetas e de alguns romanistas.

Mas o brasileiro de dezeseis annos continuava a existir no seu corpo, e o conflicto entre elle e o discipulo de Lamartine tinha de rebentar mais cedo ou mais tarde.

Um brasileiro de dezeseis annos, digam o que quizerem, só artificialmente pôde sustentar a attitude que nosso heróe tomou para com Olympia; porque o natural, aquillo que vemos todos os dias, é justamente o contrario.

Talvez que a verdade seja d'esta vez menos bonita e menos digna que o artificio, pôde ser, mas nós temos obrigação de respeitá-la.

Para o brasileiro a castidade é synonymo de decrepitude. Ora, Gregorio não tinha absolutamente nada

de decrepito, amava Olympia, desejava-a com todo o ardor e pôde por conseguinte calcular o leitor com que heroismo não se portou elle nas scenas que se seguem.

Olympia, depois da morte de Scott, ficou muito peor; o pae já não contava com ella e tornara-se profundamente triste.

O Dermeval não poupou esforços para salvá-la. Fizeram-se varias conferencias medicas; a opinião predominante era que Olympia, no caso que se levantasse da cama, viria a soffrer para sempre do cerebro. Só o Dermeval discordava.

Os collegas oppunham-lhe grandes argumentos, mas elle sustentava que Olympia ainda se podia restabelecer completamente. E principiou mais do que nunca a interessar-se por ella. Ia visitá-la todos os dias, procurava distrahi-la, contava-lhe historias, offercia-lhe de vez em quando um livro e fallava-lhe dos theatros e dos bailes. Olympia com effeito no fim de pouco tempo experimentou melhoras, e d'ahi a dous mezes passeiava no jardim pelo braço do pae.

Depois da molestia ficara muito amiga de Gregorio, tratava-o agora com extrema condescendencia, quasi com amor. Uma vez elle apparecera mais cedo do que era de seu costume. Acabava-se de tirar a mesa e o commendador fazia a sésta no gabinete.

Olympia, ao vel-o entrar, soltou uma exclamação de prazer e correu ao seu encontro com os braços abertos.

— Oh! disse ella — O senhor foi hoje muito bom!

E abraçou-o.

O rapaz ficou perplexo com aquella recepção, e apenas gaguejou algumas palavras. Em seguida assentaram-se

no mesmo divan e puzeram-se a conversar. Olympia parecia muito expansiva aquella tarde e Gregorio extremamente contrafeito.

Fallaram vagamente sobre todos os assumptos de que se podiam lembrar para encher a conversa. Ella offereceu-lhe café, e foi pessoalmente buscar a garrafa de licor. Depois pediu-lhe que lhe desenhasse alguma cousa no album; Gregorio obedeceu. Mal, porém, tinha principiado o desenho, ella lhe arrancou o lapis dos dedos e pediu-lhe que lhe fizesse antes um pouco de leitura. Gregorio foi á bibliotheca, tomou os *Primeiros cantos* de Gonçalves Dias e principiou a recitar o episodio do Pirata.

— Não! disse Olympia, passando-lhe a mão na bôcca — Leia-me outra cousa, esse poeta faz-me mal! Não gosto de lhe ouvir os versos porque me forcem a chorar.

Gregorio lembrou Casimiro de Abreu, offerceu Castro Alves, intercedeu por Fagundes Varella. Ella, porém, não aceitou nenhum d'elles.

— Olhe! cá está o Machado de Assis! Quer?

Olympia respondeu que não, sorrindo com faceirice e agitando o indicador da mão direita.

— O Luiz Guimarães?! Serve?!

— Não.

— Ah! Cá está o Tobias Barreto!

— Não! Não!

— Quer antes um poeta francez?

Prefere ouvir um pouco de prosa?

— Não! Já não quero nadá disso.

Dê-me aquelle album que ali está.

Gregorio foi buscar sobre o piano o album que ella indicou.

— Agora sente-se aqui. Ahi, n'esse banquinho. Bem. Vejamos o album.

Gregorio ficára muito encostado ao divan em que estava Olympia. Esta abriu o album sobre os joelhos e passou a primeira folha.

— Sabe quem fez isto? perguntou ella.

Gregorio inclinou-se mais para vêr.

— Fui eu, explicou Olympia—não está bem feito?

— Está muito bonito, disse o rapaz, prestando pouca attenção ao desenho.

— E este?! Que tal acha? continuou ella, voltando a folha.

— E', respondeu Gregorio, quasi sem olhar para a pagina.

— Olhe para cá! reprehendeu Olympia, segurando-lhe a cabeça e obrigando-o a olhar para o album.

Gregorio riu-se.

— Chegue-se mais para cá! accrescentou ella ainda em ar de reprehensão:

— Parece-me tôlo!

— A senhora está hoje muito amavel!

— Faça-se engraçado! Pensa que não sou capaz de puxar-lhe as orelhas?!

E terminou aquella phrase, segurando amorosamente a cabeça de Gregorio e puxando-a para junto de seu rosto.

Gregorio retirou a cabeça de suas mãos e fez um movimento para levantar-se.

— Espera! disse ella passando-lhe os braços na cintura.

— Não! não! balbuciava o rapaz, a segurar-lhe os braços.

— Você é um idiota! exclamou ella repellindo-o com raiva, e afastou-se muito apressada.

N'essa occasião acabava o commendador de levantar-se.

XLVIII

D. THEREZINHA

O commendador acabava de sahir do gabinete. Vinha, como sempre, com a gravata armada, o collarinho limpo, a barba feita e o cabello escovado.

Elle não era homem capaz de apparecer mal a ninguem. A filha nunca o vira em mangas de camisa.

Quando em certa época estivera muito prostrado pelo rheumatismo, e não podia sahir da cama, dizia á sua segunda mulher, que o commendador assim mesmo entrevado, tolhido de dores e deformado de inchações, não recebia ninguem no quarto, sem que o seu fiel Jacob lhe tivesse feito a *toilette*.

Apurava-se muito na roupa, gostava das camisas finas de linho, bem engommadas, tratava cuidadosamente dos dentes, que os tinha magníficos, e trazia frequentemente na algibeira de seu collete de seda preta um canivettino, com que se entretinha a burnir as unhas quando não tinha mais o que fazer.

Jacob era o seu braço direito. Era o Jacob quem lhe fazia a barba, quem lhe extrahia os calos, quem o ajudava a vestir, quem lhe cuidava dos sapatos, quem lhe mettia os botões na camisa. Ninguem mais fazia isso a gosto do commendador.

Ainda em vida da mãe de Olympia, já o desvellado domestico invadia todas essas attribuições e gosava do valimento de seu amo. Foi elle até, entre os intimos do commendador, quem tomou parte mais activa no seu

segundo casamento. O commendador consultara a opinião do criado, pedira-lhe os seus conselhos.

Jacob achava a noiva um pouco moça de mais para o amo. O commendador já não estava criança! Forte, é verdade, mas que diabo! a gente envelhece!

O pae de Olympia oppunha então a circumstancia de que tinha filhos, de que precisava de uma senhora que lhe tomasse conta da casa e dirigisse a educação das crianças

— Ora, volvia o velho com a confiança adquirida em longos annos de fidelidade. — A sinhasinha não está tão pequena que precise de madrastra.

Esta sinhasinha, a que se referia o bom Jacob, era Olympia. — E o nho-nhô, accrescentava elle — são do collegio apenas duas vezes por mez.

Mas, apezar de tudo, o commendador contrahiou novo matrimonio, do qual lhe resultaram aquellas duas gemeas de que falla o capitulo quarenta. Não foi feliz nas segundas nupcias. O criado tinha razão quasi inteira. Ao casar, o commendador não estava totalmente velho, mas caminhava muito de perto para isso. A velhice ás vezes é uma janella que se abre de repente e por onde fogem no mesmo instante os ultimos raios de nossa mocidade.

A segunda mulher do commendador orçava pelos vinte annos e era rapariga muito bem constituida de corpo. Sem ser bonita, ostentava esse encanto inestimavel da saude e da força, que tem para o homem as mesmas qualidades attractivas, que a brilhante chlorophila das flôres tem, segundo Darwin, para os insectos volateis.

Pelos olhos vivos e travessos, pelo moreno quente de suas faces coradas e viçosas, por seus labios carnudos e vermelhos, pelo vigor de sua larga respiração e pela seductora frescura de seus dentes, a segunda mulher do commendador pedia um marido mais esperto e mais senhor de si; de sorte que, por ocasião de se escancarar a janella de que ha pouco fallamos, escaparam, de envolta com os ultimos raios da mocidade do infeliz marido, as estopinhas da fidelidade conjugal, cujos votos a esposa do commendador principiava a romper com toda a força de seus ricos membros.

Uma janella aberta, e que se não pôde fechar, é um perigo constante para a casa a que pertence, principalmente se n'esta houver uma flôr, porque os insectos andam soltos lá por fóra.

O primeiro insecto que entrou pela janella foi o Portella, aquelle bello moço morigerado do commercio, que foi chamado por Henriqueta e Leão Vermelho para servir de padrinho a nossa Clorinda, e o qual mais tarde vimos, transformado em commendador, a conversar em companhia do Adelino Fontoura e do Duque Estrada em casa da afilhada.

Portella estava por aquelle tempo no vigor dos annos; teria quando muito vinte e cinco, porque fóra justamente n'essa época que elle baptisara a filha natural de Leão Vermelho.

Vejam os agora quaes foram as circumstancias que o approximaram da mulher do commendador Ferreira, porque essas circumstancias articulam-se de alguma fórma com as futuras scenas do romance. O pae de Olympia n'esse tempo campeava

ainda no commercio, de sociedade com um tal João Figueiredo, tão portuguez como elle, porém muito menos fino e menos traquejado nas salas. O nosso Portella era caixeiro da casa. N'esse tempo, como deve saber o leitor, os empregados do commercio não gosavam em geral de umas tantas regalias, que só mais tarde lhes foram conferidas pelos patrões. O bigode, a gravata, o fraque, por exemplo, eram fructo prohibido para os caixeiros. Entrar em um café, fumar um charuto, saber dançar uma quadrilha franceza, tudo isto era para os infelizes moços crimes de lesa moralidade commercial. Mas o commendador Ferreira não se deixava levar por esses preconceitos e dava aos seus empregados plena liberdade de deixar crescer o bigode, vestir um fraque, penetrar nos raros cafés d'esse tempo e fumar os charutos que quizessem.

O Figueiredo oppunha-se amargamente contra similhantes liberalidades do socio.— Você me quer estragar os rapazes!... dizia elle, penetrado de um grande desgosto — Pois você não vê, seu Ferreira, como tudo por ahi anda já desmoralizado! Não vê como hoje só ha pelintras?! Não vê que hoje já os rapazes, em vez de aproveitarem o domingo para ir á missa, querem ir fumar charutos no Passeio Publico e metterem-se á tarde na patifaria do theatro ?!

E o Figueiredo, possuido cada vez mais de sua indignação, continuava a exhortar o socio á ver se o chamava ás suas theorias; mas o commendador não se deixava catechisar, e continuava a dar folga aos rapazes.

E', porém verdade que, entre os caixeiros da casa, só um se provei-

tava verdadeiramente d'essas regalias — era o Portella. Aos domingos, em vez de ir para o canto da rua, como faziam seus companheiros, assentar-se a um banco de páo que havia, para ver quem passava, o pretencioso caixeiro ataviava-se com roupas de casimira franceza, mettia um charuto no canto da bocca, e punha-se de passeio pelas ruas. Esta especialidade dava-lhe aos olhos das moças suas conhecidas uma certa distincção *sympathica*. Portella era citado por ellas como a flor dos rapazes do commercio.

E o facto é que ficava um rapagão, quando envergava o fraque de panno fino, vestia um par de calças novas, arnava o seu chapéo de pello e ganhava a rua, rangendo as botinas e picando a calçada com a biqueira da bengala. Dos empregados do commendador foi elle o unico que compareceu ao casamento do patrão. O Figueiredo teve uma vertigem quando o viu chegar a carro e de casaca.

— Ora com effeito!... resmungou o caturra, a sacudir a cabeça. E afastou-se para não disparatar com o caixeiro.

Portella dirigiu-se mais de uma vez á noiva, felicitou-a, disse-lhe palavras muito bonitas e pediu-lhe que lhe reservasse um de seus alfinetes dourados. A' mesa ergueu-se, com muito desembaraço, para brindar o patrão, e seu discurso foi muito bem recebido. Desde esse dia o commendador o convidou para jantar aos domingos, e Portella não faltou mais a nenhum d'elles. A's vezes havia dansa e elle dansava; se havia jogos de prenda, brincava, e se havia meninas solteiras, namorava.

D. Therezinha, como tratava elle a

mulher do patrão, não lhe votava entretanto mais do que uma certa estima generosa, perfeitamente comprehendida no circulo de seus deveres conjugaes.

Por este tempo já ella estava grávida das duas gêmeas a que mais atraz nos referimos. O tempo passou; nasceram as meninas, d'ahi a um anno nasceu mais uma outra, e Portella sempre a frequentar a casa do commendador, cada vez mais considerado e mais querido.

Quando a peste, que n'essa época assolou o Rio de Janeiro, entrou em casa do bom negociante e arrebatou-lhe dos braços os adoráveis fructos de seu segundo matrimonio; o pobre homem recebeu o golpe em cheio no coração e cahiu desanimado e sem forças. Portella foi o unico que teve o segredo de chamal-o de novo á vida e de fazel-o esquecer um pouco a sua desgraça.

Foi então que uma rajada dos ventos da velhice atirou-se contra a tal janella e abriu-a de par em par. O commendador envelheceu da noite para o dia.

Desde esse tempo faltou-lhe a coragem paratudo; não queria festas, não queria distracções; o proprio trabalho já não tinha para elle o mesmo attractivo de outr'ora. Tudo o contrariava, e tudo o aborrecia. A transição da virilidade para a velhice é tão sobresaltada como a passagem da meninice para a puberdade.

Enquanto os factos se succediam por essa fórma, Portella empregava esforços para alcançar a mão de Olympia, cujos encantos principiavam a vestir as galas da mulher, resplandecendo dentro da aureola de seus quinze annos. Distincta, rica,

intelligente e formosa, a filha do commendador representava o melhor partido, que o caixeiro podia ambicionar.

O commendador estava por tudo; só faltava que ella se resolvesse. Ella recusou. O pae tentou ainda defender a pretensão do amigo; Olympia voltou-lhe as costas.

Foi então que o commendador, sentindo-se esgotado e precisando descansar, resolveu sahir do trabalho activo do commercio e retirar-se com o que lhe tocava em dinheiro. João Figueiredo, logo que liquidou as contas do socio, declarou a Portella que não o supportaria mais uma semana em sua casa — Até ali era preciso respeitar a vontade do socio, agora não havia razão para atural-o.

O commendador, sabendo do facto, ficou furioso e chamou o rapaz para sua companhia.

— Havemos de arranjal-o, prometteu elle.—Mas emquanto não apparecer emprego, ficará ao meu serviço. O senhor terá um ordenado, casa e comida.

Portella mudou-se logo para a casa do commendador.

XLIX

A TARTARUGA

O commendador dispunha de pouco serviço para dar ao Portella; não passava da tiragem das contas de suas propriedades alugadas, uma ou outra carta commercial, ainda exigida pelas pendencias com a praça, e mais nada. Comprehende-se, por consequente, que o rapaz tinha folga e grande folga.

Trabalhava no proprio escriptorio

do patrão, ao lado da bibliotheca, perto da sala de jantar, onde Therezinha costurava quasi sempre. A's vezes Portella abandonava a penna, fechava o seu borrão e ia dar um dedo de palestra á patrôa. Ella o tratava com muita deferença.

Um dia, seriam duas horas da tarde, o commendador não estava em casa, Therezinha parecia muito entretida com a sua machina de costura, e Olympia passeava em casa de uma amiga.

Fazia muito calor; Outubro nunca estivera tão insupportavel e tão cheio de moscas.

O ar morno e pesado produzia quebrantos no corpo e convidava á gente a estender-se no chão, sobre a esteira e deixar-se ficar de olhos fechados, na preguiça. Quasi que se não podia respirar. As cortinas da janella tinham uma immobilidade de pedra.

O commendador morava já em Botafogo, na mesma casa, d'onde maitarde Olympia o arrancou para mettel-o na avenida Estrella e depois para sepultal-o no modesto chaletinho da Tijuca. Via-se da sala de jantar a bahia defronte reverberar aos raios do sol; o Pão de Assucar, completamente nú de nuvens, reflectia por inteiro na placidez melancolica das aguas; e o céo, descoberto e brilhante, parecia uma cupola de porcelana azul.

Therezinha havia parado o trabalho e refrescava as faces com a palma de sua mão gorda e macia. Portella appareceu á porta do gabinete e fez uma exclamação sobre o calor, despregando com os dedos abertos o seu rico cabello preto e anelado, que o suor grudava ao casco da cabeça.

— E' ! Respondeu ella—Está horrivel.

— Não se póde trabalhar, considerou Portella, soprando affrontado. E foi assentar-se perto de Thereza.

— Então, como passou desde hontem de seus incommodos nervosos? Perguntou a mulher do commendador, referindo-se a uma conversa da vespera.

— Ah! Ainda se lembra d'isso?

— O senhor queixou-se tanto!...

— Qual! Eram manhas; o meu mal é outro. Não sei se mais difficil ou mais facil de curar!

E depois de fazer um gesto de convicção, accrescentou—Nasci para ser casado; não me serve a vida de solteiro.

— Não caia n'essa asneira!..., aconselhou Therezinha, fazendo-se muito séria.

— Mas asneira, porque?

— Ora! E' uma desillusão! Eu preferia estar ainda hoje solteira e vivendo como d'antes em casa de minha madrastra.

— Todavia a senhora não tem razão de queixa...

Therezinha respondeu dando um grande suspiro.

— Não vive então satisfeita? perguntou elle, pondo na voz uma extrema doçura.

— Ai, ai! Mudemos antes de conversa.

E passou abruptamente a fallar sobre uma bella tartaruga do Amazonas, que o commendador recebêra ha dias, de presente.—Era um bicho exquisito, muito grande, fazia afflicção olhar para elle. Therezinha nunca vira uma tartaruga d'aquellas.

Portella mostrou desejo de conhecê-la, e os dous desceram á chacara. Levaram algum tempo á borda do tanque, acompanhando os movimen-

tos preguiçosos do amphybio. Portella declarou que de cara o achava parecido com o João Figueiredo, e essa comparação fez rir Therezinha.

— Alli sempre era melhor de estar que lá em cima, considerou depois o rapaz.

— E' mais fresco, disse Therezinha, dirigindo-se para uma rua de bambús, que costeava a casa e ia dar a um agrupamento de arvores no fundo da chacara. Portella acompanhou-a e offereceu-lhe o braço. Ella aceitou, e os dous puzeram-se a passeiar muito vagarosamente por entre os rumores da alameda.

Ouviam-se estalar as folhas seccas debaixo de seus pés. Therezinha não dava uma palavra, toda segura ao braço do rapaz, caminhava vergada para elle, como se prestasse attenção a uma conversa de muito interesse. A certa altura pararam. Therezinha parecia fatigada, a julgar pela difficuldade com que respirava. Os dous olhares se encontraram, mas ao mesmo tempo se fugiram, porque cada um comprehendeu de relance o que se passava no pensamento do outro.

E tornaram a caminhar, sempre em silencio, mas d'esta vez Portella tinha entre as suas uma das mãos da rapariga. Chegados ao fundo da chacara, sentaram-se juntos debaixo de uma mangueira, sobre um banco que ahi havia. Therezinha, de olhos baixos, fitava com insistencia um ponto no chão, e suspirava de vez em quando, como se um pensamento doloroso a torturasse.

Portella chegou-se mais para ella, passou-lhe meigamente um braço sobre o hombro e perguntou-lhe com muito carinho o que a fazia triste.

Não era nada! Segredos de sua vida! Cousas que não poderiam interessar a pessoa alguma...

E Therezinha continuava o olhar fito, com uma cara de chôro.

— Não! teimava o rapaz com a voz cada vez mais doce.— A senhora soffre qualquer cousa. Não m'a diz, porque não lhe mereço confiança, mas soffre.

E segurava-lhe os pulsos, passava-lhe os dedos nos cabellos e nas costas. Therezinha sentia-lhe o tremor nervoso da mão e percebia-lhe a commoção da voz.

— Não é feliz com o commendador? perguntou Portella em voz baixa, chegando a boca ao ouvido de Therezinha.

— Foi uma asneira este casamento! respondeu ella— Eu passo uma vida de viuva. Ferreira por bem dizer não é meu marido. Entretanto, juro-lhe que desejava ser a esposa mais fiel e dedicada d'este mundo.

E começou a chorar muito afflicta — E' mesmo desgraça de cada um! accrescentou ella soluçando.

— Não se affliga d'essa fórma! disse o rapaz, puxando a cabeça de Therezinha para o seu hombro. Tenha um pouco de resignação!

— Mas não acha que devo passar uma vida estúpida e aborrecida?! Ando nervosa, sem appetite, tenho vertigens! tenho cousas de que nunca soffri até agora! Além d'isso Ferreira, porque já aborreceu os divertimentos, entende que os mais não se devem também divertir. Eu não vou a um baile, não vou a um theatro, não appareço a ninguem. Que diabo! eu tenho apenas vinte e seis annos!

Portella dava-lhe toda a razão, e pedia-lhe que não se mortificasse.

— E você ainda pensa em casar! continuou ella, já em outro tom — não seja tolo! E' uma asneira! E' um engano! Não caia n'essa! Se quiser aceitar o meu conselho fique solteiro. Ah! se eu fosse homem!

E Therezinha suspirou de novo, e sacudiu a cabeça com um gesto cheio de intenções.

— Se fosse homem não se casaria? perguntou elle.

— Eu?! exclamou a rapariga, apertando os olhos — nunca!

— E a velhice depois, o abandono, as molestias?!

— Ora! eu sei que não chegaria á velhice!... Além de que ha muito quem cuide da gente, sem ser preciso casar.

— Mas tambem a vida assim, sem termos uma companheira constante ao nosso lado...

E, passando o braço na cintura de Therezinha, concluiu — não póde ser grande cousa!

Ella continuou a queixar-se, fallou amargamente de sua vida, disse que n'aquella casa representava o papel de um *dous de páus*; a verdadeira senhora era Olympia.

— Já tenho medo de dar qualquer ordem aos criados, accrescentou com um gesto desabrido — porque posso ser desmoralisada mais uma vez. Isto é vida!? Como senhora não tenho força moral, como mulher não tenho marido! não tenho nada!

E as recriminações recrudesciam, acompanhadas de soluços. Portella, quando lhe puxava a cabeça para o hombro, sentia-lhe o nariz frio e os labios tremulos.

Quando o commendador voltou, d'ahi a uma hora, encontrou-os já em casa; Therezinha a costurar na

sala de jantar e Portella a fazer escripturação mercantil no gabinete.

Desde esse dia a mulher do commendador principiou a melhorar dos nervos, em breve não se queixava mais das taes vertigens, comia com appetite, dormia muito bem e cantolava durante a costura. Só quatro mezes depois que o Portella se hospedara em casa do commendador, conseguiu este arranjar-o em uma empreza commercial, que se acabava de crear. Este facto veio alterar um pouco a vida do caixeiro e encheo de enormes saudades pelas horas sobresaltadas e felizes que conseguia passar ao lado da amante. O amor de Thereza constituiria-se para elle um habito, uma necessidade, sem todavia perder o encanto dos primeiros tempos, graças ás circumstancias que o dificultavam e que faziam d'elle um objecto prohibido.

No dia em que se lhe cortassem as difficuldades e lhe suprimissem o perfume do mysterio, Portella se haveria de aborrecer e enfasiar da amante, como succede fatalmente em todos os casos identicos.

Mas nem elle, nem ella, se lembraram de fazer semelhante reflexão, pois, se a fizessem, não commetteriam a leviandade de praticar o que se segue:

L

A' BEIRA DO PRECIPICIO

O commendador principiava a sarar de suas mortificações; voltava pouco a pouco aos seus antigos habitos; ia finalmente restituindo-se ao amor da vida e aos gosos tranquillios que lhe permittiam os annos.

A morte de suas tres filhinhas annuviára-lhe o semblante, azedára-lhe o genio; mas lhe não lograra absorver o inveterado gosto pelas cousas finas e pela observancia de uns tantos preceitos sociaes.

Nas crises de seu desgosto jamais desmanchara o penteado ou amarrotara os punhos. Chorou sempre engravatado e limpo; as lagrimas correram-lhe livremente pelo rosto escanhado, e os suspiros sahiram-lhe da bocca impregnados de cheiroso dentefricio. Por triste e magoado não esqueceu elle nenhum dos requisitos do cavalheirismo com as pessoas que lhe foram dar pezames; e, no meio de sua oppressão, encontrou galanterias subtis para offerecer ás damas que o acompanharam naquelle transe.

Não perdeu o prumo, o que elle perdeu foi a estima da esposa, porque entre os dous conjuges se havia intromettido a pujante figura de Portella.

Metter no coração de qualquer familia um homem, que não seja seu parente immediato e por conseguinte solidario natural de sua dignidade e de sua honra, equivale quasi sempre a metter um poraquê n'um tanque de peixinhos. O choque produzido pelo electrico intruso é o bastante para destruir os companheiros de casa.

Therezinha descobriu no Portella todas as qualidades que não encontrou no marido. Até ahi fazia um triste juizo do amor; julgava-se desilludida a esse respeito. — Sempre suppunha que fosse outra coisa! confidenciou ella a uma amiga de confiança, poucos dias depois do casamento.

O amante, porém, viera obrigar-a a reformar esse conceito, apresen-

tando-lhe o amor pelo brilhante prisma da mocidade, da força e do arrebatamento da paixão. Therezinha ficou surpreendida, ficou maravilhada.

— Quanto havia sido injusta! dizia depois consigo, palpitando ainda sob a impressão do primeiro choque.

E, desde então, tudo se transformou para ella; o mundo exterior apresentava-lhe agora encantos inesperados; tudo lhe sorria, tudo a namorava, tudo lhe fallava com uma voz affectuosa e doce. Seus gostos e suas aptidões acordaram, como ao toque da varinha encantada de uma fada. Achava prazer nos divertimentos, no trabalho, na preocupação dos arranjos da casa, e até, o que é mais extraordinario, principiava a experimentar pelo marido uma certa *sympathia* respeitosa e compassiva, depois que se identificara com o Portella. O commendador até ali era insupportavel a Thereza. Ella não o podia ver com a sua calva escondida nos longos fios de cabello encerado, com o seu inalteravel ar de diplomata aposentado, com o seu olhar entorpecido pelos vidros dos oculos, e com o seu andar arrastado e methodico. Antes de raiar a aurora de seu amor com o caixeiro, ella por mais de uma vez tivera impetos de esbordoar o marido, quando o via de costas, meio vergado sobre a mesa de trabalho, com o pescoço embainhado no enorme e tezo collarinho. O cheiro da agua de Colonia fazia-lhe engulhos, porque esse era o perfume predilecto do commendador.

Entretanto, á proporção que Portella lhe despertava os sentidos entorpecidos e lhe acordava nas veias o sangue vermelho e quente, Thereza

ia se conformando com o marido e prendia-se a elle por uma especie de amizade filial.

Dormiam em quartos separados; de manhã, Thereza saltava da cama, fazia a *toilette* cantarolando, enfiava uma flôr no cabello e ia logo complimentar o marido, que a essas horas, já prompto e preparado, tomava o seu chá preto no gabinete de trabalho.

Ella o beijava na face, perguntava com pieguices de criança como o seu paesinho havia passado a noite, e depois de fazer-lhe uma festinha na carne do queixo, afastava-se muito sacodida e escorreita, para a chacara, onde suas plantas a esperavam.

O commendador notava com satisfação as mudanças que a mulher apresentava ultimamente. Nunca a vira tão meiga, tão satisfeita e tão carinhosa com elle. Já não o tratava seccamente como d'antes, agora tinha sempre uma palavra affectuosa para dizer-lhe, um riso agradável para recebê-lo e já não o chamava mais—*seu* Ferreira, como antigamente; agora ella só o tratava por — seu velho, por seu paesinho, por seu nhonhô.

Mas, uma noite, o commendador, approximando-se da mulher, ficou muito surprehendido de a encontrar esquiva.

— Não! dizia Thereza, com um gesto entre meigo e reprehensivo— não!

Parecia que o commendador propunha-lhe alguma cousa illicita. O facto afigurava-se a Thereza como uma especie de incesto. Ella se queixou de que estava incommodada, fingiu muito somno, e, como o marido insistisse, levantou-se zangada e dei-

xou escapar uma phrase grosseira. O commendador ficou pasmo.

No dia seguinte houve entre o casal certa frieza; e a graça é que Therezinha justamente era dos dous quem se mostrava mais resentida. O desventurado marido contou discretamente o facto ao Jacob.

— Hum! hnm! resmungou o criado com um ar de desconfiança. E aconsellhou ao amo que abrisse os olhos com a mulher.

Foi por esse tempo que o Portella deixou a casa do commendador. Thereza sentiu muito essa mudança e não pôde esconder totalmente o seu desgosto. Mas o rapaz appareceria de vez em quando e havia de passar os domingos em sua companhia.

Elle com effeito cumpriu a promessa, mas as suas visitas, longe de acalmarem a mulher do dono da casa, traziam-n'a em constante martyrio. Não havia meio de ficarem a sós; ora Olympia, ora o commendador, ora o Jacob, não os deixavam um momento em liberdade. Portella era de uma discrição e de uma prudencia desesperadoras; estava sempre receioso que lhe sorprendessem, alg uma palavra ou algum gesto que o denunciasse.

A' mesa Therezinha tocava-lhe nos pés e nas pernas, e elle retrahia-se a olhar para os lados. Se ella se demorava um pouco a apertar-lhe a mão, quando Portella chegava ou se despedia, elle a reprehendia com um olhar severo e não lhe dava mais uma palavra durante a visita.

E Thereza soffria muito com essas contrariedades. Aquelle amor era toda a sua preocupação, o seu bem, a cousa boa de sua vida; era elle quem lhe dava a alegria, o appetite, o somno; privarem-n'a d'elle seria pri-

val-a da saude e por bem dizer da existencia. Levassem-lhe tudo, com a breca!—a posição social, as regalias do dinheiro, as joias, a casa, o que quizessem, com tanto que lhe deixassem aquelle amor. Sem elle do que lhe poderia servir o resto?! Se agora ella amava as festas, os bailes, os theatros, as reuniões, é porque se sentia confortada e satisfeita.

E quanto mais lhe obstavam o curso dos desejos, quanto mais elle cortavam os meios de se approximar do amante, mais este lhe enchia o coração e lhe tomava o espirito. A corrente ameaçava transformar-se em pororoca; o amor, se insistissem em represal-o, podia converter-se em paixão louca e desenfreada.

Um mez depois de sahir da casa do commendador, Portella recebeu o seguinte bilhete:

« Luiz

Arranja uma casa, um lugar, qualquer parte, onde nos possamos encontrar, marca uma hora e eu irei. Tua T. »

Portella sentiu um grande prazer ao receber aquellas palavras, mas ao mesmo tempo teve medo.

— Não fossem vir a saber! considerava elle — Era o diabo!

Durante toda a noite não pensou n'outra cousa. Seu desejo estimulado pela falta de carinhos da amante, encarecia-lhe as saudades e fazia avultarem os encantos de Thereza. Não podia socegar, o corpo pedia-lhe aquelle amor com uma exigencia irracional. Desejava amar como o faminto deseja comer.

No dia seguinte, quando foi á casa do commendador, levava prompta a resposta em um pedacinho de papel,

receioso de não ter occasião de fallar com Thereza.

Elle arranjára de emprestimo o commodo, que um amigo seu occupava no campo de Sant'Anna. O logar n'esse tempo prestava-se maravilhosamente para as empresas d'esse genero.

A entrevista seria ás onze horas e meia da manhã; Portella apresentara-se ás dez. Estava muito afflicto.

Nunca se sentira tão sobresaltado, desde a vespera que o coração lhe pulsava alternadamente; não pudera comer, da mesma fórma que não pudera dormir. Doía-lhe levemente a cabeça sobre a núca, e a bocca amargava-lhe o gosto do fumo, de que elle abusara n'aquellas ultimas horas.

Ainda não eram onze horas, quando se ouviram duas pancadinhas na porta da saleta.

Portella correu a abrir.

LI

PRIMEIRA ENTREVISTA

Ainda não era Thereza, era o homem encarregado de limpar a casa.

Luiz Portella olhou para elle com um ar interrogativo.

— Vinha varrer o quarto, explicou o homem, um pouco perturbado por não conhecer Portella.

— Deixe isso para outra occasião, aconselhou este. E, quando o outro ia já sahindo, accrescentou entregando-lhe uma nota de dous mil réis—Traga-me uma garrafa de cerveja, e guarde o resto.

O homem voltou com a garrafa, abriu-a, encheu um copo de cerveja e retirou-se. Portella fechou de novo a porta, depois de ter recommendado que precisava ficar só.

Mas não podia socegar um instante: ia da alcova á janella, da janella á sala; abria um livro sobre a mesa, não conseguia ler duas linhas; sentava-se, para se levantar logo, ao menor rumor que sentia na escada.

E Thereza nada de apparecer. Portella tornava-se cada vez mais inquieto e mais sobresaltado. Estava indisposto; os goles de cerveja cahiam-lhe no estomago com uma impressão desagradavel.

Os minutos arrastavam-se lentamente. Elle acendia cigarros consecutivos, passava de vez em quando pelo espelho, olhava sua figura um pouco desfeita pela irregularidade d'aquelle dia, e voltava de novo a passeiar pelo quarto.

Deram' onze e meia, Portella perdeu a paciencia — Ora! exclamou elle, gesticulando consigo — Isto não se faz! Ha duas horas que estou aqui a olhar para as moscas! Mas suspendeu as suas considerações porque sentiu parar na rua uma carroagem, e logo em seguida ouviu passos agitados subirem a escada.

O rapaz deu uma carreira para a porta, abriu-a, e disse apressadamente para quem acabava de chegar.

— Aqui! E' aqui!

Thereza vinha vestida de preto, um véo cobria-lhe o rosto, e toda ella tremia de commoção.

Ao entrar, descobriu logo a cabeça; estava muito pallida e assustada. Portella recebeu-a nos braços e cobria-a de beijos. Ella não podia dar uma palavra.

— Descance, descance um pouco, dizia elle, a desafrontal-a do chapéo e da capa.

— Ah! suspirou a mulher do commendador, como quem descarrega a

consciencia de um grande peso e, sem dar uma palavra, pendurou-se ao pescoço do rapaz e ficou a olhar para elle, com a voluptuosidade de quem bebe com muita sede. Depois principiou a conversar, disse que estivera arriscada a não poder vir ter com elle. Todos pareciam combinados para contrariar-a. Narrou por menores, contou as pequeninas circumstancias que precederam a sua salida de casa.

Portella ouvia tudo aquillo com muito interesse, mas o seu sobresalto, longe de diminuir com a chegada de Thereza, avultava cada vez mais.

— Ella felizmente tinha uma amiga intima, uma rapariga de muita confiança, que fóra sua companheira de collegio, e a quem revelara todo o segredo de seus amores.

— O que?! Perguntou Portella contrariado—Pois metteste mais alguém n'este negocio?!

— Ah! E' que tu não conheces a Chiquinha, d'aquella não temos que receiar cousa alguma. Não! Lá por esse lado estou segura!

— Sim, sim, voltou o rapaz, cada vez mais preocupado—mas é que as cousas transformam-se de um dia para o outro. Quem nos dirá a nós que a tua Chiquinha seja sempre a mesma discreta!...

Thereza censurou aquelles receios do amante—O' homem, disse ella—você também tem medo de tudo! Safa! nem eu que sou uma mulher!

Ah! se eu fosse um homem!

— Mas bem, disse elle—como afinal conseguiste vir?..

— A Chiquinha foi buscar-me a casa para darmos um passeio. Eu estou passando o dia com ella.

— Sim, mas isso é um expediente

de que se não poderá abusar. No fim de pouco tempo desconfiaríamos.

— Não tenho medo por esse lado. Além disso, eu não podia deixar de estar contigo! Se soubesses como tenho passado! Ah! é uma cousa horrivel. Era impossivel resistir por mais tempo! Ando estonteada, louquinha!

E, tomando a cabeça de Luiz Portella, disse-lhe com os labios encostados aos d'elle:— Tu me enfeitaste! Tu és um diabo!

— E o commendador?! perguntou Portella, sem corresponder ás caricias de Thereza.— Não desconfia ainda de coisa alguma?!

Thereza respondeu com um gesto muito expressivo. E accrescentou depois, com o ar mais serio:— Coitado! Nem lhe passa semelhante coisa pela idéa!

Portella fez ainda varias perguntas sobre o Jacob, sobre Olympia, sobre as pessoas que appareciam em casa do commendador. Thereza respondia por condescendencia. Aquelle assumpto frio e cheio de prudencias a enchia de tédio.

— Deixa lá isso! reprehendeu ella. Ainda não me déste um beijo!

Portella apressou-se a cumprir aquella ordem, mas a rapariga notou que o impulso não era natural. O amante estava fóra de si.

— Estás insupportavel, disse ella, resentida.

Portella confessou que se achava sobresaltado.— Não sei o que tenho, disse elle! E' a primeira vez que me acho neste estado. Sinto tremores pelo corpo. Olha como tenho as mãos frias!

— Eu também estou assim! respondeu ella, abraçando-se ao rapaz.

—Mas não podia deixar de vir! Affigurava-se-me que morreria se não estivesse hoje contigo. Ah! tu não calculas o que é! Que noites! Que dias! Tudo me enjoava, tudo me fazia nervosa! Não podia supportar ninguém! Se soubesses como eu ficava, quando estavas perto de mim e eu te não podia fallar! Oh! Luiz! um verdadeiro supplicio!

E interrompeu-se, reparando que o rapaz em vez de lhe prestar attenção, parecia preocupado com outra cousa—Mas que diabo tens tu hoje?! Estás distraído! Quasi que não olhas para mim!

Portella respondeu puxando-a para os joelhos e cobrindo-a de caricias. N'aquella occasião elle fazia essas cousas por condescendencia, quasi que por obrigação. E Thereza comprehendeu tudo perfeitamente.

— Já não gostas de mim! disse ella, tornando-se igualmente pensativa.

— Que idéa! respondeu o outro, procurando fazer-se apaixonado — nunca te amei tanto! Não sei mesmo onde isto irá parar!

— Mas então porque estás assim tão exquesito?!

— Sei cá, disse elle, mas não me sinto bem.

D'ali a duas horas Thereza entrava de novo no carro e seguia para a casa da tal amiga.

Ia furiosa. Portella n'aquella entrevista não levára nenhuma vantagem ao commendador.

— Já não gosta de mim! dizia consigo Thereza na sua inexperiencia — Já não gosta, senão teria procedido de outro modo!

E as lagrimas saltaram-lhe dos olhos. Ao contrario do que succedera

com o marido, a frieza incidental de Portella, em vez de a fazer aborrecel-o, puxava-a cada vez mais para elle com todos os liames do desejo e do ciúme.

Depois d'aquella entrevista Thereza peiorou de genio, tornou-se frenetica e nervosa; voltou a tratar o marido por — *seu* Ferreira, e não podia supportar Olympia, nem o Jacob. Já não ia visitar as suas plantas na horta, não cantarolava á costura e estava sempre a pedir que não a amollassem.

Portella, como todo homem fútil, ficara igualmente muito preocupado com a entrevista, e tratou de realisar uma nova, só com a vaidosa intenção de destruir o máu effeito da primeira. Depois seguiram-se outras, outras, até que o rapaz alugou uma casinha adequada aos seus amores e principiou a receber a amante, regularmente duas vezes por semana. No fim de dous mezes já elles seriam dos seus primeiros sobresaltos. Thereza tornara-se um pouco descuidada com a vizinhança, as vezes apparecia sem véu.

Já não tinham entre si a menor cerimonia, tratavam-se como velhos casados, á vontade, conscios de que qualquer um faria falta ao outro, por uma questão de habito. Já não havia entre elles phrases apaixonadas, havia agora a pilheria, a cassuada, e ás vezes de gosto um tanto decotado e canalha.

Thereza possuia uma chave, entrava sem sobresaltos, mudava de roupa, porque ella já tinha roupa em casa de Portella, e depois esperava que chegasse o amante.

Um dia appareceu fóra das horas em que costumava, e disse resoluta-

mente que não estava disposta a voltar para a casa do marido.

Portella fez um grande ar de surpresa.

— E' o que te digo! sustentou ella — não volto!

— Mas filha, pensa um pouco antes de fazer alguma asneira! Tu sabes que nem tudo n'este mundo são rosas!

— Ora! respondeu ella, sacudindo os hombros. — Estou farta de ouvir conselhos!

— Mas é que eu...

— Não podes ter mulher, não é isso?... Ora escuta lá e depois me darás a resposta.

— Então já tens um programma?! perguntou Portella a sorrir.

— Um programma! Tenho uma idéa, o que é muito melhor! Ouve!

LII

SEDUCÇÃO

— Eu tenho um dote, disse ella. — Um dote em acções, que me fez meu marido por occasião de casarmos.

— E d'ahi? perguntou o Portella.

— D'ahi é que deixaremos o Rio de Janeiro, mettemo-nos em uma provincia, ou então onde melhor o entenderes, e tu tratarás de te estabelecer, o que será facil, pois com o talento que possues para o commercio...

— Isso é asneira!

— Asneira, porque?!

— Porque desde que abandonares o commendador, nenhum direito terás ao dote que elle te fez.

— Diz a Chiquinha que não.

— A Chiquinha não entende d'isto!

— Eu então não tenho direito a cousa alguma?!

— Sei cá; só um advogado o poderia dizer...

— O que me parece é que tu não tens vontade de ficar commigo.

— Não sejas tola! Se não tivesse já o teria declarado ha mais tempo.

E, depois, de guardarem ambos um silencio de alguns segundos, Portella disse vagamente — se o commendador se lembrasse de morrer agora!

Thereza olhou para o rapaz com um ar cheio de interrogações.

— E'! justificou elle — se o commendador morresse, as cousas correriam naturalmente. Eu casava-me comtigo, estabelecia-me, e iriamos viver juntos, independentes e felizes.

E accrescentou, depois de uma pausa — Imagina que amanhã teu marido amanhece incommodado. Vem o medico e declara que a molestia não é de cuidado—achques da velhice. Recommenda regularidade na vida, abstinencia de uns tantos prazeres e receita qualquer calmante. O commendador principia a tomar o remedio, mas de dia para dia vai sentindo-se piorar. Afinal, uma bella manhã, quando ninguem espera por isso, encontra-se o homem morto. O medico passa o seu attestado; tu te cobres de luto, recibes as visitas de pezames das amigas, choras naturalmente em presença de algumas d'ellas, e, um anno depois, os nossos amigos leem com prazer a noticia de nosso casamento. Uma vez casados, vamos morar ahi em qualquer arrabalde, escolhiamos um chaletinho proprio para a lua de mel. Eu trataria de te fazer esquecer a perda de teu commendador, e tu serias minha, minha, sem sobresaltos, sem receios ridiculos;

pertencendo-me a todas as horas, a todos os instantes!

E Portella, depois de beijar e abraçar a amante, continuou como se fallasse em um sonho.

— Parece que já me vejo n'essa felicidade, voltando aos teus braços, cansado do trabalho, comido pela fadiga, mas com o coração satisfeito de te encontrar em casa, alegre, viva, contente com o nosso amor. Parece que presinto as nossas noites de casados: calmas, doces, descansadas!

Thereza suspirou.

— Devia ser muito bom! continuou Portella.—Uma existencia completa ao teu lado. A mesa bem provida, a casa bem illuminada, o amor bem confortado.

— Cala-te! disse Thereza.

— Além disso os passeios, os bailes, as noites de palestra com os amigos, em volta á mesa do chá. Depois a nossa independencia, o nosso bem estar, a nossa felicidade!

Thereza ficou pensativa.

— Não achas que tudo isso seria muito bom?! perguntou-lhe o rapaz, beijando-lhe os braços carnudos.

— Se acho!...

— Pois olha que está em tuas mãos arranjaras tudo isso!...

— Heim?! Como?! Estás gracejando!

— Não! Para tudo isso era bastante que o commendador morresse!

Thereza estremeceu, e abaixou os olhos, receiosa de comprehender o pensamento do amante.

— Vês este frasquinho? perguntou elle, tirando um frasco de uma gaveta — Tem cincoenta gotas. Dando-se uma d'ellas por dia ao commendador; no fim de um mez elle

morreria, sem que ninguem soubesse o motivo.

— Veneno?!

— Sim, mas muito lento!... É um veneno quasi innocente.

— Não tenho animo de fazer isso! balbuciou Thereza, perturbada em extremo.

— Nem eu te aconselho que o faças; apenas disse que, se nos tivéssemos de desembaraçar d'elle, devíamos preferir este expediente a outro qualquer.

— Elle me ama tanto!

— Pois então, filha, deixa-te ficar como estás. Ora essa!

— Mas eu não o posso supportar!...

— Não o supportes!

— Mas não posso mais viver sem o teu amor!

— Então não sei o que te faça.

— Antes fugissemos! Ficariamos, bem sei, em uma posição mais falsa, mas ao menos teríamos a consciencia tranquilla!

— Pois isso é que não estou disposto a fazer! Lá fugir, ser talvez perseguido, vir a soffrer qualquer affronta, ter, quem sabe? de comparecer em tribunaes, não é commigo! Gosto muito de ti, não ha duvida! Tu és a unica mulher, pela qual seria capaz de fazer uma infamia; mas arranjar as cousas de modo que afinal de contas eu ficasse privado tanto de ti, como de minha liberdade, isso é o que não faço! Porque, vamos e venhamos! O commendador continuando a existir que diabo de felicidade póde ser a nossa?! viver ali odiados, escondidos, sem poder gosar cousa alguma?! Ora, assim seria um inferno para qualquer um de nós, Ao passo que não existindo o commendador, fico eu herdeiro de todos

os seus direitos. Tu n'esse caso, não serás minha amante, serás minha esposa. Eu te poderei levar para toda a parte, apresentar-te dignamente em todas as rodas, e, o que é melhor, viver socegado, sem ter de evitar conversas a teu respeito, sem ter de quem receiar e de quem fugir!

— Mas é abominavel matar uma creatura! considerou Thereza, afflicta.

— Ora, filha! Abominavel é um velho daquelles lembrar-se de casar contigo! Que diabo! Quem não quer ser lobo não lhe vista a pelle! Pois aquelle homem não devia comprehender logo que tu não te poderias contentar com elle?! Para que então casou?! Se algum de vocês dous tem razão, és tu, minha tola, porque tu foste a lezada, foste a victima. Casando-te, levaste um capital de mocidade, de frescura, de amor; tinhas direito a exigir de teu noivo uma parte correspondente! Se o matares, outra coisa não fazes mais do que cortar a grillheta que te amarraram aos pés. Eras inexperiente, não tinhas sequer uma idéa do que fosse a vida, a felicidade conjugal; teu corpo de virgem não exigia cousa alguma, porquenada conhecia. Entretanto umhomem de crepito e inutil ambicionou amarrar o teu destino ao d'elle; pediu-te á tua familia, elle era rico, deram-te, ou melhor venderam-te. Mas tu, um bello dia acordaste, acordaste mulher; tiveste então as tuas aspirações, os teus desejos. O amor reclamou os seus direitos, o coração precisava comer! Bem, o que te competia decidir n'este caso?! — Das duas uma — ou abraçares o papel de victima, e resignares-te a aturar o trambolho a que te prenderam, ou então reagir e entregares-te francamente ao homem

que escolheesses. Tu escolheste um, fui eu! Agora está dado o passo; voltar atraz seria loucura; e para proseguir só ha um meio — é dar cabo do commendador.

— Mas isso é um crime horrivel! respondeu Thereza, segurando a cabeça com ambas as mãos.

— Crime horrivel, torno-te a dizer, foi o teu casamento com aquelle velho! Isso é que é crime horrivel, por que é a morte sem a morte, é a morte sem a insensibilidade e sem o esquecimento!

— Em todo o caso, considerou a rapariga, desafrontando o peito com um enorme suspiro.—Se elle se casou commigo, é porque me amava e porque suppunha fazer-me feliz!

— Criança! exclamou o outro com um gesto de compaixão — Porque te amava! grande furia, na verdade! Compreendo que houvesse no amor do commendador alguma porção de generosidade e abnegação, se fosses uma mulher feia e difficil de supportar; mas tu, moça, encantadora, e cheia de attractivos. Tu, que tens esses olhos, esses dentes e essas carnes, não podes receber como um obsequio o amor que te votam. Não! porque esse amor nada mais é que uma manifestação do egoismo! O commendador casou-se contigo, não para te prestar um serviço, mas sim para prestar um serviço a elle proprio. Amou-te por amor d'elle e não por amor de ti! Não ha por conseguinte no acto do commendador a menor idéa de sacrificio e de abnegação. Mas, dada a hypothese que elle, não se contentasse em dar-te unicamente o nome de esposa, e desse-t e todos os bens que se possam imaginar, ainda assim não havia a

menor intenção altruista nas suas acções, porque se elle fazia tudo isso era porque sentia muito prazer em te agradar, e por conseguinte estava simplesmente tratando de deliciar o seu proprio gosto.

— Acredito !... volveu Thereza meio convencida — mas é que...

— Em todo caso, filha, só uma coisa tenho a dizer-te — é que, no pé em que estamos, eu, só casando-me, tomarei conta de ti ; de outro modo, não ! Não quero ! sei que iria crear difficuldades para o futuro. Vai para casa, pensa um pouco no negocio, e depois então decidiremos qualquer coisa !

— E' que já não me amas ! disse Thereza, limpando os olhos.

— O' senhores ! não te amo ! Mas eu estou justamente disposto a casar contigo, e dizes que não te amo ! Ora deixa-te de tolices !

Thereza retirou-se á casa muito abatida e contrariada. O amante collocára a questão em um pé deveras espinhoso para ella ; enfim era preciso tomar um expediente e no dia seguinte estaria tudo decidido.

Mas os desgraçados não sabiam que Jacob, seguira a mulher do patrão n'esta ultima entrevista e ouvira escondido tudo o que lhe dissera o amante.

Vejamos como chegou elle a fazer semelhante cousa, e quaes foram as consequencias de seu acto.

LIII

CHOQUE

Jacob, desde o momento em que desconfiou que Thereza enganava o marido, nunca mais a perdeu de vista. Os passeios ao campo de

Sant'Anna e depois á nova casa de Portella não lhe passaram despercebidos. Em uma das occasiões acompanhou de perto a mulher do patrão e ficou inteirado do logar onde ella ia. Saber do objecto d'essas visitas clandestinas, foi coisa que pouco lhe custou ; de sorte que na ultima, em que o leitor viu Portella fallar tão cynicamente a respeito da vantagem de matar o commendador, o fiel Jacob havia habilmente se introduzido em casa do seductor (se é que se póde chamar seductor a um homem provocado como foi o Portella) e d'ahi escutara perfeitamente o conchavo entre os dous amantes.

Jacob, chegando á casa, sem mais rodeios, contou tudo ao amo.

— Heim?! E' impossivel! disse o commendador, com um ar de quem está incommodado.

— Pois se lhe estou a dizer, meu amo!... Vocemecê estaria de passagem tomada para o outro mundo, se a fortuna não me puzesse a par dos projectos d'aquelle malvado. Elle quer dar cabo de vocemecê, para depois tomar conta de Sra. Therezinha.

O commendador passeiou agitado no quarto por alguns segundos, e depois tornou a interrogar o criado. Jacob explicou-lhe tudo.

— Bem, disse o pae de Olympia — Obrigado. Eu tratarei de defender minha vida!

Thereza n'csse dia appareceu ao marido muito mais expansiva e rissonha. Todavia um espirito observador teria notado que sua alegria era fingida e que aquella expansão encobria algum projecto traiçoeiro.

O commendador ás horas do chá queixou-se de que estava incommodado e recolheu-se ao quarto. The-

reza não lhe abandonou a cabeceira da cama, senão quando o doente declarou que precisava ficar só.

No dia seguinte, na ocasião em que a esposa veio dar-lhe os costumes bons dias, elle encarou-a de um modo desconhecido para ella e disse-lhe com uma resolução, que Thereza lhe não conhecia:

— Veja alli o papel e a penna.

— Quer escrever?! perguntou a rapariga, fingindo grande solicitude. — Olhe que isso lhe póderá fazer mal!...

— Não sou eu quem tem de escrever. E' a senhora! Vamos! faça o que lhe digo.

A porta do quarto estava previamente fechada. Thereza foi buscar o que o marido lhe ordenara.

— Bem, disse o velho, conchegando os lençóes ao corpo — Agora escreva o que lhe vou dictar.

— Para que?! perguntou Thereza empallidecendo.

— Mais tarde o saberá. Alguem duvida que a senhora seja uma esposa virtuosa e eu desejo provar o contrario. E' um capricho da velhice ou talvez uma fantazia da enfermidade.

— Estou ás suas ordens, balbuciou a mulher com a voz tremula.

— N'esse caso faça o favor de escrever: — Meu caro Luiz.

Thereza sentiu um calafrio, quiz oppôr qualquer razão á ordem do marido, mas não encontrou uma palavra.

— Escreveu?! perguntou elle.

— Está escripto, respondeu ella — Mas confesso-lhe que não comprehendo o que tudo isto quer dizer...

— Nem é necessario, respondeu o commendador tranquillamente. E continuou a dictar: — Estou por tudo o que desejas...

Thereza hesitou.

— Então?!... reclamou o marido, — A senhora escreve ou não escreve?!

— Mas o senhor exige de mim um sacrificio superior ás minhas forças; eu não sei a quem isto será dirigido.

— A senhora sabe perfeitamente. Continue.

— Não! disse ella — Não posso continuar. O senhor com certeza delira sob a influencia da febre.

— E' possivel! disse o velho sorrindo. — Póde ser que isto seja um delirio — em todo o caso a senhora ha de escrever o que lhe estou dictando ou então obriga-me a tomar alguma medida mais seria!

— Mas para que exige o senhor que eu escreva similhante cousa?!

— Já lhe disse que mais tarde o saberá. Por enquanto basta que me obedeça.

E o commendador, possuido da inesperada energia, levantou-se de um salto da cama e, segurando a mulher por um pulso, exclamou arremecendo-a contra a mesa:

— Escreva, ou eu a mato aqui mesmo!

— Socorro! gritou Thereza.

— Póde gritar á vontade, disse elle sem se alterar. — A unica pessoa que está em casa é o Jacob, elle não se importará com os seus gritos.

— N'esse caso é melhor que o senhor me dê logo cabo da existencia, em vez de obrigar-me a soffrer d'esta fórma!

— N'essa não cahia eu! exclamou o marido. — Hei de amarral-os um ao outro, e tanto me basta para minha vingança! No dia em que qualquer responsabilidade os unir, estarei vingado, porque vocês dois, miseraveis, hão de em breve se odiar, e cada um se encarregará então de punir o outro.

— Não o comprehendo! disse Thereza, procurando disfarçar a verdade.

— Não seja hypocrita! gritou o velho, deixando escapar o seu sangue frio.—Já sei de tudo. Elle espera uma resposta sua, para remetter o veneno com que a senhora me tinha de assassinar.

— Valha-me Deus! exclamou Thereza.— Isso é uma calumnia.

— Pois se é uma calumnia escreva, porque n'esse caso sua carta servir-lhe-ha de defesa.

— Mas como hei de eu escrever uma cousa que não sinto?!

— Não me interrogue, porque não estou disposto a dar-lhe explicações. A senhora ou escreve o que lhe vou dictar ou não sahirá viva d'este quarto!

— O senhor não pôde dispor d'essa fórma de minha vida!

— E poderia a senhora por acaso dispôr de minha honra como dispoz?

— Eu não o deshonrei.

— Veremos agora. Escreva.

— Pois escreva! O senhor se convencerá de que sou innocente.

O commendador dictou — Estou por tudo o que me propuzeste. Manda o frasquinho e...

— Não faço semelhante cousa! exclamou Thereza, arremecendo a penna, e levantando-se com impeto.

— N'esse caso farei eu... Disse o o commendador, tomando o lugar que a mulher acabava de deixar. E gritou para fóra—O' Jacob!

O criado bateu na porta.

— Entra, disse o commendador abrindo a porta, e fechando-a logo em seguida—Tens de arranjar um portador para este bilhete. Já sabes do que se trata. Recommenda que esperem a resposta e entrega-m'a logo que chegar.

E voltando-se para a mulher, acrescentou—A senhora não sahirá d'aqui em quanto não vier a decisão.

Thereza atirou-se aos pés do marido soluçando — Perdôa! exclamou ella, abraçando-lhe os joelhos — Perdôa! Eu não sei o que digo! Eu não sei o que faço! Juro-te que não sou tão culpada como pareço! Desejava ser honesta! desejava ser o modelo das esposas, todo o meu sonho era cumprir á risca os meus deveres! Mas a natureza me arrebatava para os crines de que me accusas! Tudo me impellia para o mal, tudo me puxava para o adulterio! Ah! Tu não sabes o que é ter a minha idade, o meu temperamento, o meu sangue! Tu não sabes o que é a mulher! o que é a natureza! o que são estes nervos, esta carne, e tudo isto que grita dentro de nós, como uma matilha de cães damnados! Já agora fallo-te com toda a franqueza:— Eu nunca tive a idéa de te desrespeitar, estimava-te, como se fosses meu pae, desejava o teu bem estar, a tua felicidade, a tua alegria, como se deseja a ventura do melhor amigo; mas eu precisava de amor, não do amor frio e adormecido que me proporcionavas, mas de um amor ardente, fecundo, apaixonado, de alguém que tivesse a minha idade. Sei que fiz mal em succumbir aos reclamos d'esta miseravel materia. Mas o que queres tu?! não fui eu quem me fez e quem decretou as leis que haviam de reger os meus órgãos. Succumbi, mas não sou a responsavel pela minha quédia! Se quizeres, mata-me, faze o que entendes de mim — eu te não amaldiçoarei, mas, por amor de Deus! poupa aquelle moço, que elle não tem culpa de nada que succedeu. Fui eu quem o

arrastou, quem o seduziu! Elle não seria capaz de commetter essa infamia, porque é homem, e não está sujeito aos mesmos sobresaltos de carne, á mesma hydrophobia do desejo, que se apoderou de mim!

— Tu o adoras, desgraçada! exclamou o commendador, ferido no coração.

— Sim! respondeu Thereza, pondo-se de pé e olhando friamente para o marido.— Eu o adoro! Se me tivessem casado com um moço, é natural que não me lembrasse de ter um amante, mas tu és um velho, tu és um destroço — eu te poderia dedicar minha alma, mas meu corpo teria de pertencer fatalmente a alguém que o merecesse, alguém que lhe soubesse domar os impetos!

LIV

DESEQUILIBRIO

E Thereza, ao terminar aquellas palavras, cahiu prostrada sobre uma cadeira, arfando os labios e sacudindo os cabellos, como se acabasse de despejar um peso da consciencia.

O marido, immovel ao lado d'ella, não lhe tirava de cima o seu frio olhar penetrante.

— Já nada existe de comum entre nós, disse afinal Thereza, passando a mão pelo rosto.— Foi até melhor que nos entendessemos por uma vez. Eu não o podia supportar por mais tempo. Pesava-me enganar-o; não sirvo para a traição e para o embuste; sou capaz de uma loucura, mas repugna-me praticar uma covardia.

— Mas para que então se casou comigo?! Perguntou o commen-

dador, com a voz tremula.— Para que consentiu, se me não podia supportar, que ligassem o meu triste destino ao seu?! Se me não amava ou se não sentia a coragem de se conservar fiel aos votos do matrimonio, porque o não declarou com franqueza antes de arriscar meu nome e minha honra?! Para que me illudiu?! Oh! a senhora é perversa! Um pouco de bondade a teria obrigado a proceder de outro modo; se o marido, se o homem não lhe mereria amor e dedicação, o pobre velho devia ao menos inspirar-lhe o dó e a caridade! Que lhe custava a esperar um pouco que eu fechasse os olhos? Não tenho tanto a viver; e a senhora depois poderia fartar á vontade todos os seus instinctos desordenados. Mas não! preferiu amargarar-me o resto da vida, preferiu cobrir-me a velhice de vergonha e desgostos, quiz que eu me retirasse para a sepultura amortalhado nos farrapos de minha dignidade, que a senhora estaçalhou nos seus momentos desenfreados de luxuria!

— Oh! exclamou Thereza, cobrindo o rosto com as mãos:—E' demais!

— Tarde assiste-lhe o pudor, minha senhora! continuou o velho, fazendo um gesto de desprezo.— Não acredito que minhas palavras, por mais duras e grosseiras, encontrem eco em coração tão corrompido!

— Mas para que insultar-me d'essa fórma? perguntou Thereza, erguendo-se de novo — se me casei com o senhor, se consenti em ligar-me ao seu destino, não foi, repito, porque o quizesse enganar, foi porque não conhecia absolutamente os segredos da vida e os segredos do coração. Podia eu, porventura, prever o que

me esperava? Sabia por acaso se o amava ou se o aborrecia? Uma creatura nas circumstancias em que eu me casei com o senhor não entende nada d'isto. Aceita o primeiro marido, que atiram sobre ella, como aceitaría outro qualquer!— Porque o illudi?— pergunta o senhor, e eu, porventura, não fui também illudida?!

— Illudida?! interrogou o commendador, abrindo muito os olhos.

— De certo, respondeu a esposa sem encaral-o.— O senhor, durante o tempo em que me procurou agradar não denunciou nenhum de seus defeitos, nenhum de seus achaques da velhice, nenhum de seus lados antipathicos; ao contrario procurou encobri-los com todo o artificio e com toda a habilidade. Escondeu-me os cabellos brancos; escondeu a falta dos dentes, disfarçou a tosse, affectou enthusiasmo pelas cousas do espirito, fez-se moço, terno, apaixonado, estudou phrases seductoras, recitou versos, fallou de fantasias, fingiu abnegação, heroismo, coragem, enfeitou-se de poesia, perfumou-se; e, entretanto, uma vez apoderado de mim, uma vez que me julgou segura para todo o resto de sua vida, atirou os disfarces pela janella e poz á minha disposição um resto de homem, magro, cachetico, cheio de asthma, rabugento e inutil!

— Senhora!

— E' essa a verdade! Illudir! Illudir! Illudida fui eu, porque eu era justamente a mais innocente, a mais passiva, a mais facil de enganar! Acredito que o senhor fosse igualmente illudido, mas foi por si proprio, porque se persuadiu que seria capaz de inspirar amor a uma mulher da minha idade!

— Não foi isso o que me cegou, disse o commendador.— Todo o meu erro foi suppô-la virtuosa.

— Ora, meu caro senhor, a virtude é sempre uma cousa muito relativa; é sempre uma consequencia e nunca um principio. Toda a mulher é virtuosa, desde que ella tenha a quem dedicar essa virtude; é uma questão de gratidão, de reconhecimento e ás vezes de interesse proprio. Mas por onde fez o senhor para merecer minha virtude?! Porque era meu marido?! Mas que especie de marido era o senhor?! Admitto que me lançasse em rosto aceitar o amor de um estranho, si eu tivesse á minha disposição o amor que o senhor me dedicasse. Mas onde está elle?! Por onde m'o revelou. Trazendo-me para esta casa e dando-me o que comer?! Isso não basta!

— Bellas theorias! não ha duvida!... disse o commendador, sacudindo a cabeça.

— São pelo menos verdadeiras! respondeu Thereza, já cançada de fallar. E, depois de tomar folego, accrescentou:

— E ainda vem o senhor dizer no seu phraseado cheio de affectação que eu devia ao menos ter dó e piedade do pobre velho, já que o homem, o marido, não me havia merecido amor! Mas com todos os diabos! Eu não me casei para ter dó e piedade de pessoa alguma! Eu não me propuz ser uma irmã de caridade; eu apenas me propuz dar amor em troca de amor; ceder a minha competencia de mulher em troca da competencia de um homem. «Devia ao menos ter dó do pobre velho!» E o velho teve porventura dó de mim?! Não sabia elle que se ligando a uma rapariga forte,

perfeita, em plena saude e em pleno vigor do sangue, equivalia a encarcerar-a n'um convento, entregue aos sobresaltos de sua mocidade e ao jugo inquisitorial de seus desejos?! Se entre nós houve um máo, sem piedade e sem dó, foi o senhor, porque agora, jungida fatalmente ao seu destino, triste e desconsolado, ou tinha de me conformar com o circulo de ferro, que o senhor traçou em volta de meus sentidos, ou tinha de romper com elle e cahir no desprezo da sociedade, sem nunca poder arrancar de mim o terrivel stigma do adulterio!

— E é isso naturalmente o que irá succeder! accrescenteu ella depois de uma pausa. em quanto o commendador meditava.—Com a differença que o senhor continuará a frequentar as suas relações, jogará o seu voltarete, ouvirá o seu bocado de musica em casa dos amigos, terá a sua chavena de chá como d'antes e continuará a ser respeitado, ouvido e galanteado pela sociedade; ao passo que eu, desde que transponha aquella porta, tenho de renunciar a tudo isso e conformar-me com a obscuridade e o abandono de meu novo estado. Qualquer um se julgará com direito de lançar-me em rosto a falta de que não sou responsavel, e todos me apontarão ás filhas e ás esposas como um bicho venenoso e traiçoeiro, que é preciso evitar com todo o cuidado. Para o senhor toda a indulgencia, toda a compaixão, toda a sympathia do martyr, da victima; para mim todo o desprezo, todo o odio, toda a indignação, toda a repugnancia! Oh! Esta theoria sim, é que o senhor sem duvida acha razoavel!...

— E então o seu amante?! Esque-

ceu-se de que deve contar com elle?! O amor que os impelliram um para o outro não é o bastante para encher a vida de ambos?!

E o commendador sorriu ironicamente.

— O senhor faz-me perder a paciencia! respondeu Thereza com tedio.— A' que vem agora essa pergunta?!

Está bem claro que o amor é indispensavel para a vida e que sem elle não encontraremos encanto em cousa alguma. Mas a vida compõe-se de duas partes—a privada e a exterior. Ambas nascem na porta de nossa casa, uma, porém, estende-se para dentro e a outra para fóra. A primeira bazêa-se essencialmente no amor, mas a segunda precisa de outros alicerces; sem as considerações sociaes, sem a estima de umas tantas pessoas, sem o concurso de umas tantas cousas, ella não póde existir, e nem tem razão de ser. Não se confundem, é verdade, mas auxiliam-se mutuamente. Uma é o complemento da outra. Se a vida exterior nos fatiga, a privada nos rétempera, e vice-versa. De sorte que, por maior felicidade intima de que possamos gozar, ella nunca terá o seu verdadeiro valor, si não a pudermos contrastar de vez em quando com as regalias do meio externo; da mesma fórma este se converterá em puro martyrio e aborrecimento se ao sahir d'elle não encontrarmos em casa o conchego tepido de um amor legitimo e duradouro.

E Thereza, recuperando inteiramente o sangue frio, continuou a fallar, como se conversasse com o commendador em um de seus melhores dias.

— Vê por conseguinte, disse ella,

pelos meus raciocinios e por esta calma, que, antes de succumbir, calculei bem o alcance de minha quédá. Sabia de ante-mão tudo o que ia perdere tudo o que tinha de affrontar. Julguei tão grande o meu sacrificio que me não lembrou compadecer de mais alguém que não fosse eu. Incontestavelmente quem mais perde e quem mais padece em tudo isto não é de certo o senhor. O senhor continuará a ser o commendador Ferreira e eu irei ser uma mulher de reputação suspeita.

— Queixe-se de si! disse o commendador.

— Não! não é de mim que me tenho de queixar, é do senhor, que nunca devia ter sido meu marido; é de meus paes, que consentiram n'esse casamento immoral e disparatado; é da sociedade, que não sabe fazer justiça a ninguem, e é, finalmente, das leis que não nos facultam o direito de nos desfazermos licitamente de um marido, quando esse marido se torna incompativel comnosco.

LV

PORTELLA EM APUROS

Portella sabia do escriptorio para almoçar, quando lhe entregaram a carta, principiada por Thereza e terminada pelo commendador. Sorriu ao recebê-la; já contava com aquillo. — Thereza estava segura, havia de sacrificar tudo por amor d'elle.

E, na sua presumpção de homem sagaz, sentia-se lisongeadado pelo bom exito d'aquelles planos. Foi com um riso victorioso que elle abriu a carta e leu o seguinte:

« Meu caro Luiz.

Estou por tudo o que desejas. Manda o frasquinho pelo portador e escreve-me como hei de ao certo ministrar as doses a meu marido. Hoje mesmo podemos principiar a obra. Preciso que me animes.

Tua, Thereza. »

— Venha commigo, disse Luiz ao portador da carta, logo que terminou a leitura, e sem mais pensar no almoço, tomou a direcção da casinha em que morava.

Ja muito agitado com as palavras da amante.

— Agora sim! considerava elle pelo caminho — tudo se vai transformar em torno de mim! O commendador d'aqui a dous mezes já não existirá. Algum tempo depois estou me amarrando á viuva e entrando na fortuna do defunto.

E o velhaco, sacudido por essas idéas, sonhava-se já em todas as regalias do dinheiro. Via-se rico, cercado de adulações, no meio da opulencia de seu palacio, imaginava a côr da libré de seus lacaios, o feitio de seu coupé, a estampa de seus cavallos.

Sentia-se já estendido nos custosos divans de damasco, a olhar para os quadros e para os ricos espelhos de sua sala. Via-se em viagem para a Europa, imaginava-se em Pariz a passeiar nos boulevards, por entre as irradiações dos cabellos dourados das condessas, o seu vigoroso typo meridional.

E Portella, sem parar na rua, sentia despejarem-lhe no coração una cornucopia abundante de boas impressões, de deslumbramentos e de prazeres de todos os generos, que lhe

subiam á cabeça como uma vaga espessa, tomando-lhe a respiração e produzindo-lhe um principio de vertigem. Carroagens, dansarinas, bailes, espectaculos, cavallos, baixelas de prata, diamantes, crachás, banquetes, brindes, todo o pandemonium de sua ambição e de sua fantasia, agglomerava-se e remexia-se confusamente no seu cerebro, formando uma argamassa de vermes esmagados.

Em torno do seu delirio passavam as sombras dos transeuntes; Portella apenas os sentia, tão possuido estava da febre que o assaltára. Tudo lhe parecia pequeno, miseravel, ao lado de seus futuros esplendores. Olhava com desdem para os vultos que se cruzavam pela rua, e sua physionomia armava insensivelmente esse ar fastidioso dos ricos fartos e aborrecidos.

Ao chegar á casa entrou acompanhado pelo portador da carta, e atirou-se a uma cadeira.

— Espera um pouco, disse elle, procurando acalmar-se, e foi á alcova, encheu um calice de cognac e bebeu. Depois assentou-se á secretaria e escreveu o seguinte.

«Therezinha.

Ahi vai o frasco. Uma gotta por dia é o bastante; no caso que chamem o medico, procura evitar que elle veja e analyse qualquer liquido, já preparado por ti.

Animo! Lembra-te da felicidade que nos espera.

Teu Luiz.»

— Prompto! Disse elle, fechando a carta e entregando-a juntamente com o frasco ao sujeito que esperava. E, assim que o viu pelas costas, entre-

gou-se de novo aos seus sonhos de ambição.

Apezar da grande sobreexcitação em que palpitava, uma idéa fria atravessou-lhe o espirito. Era a facilidade leviana com que entregara áquelle typo o veneno e a resposta á carta de Thereza.

— Ora! não haverá novidade! disse elle, levantando-se, disposto a ir almoçar.

Porém ainda não tinha chegado á porta, quando foi surpreendido pelo barulho de passos apressados no corredor.

— Oh! exclamou Portella, vendo Thereza entrar esbaforida e atirar-se sobre a primeira cadeira—Tu aqui?! Que é isto?!

Ella não podia responder logo, vinha offegante. O caixeiro empallideceu.

— Tudo perdido! disse ella, sem folego.

— Hein?! Como?! perguntou o outro, não se animando a ordenar suas idéas—Perdido?!

— Meu marido sabe de tudo.

— E a tua carta?!

— Foi escripta por elle.

— E a minha resposta?!

— Não sei.

— Jesus! exclamou Portella, segurando a cabeça com ambas as mãos.

— Eu disparatei com elle! acrescentou Thereza, respirando com difficuldade—O Jacob ouvira tudo o que dissemos aquella tarde em que combinámos dar cabo da peste! O bôbo quiz obrigar-me a escrever-te uma carta e eu não consenti...

— Mas porque não me preveniste, creatura?!

— Não pude. Elle prendeu-me no

quarto. Só agora conseguí sair, arrombando uma porta. Não volto mais alli, nem a ponta de espada!

— Ora esta! Exclamou o rapaz, atirando-se no sophá e escondendo a cabeça na palma das mãos.

Ouvia-se Thereza respirar, de tão cansada que estava.

— E agora?! disse afinal Portella, descobrindo o rosto.

— Agora é que estou resolvida a sujeitar-me a tudo. Fico contigo, respondeu a mulher do commendador.

— E' impossivel, filha! Sentenciou o outro, erguendo-se e pondo-se a passeiar em todo o comprimento da sala.

— Hein?! Interrogou ella, fazendo-se livida.

— Eu te previni! Só casado podia tomar conta de ti!...

Thereza ergueu-se, deu dois passos para a frente. — Tu és um canalha! disse com a voz arrastada, e deixou-se cahir sem sentidos.

Portella correu a suspendel-a do chão. Ella havia batido com a cabeça contra o pé de uma meza de angico e abrira uma pequena brecha no craneo. O sangue corria.

— Com todos os diabos! pragueijou o caixeiro, sentindo-se entalar pela situação — E eu que nunca me vi n'estes assados — O' seu Antonio! seu Antonio! principiou elle a gritar.

Antonio era o sujeito que se encarregava de fazer a limpeza da casa. Ninguém respondeu.

— Isto não é o diabo?! exclamou Portella, sentindo-se cada vez mais atarantado. Reberentaram então duas palmas na porta.

— Quem é?! perguntou o rapaz,

— Da parte da justiça! exclamou uma voz de fóra.

Portella estremeceu.

— Tenha a bondade de abrir! insistiu a voz.

— Já vai! respondeu o caixeiro, arrastando Thereza para a alcova.

O sangue, que escorria da cabeça d'esta, desenhava no chão um rastilho vermelho.

— Abra! repisou a voz, fazendo-se desta vez acompanhar por duas pancadas na porta. Portella abriu finalmente, e deu cara a cara com um homem magro e alto, vestido de negro.

— O Sr. Luiz Portella? perguntou o homem magro.

— Senhor?! perguntou Luiz.

O homem fez um gesto de impaciencia e repetiu a sua pergunta.

— O que deseja d'elle?! perguntou o caixeiro, sem conseguir desfargar a sua perturbação.

— Venho intimal-o a comparecer em presença do chefe de policia.

— Para que?

— O senhor saberá depois.

— Eu agora não posso sair! disse Portella — estou aqui muito occupado.

O homem afastou-se um pouco da porta, fez signal para o corredor e appareceu então o commendador, acompanhado de dois soldados.

— E' este? perguntou o homem magro ao commendador.

— Justamente, disse o velho, que havia entrado na sala e olhava attentamente para as manhas de sangue do soalho.

— Guardem este homem á vista! disse aquelle aos dois soldados, franqueando-lhes a entrada na sala. Um dos soldados foi defender as janellas;

o outro conservou-se de vigia á por ta de entrada.

— N'aquelle quarto está alguem, que acabou de ser ferido n'este instante! disse o commendador, apontando para a alcova — Este sangue ainda não coagulou. E dizendo isto o commendador avançou para o quarto onde Portella escondêra a amante.

— O senhor não póde entrar aqui! disse o dono da casa, atravessando-se na porta do quarto.

— Alli dentro está talvez o corpo de delicto de algum outro crime.

— Vejamos! disse o homem magro. — Creio que não será preciso empregar a força, accrescentou elle, desviando Portella.

— Pódem entrar, respondeu este — mas peço-lhes que me dcixem ao menos explicar a razão porque essa senhora acha-se ali n'esse estado.

— Descance, que o senhor terá occasião oportuna de explicar tudo. A mim não compete syndicar de semelhante cousa.

E dizendo isto, o homem magro principiou a tomar notas.

O commendador havia parado perto da cama em que estava Thereza, e olhava para ella com um frio olhar de odio.

— Conhece esta senhora? perguntou-lhe o sujeito magro.

— E' minha mulher, respondeu seccamente o commendador.

— Ah! disse o outro, mostrando certa solicitude. — O que tem ella?!

— Perdeu os sentidos e quebrou a cabeça, explicou Portella. — E' preciso soccorrê-la. Os senhores não me deram tempo para isso.

— Bem, disse o commendador, isso compete já ao senhor; eu nada mais tenho com esta mulher.

— Mas... balbuciou Portella.

LVI

O DOCUMENTO

— Sr. commendador, disse Portella em voz baixa ao marido de Thereza, peço-lhe que não proceda contra mim, antes de ouvir-me.

— Eu nada tenho a ouvir, senhor! Sei, pelos documentos que estão em meu poder, que alguem tentou dar-me cabo da vida, não faço mais do que defendel-a e entregar os criminosos á justiça.

— Mas eu não quero fugir á punição da lei, explicou o rapaz com um aspecto infeliz,—desejo apenas que o senhor não me fique julgando um monstro, desejava explicar-lhe as circumstancias que me collocaram na actual situação.

— E o que se adiantava com isso?

— Adiantava-se muita cousa, para mim e para o Sr. commendador. Ao menos ficaria patente que eu lhe não tenho odio e que lamento em extremo lhe haver causado tanto desgosto.

— Mas afinal o que quer o senhor de mim?!

— Quero que me ouça a sós por alguns instantes. Tenha a bondade de afastar esses homens.

O commendador ordenou aos soldados que se retirassem para o corredor. Portella cerrou a porta do quarto em que estava Thereza e, chegando-se para junto do velho, disse-lhe com a voz alterada e tremula:

— Minha vida está em suas mãos. O senhor vai decidir de minha sorte.

E accrescentou, tirando um revolver da gaveta da secretária — Estou resolvido a matar-me aqui mesmo,

em sua presença, se o senhor não me quizer perdoar.

O commendador sacudiu os hombros.

— Do que me póde servir a vida, continuou Portella—se tenho de representar o papel de um criminoso, um homem máo e corrompido? Entretanto, juro-lhe, commendador, que tudo o que acaba de succeder não foi, nem uma consequencia da perversidade de meu character, nem tão pouco da baixeza de meus sentimentos. A mocidade tem seus escolhos, o amor tem seus despotismos! Sei que procedi como um infame, mas sei igualmente que não poderia proceder de outro modo. Na situação em que me collocou a fatalidade d'esta desgraça, eu não tinha outro caminho a seguir! Fui talvez máo e deslhumano, juro-lhe porém que não o fui por calculo e premeditação. Para cumprir o meu destino precisei abafar todas as vozes que me arguiam de dentro, precisei amargar todas as lagrimas, que me saltavam dos olhos. Quantas vezes não invejei o seu destino, e não amaldiçoei esse amor insensato, que me fazia esquecer tudo o que eu devia á sua generosidade e á sua philantropia! Oh! Soffri! Soffri muito! Para sua completa vingança bastava que o senhor avaliasse a dor, o remorso, a vergonha, a humilhação, que me punham constantemente a lembrar-me de quanto era ingrato e desconhecido! Uma terrivel mão de ferro havia-me empolgado o coração e espremia-lhe de dentro todo o fêl de minhas dores. Tudo me atormentava, tudo me perseguia! Dormindo ou acordado tinha sempre defronte dos olhos o fantasma de meus crimes. Nem uma

hora de repouso! nem uma hora de felicidade! Eu não podia encarar para o senhor, sem soffrer todos os tormentos de minha culpa; sua figura austera e veneranda produzia-me o effeito de punhaladas no coração; seu calmo ar de bondade, a brandura de seu genio, a franqueza de seu character, eram para mim um supplicio constante. Pensei na morte, quiz por uma vez destruir esta vida inutil e miseravel, e só Deus sabe quanto me custou não poder consumir esse desejo.

— Faltou-lhe a coragem, disse o commendador—e todavia estava disposto a matar-me.

— Juro-lhe que me custaria muito mais arrancar a sua vida do que a minha propria!

— Nega então que tentou contra os meus dias?

— Não, não nego. Porém affiançolhe que o faria, não por mim, mas pelo seu interesse e pelo interesse de sua mulher.

— Explique-se.

— Eu não podia fugir da fascinação que Thereza exercia sobre mim, mas eu igualmente não queria aviltal-a, fazendo d'ella minha amante, como não queria que o senhor em qualquer tempo corasse defronte da adúltera. Matando-o, ella passaria a ser minha esposa e a memoria do primeiro marido se conservaria incolume e respeitada.

— De sorte que ainda lhe tenho de agradecer essa delicadeza, observou o commendador, com um ligeiro sorriso de ironia amarga.

— Não zombe, commendador. Juro-lhe que é sincero o que lhe acabo de dizer! Eu queria evitar a sua des-honra. Entretanto está tudo perdido,

está tudo acabado; resta-me apenas propôr-lhe uma unica cousa.

— Uma proposta?!...

— E' verdade. Estou convencido que o senhor não me perdôa. Pois bem! Tomarei outro expediente — mato-meno mesmo instante e o commendador depois de minha morte releva minhas culpas e recolhe de novo Thereza á sua protecção. Aceita?!

E dizendo isto Portella engatilhou o revolver e aproximou-o da boca.

— Nunca! respondeu o commendador—para Thereza não lia perdão possível!

— Nem com a minha morte?! interrogou o rapaz, desviando a arma.

— O senhor não morrerá! exclamou o conde.

— Prefiro que viva e que tenha de trazer aquella miseravel ás costas. E' essa a minha vingança. Mais tarde ou o senhor a despreza ou ella lhe dará a beber as mesmas amarguras que me entornou no coração. Com qualquer dos casos julgo-me perfeitamente satisfeito. O amante será inuito mais facilmente enganado que o marido.

— Mas, disse Portella—se é esse o seu proposito, para que me denunciou á policia?! Para que me perseguiu desta fórma?!

— Descanse que não o quero punir judicialmente, quero é obrigar-o a ficar com a sua cumplice. Foi para isso que vim prevenido.

— Não era necessario tanto! respondeu Portella, com um gesto de indiferença. Eu sei cumprir os meus deveres.

— Mas eu tenho pouca confiança em taes promessas, e prefiro assegurar melhor o negocio.

— Que diz, senhor?

— Digo-lhe que exijo do senhor uma obrigação por escripto, um termo de responsabilidade em que se comprometta a tomar conta de Thereza, manter-lhe os meios de vida emquanto ella existir. Eu tinha preparado tudo isso para mais tarde, o senhor porém precipitou os acontecimentos. E' o mesmo. O que tinha de fazer por intimação da autoridade policial, fará por minha simples intimação. Leia.

E o commendador tirou um papel da algibeira e passou-o ao rapaz.

— Mas para que esta formalidade, perguntou este, depois de ler?

— Caprichos de marido enganado... respondeu o commendador.— Assigne!

— Eu não assigno semelhante cousa.

— Bem n'este caso entrego-o á justiça. Escolha.

— Prefiro tudo a assignar semelhante documento. Este papel, assignado por mim, seria uma arma, com que o senhor me poderia perseguir em qualquer tempo!

— Bon, meu caro senhor, visto isso, deixemos que as cousas sigam o caminho que eu lhe havia dado. Repito o que lhe disse no principio da conversa,—Nada tenho a ouvir do senhor. Entenda-se com as autoridades competentes.

— Espere! disse Portella, quando viu disposto a sair—Pense um instante! Que interesse tem o senhor em perseguir-me d'este modo?! Para que exigir que eu assigne um documento humilhante e vergonhoso para mim?! Sei perfeitamente que o commendador não está seguindo os impulsos de seu bom coração. Não se queira fazer máo! Não se queira

fazer o que não é! Lembre-se que sou moço, tenho um futuro defronte de mim! Não herdei, não enriqueci e preciso de minha reputação para viver!

— Oh! disse o commendador—E a sua resolução de suicidar-se?!

Portella abaixou a cabeça. E o commendador accrescentou:

— Quanto á sua reputação e á sua dignidade, competia ao senhor lembrar-se d'ella muito antes do que eu.

— Mas do que lhe póde servir esse documento assignado por mim?!

— Isso é cá commigo! respondeu o velho.

E o commendador, fazendo nova menção de sair, disse resolutamente — Então, assigna ou não assigna?

— Assigno, malvado, mas juro-te que te has de arrepender d'esta violencia.

— Póde ser! disse o commendador, perfeitamente calmo.

Portella assignou o documento.— Ahi o tem! disse, empurrando o papel com a mão.

— Bem! respondeu o commendador, dobrando o papel e guardando-o na algibeira. — Está o senhor livre. Deixo-o em plena liberdade. Adeus.

E sahiu, depois de despedir os soldados.

Portella deixou-se cair em uma cadeira.

— Não ha de ser como suppões, meu pedaço d'asno! Tu não sabes com quem te metteste!...

LVII

COM O PÉ NO ESTRIBO

Quando Thereza voltou a si, chamou repetidas vezes pelo amante. Ninguem respondeu. Afinal levan-

tou-se, apoiando-se aos moveis e foi á sala proxima; não havia viva alma em casa.

— Com effeito! disse ella.

Portella, antes de sair, pensara-lhe a pequena ferida da cabeça com um pedaço de encerado.

— Que teria succedido na ausencia de sua razão? Considerava a mulher do commendador.— Ella recordava-se vagamente de ter ouvido na somnolencia do desmaio o som de passos repetidos no corredor, a voz do marido e de outras pessoas que pareciam altercar. Mas tudo isso podia ser causado simplesmente pelo delirio.

De repente uma idéa atravessou o espirito de Thereza. Calculou que Portella fôra denunciado pelo commendador e áquella hora estivesse detido na policia.

— Com certeza não é outra cousa, disse ella afflicta, a contemplar as suas roupas sujas de sangue.— E como haveria de sair d'aquella situação? No estado em que se achava não tinha animo de apparecer na rua. Portella não poderia vir em seu auxilio.— Ah! se chegasse ao menos o Antonio, o tal criado, que fazia a limpeza da casa!...

E Thereza passciava de um para o outro lado, cada vez mais anciada e opprimida. O sangue que derramára produzia-lhe certa fraqueza, e os olhos enfumaçavam-se como por effeito de uma formidavel enxaqueca.

— Além de tudo, sinto vertigens! disse ella, deitando-se de novo na cama.

Vejamos, entretanto, o que porresse tempo fazia Portella.

Logo que o commendador se retirou, o astucioso caixeiro tratára de

curar a cabeça da amante, mettu o revólver na algibeira e ganhou a rua com direcção á casa de seu compadre Leão Vermelho, que nesse tempo, como se deve lembrar o leitor, morava no Campo de Sant'Anna, em companhia d'aquella nossa conhecida Henriqueta, de cuja extincta casa de pensões, já outr'ora fizera parte o amante de Thereza.

Leão Vermelho soffria por essa época a implacavel perseguição de que fallamos no capitulo trinta e dous, e partia no dia seguinte para Buenos-Ayres.

— Compadre, exclamou Portella, assim que se achou defronte d'elle — Venho disposto a seguir com você.

O commissario fez um gesto de espanto e pediu ao outro que se explicasse.

— Vai sempre amanhã? perguntou o padrinho de Clorinda.

— Definitivamente.

— Pois vamos juntos. Não me convém ficar mais tempo no Rio de Janeiro. Tenho poucos recursos; irei como seu empregado, serve-lhe?

— Mas que resolução é essa? interrogou Leão Vermelho.

— Questões de amor! Explicou Portella, fazendo-se contrariado—Não posso ficar aqui.

— Mas veja lá se vai dar alguma cabeçada. Você está bem arranjado.

— Já deixei o emprego. Já liquidei todos os meus negocios. Só desejo saber se posso ou não contar com você.

— Pois não; eu até estimo. Nunca lhe propuz semelhante cousa, porque sempre me pareceu que elle lhe seria pouco vantajosa. Uma vez que você o quer...

— Posso então preparar-me, não?!

— De certo.

— Pois até amanhã.

E Portella sahiu da casa do compadre para se ir despedir do empregado, onde o arranjava o commendador; recollheu suas economias, pagou uma ou outra pequena divida que havia feito, e seguiu para casa.

Encontrou Thereza dormindo.

— O que?! disse elle entrando assustado no quarto—Pois ainda não voltou a si?!

A rapariga acordou, fez um grande espanto quando o viu e cobriu-o de perguntas; queria saber tudo o que havia succedido, os perigos a que o amante se expuzera.

— Tu debes estar cahindo de fome! observou elle. E' quasi noite. Eu vou arranjar-te o que comer. Espera.

— Não, conta-me primeiro o que ha, o que se passou aqui. Estou louca por saber de tudo.

— Resume-se tudo em duas palavras, disse Portella.— Teu marido procedeu contra mim, tenho a justiça sobre a cabeça e fujo amanhã mesmo do Rio de Janeiro.

— Eu vou contigo! exclamou ella, abraçando-o.

— Impossivel! respondeu elle.— Para fazer semelhante viagem precisei arranjar-me como secretario de um sujeito, que sahe amanhã ou talvez depois para a Europa; elle consente em levar-me com a condição de que irei só.

— E eu?! perguntou a mulher do commendador, empallidecendo.

— Tu voltas para a companhia de teu marido. Elle está resolvido a perdoar-te tudo e receber-te de novo.

— Isso é que é impossivel! Além de que não me convém!

— Mas, filha, olha que é o unico recurso que ha!

— Pois então mato-me!

— Deixa-te de tolices!

— Duvidas?!

— Não duvido, mas reprovo.

E ficaram calados por algum tempo.

— Eu vou buscar-te a ceia, disse afinal Portella, erguendo-se da cama, onde se havia assentado.

— Não quero nada! respondeu ella de máo humor.

— Deixa-te d'isso commigo! pediu o outro, ameigando-a por condescendencia.

— Solta-me! resmungou ella, empurrando-o.—Deixa-me! Deixa-me!

E poz-se a chorar.

— Agora temos choro! disse o rapaz, coçando a cabeça em um grande embaraço.

Thereza soluçava, a chamar-se desgraçada, a maldizer-se, a pedir que a matassem.

— Tu me fazes perder a paciencia! exclamou Portella, finalmente, com um arremeço.—Ora! estou a dizer-te os apuros em que me vejo; e tu a te fazeres desentendida!

E depois de passeiar pelo quarto, com as mãos nas algibeiras, parou defronte da amante e disse-lhe com voz aspera:

— Pois, filha, se não quizeres ir para a casa de teu marido, vai para onde melhor o entenderes; eu não posso tomar conta de ti! Ali tens!

— Tu és um cachorro! disse ella, quasi sem respiração.

— E' melhor não puxarmos pela lingua! respondeu Portella desabridamente — porque te podias sahir muito mal n'este negocio!

— Quem sabe se tenho medo de ti?!

— Peior!

— Se te parece dá-me agora bordoadas! Tambem é só o que falta!

— O' mulher! cale-se com todos os diabos!

— Foi bem frito! Quem me mandou acreditar em um canalha de tua especie!?

— Não! Isso agora tenha paciencia. Foi a senhora quem me provocou. Eu estava perfeitamente socegado!

— Heim?! Como?! Você não me provocou?! E' a quanto póde chegar o cynismo!...

E, ambos, de facto convencidos que o outro era o provocador, discutiram ainda por algum tempo. Thereza afinal declarou que não sahia d'aquella casa, e que, ou Portella não faria a tal viagem, ou ella o havia de acompanhar!

— Esta casa está paga sómente até amanhã. Tu has de ir hoje mesmo para a companhia do commendador.

— Eu não hei de apresentar-me lá n'este estado! Você não vê que estou toda suja de sangue?!

Ficou resolvido que Thereza iria primeiramente para a casa da madrastra, que morava n'esse tempo no Cattete, e d'ahi então escreveria ao marido. Com muita repugnancia aceitava ella esse alvitre, porque entre as duas houvera antes do casamento constantes desavenças, e depois d'elle poucas vezes se visitaram.

A madrastra de Thereza era mulher de máo genio, muito ignorante, não sabia estar em sociedade e dizia asneiras na conversa. O commendador a recebeu sempre com uma indifferença repulsiva, nunca a convidou para se demorar; ás vezes dava festas e nunca se lembrava de mandar cha-

mal-a. Quando havia visitas então, era uma desgraça! Conheciam-na na cara do homem a má vontade para com a sogra.

N'essas condições, Thereza tinha sérios receios de pedir soccorros á madrasta. Parecia-lhe já estar a vêr a terrível velha a olhal-a por sobre os oculos, com as mãos nas cadeiras, a bocca muito aberta e um grande espanto indignado por toda a physionomia.

— Definitivamente não serei bem recebida!... observou Thereza ao entrar no carro, que Portella fôra buscar. Assentaram-se ao lado um do outro. Elle a acompanharia até á porta.

A proporção que caminhavam, Thereza parecia cada vez mais sobresaltada.—O que não diria a velha?! O que não supportaria?! E d'ahi, se a madrasta entendesse não a receber?! Sim! Porque aquella vibora era capaz de fazer isso! Não gostava de se incommodar por ninguem, e quando a cousa lhe cheirava a responsabilidade, não havia meio de obter d'ella o menor serviço.

— Ha de se arranjar tudo! disse Portella, impaciente. O suor cahia-lhe em bagas da testa.

Mas Thereza teve uma idéa—recolher-se de preferencia á casa da preta que a criára. Era uma boa mulher, fôra escrava de seu pae e sempre a conservára na mesma estima respeitosa. Essa tambem ficaria muito espantada com a sua visita, mas ao menos havia de se prestar a soccorrel-a com a melhor boa vontade.

O diabo é que a pobre mulher morava em uma especie de cortiço, onde vendia angú. Thereza talvez não tivesse lá um logar decente para se recolher.

21

— Tudo se arranjará! Repetiu Portella.

LVIII

TIA AGUEDA

Effectivamente ficou tudo arranjado.—Thereza recolheu-se ao domicilio da preta, que lhe servira de ama, e Portella voltou á casa para tratar das malas.

A boa mulher, ao lobrigar a sua querida filha de criação, que ella ha tanto tempo não via, duvidou dos proprios olhos, e ficou perplexa a fital-a com muito espanto; afinal abriu os braços e exclamou sinceramente commovida:

— Gentes! Olha Nenem!

Thereza quiz pedir-lhe que não fizesse espalhafato, quiz fallar, mas não pôde, logo que ouviu o doce tratamento, que lhe davam em pequenina, as lagrimas saltaram-lhe dos olhos e os soluços tomaram-lhe a garganta.

Ah! nesse tempo seu pae ainda era vivo e seu coração ainda era feliz! Que de transformações se não haviam produzido entre esse passado de innocencia e aquelle presente de dissabores?... Que de mudanças soffrêra sua alma! que de novas enformações padecêra seu corpo! Quantas decepções em tão pouco tempo! Quantos desgostos em tão pequena existencia! D'antes não conhecia Thereza as frias responsabilidades da vida, não supportava as duras necessidades do sangue, não comprehendia outro amor, que não fosse o da familia e o dos folguedos da infancia. Mas tudo se transformára em torno d'ella; as suas mais gratas affeições, as suas mais sympathicas

illusões se foram pouco a pouco dissolvendo como as nuvens transparentes da primavera. Seu riso já não sabia despertar com christalinas vibrações as arapongas adormecidas na folhagem do quintal; seus olhos, ao contrario das estrellas, amortece-ram-se gradualmente com o fugir inevitavel da aurora de seus primeiros annos; suas faces enfiaram tristemente, como a pobre florzinha dos vallados, privadas das energicas caricias do sol.

Foi tudo isso o que a presença da pobre negra disse de relance ao coração opprimido de Thereza. A saudade do passado e as apprehensões do presente chocaram-se no espirito da rapariga e produziram-lhe uma grande crise nervosa, que parecia preparada durante o dia e só a espera do signal para rebentar.

Não havia meio de suster as lagrimas e os soluços; embalde a preta procurava tranquilisal-a. Thereza não podia dar uma palavra.

— Mas, Nenem, o que é isto?! O que lhe succedeu?!

E a preta, vendo que Thereza não respondia, carregou-a para o quarto, fel-a deitar-se na cama, e ajoelhou-se aos seus pés, beijando-lhe as mãos e afagando-lhe os braços.

— Socega, Nenem! socega! dizia ella com a mesma ternura a que recorria antigamente para acalentar-a.

Só meia hora depois Thereza soce-geu um pouco. Suas primeiras palavras foram para pedir o que comer. A preta improvisou uma ceia.

Descobria-se n'ella, na sua presteza, nos seus movimentos, a boa vontade com que fazia tudo aquillo. Em breve, de um quarto proximo ao que estava a mulher do commendador,

vinha um cheiro picante de peixe que se frigia, e chilrava ao fogo. A segurança do logar, a boa hospitalidade e a expectativa da ceia principia-ram a reanimar totalmente as forças de Thereza. Quando a preta accendeu mais um candieiro, cobriu a mesa com uma branca toalha de algodão e trouxe o primeiro prato, já não havia signal de lagrimas.

— Você está se incomodando muito ti'Agueda! balbuciou a rapariga.

— Hê, Nenem! Não diga tolice! respondeu a preta, a saracotear pela sala. E declarou que só o que sentia era não ter uma casa melhor para receber a sua querida filha de leite.

— Está tudo muito bom, emendou Thereza, procurando já fazer um sorriso.

Agueda era uma preta muito asse-seiada. As paredes de sua casa estavam limpas, o chão cuidadosamente varrido e os raros trastes escovados. Havia uma commoda, já velha, com puxadores de vidro verde, sobre a qual estendia-se uma rica toalha de rendas e perfilavam-se imagens de varios santos. Pelas paredes percebiam-se algumas lithographias de assumptos religiosos, em molduradas em madeira. A um canto via-se um pequeno oratorio, forrado de papel de côr e guarnecido de galões amarellos; duas vélas o illuminavam e faziam destacar de dentro a figura mal tallhada de um Santo Antonio de barro, vivamente colorido e cercado de alecrim e de flores viçosas.

Uma banca forrada de lenções e um taboleiro cheio de camisas en-gommadas denunciavam o trabalho d'esse dia, e ao lado da banca um grande cesto, pejado de roupa lavada,

promettia o serviço do dia seguinte. Ti'Agueda vestia saia e camisa. Viam-se-lhe as grandes espaduas gordas, o pescoço enorme, enfeitado de coraes e contas redondas de ouro. Os braços sahiam nús das rendas de cabeção em toda a sua negra exuberancia; os quadris jogavam rijamente quando ella apressava o passo nos arranjos da ceia.

Thereza parecia já consolada e gosava intimamente da novidade d'aquella situação. O estomago reclamava comida e o corpo pedia repouso. Foi com prazer que ella se deixou conduzir para a mesa pela carinhosa preta. Os pratos escaldados, as facas de ferro reluzente, os copos nitidamente areados, faziam appetite. Uma travessa de peixe frito enchia o ar com o seu vapor apimentado.

Ti'Agueda foi ao armario buscar mais o que havia, e convidou Thereza a principiar.

— Sente-se então aqui, ao pé de mim, reclamou a amante de Portella.

— Já vai, Nenem—deixa primeiro ver uma garrafa de vinho aqui dentro.

Ella ha muito tempo que possuia e guardava com cuidado essa garrafa. Dera-lhe o antigo senhor por occasião de uma festa.

— Ainda é lá de casa, declarou a preta, mostrando-a a Thereza — Presente de sinhô velho.

— E mal sabia você ti'Agueda que ella ainda havia de servir para mim.

— Então?! E' para uma occasião d'estas que se guardam as cousas!

Aberta a garrafa de vinho, Agueda encheu o copo da hospede, e foi assentar-se ao lado d'ella.

— Ah, ti'Agueda! disse Thereza, comendo com muito vontade Se

você soubesse o que me tem succedido ultimamente!...

— Está bom, come primeiro, que depois se conversa.

Mas a rapariga, quando acabou de saciar a sua fome, declarou que se sentia incommodada; tinha o corpo molle e aborrecido — a comida cahira-lhe na fraqueza.

— Descansa, Nenem, ordenou a velha.

Thereza com effeito deitou-se, pôdiu á preta que a despisse e descalçasse e recommendou-lhe que fosse á casa do commendador e se entendesse com a criada Rosa para lhe trazer roupa limpa.—Seu Ferreira não precisa saber que você foi lá buscar roupa, disse ella bocejando, quasi com os olhos fechados.

— Não durma sem tomar o café! recommendou ti'Agueda, preparando-lhe uma canequinha. Thereza tomou o café, quasi dormindo.

— Bem, vá, recommendou ella — não se demore, já ouviu?

E voltou-se na cama espreguiçando-se, a abrir a bocca com muita quebreira. Adormeceu.

No dia seguinte, quando acordou, o sol entrava já pela janella e projectava no chão grandes manchas luminosas. Thereza dormira um sono completo e acordára bem disposta. Agueda preparou-lhe o banho e deu-lhe o café.

— Veiu a roupa? perguntou a rapariga.

— Está tudo ahi, Nenem, mas ha o diabo em casa de seu Ferreira.

— Como assim?!

— Elle cahiu doente esta noite.

— Doente? de que!

— Ataque. Jacob é quem sabe da historia, Diz que estava despindo seu

Ferreira, quando o homem cambaleou, cambaleou, e cahiu como morto.

— Uma congestão! exclamou Thereza em sobresalto.—E depois, como ficou elle?!

— Dr. Roberto está lá.

— Dá-me a capa, ti'Agueda — vou já para casa.

E Thereza agradecia interiormente ao marido aquella molestia, que vinha de qualquer fôrma desviar as attentões assestadas sobre ella.

— Mas tambem, para se apresentar assim em casa, sem mais nem menos, era o diabo! considerava a rapariga, emquanto ajustava o chapéu e endireitava a roupa.—Olympia sem duvida estava lá! O que não ficariam julgando de tudo aquillo?!

— Ora! concluiu ella completamente resolvida — é preciso tomar uma deliberação! Luiz affiançou-me que Ferreira está disposto a receber-me — vou! Não tenho outro recurso; além d'isso já estou arrependida!... Agora é ter coragem!

E depois de abraçar a ama e agradecer-lhe os obsequios recebidos, metteu-se no carro, que se fôra buscar, e mandou tirar para casa.

A proporção porém que se aproximava, o coração se lhe ia retrahindo e a coragem minguando. Thereza tinha defronte dos olhos a physionomia reprehensiva de Olympia, o riso sarcastico de Jacob e a recriminadora figura do commendador; mas contava com o auxilio de Rosa, a criada que lhe remettêra a roupa, que lhe protegêra sempre os amores de Portella e que n'aquella occasião já estaria sem duvida á sua espera no portão trazeiro da chacara.

Rosa era muito discreta e muito fina; falcatruas arranjadas por ella

tinham sempre um bom resultado. Thereza dava-lhe roupas, vestidos pouco usados, sapatos ainda novos, leques á moda, mandára ornar-lhe a cama com um cortinado e dispensára-lhe um dos tapetes de seu quarto. Sabia que a criada usava de seus perfumes, de seus sabonctes e de seus cosmeticos, mas feclhava os olhos a tudo isso e intercedia por ella, sempre que o commendador a accusava.

O carro afinal parou defronte do portão, e Thereza apeiou-se, ligeiramente tremula.

Seriam oito horas da manhã e o dia estava magnifico.

LIX

DO PORTÃO AO QUARTO

Ficou por um instante á porta, sem querer entrar. A chacara apresentava-lhe uma physionomia reprehensiva e severa; a casa, as arvores, o repuxo do tanque, tudo tinha então um aspecto de censura e de queixa.

A luz penetrante e indiscreta do sol, derramando-se petulantemente por todos os escaninhos da alma, parecia ralhar, arguir, fazer reprovações. Toda a natureza aconselhava com a sua mudez austera, com a sua sisudez de mulher honesta.

Thereza sentia-se envergonhada, corrida, não tinha animo de levantar a cabeça. Os empregados publicos desciam para os seus empregos, devagar, no passo methodico dos homens que regulam a vida pelo ordenado,—o palito na boca, o guarda chuva debaixo do braço, a roupa limpa; a caminharem na inalterabilidade dos funcionarios publicos pagos por mez. Passavam os bonds,

cheios, pesados; singravam os caixeiros de cobrança, os pretos de carga, os vendedores de jornal, as carroças de pão, os estudantes, os meninos de collegio, as costureiras. E todo esse mundo da actividade e do trabalho fervia e formigava ao sol, como sacudido pelo mesmo impulso.

Thereza conhecia algumas d'essas pessoas, e só o facto de encaral-as, enchia-a de tédio. A vida real entrava-lhe na imaginação como um jacto de agua fria. Ainda na vespera, ella se persuadira que ia por uma vez desprezar tudo aquillo, que não veria mais tal visinho passara horas certas para a sua repartição, que não ouviria tal piano de tal casa proxima tocar certa e determinada opereta; que não supportaria mais a voz da preta que de manhã passava impreterivelmente na rua a apregoar fructas, julgava que nunca mais daria com os olhos no visinho da frente, um taverneiro barrigudo, de perninhas curtas e barbas debaixo do queixo. Persuadira-se emfim que havia por uma vez se libertado de todas aquellas miserias positivas, que a constrangiam, que a matavam de tédio.

As proprias casas da vizinhança, a má pintura das taboetas, o desenho de um boi impossivel na parede de um açougue que ficava defronte, as desgraçadas allegorias da taverna da esquina: o pharmaceutico pequenino, magro, amarello, que vinha todas as tardes assentar-se debaixo de um *flamboyant* fronteiro á pharmacia; tudo isso a enjoava, tudo isso lhe produzia effeitos insupportaveis.

A malograda fuga com o Portella havia sorrido ao espirito de Thereza

mais pelo lado do imprevisto, do desconhecido, do aventuroso, do que mesmo pelo amor que ella lhe pudesse ter. Desejara aquella fuga como o doente deseja mudar de logar para tomar ares; não queria mais supportar os aborrecimentos de todo o dia, que lhe impunha a casa do marido. Outro qualquer moço, que gozasse do vigor e tivesse a boa disposição d'aquelle, é natural que produzisse n'ella sobresaltos iguaes aos que produziu o caixeiro. Seu espirito precisava tanto do drama, quanto seu corpo precisava de amor.

Mas as contrariedades da vespera, as decepções que lhe dera o amante, faziam-na por um instante esquecer tudo isso, para só pensar na possibilidade de restituir-se de novo ao lar.

— Ah! se me tivesse restado uma de minhas filhas!... Dizia ella consigo, a subir muito apressada a pequena escada de pedra que conduzia da chacara para o jardim — Não experimentava agora com certeza estes apuros. Havia de dedicar-me sómente á educação de minha filhinha.

E, assim pensando, acudiam-lhe grandes ternuras maternas. E avaliava consigo quanto não seria boa, docil, carinhosa com a criança.

Rosa veiu ao seu encontro e, sem lhe dar uma palavra, sem fazer um gesto de espanto, abriu com pressa a porta da cozinha, que dava para o jardim, e fê-la passar, empurrando-a familiarmente pelas costas.

— Entre ahi para o meu quarto, ordenou a criada. — Eu já lhe venho dizer quando deve subir. Espere um pouco.

E Rosa, apanhando as saias, ganhou a primeira escada e desapareceu.

Thereza ficou só, a espera, com o chapéu na cabeça, a capa nas costas, quasi immovel, como se estivesse muito entretida a observar os objectos que tinha defronte dos olhos. E sem querer começou a calcular o effeito de sua apparição ao lado do marido: via-se toda confusa a fazer-lhe festinhas, a consolal-o de tudo o que havia succedido, a adulal-o. E, ainda sem querer, começou a considerar como devia entrar, se depressa ou vagarosamente; se devia deixar em baixo o chapéu e apresentar-se inalteravelmente, como se não houvesse a menor novidade; se deveria entrar com espalhafato, fingindo indignação por algum facto; se devia não dar uma palavra ao marido e esperar que as coisas voltassem por si mesmo aos seus eixos, ou se devia lançar-se-lhe aos pés e pedir-lhe perdão com palavras ardentes, com soluços, com arremecos.

Mas antes de chegar a qualquer conclusão, já a criada voltava a dizer-lhe apressadamente da porta:

— Agora! Agora! Passe agora. Ande! Não ha ninguem na varanda. Suba e vá para o seu quarto.

Thereza cumpriu aquella ordem, como se a recebesse de um senhor.

— Ligeiro! Gritou-lhe Rosa, assim que ella atravessou a cozinha e ganhou a escada. E, logo que a viu desaparecer espocou uma risada surda e soltou entre beijos uma exclamação indecente.

— Vai! Resmungou ella, com expressão de raiva invejosa.—Nós cá é que somos as ruins!... Vai! o tólo do marido lá está para te dar os feijões!

E muito satisfeita com aquelle episodio, que humilhava a senhora, en-

trou no seu quarto, d'onde sahira Thereza, e principiou por desfastio a arrumar os objectos sobre os moveis e a cantar em voz alta, com desembaraço, uma chula de sua predileção.

Quando sahiu do quarto, disse: — Ai! ai! e subio a escada com maneiras de dona de casa.

Thereza não appareceu á meza, almoçou nos seus aposentos, esperando que Olympia deixasse a cabeceira do pae, para ella então apresentar-se.

Mal, porém, havia feito a refeição, quando duas pancadinhas á porta fizeram-n'a retrahir-se um pouco.

— Sou eu, abra, disse uma voz amiga de fóra.

Era Olympia.

Thereza corou; a outra, porém, pol-a logo a vontade, passando-lhe um braço na cintura e beijando-a na face.

A madраста estranhou muito aquella inesperada amabilidade. A enteada sempre fôra muito secca com ella; quasi que não conversavam nunca. E a sua surpresa cresceu quando a filha do marido começou a declarar que estava muito afflicta, receiando que mãesinha não voltasse, que já não podia passar sem ella, que desejava ser a primeira a dar ao pae a noticia da chegada de Thereza.

— Não! disse esta—elle deve estar muito zangado; o melhor é esperarmos que...

— Qual! Eu obtenho de papae o que quero. Hei de fallar-lhe de tal modo a seu respeito, mãesinha, que elle nem só a recebe de braços abertos, como ainda me fica restando.

— Não, mas é melhor esperar. Talvez minha presença agora lhe faça mal.

— N'esse caso eu pergunto primeiro ao Dr. Roberto! lembrou a outra com um repente de menina esperta.

— Estás doida! Metter um estranho n'sto?!

Mas Olympia afiançava que havia de arranjar tudo. E, com surpresa crescente da outra, mostrava-se cada vez mais interessada pela madrastra. Não parecia a mesma com ella; aquella falta ridicula e censuravel, que Thereza acabava de commetter, longe de aborrecel-a, como era de esperar, despertava-lhe estranhas sympathias, e inexplicaveis dedicações.

Entretanto Olympia fazia aquillo sem comprehender bem o que fazia. Thereza ganhava a seus olhos uma nova aureola de poesia, de soffrimento; a penosa situação em que ella se achava, dava-lhe aos olhos da romantica menina, uns tons seductores de heroina de romance.

Na sua qualidade de virgem quasi criança, não podia ainda comprehender e explicar, debaixo do ponto de vista natural, os sobresaltos pubescentes da madrastra, e lançava-lhe então á conta das urgencias de seu espirito abrazado esses desvios do character e essas infracções das leis matrimoniaes; sem prever, coitada, que toda essa desordem moral e toda essa desorganisação domestica haviam fatalmente de influir na sua propria educação e determinar mais tarde os lamentaveis successos de que já o leitor tem noticia, desde as primeiras scenas da Avenida Estrella.

Nenhuma lição é tão poderosa como a do exemplo. Elle se filtra pelo nosso espirito, sem que osintamos, elle nos invade, nos conquista, nos possui totalmente, sem que possamos determinar ao certo qual foi o facto, o

acontecimento que estabeleceu em nós este ou aquelle symptoma, esta ou aquella inclinação; sem que possamos dizer o que foi que nos trouxe tal vicio, tal ediosyncrasia, tal propensão boa ou má. Tudo mais que aprendemos de ouvido ou que aprendemos nos livros, tudo se evapora, tudo desaparece, só essas lições, que nos entram pelos olhos, que invadem o nosso cerebro e d'ahi nos espalham as raizes por todo o organismo, só essas conservamos por toda a vida e levamos connosco para a sepultura.

O commendador tinha de decretar o futuro da filha, máo ou bom, conforme a deliberação que tomasse de receber ou repellir a mulher. Thereza, sem que ella fosse responsavel por isso, sem ser por maldade, mas unicamente por consequencia das circumstancias especiaes de seu temperamento, de sua educação e da desproporção de sua idade com a do marido, havia fatalmente de ser um elemento de corrupção para o desenvolvimento do character de Olympia.

Para servir de mãe, faltava-lhe idade, faltava-lhe experiencia e faltava-lhe ternura; para servir de amiga tinha demasiado todas essas qualidades. O equilibrio era por consequente impossivel. Pequena de mais para mãe, grande de mais para amiga e companheira, Thereza seria fatalmente o modelo, a mestra, a encaminhadora de Olympia. N'isso é que estava o grande perigo.

A filha do commendador beijou ainda uma vez a madrastra, e sahiu; com destino ao quarto do pae. Ia sondar em que disposição se achava elle para receber a mulher.

O velho permanecia estendido na

cama; tinha os olhos cerrados, mas não dormia, porque os abriu, logo que a filha pisou na alcova com o seu andar subtil de passarinho.

LX

REACÇÃO

O commendador levantou-se da molesta pelos braços da filha e da esposa. Olympia havia triumphado; o pobre doente consentira em receber de novo a mulher; porém nunca mais lhe dispensou a mesma ternura dos outros tempos; tratava-a agora com cerimonia indifferente, quasi com desprezo; apenas a supportava por condescendencia á filha, que desde então se converteu na sua unica preocupação, no seu unico affecto. Não gostava que lhe fallassem da mulher, poucas vezes a via, e quando se encontravam juntos á meza, não trocavam sequer uma palavra.

Ella, entretanto, muito se transformara depois da partida do cumplice. Já não ostentava os mesmos gostos e as mesmas inclinações; parecia indifferente ás festas e aos passeios; não caprichava muito na escolha das roupas e sabia poucas vezes de casa. Vivia triste, concentrada, estava muito mais magra, porém apparentemente resignada. Ninguém lhe ouvia uma queixa contra o marido. Agora, ao contrario, parecia procurar descobrir-lhe as intenções, as mais pequeninas vontades, para correr a satisfazel-as; adivinhava-lhe os desejos, armava-lhe boas surpresas e mostrava-se para com elle de uma solicitude e de uma amabilidade de que nunca dera exemplo em outras épocas.

Mas o commendador affectava não attentar para isso; recebia os obsequios que vinham da mulher com a mesma indifferença com que ouviria fallar de qualquer assumpto que absolutamente lhe não dissesse respeito.

Não a contrariava, não a desdizia, não a aconselhava — se ella quizesse sahir, que sahisse; se quizesse ficar em casa, que ficasse; se quizesse morrer, que morresse. Para elle era tudo a mesma coisa; comtanto que lhe deixassem a sua querida, a sua adorada Olympia.

Para essa, sim, tinha o commendador bons sorrisos, palavras affectuosas e rasgos de amizade. Sempre que entrava em casa perguntava logo por ella e nunca podia sahir sem receber um beijo de seus labios finos e perfumados. Assim se passaram seis mezes.

Um dia Olympia communicou-lhe que a madраста estava doente.

— Sim? disse o pae. E continuou a fallar do assumpto de que tratava.

— Oh! disse a menina. Ha dois dias! Pois papae não vê que ella não tem ido á meza?

— Não reparei, disse o velho secamente.

— E porque não lhe vae fazer uma visita?... perguntou Olympia, ameiçando-o. Ella havia de estimar tanto, coitada!

— Sim, sim, eu hei de lá ir, prometteu elle para contentar a filha.

Mas tres dias se passaram depois da promessa, sem que o commendador apparecesse no quarto da mulher.

— Antes me castigasse de outro modo! disse esta á entada em continuação a uma conversa.— Nunca

pensei que teu pae fosse tão pacificamente mau ! Estou arrependida de ter aqui voltado, cré !

Olympia não se animou a objectar uma palavra em defesa do commendador.

— Sei que mereço censura, accrescentou a enferma, com a voz fraca e infeliz.—Sei que commetti uma falta, mas a minha conducta de então para cá devia obter o meu perdão. Elle sabe perfeitamente que já estou arrependida, por que n'esse caso não me trata de outro modo?!... Oh! eu me sinto tão aborrecida, tão triste, que não me posso preoccupar com a idéa desua vingança. E, todavia, preciso agora, mais do que nunca, de carinhos e de agrados. Estou doente, sinto que estou muito mal, porque elle me não vem ver?... por que não me vem dar duas palavras de animação? Isso não seria tambem tão grande sacrificio ! Uma obra de misericordia, que diabo !

E, depois de fitar por algum tempo um mesmo ponto, com as mãos engrasadas nas de Olympia, disse-lhe sem transicção. — Nunca te cases se não com um homem de idade proporcionada á tua. Não commettas essa leviandade. Por melhor que seja o teu character, por mais perfeito que seja o teu coração, por mais senhora que fôres de teu temperamento, de teus desejos e de tuas aspirações, nunca darás uma esposa perfeita, se ao teu casamento não presidirem o amor em primeiro lugar, depois a afinção completa de edades, de espirito e de educação. Não calculas o inferno em que vive uma mulher moça casada com um velho ! Não é simplesmente o facto de lhe não dar o marido o amor de que ella

2?

precisa para viver, mas tambem a desgraçada circumstancia de que esse casamento a inutilisa para o amor de qualquer um outro homem.

Olympia ouvia as palavras da madrastra, com os olhos muito abertos e a physionomia transcendente de curiosidade. Era a primeira vez que Thereza se queixava do commendador e deixava transparecer d'aquella fórma o azedume de seus desgostos.

— O amante, proseguiu a madrastra, tambem não satisfaz, porque não nos póde dar o que constitue nossa felicidade em questões de amor. O marido velho está em uma extremidade, o amante está na outra; não podem attingir ao meio termo, o centro calmo de um amor legitimo, digno e completo, que é onde encontramos a verdadeira ventura, o gozo placido e duradouro da existencia. Só um marido moço, amigo, com o seu destino ligado ao nosso, a sua dignidade entrelaçada com a nossa dignidade, póde collocar-se n'esse meio termo de que fallei. E' preciso que o casal caminhe de mãos dadas para a velhice, unidos, seguros; o affecto dos dois deve ir escoltado por elles, como um passaro precioso que póde fugir no caminho. Isso só se consegue com o casamento proporcionado. Ao contrario, no melhor da viagem, um deixa o outro no meio da estrada. O amante não póde sequer comprehender o valor d'essa affeição solidaria, util e sem transportes. Elle, nada arrisca, nada compromette no seu amor, para desejar conserval-o puro e digno. A idéa de que o marido consiga agradar a mulher com as suas ternuras, é o bastantc para leval-o a imaginar meios e modos de supplantar o rival. Elle faz o que o marido.

nunca teria animo de fazer, como o jogador que arrisca sobre a mesa os capitães alheios. O que vier é lucro! Por outro lado, as circumstancias que o afastam da amante, obrigam-no a accumular por um mez, dois e as vezes mais tempo, a porção de ternura que o marido vae diariamente facultando á mulher em dozes pequenas; de sorte que na occasião de apresentar-se, gasta brillantemente, em uma só entrevista, tudo o que o outro consome durante um prazo longo. As mulheres, em géral, deixam-se illudir com isso e suppõem o amante muito mais amoroso que o marido. Não se lembram, as desmioladas, que só o fogo lento é susceptivel de duração. O amante têm calor periodico como os vulcões; o marido conserva em todo o anno o modesto brazeiro do lar, o lume de sua casa. Aquelle fogo serve para destruir o que está em torno d'elle; este lume aproveita-se para mil serventias e utilidades.

E Thereza accrescentou, depois de nova pausa:

— Não te cases com um velho, minha querida Olympia, mas, se por ventura vier a te succeder semelhante calamidade, nunca procures remediar esse mal com o mal muito maior de adoptares um amante. O homem, que é capaz de acceitar semelhante papel, não é digno da menor estima, da menor consideração. Ser amante de uma mulher casada é a prova mais cabal, mais irrecusavel da deslealdade, do cynismo e da falta de caracter. Lamento não me ter hamais tempo compenetrado d'essa verdade!

E, como a cteada fizesse um gesto de espanto, a outra accrescentou ainda:

— O que nos póde fazer amar um homem?! O seu character, o seu talento e o seu physico, não é verdade?! Pois no amante, seja elle quem fôr, só a ultima d'essas tres qualidades podemos encontrar, e n'isso mesmo, se tivermos um pouco de espirito de observação, havemos de descobrir falhas terriveis, porque no fim de contas o que é a belleza, senão um reflexo de nossa alma. Não te quero fallar da correcção das linhas, fallo-te da expressão da physionomia, desse poder sympathico, que rescende do olhar, do sorriso, da physionomia de algumas pessoas, como um perfume que lhes vem de coração.

— Mas, n'esse caso como se póde achar bella uma estatua? Perguntou a filha do commendador, empenhando-se no que lhe dizia a madrastra.

— Póde-se achar bella, mas não se póde amar, e muito menos sympathisar com ella. A mais linda estatua poderá produzir entusiasmo, mas amor nunca.

Olympia ficou a scismar.

A madrastra proseguiu ainda nas suas considerações, até que foi interrompida pela prevenção de que o Dr. Roberto vinha visital-a.

O medico achou-a mais abatida e peor, segundo o que disse depois a Olympia.

O commendador recebeu essa noticia sem se alterar. E, quando a noite, Olympia insistiu com elle para que fosse fazer uma visita a Thereza, o velho respondeu asperamente que não, esquecendo-se por um instante do modo carinhoso porque costumava tratar a filha.

Dous dias depois o Dr. Roberto declarou que Thereza precisava mudar de ar.

O commendador fez uma carêta, e sacudiu os hombros.

LXI

ONDE O AUTOR PÕE O NARIZ DE FÓRA

Leitor! Parece que vás pouco a pouco adormecendo com o descaminho que demos ao filamento primordial d'este romance, e que te queres esquecer do nosso ponto de partida.

Espera, tem paciencia, acorda! Em breve Gregorio estará de novo em tua presença. Clorinda reaparecerá; verás de novo a velha Januarina, a romantica viuva Guterres, o pretencioso commendador Portella, cujo typo já alguém se lembrou de dizer indiscretamente que pretendia photographar o massante pintor d'esse nome, que aliás nenhuma relação tem com o nosso antipathico personagem. Pedro Ruivo resurgirá; Leão Vermelho, o conde, a condessa Margarida, a delicada Maria Luiza, o Tubarão, o Talhacerto, o marido de Olympia, o João Rosa, a inalteravel mulher do Dr. Roberto, que possui justamente o mesmo nome da mulher do commendador Ferreira; a rabujenta D. Josephina, que serviu de madrinha ao casamento do nosso Gregorio com a desditosa Clorinda; todas essas figuras irão de novo passar pela tua vista.

Que diabo! Era preciso explicar bem as circumstancias que determinaram as scenas estranhas dos primeiros capitulos.

Mas, querido leitor, se te sentes aborrecido, se te cansam as nossas descrições mal desenhadas, se te enfastiam as nossas modestas considerações a respeito do hysticismo de

D. Olympia, dos sobresaltos e da molestia nervosa da mulher do commendador Ferreira, decide-te a nos prevenir dessa desgraça enquanto é tempo, falla-nos com franqueza em uma carta, em uma declaração de qualquer especie, que nós tomaremos a heroica resolução de apressarmos o passo e quanto antes te lançaremos ao nariz o desfecho da obra.

Sabes, e se não sabes fica sabendo, que os factos que ahí deixamos, tão a mingoa descriptos, não são puramente inventados por nós, mas colhidos aqui e alli da vida real. Cada um dos typos d'este romance tem atraz de si um ou mais individuos, que encontrámos na rua, no theatro, nas repartições publicas ou em alguma reunião de familia.

Andamos como os trapeiros, de sacco ás costas, a mariscar por ahí n'esse mistiforio de paixões boas e más, de bons e máus impulsos, de intenções de toda a especie, n'essa mistela de virtudes heroicas e miserias degradantes, de cuja argamassa se fórma a estranha cousa, que se chama — vida humana.

As vezes entre os trapos e os godilhões, apanhados á esmo pela rua, deparamos com alguma joia de valôr e remettemos logo, tudo de cambulhada, para o sacco das observações.

São essas pequeninas joias, perdidas nas enchorradas da vida real, que de vez em quando quebram a invencivel monotonia de nossas relações.

Vês por conseguinte que seguimos o curso fatal de certas leis. Não é bastante dizer, é preciso dizer e explicar.

Já não estamos no tempo em que o romancista podia empilhar todas

as situações que lhe surgissem á fantasia, sem dar contas d'isso ao leitor. Hoje é preciso dizer os *porquês*, é preciso investigar, esmiuçar as razões que determinaram taes e taes scenas.

— Mas d'essa fórma, dir-nos-á o leitor — o romance de que falla V. M. não será um romance, isto é uma novella, um enredo, mas sim uma serie de pequenas dissertações a respeito de varios episodios e varios typos da vida real.

— Ai, ai! responderemos nós — E' isso mesmo.

E, já que avançamos tanto, diremos logo com franqueza que todo nosso fim é encaminhar o leitor para o verdadeiro romance moderno. Mas isso, já se deixa ver, sem que elle o sinta, sem que elle dê pela trama, porque ao contrario ficaremos com a isca intacta.

E' preciso ir dando a cousa em pequenas doses, paulatinamente. Um pouco de enredo de vez em quando, uma ou outra situação dramatica de espaço a espaço, para engodar, mas sem nunca esquecer o verdadeiro ponto de partida — a observação e o respeito á verdade. Depois as doses de romantismo irão gradualmente diminuindo, enquanto as de naturalismo irão se desenvolvendo; até que um bello dia, sem que o leitor o sinta, esteja completamente habituado ao romance de pura observação e estudo de caracteres.

No Brazil, quem se propozes escrever romances consecutivos, tem fatalmente de lutar com um grande obstaculo — é a disparidade que ha entre a massa enorme de leitores e o pequeno grupo de criticos.

Os leitores estão em 1820, em pleno

romantismo francez, querem o enredo, a acção, o movimento; os criticos porém acompanham a evolução do romance moderno e exigem que o romancista siga as pegadas de Zola e Daudet.

Ponson du Terrail é o idéal d'aquelles; para estes Flaubert é o grande mestre.

A qual dos dous grupos se deve attender — ao de leitores ou ao de criticos?!

Estes decretam, mas aquelles sustentam. Os romances não se escrevem para a critica, escrevem-se para o publico, para o grosso publico, que é quem os paga.

Por conseguinte entendemos que em semelhantes contingencias o melhor partido a seguir era conciliar as duas escolas, de modo a agradar ao mesmo tempo ao paladar do publico e ao paladar dos criticos; até que se consiga por uma vez o que ainda ha pouco dissemos — impôr o romance naturalista.

Mas, enquanto não chegarmos a esse bello ponto, vamos limpando o caminho com as nossas producções hybridas, para que os mais felizes, que por ventura venham depois, já o encontrem desobstruido e franco.

Seremos sentinellas perdidas — Paciencia!

Eis ahi, pobre leitor, a razão porque tanto te afastamos das primeiras scenas do *Mysterio da Tijuca*, foi para que ficasses sabendo quaes os meios que, directa ou indirectamente, agiram sobre o caracter de nossos personagens, e n'elles produziram mais tarde certos e determinados phenomenos physicos ou psychologicos.

Fechemos porém este parenthesis,

aberto um pouco intempestivamente, e prosigamos a narrativa:

Thereza, como aconselhou o medico, mudou-se para um hotel que se acabava de abrir no morro da santa de seu nome. Foi só, o marido não a quiz acompanhar.

Olympia iria visitá-la de vez em quando.

O commendador mostrava-se cada vez mais indiferente, todavia não pôde esconder o abalo que lhe causou a figura transformada de Thereza, quando a viu apparecer pelo braço de Olympia e da criada, para tomar o carro.

Elle não a teria talvez reconhecido se a visse em outro lugar. Estava completamente desfeita; os olhos mortos, os ossos da caveira desenhados no rosto, a pelle de uma pallidez cadaverica; o ar cansado e afflicto; os cabellos embaraçados e resequidos pela febre. Não podia quasi andar, arrastava os pés inchados, e gemia a tomar respiração com muita difficuldade.

Ao passar perto do marido ella o cumprimentou, procurando difficilmente transformar a expressão agoniada do rosto em um sorriso de amabilidade, mas teve logo de se torcer, fazendo uma careta de dôr, para segurar com a mão esquerda, a perna correspondente que a fazia gemer.

O commendador avançou authenticamente dous passos e procurou ajudá-la.

— Ai! disse ella—não se incomode! Eu vou bem!

F continuou a manquejar, gemendo offegante.

N'essa occasião chegou um caieiro da casa do Figueiredo, que o

commendador mandara pedir para acompanhar Thereza ao hotel.

Era o João Rosa; teria n'esse tempo uns quatorze ou quinze annos. Já denunciava porém o que havia de ser para o futuro; scintillava-lhe nos olhos de criança a cubiça adquirida em contacto com os companheiros de trabalho. Amarello, secco, com a cabeça grande de mais para o corpo, a boca apertada, o nariz grande, o cabello cortado á escovinha, as unhas e os dentes sujos. Era feio, mas passava por muito esperto e aproveitavel. O patrão gostava d'elle.

— Acompanhe a senhora a este logar, disse-lhe o commendador passando-lhe uma tira de papel, onde estava escripto o numero e o nome do hotel.

E accrescentou-lhe em voz baixa, de modo que a mulher não ouvisse—Demore-se um pouco ás ordens d'ella, pergunte-lhe se precisa de alguma coisa, e communique-me o que fôr. Não despeça o carro; se houver qualquer novidade, metta-se n'elle, e venha logo fallar commigo. Tome lá para a gorgeta do cocheiro.

Entregou-lhe uma nota de cinco mil reis.

João Rosa guardou o dinheiro e despediu-se do commendador com uma misura.

— Viva! respondeu este, e recolheu-se ao quarto, inalteravelmente, como sempre, tezo, limpo, bem penteado.

Mas, depois de fechar a porta por dentro, assentou-se á secretaria, fincou os cotovellos na mesa, segurou a cabeça com ambas as mãos, e começou a soluçar.

Jacob passeiava de um para outro lado na sala de espera. Estava pre-

occupado. Ouvia-se sobre o tapete o som discreto de seus grandes sapatos de beserro, engraxados e quasi sem salto. A sua figura curta, vigorosa, um pouco retrahida pelos annos, mas aceiada, com a barba bem feita, destacava-se do fundo sombrio da sala com a sua roupa de brim cinzento.

Um gemido mais forte de Thereza, fizera-o correr para junto d'ella.

Jacob era o unico que havia comprehendido bem a perturbação do commendador. Para elle o amo não podia dissimular a mais passageira impressão; o velho criado adivinhava-lhe os pensamentos, lia-lhe no rosto tudo o que se passava n'aquelle coração amargurado e cheio de rugas. Qualquer mãe não conheceria melhor um filho estremecido.

Thereza chegou muito fatigada ao hotel, uma enfermeira de contracto trouxe-lhe um caldo e fel-a recolher-se á cama.

— Que horas são? perguntou a doente, com ar de fastio.

— Deram duas agora mesmo.

— Bem. Dá-me aquelle livro de capa encarnada. Esse que tem uma cruz em cima. Justamente.

— A senhora precisa ainda de mim para alguma cousa? perguntou o João Rosa, de quem Thereza já se havia esquecido.

— Ah! disse ella. — Se voltar lá em casa, diga a Olympia que appareça o mais depressa possivel.

— Sim, senhora.

— Adeus. Obrigada.

O commendador não apparecêra á mesa de jantar, e á noite pouco conversou com a filha.

O pobre velho soffria.

LXII

COMO SE FORMOU O CARACTER DE OLYMPIA

Crearam-se então duas existencias bem diversas, mas igualmente duras e desconfortadas: a do commendador ao lado da filha, e a de Thereza, á mercê dos cuidados mercenarios de uma hospedaria.

Vejamos primeiro a do commendador, porque ella tem de justificar em grande parte os passos futuros de Olympia, alguns dos quaes já o leitor conhece:

A esposa faz muita falta ao homem em qualquer situação da vida, mas essa falta só toma um caracter verdadeiramente perigoso e lamentavel, quando o homem tem uma filha.

E principalmente se esta fôr da idade de Olympia e tiver como ella um caracter impressionavel e romanesco.

Os pequeninos serviços domesticos, os cuidados do lar, os desvellos com o dono da casa, que, exercidos por uma esposa, feitos de mulher para marido, são destinados a prendel-os de parte a parte, a identifical-os cada vez mais, e a torual-os indispensaveis um para o outro, tudo isso que entre o casal significa uma virtude, uma garantia de felicidade; uma vez arrancado das mãos da esposa, para ser confiado impensadamente ás mãos de uma filha, converte-se em elemento horrivel de ruina e corrupção.

O que servia para chamar a consciencia da mulher aos seus deveres, serve para desencaminhar a delicada ingenuidade da filha e disvirtuar-lhe o pudor.

Muito desastradamente procedem certos homens, confiando os cuidados de sua roupa, os arranjos de seu quarto, a uma menina, que ainda não casou para comprehender naturalmente, sem esforço, o modo por que se deve tratar d'essas cousas.

O quarto de um homem digno, só deve ser invadido pela esposa ou pelo criado. Essa nada perde por ver a roupa enxovalhada do marido, pôde se quizer, sem quebra de pudor, metter-lhe os botões na camisa, pregar-lhe os collarinhos, tomar-lhe um ou outro rasgão do casaco, servir-se dos perfumes de seu toucador, e, se fôr uma mulher modesta, trabalhadora e arranjada, pode até fazer-lhe a cama, mudar-lhe as fronhas dos travesseiros, e tirar da gaveta da commoda a roupa que elle tem de vestir depois do banho.

Para uma esposa, tudo isso, longe de ser prejudicial, é muito util, é muito necessario, é quasi indispensavel; mas para uma menina, para uma creatura, que ainda não tem o direito de conhecer intimamente nenhum homem, é nada menos do que immoral.

Assim como nós só podemos mostrar decentemente a cara e as mãos, assim uma casa só deve mostrar a certas pessoas a sala de recepção, a de jantar e os gabinetes de trabalho.

Franquear o quarto de dormir corresponde a mostrar a perna. Devassal-o, mesmo na ausencia do morador, é quasi que surprehender um homem em *robe-de-chambre*.

Uma alcova está sempre impregnada da pessoa que a habita. O ar, os moveis, as roupas da cama, as cortinas, os jornaes sobre o vellador, o livro que se lê antes de dormir,

tudo está penetrado pelo cheiro, pelo ar, pelo character de quem mora no quarto. A alma do morador communica-se, espalha-se, derrama-se por todos os objectos que a cercam.

Qualquer pessoa com um pouco de penetração e algum geito para observar, pôde muito facilmente construir por inteiro o typo e o character de um individuo seu desconhecido, só com uma pequena analyse do quarto que elle occupa.

Uma menina por conseguinte não deve penetrar nunca no quarto de um homem, seja este quem fôr, como jamais deve permittir entrar no d'ella quem quer que seja do sexo contrario ao seu.

Ora, se só entrar no quarto é prejudicial, quanto mais tomar conta da roupa e encarregar-se de outros pequenos cuidados domesticos, que pertencem exclusivamente as attribuições da esposa.

O commendador, a semelhança de muitos paes, viuvos ou separados da mulher, que costumam aqui no Rio de Janeiro entregar ás filhas a direcção da casa, resignou em Olympia toda a responsabilidade de seu lar.

O Jacob, que, desde ainda o tempo da primeira mulher de seu amo, era o encarregado de cuidar da roupa, de engraxar as botas e de preparar as mezinhas do commendador, cahira gravemente enfermo e fôra substituido por um galego, com quem o pae de Olympia não se sabia entender. Ella ficou por conseguinte senhora de toda a casa, dirigia, governava, tinha de se entender com os fornecedores, com a lavadeira, com o homem do gaz e com todos as pessoas que procuravam por seu pae. Rosa acompanhara Thereza;

novas criadas se haviam admittido no serviço. Tudo em casa estava transformado, era preciso que Olympia invadissem todos os cantinhos, remexesse todos os quartos, para conseguir chamar as cousas aos seus eixos. Nada conseguira, as despezas diarias avultavam de um modo espartoso, o que d'antes chegava para um mez, agora não dava para quinze dias; os famulos roubavam muito, e pouco trabalhavam; apesar do pessoal de criados ser então maior, o serviço era sempre tardio e mal feito. O jardim parecia abandonado, as heras tomavam o caminho, as roseiras murchavam de mau trato, o tanque estava cheio de terra; quasi se não podia transitar pela chacara; ás vezes faltava roupa engomada, os criados dormiam com o gaz aceso, a cosinha era uma immundicia, a casa tinha pó por toda a parte, os trastes pareciam velhos, as cortinas da sala de jantar estavam encardidas, os moringues e as talhas nem sempre se enchiam, a comida era inál feita, os talheres mal limpos.

Olympia affligia-se muito com tudo isso, ralhava, altercava com as criadas. Se entrava de surpresa na cozinha ou na sala do engomado, encontrava-as todas de palestra, entre gargalhadas, em quanto o serviço ficava por fazer.

Uma vez perdeu a paciencia e despediu uma d'ellas, que não era escrava da casa.

— Ha mais tempo! Respondeu a criada, fazendo ás outras um esgaire expressivo de galhofa.— Não morrerei de saudades! Isto mesmo por cá já me estava aborrecendo!

E declarou que o José iria com ella.

José era o tal substituto do Jacob. Olympia retirou-se envergonhada: — Definitivamente aquillo não podia continuar de tal modo! Ella não tinha geito para se entender com semelhante sucia; por mais de uma vez já lhe haviam faltado o respeito e fôra preciso mandar castigar a bolos uma de suas escravas. O commendador não dava um passo, não tomava a menor medida para reprimir a desordem que ia por casa. De algum tempo áquella parte andava o homem muito acabrunhado, triste, pouco falava, quasi que não sahia á rua.

Olympia nem em tudo podia intervir. Uma occasião communicára-lhe a visinha da frente, mulher do pharmaceutico, que todas as noutes, dous sujeitos entravam pelo portão da chacara do commendador e so sahiam na madrugada do dia seguinte. Ella fallou n'isso ao pae, com reserva, de olhos baixos.

O velho pareceu ficar indignado, despediu uma das criadas, admittiu outra, disse ao José que fechasse o portão da chacara e entregasse-lhe a chave.

Mas nada produzia effeito — a desordem continuava. Reformavam-se constantemente os criados, mas não se reformava o regimen, o systema — era o mesmo desperdicio, o mesmo desconforto, a mesma anarchia.

No meio de tudo isso, Olympia foi perdendo o que lhe restava da encantadora simplicidade de sua infancia. Já não tinha certo acanhamento tão peculiar ás meninas solteiras, não córava defronte de uma phrase mais aspera. O contacto com as criadas, as preocupações extremamente materiaes da casa, a conversa com os caixeiros, que procuravam pelo pae,

as discussões com os fornecedores, que pareciam porfiados a ver qual mais lezava o commendador, roubaram-lhe por uma vez a doce ingenuidade dos dezeseis annos. Olympia não parecia uma menina solteira, parecia uma mulher casada, e cheia de obrigações, desilludida, cansada, aborrecida,

Foi então que viu pela primeira vez o homem, a quem veio a esposar mais tarde. Era o caixa da casa Paulo Cordeiro. Um tal Rosa Gonçalves; homem forte, trabalhador, economico. Tinha suas boas economias, havia já construido duas casas e parecia prosperar. Estava nos trinta e tantos annos.

Olympia o encontrou em casa de um velho amigo do pae, um conselheiro qualquer d'essa época. O Gonçalves ficou logo muito impressionado por ella. Dansaram juntos; houve palestra; Olympia tocou e cantou. No dia seguinte elle fez uma visita ao commendador. No primeiro domingo voltou e aceitou o convite para jantar. D'ahi a quinze dias pediu Olympia em casamento.

A filha do commendador consentia, sem repugnancia, mas egualmente sem enthusiasmo. O commendador estava no mesmo caso — permittia, não sem pena de ceder a filha, que elle idolatrava sobre todas as coisas; mas o Dr. Roberto entendia que Olympia se não tratasse logo de casar, podia vir a padecer muito dos nervos e então seria mais difficil combater a molestia.

Todavia esse casamento estava destinado a transformar a casa do commendador e o caracter de Olympia.

Vejamos:

23

LXIII

O MARIDO DE OLYMPIA

Conçalves foi morar com o sogro. Fizera a vontade ao commendador, que se não queria separar da filha por cousa alguma d'este mundo.

Maior que fosse a familia — ainda haveria logar de sobra no preventivo casarão de Botafogo.

O velho, sobre estar muito agarrado ao seu canto, como em geral succede aos homens de sua idade, vivia ultimamente aborrecido e entediado. A propria filha, de algum tempo áquella parte, não parecia tomar pelo pae o mesmo interesse affectuoso com que d'antes lhe arrimava os dissabores e as desillusões.

Andava distrahida, não tinha as alegrias de sua idade, aborrecia-se das amigas, poucas vezes sahia de casa, e mesmo assim quasi sempre para visitar Thereza. Só os romances francezes e ás vezes o piano conseguiam prendel-a por mais algum tempo. Não lhe fallassem em festas, passeios e ajuntamentos.

O commendador chamou sobre a filha a attenção do Dr. Roberto. Este declarou que tudo aquillo desappareceria com o casamento. Foi essa a unica razão que moveu o pae a consentir na união de Olympia com o Gonçalves.

Não é que desdenhasse as qualidades do pretendente da filha, mas o Gonçalves estava longe de ser o ideal que elle sonhava para genro. Preferia um homem mais fino, mais distincto, mais cultivado no trato, mais adherido ás cousas do espirito, mais brilhante em summa.

Gonçalves era ao contrario um typo modesto e chão. Homem de trabalho, ambições estreitas, mas tinha bom coração e bom senso. O que o puxara mais insistentemente para Olympia, não era a belleza da rapariga, que ella n'essa occasião estava até feia, nem tambem o dote, porque Gonçalves nunca fôra homem de casar por especulação, mas era justamente aquella indiferença pela vida exterior, aquelle desquerer das cousas ruidosas, que elle á primeira vista descobriu logo na filha do commendador.

Pobre homem! Como se havia enganado! O que elle suppunha ingenito e natural de Olympia, não passava de uma crise, de uma enfermidade, que desappareceria promptamente com o casamento.

Para qualquer outro seria isso uma fortuna, para elle era uma lesão, um transtorno.

Com effeito, pouco depois do casamento, a menina insociavel e bisonha foise sumindo, e Olympia, a verdadeira Olympia, a mulher formosa de hombros torneados e peito colombino, surgia entre os braços do marido, como se elle fosse o estatuario d'aquelle primor de esculptura.

Nella, tudo se transformou: a pelle se fez branca e macia, o pescoço se foi encarnando a pouco e pouco e produzindo as curvas mysteriosas da garganta; encheu-se-lhe o collo e incorporaram-se-lhe os braços; as linhas dos quadris serpentearam com mais arrojio; os olhos esgarçaram-se, rociados de ternura, e a bocca desabrochou em sorrisos ao toque dos primeiros beijos de amor.

E, se por um lado o corpo se aformoseava, por outro o espirito se

desapertava e distendia. Quatro mezes depois de casada, Olympia principiou a sentir-se attrahir para as salas; seus encantos pediam a admiração e o applauso dos homens de gosto: precisava apparecer, precisava luzir.

Reclamou jornaes de moda, frequentou as modistas do tom, exigiu um cabelleireiro, comprou joias, tomou carruagem, escolheu cavallos, e dentro em pouco foi a ordem do dia na rua do Ouvidor e nos salões onde apparecia.

Os folhetins do Octaviano Rosa no *Correio Mercantil* fallaram n'ella, descreviam-lhe a *toilette*, endeosavam-lhe as graças. Suas phrases foram repetidas, seus gostos imitados.

O commendador não se podia furtar a influencia de todas essas transformações e como que as reflectia. Era com orgulho que acompanhava a filha para o Cassino, para o lyrico e para a Campeзина.

Já ninguem o via triste e apouquettado.'

Os habitos de outro tempo foram resurgindo simultaneamente. A casa retomou o ar distincto que havia perdido.

Bastou que Olympia se casasse, se fizesse verdadeira dona de casa, para encontrar facilidade em governar os criados, em dirigir tudo o que estava sujeito a sua vontade. Os fornecedores deixaram de roubar, os famulos já não esbanjavam como d'antes, a chacara voltou ao que era primitivamente; Jacob se restabelecera e entrara de novo nas suas attribuições. Tudo endireitou, tudo entrou nos eixos.

Reappareceram as visitas em casa do commendador, illuminaram-se as salas, distribuiram-se chavenas de

chá, desarrollaram-se garrafas de vinho caro.

O unico descontente era o Gonçalves.

Aquella mulher, que a todos deslumbrava como seu espirito e com os seus encantos pessoases, aquella adoravel Olympia, de que se fallava com tanto entusiasmo por toda a parte, não lhe convinha a elle para esposa.

Não era essa a mulher que elle havia sonhado.

Imaginara ter descoberto na singela filha do commendador uma companheira socegada e amiga do lar: quando de repente surge-lhe aquella doudejana, a reclamar sedas, carruagens, bailes, o inferno!

— Fui lezado! dizia elle consigo, plenamente arrependido do casamento.— Se adivinhasse semelhante cousa, nunca a teria tomado para mulher! Mas tambem quem poderia desconfiar que n'aquella songa-monga estivesse escondida a Olympia de hoje?!— Contado ninguem o acredita! concluia elle.

E o peor é que o pobre Gonçalves não tinha animo de contrariar a mulher. Esta o arrastava para Petropolis, para Nova Friburgo, obrigava-o a perder noites, a bocejar, assentado em uma cadeira na sala de jantar, enquanto ella dançava pelo braço dos ministros e dos homens do tom.

— Isto não póde continuar assim! dizia consigo o pobre homem, entre bocejos.— Eu não tenho geito para estas cousas.

Além d'isso era um gastar sem conta de dinheiro!— Ora, elle que se casara para methodisar sua vida e vêr se conseguia assegurar o futuro com algumas economias, que fosse

ajuntando, não podia supportar de cara alegre semelhantes imposições de Olympia. Para deixal-a só, tambem era o diabo; havia tantos olhos assestados sobre a bella esposa, havia tanta cobiça a farejar-lhe os hombros nus, que o marido não se animava a deixal-a por um instante.

— Antes ficasse feiasita e magra como era d'antes; ao menos não gostaria tanto de apparecer!

E, apesar de ninguem até alli ter ousado arriscar a menor palavra contra o procedimento de Olympia, o infeliz marido sentia terriveis ciumes apertarem-lhe silenciosamente o coração.

Um dia, não se pôde ter mais, e procurou o commendador para desabafar.

— Não é possivel, seu Ferreira! dizia elle muito desgostoso, não é possivel continuarem as cousas como vão! Eu não me casei para perder as noites em pagodes e andar por ahi em correrias de todo o genero! Não sou nenhum nababo! Não posso com semelhante vida!

E passeiava agitado pelo gabinete do sogro.

— Mas o que quer você, homem de Deus?!

— Quero endireitar minha vida! está o que eu quero! Pois meu sogro acha que não tenho razão para estar aborrecido?!

— Mas o que é que lhe falta?!

— Falta-me a paciencia para andar todas as noites de casaca e fazer mesuras pelas salas, e a aturar massadas consecutivas. Sua filha parece que não desejava um marido, desejava um pagem, um criado! Ora, eu estou lá disposto a semelhante cousa!

— Você falla de bocca cheia, meu genro, respondeu o commendador a

sacudir a cabeça.—Sabe lá você a mulher que possui! Renda graças a Deus, meu amigo, porque principio a acreditar que você nunca mereceu a mulher que tem.

— Antes nunca a tivesse merecido! Dou-lhe a minha palavra de honra que prefiria isso!

O outro mordeu os beiços e conteve a impaciencia.—E' melhor pararmos aqui, disse elle—nada lucrámos em estar a trocar palavras. O senhor meu genro me fallará quando estiver mais tranquillo!

— Já não tenho momentos de tranquillidade! exclamou desabridamente o Gonçalves.—Apre! preciso desabafar! Ha cinco mezes que estou cheio até aqui!

E mostrava a garganta com a mão aberta.—Ou entramos em um accôrdo ou vai cada um para seu lado! Safa! Não posso!

— Pois então vá plantar batatas! gritou o commendador, perdendo de todo a paciencia—Quer fazer reclamações, faça-as á sua mulher. Que diabo!

— Ella mesmo faz muito caso do que lhe digo!

— Pois então queixe se de si, meu caro senhor! Quando o marido não se sente com forças para governar a mulher, não póde exigir que o sogro a governe! O que lhe afianço é haver por ahí muito homem casado, que tem muito mais razão, e não se queixa tanto como o senhor!... Você ao menos não póde dizer que sua mulher o illude!...

— Sei cá, homem! Respondeu o marido de Olympia, sacudindo os hombros.

— Heim?! Exclamou o commendador, furioso.

— Não sabe?! Pois o senhor se atreve em minha presença a duvidar da conducta de minha filha! Insolente! Gritou o velho, tremulo de cólera.— Não sei onde estou que...

E com medo de não se poder conter, deu as costas ao genro e recolheu-se ao quarto.

Olympia estava n'essa occasião a passeio. Quando voltou soube logo da contenda entre o pae e o marido.

— Pois o senhor foi se queixar de mim a meu pai?! Perguntou ella a Gonçalves, quando o vio.

— Não! é que a senhora...

— Não seja idiota! bradou-lhe a mulher, franzindo o nariz e arregalando os olhos.—Quando quizer póde ir embora.

— E sou muito capaz de o fazer!... Não sei o que parece andar agora uma creatura a correr seca e meca, para dançar e ouvir tocar piano!

— Eu é que não estou para atural-o! Tenha a bondade de não me aborrecer! disse Olympia, friamente. E foi se recolhendo, sem querer ouvir a replica do marido.

Jacob assistia a esta scena, encostado ao aparador com uma toalha no braço.

— Não te parece que eu tenho razão, Jacob?! perguntou-lhe Gonçalves, approximando-se d'elle.

— Não me envolva n'essa historia! respondeu o velho domestico, fugindo por sua vez para um outro lado.

Gonçalves cruzou os braços e sacudiu sósinho a cabeça no meio da sala.

— Então?! Que me dizem a isto?! exclamou elle.

LXIV

A MEDALHA TORNA-SE A VIRAR

E desde então, não se passava um dia que não houvesse alguma resinga entre o casal. Porém o marido, por mais que protestasse contra os costumes da mulher, nada conseguia. O commendador toinou abertamente o partido da filha e principiou a tratar o genro com frieza.

— Logo vi que este homêem não poderia convir á pequena, dizia e repetia elle comsigo. — Em vez do estafermo agradecer a Deus o presente que lhe fez, tem ainda o desplante de se lamentar! Idiota!

E, quando se achava a sós com Olympia e vinha a pello fallarem de Gonçalves, repisava o commendador com o seu ar apumado de homem superior — Não faças caso, sinhásinha! Diverte-te, brinca, dança á vontade, que és moça! Brilha, minha filha, brilha, que és bonita, espirituosa e rica! Deixa fallar o tolo de teu marido, elle o que tem é ciumes! Não faças caso! Preza o teu nome, defende a tua reputação, cumpre com os teus deveres de senhora honesta, mas continua a offuscar. Mata de inveja essas prezumidas, que estão todos os dias a descobrir defeitos em ti!

E o velho sentia-se cada vez mais satisfeito, mais fortalecido por Olympia. Para elle não havia em todo o mundo um ente tão completo, tão bello, tão adoravel, como a filha. Olympia, depois que mudara de genio, e que se alindara de corpo, era o seu enlevo, o seu orgulho, o seu fraco. Quando a via, decotadano

rico vestido de seda, a chamar a attenção de todos os lados, a jogar com muita graça o leque, a responder sorrindo as palavras que choviam da direita e da esquerda, o commendador ficava embevecido, a acompanhar-lhe com a physionomia os menores gestos e os mais ligeiros movimentos.

— E queria o senhor meu genro que ella não apparecesse nas salas e ficasse em casa, talvez a jogar a bisca! Tinha que vêr!

Por esse tempo soffreu o commendador um novo desgosto — a morte de seu filho, que estava já nos estudos em S. Paulo.

Este facto alterou de alguma fórma a vida da familia e servio de palliatio aos desgostos de Gonçalves. Mas acabado o luto, Olympia cingiu de novo o seu diadema e reapareceu nas salas.

O marido já não podia supportar semelhante existencia. Era preciso que a esposa se decidisse por uma vez a mudar de vida, ou elle pedia a sua demissão.

Olympia declarou que não estava disposta a alterar de fórma alguma os seus habitos. — Se ella com as suas fantasias obrigasse o marido a sacrificios e privações, muito bem! seria a primeira a fugir da sociedade exigente; e havia de submeter-se a uma existencia proporcionada aos seus recursos; mas não! o marido nem precisava tocar nos bens que trouxera. Olympia era rica, tinha muito com que sustentar o seu luxo e os seus caprichos; Gonçalves por conseguinte que deixasse de ser egoista e não a estivesse contrariando, porque isso seria muito peor.

Gonçalves oppunha carradas de

razão. Dizia que se casára para viver com a mulher e não para proporcionar mais um par aos dançadores de valsa. Dizia que era homem amigo de seus commodos, gostava de passar os domingos na chacara, e não estava disposto por conseguinte a andar em um torniquete, de casaca, como o imperador. Que estava já muito farto de bailes, de jantares e de theatros lyricos!

Que as taes ceias fóra d'horas, os sorvetes, os grogs, que o obrigavam a ingerir todas as noites, punham-lhe o estomago em petições de miseria, e lhe haviam de dar com os ossos no Cajú, se elle não mudasse quanto antes de regimen. E, afinal, quando por mais nada fosse, era porque elle não podia admittir que uma senhora casada tivesse adoradores, ouvisse galanteios, se deixasse nas tacs danças abraçar por uns pelintras que elle nem sequer conhecia, e afinal não podia consentir que o nome de sua mulher andasse por ali, de bocca em bocca, de jornal em jornal, tratado por tu, como se ella fosse alguma dançarina ou alguma comica! Não! Gonçalves não estava por tudo isso, e se a mulher não pretendesse mudar de systema, que lhe fallasse com toda a franquesa, porque n'esse caso quem se mudava era elle!

Olympia não respondeu uma palavra e deixou que o marido ainda accrescentasse mais alguma cousa ás suas reeriminações. A' noite encarregou o pae de tratar da separação, se é que Gonçalves estava disposto a isso, mas, caso estivesse, que ella o prevenia desde já nunca mais, em circumstancia alguma, fazer as pazes. Gonçalves, portanto, que meditasse antes de dar o grande passo.

Ella não alterava o seu modo de vida!

D'ahi a tres dias estavam separados.

Sabe já o leitor, desde o capitulo trinta e sete, o que se seguiu ao rompimento. Olympia principiou a emmagrecer, foi ficando triste e perdendo pouco a pouco o gosto pelas festas ruidosas e pelos prazeres opulentos. Ficou nervosa, doente, aborrecida, e dentro de seis mezes desertou totalmente da sociedade.

Fallou-se n'essas metamorphoses; commentou-se o facto de mil modos. Gonçalves apresentou-se solicitando as pazes da mulher e foi repellido. Appareceram tambem algumas cartas dos adoradores, mais constantes da encontadora senhora, na esperanza de obterem agora, pela ausencia do marido, a graça que não conseguiram n'outros tempos. Olympia atirou as cartas ao fogo e despedio ainda d'essa vez os pretendentes com a mesma dignidade com que o fizera até ali.

O commendador embalde procurou persuadil-a a voltar aos seus passados habitos; embalde fallou-lhe do triumpho que outras obtinham na sua ausencia; embalde cercou-a de objectos da moda, jornaes de figurinos, programmas de concertos, camarotes de theatro e provocações de todo o genero.

Olympia não se mexeu, e em dous annos ninguem mais fallava n'ella.

Todavia os seus incommodos recrudesciam; o nervoso tomava proporções muito sérias; o hysterismo reclamava os seus direitos.

O Dr. Roberto, como sabe o leitor, aconsellhou viagens, fallou em banhos do mar, lembrou passeios ao campo, mas disse positivamente que

o verdadeiro remedio para Olympia era fazer quanto antes as pazes com o marido.

Não fez. E mais dous annos decorreram, até o dia em que a vimos subir, pelo braço do pae, a escadaria do Papá Falconnet.

Pela confrontação das scenas em que a mostrámos na Avenida Estrella, com as scenas mal esboçadas d'este capitulo, pôde o leitor facilmente calcular os progressos que fez n'esses dous annos a molestia de Olympia.

Mas saltemos por sobre isso e vamos reavel-a no fim do capitulo quarenta e sete, onde a deixámos ao lado de Gregorio, em uma situação que desdizia completamente do modo energico e valoroso com que a vimos enxotar os janotas que lhe andavam á pista.

Antes, porém, temos de explicar o que foi feito de Thereza, como está promettido no penultimo capitulo.

Tenha o leitor a bondade de recuar dez annos, porque é tal o espaço que n'este instante nos separa do momento, em que a singular mulher do commendador recolheu-se doente e desesperançada ao hotel de Santa Thereza.

N'esse periodo acha-se comprehendido o tempo que Olympia passou em companhia do marido e o tempo que passou na sua ausencia.

O Dr. Roberto ia de vez em quando fazer uma visita á mulher do commendador. Achou-a sempre peor, propensa a soffrer do cerebro. Thereza ultimamente dera-se á devoção, estava muito amiga de rezas e de egrejas. Olympia já não encontrava n'ella a mesma amiga e a mesma conselheira; a pobre doente parecia mais estúpida, mostrava-se descon-

fiada, de máo humor, ás vezes grosseira e impertinente.

Rosa, aquella criada que na epocha dos amores de Portella, protegia-lhe as suas escapulas, fôra posta á rua e substituida por ti'Agueda, já conhecida do leitor.

Thereza pouco se demorcu no hotel; queria um logar mais obscuro e mais modesto. Transferio-se para Cascadura. O marido mandava-lhe lá, todo o mez, uma pensão de cem mil réis.

Estava feia, summamente feia. A febre crestara-lhe a pelle, tomara-lhe o cabello e desfeira-lhe as feições. Thereza não dava uma fraca idéa do que fôra. Magra, encanecida, calva, com os olhos sem expressão, a bocca desadornada de dentes e sorrisos, o pescoco bambo, as costas arqueadas, parecia mais uma freira velha, comida pelos rigores da vida monastica, do que uma mulher de trinta e oito annos.

Não sahia de casa, senão para ir á egreja. Ninguem a via á janella; apenas, em algumas noites de luar, a custo descobriam o seu vulto magro, vestido de chita preta, a pas-sciar como um espectro por entre as pobres arvores de seu quintal.

Duas vezes fôra accommettida por crises nervosas, que a deixavam prostrada em um estado comatoso, com todos os symptomas da loucura.

O commendador recommendava sempre ao Dr. Roberto que a não deixasse de vêrde quando em quando, e pedia-lhe constantemente noticias d'ella.

— Vai n'aquillo mesmo, dizia o medico! D'alli para peor, coitada!

— Mas pôde viver?! perguntava o velho, com os olhos illuminados por um brilho sinistro de vingança.

— Ah! lá viver pôde e até muito, mas o que nunca conseguirá é restabelecer-se totalmente. Está perdida!

— Bem! dizia o velho consigo.
— Minha vingança será completa. Aquelle miseravel ha de casar-se com ella, logo que eu feche os olhos.

LXV

A DEVOTA

Uma tarde Thereza passeiava, como sempre triste, por entre as solitarias plantas de sua pobre chacara, quando um vulto de homem parou ás grades do portão.

— Saberá dizer-me onde mora por aqui uma senhora chamada Thereza? perguntou o sujeito, apoiando-se nos varões da grade.

Pelo seu todo fatigado via-se logo que elle viera de longe, a fazer a mesma pergunta pelas outras casas d'aquella rua.

Thereza approximou-se lentamente sem responder; mas, ao chegar perto da grade, soltou um grito e exclamou:

— Oh! E' Luiz!

— Meu nome?! disse o outro muito sorprezo.

E, sem ter tempo de procurar reconhecer a repulsiva figura, que tinha defronte de si, transpoz o portão para se apoderar de Thereza, que parecia prestes a cahir desfallecida.

— Já não me conheces?! perguntou ella com um tom de profunda tristeza, logo que pôde fallar — E' natural! Eu já não sou a mesma!

— Esta voz!... Será possível?! balbuciou Portella, sem querer acreditar no que via. E ficou a olhar, muito afflicto para Thereza.

— Está aqui o que resta d'aquella Thereza dos outros tempos, tão fresca e tão bonita! Explicou ella. E accrescentou com os olhos cheios d'agua e a voz muito alterada pela commoção — Comtigo tudo fugiu! Já nada resta do que fui. Estes olhos já não fallam de amor; estes labios esqueceram o riso; este collo não provoca em mais ninguem desejos ardentes e desenfreados. Depois que te partiste, nunca mais tive um momento de ventura, tudo se converteu em martyrio e remorso. Cheguei a amaldiçoar o nosso amor; cheguei a duvidar se tua memoria causava-me saudade ou me causava tedio. Principiei a tomar aborrecimento por tudo; meu marido apunhalava-me todos os dias com a sua indiferença e o seu desprezo, eu não podia encarar mais para ninguem; as proprias amigas, cuja presença me causavam dantes muito gosto, tornaram-se-me insupportaveis. E o meu soffrimento crescia, crescia, até reduzir-me a isto que vês!

Portella escutava, sem tirar os olhos de Thereza. Tudo aquillo produzia-lhe uma grande tristeza e um grande constrangimento. — Como era possível conceber semelhante transformação?... Como, em dez annos, se podia extinguir tanta formosura e tanta graça?... Oh! E' terrivel, pensava elle — vermos assim de perto os destroços de uma felicidade que passou por nós, que algum tempo nos encheu a vida com todos os brillos da paixão e do amor. Amor! Que estranho sentimento! Que função absurda! Um pouco de carne, cabellos, sangue, dentes, olhos, tudo isso disposto de um certo modo, ordenado com um certo talento, e é

o bastante para nos enlouquecer, para nos arrastar a todos os escolhos. Entretanto alli estava a mesma Thereza, que o fizera delirar em outras épocas!... Como a nossa materia é fraca ou como a natureza é esperta! Como esta armava bem o seu interesse, como sábia impor as suas leis de reproducção e de vida! E todavia queriam os homens do rigor e da austeridade que se pudesse fugir despoticamente a todas essas imposições, tão finamente preparadas! tão sabiamente armadas debaixo de nossos pés.

E depois de fazer todas essas considerações, uma tristeza profunda, um aborrecimento doloroso, negro, humido, pegajoso, entrou-lhe no coração e começou a inchar-lhe lá dentro como um sapo preso em um apertado cano de esgoto.

E com effeito o coração d'aquelle homem era um cano de esgoto. Por elle desfilavam todas as immundicias de sua alma, todos os negrumes de seu character, todas as fezes de sua ambição e todos os vicios de seu sangue máo.

Não se teria demorado um instante ao lado de Thereza se não precisasse d'ella para alguma cousa que o interessasse. O espectáculo asqueroso d'aquelle desfacelamento impudico, que lembrava um cadaver, que tivesse a fantasia de vir apodrecer cá para fóra, em boa camaradagem com os vivos, repellia-o grosseiramente. Portella estava impaciente por conseguir o que desejava da mulher do commendador e pôr-se a caminho para longe, para bem longe, onde não pudesse chegar o cheiro repellente d'aquella desgraça e d'aquella miseria.

Sentia-se tão apressado que não

esperou terminar o vôo das divagações de Thereza, foi logo a interrompendo e declarando francamente que ia alli levado pela necessidade de alcançar das mãos do commendador um papel assignado por elle.

— Que papel? perguntou Thereza.

— Pois não sabe que deixei um documento em poder de teu marido, declarando os obsequios que recebi d'elle, as relações que tive comigo, aquelle projecto de envenenal-o e ainda outras cousas de que já não me recordo?!...

Essas taes cousas de que elle já não se recordava, não lhe faziam conta declarar quaes eram, porque implicavam directamente com o futuro de Thereza.

— Mas emfim! perguntou ella — O que desejas de mim?

— Eu desejo em primeiro logar saber se esse papel não está em teu poder, respondeu elle.

— Pois se eu até ignorava da existencia de semelhante cousa!...

— Bem, pois então o que eu desejo é que o obtenhas de teu marido, que o subtraias a todo o transe do logar em que está. Preciso apoderar-me d'esse documento! Não poderei dar um passo aqui no Rio de Janeiro, enquanto elle existir nas mãos do commendador.

— Mas como posso fazer o que desejas?... bem sabes que...

— Não fizeste as pazes com o commendador?! Disseram-me que tinhas voltado á casa, que moráras em companhia d'elle, que havias adoecido, que fóras para Santa Thereza á procura de ares mais favoráveis, e que afinal te havias enterrado aqui, em Cascadura, e vivias só,

muito mettida com os teus desgostos e com a tua religião.

— Pois é, respondeu ella, com um gesto inalteravel de tristeza.

— Ora! quando havia eu de suppor que darias uma devota! considerava Portella, esforçando-se por se mostrar alegre e agradável á outra. Tu que nunca tiveste geito para freira!

— Precisava applicar minha actividade, dedicar-me a qualquer cousa, que me prendesse pelo coração e pelo espirito ao mesmo tempo. Nós, as mulheres, não podemos prescindir d'essa existencia espiritual, que todavia não existe em alguns homens. Se meu marido me tivesse perdoado verdadeiramente e, em vez de tratar-me com o desprezo que tratou, me chamasse para o seu affecto e me puxasse para si; é natural que eu me desse toda aos interesses da casa, e só com isso constituisse a minha preocupação. Mas Ferreira nunca perdoou o que lhe fiz, sua casa era para mim a casa de um estranho, elle não queria ouvir o que me dissesse respeito. Sepultei-me no quarto, como descesse a uma sepultura, e durante quasi meio anno em que fiquei reclusa aprendi a distrahir-me sozinha, rezando. Os extasis prenderam-me o interesse; li a vida dos santos; devorei as legendas tristes de freiras apaixonadas, que morriam ignoradamente no seu mosteiro, a balbuciar o nome de um homem. Foi assim que fiquei religiosa; agora todo o meu sonho dourado é entrar para um convento.

— E' bom! disse Portella, impacientando-se com os devaneios de The- reza. — E' bom, mas o que eu desejo

saber é se podes ou não arranjar o documento de que te fallei, ou se sabes alguma cousa a esse respeito.

— Como poderia arranjar semelhante cousa?... Eu não vou á casa do Ferreira. Além d'isso...

— Bem. N'esse caso, adeus.

— Já te queres ir? perguntou The- reza,

— Desculpa; tenho alguma pressa. Eu apparecerei mais vezes.

— Espera ao menos que venha a criada, para fazer café.

— Não! não! Tenho de estar cedo na cidade. Adcus!

— N'esse caso, adeus. Olha, toma esta rosa, leva-a para te lembrares de mim.

E foi buscar ao oratorio uma rosa Guanabara, que murchava espetada na mão de um santo.

— Está benta! disse ella.

Portella sentia-se cada vez mais impaciente. Na occasião de sahir, já no corredor, voltou-se e deu com The- reza a fazer-lhe momiccs por detrás d'elle. Só então desconfiou que a desgraçada soffria de qualquer desarranjo cerebral.

Pôz-se a caminho com vontade. Iria d'alli á casa de um seu conhecido, que talvez lhe desse informações a respeito do commendador e lhe fizesse encontrar alguém capaz de subtrahir os taes documentos de que elle tanto precisava.

Portella nas suas viagens arranjára algumas economias e vinha estabelecer-se na côrte com um socio bastante endinheirado, tinha em vista um casamento; o futuro sorria-lhe como nunca, amigo e auspicioso, mas o commendador, com o documento de que dispunha, seria muito capaz de espantar-lhe a fortuna. Urgia por

consequente providenciar sobre isso, antes de mais nada.

Mas nem tudo n'este mundo sai a medida de nossos desejos.

LXVI

CAÇA AOS DOCUMENTOS

Portella fôra com Leão Vermelho mais feliz do que contava.

Expliquemol-o em duas palavras: O compadre facilitou-lhe os meios pecuniarios de especular em compras de vinho no Porto, e recolheu-se, sequioso de descanso, á sua provincia natal, onde tencionava acabar a existencia.

Com este, pouco mais temos que vêr. Quanto ao outro, poden:os affiançar que andou com lisura nas suas especulações e que se despediu limpamente do protector, retirando-se com um soffrivel carregamento de vinhos portuguezes, italianos e francezes para o Brazil, em cuja capital pretendia estabelecer uma casa especial d'aquelle genero.

O bom desempenho de suas transacções grangearam-lhe creditos para com os fabricantes de vinhos, mais conhecidos na península; de sorte que com muita facilidade e pouco capital poderia sortir o seu estabelecimento, de modo a monopolisar no Rio de Janeiro o commercio de vinhos portuguezes. Eram bem imaginados semelhantes planos, accrescendo que Portella dispunha ainda do auxilio de um socio, que os podia ampliar para o futuro.

Por esse tempo contava elle uns trinta e tantos annos, e sentia-se vigorosamente disposto a fazer carreira. Estava moço e fortalecido de esperanças; era esperto, trabalhador e

ambicioso. Com os elementos materiaes de que dispunha podia ir muito longe.

Portella embalava magnificos projectos; já n'esse tempo sonhava com a commenda que pouco mais tarde lhe veiu dar um tom pittoresco á lapella da casaca.

O diabo era aquelle documento em poder do marido de Thereza! Se o demonio do velho sahisse dos seus cuidados e mandasse publicar-o em alguma folha, Portella estaria perdido.

O commendador, apezar de retirado da vida activa do commercio, gozava de muito credito na praça e era sumamente considerado pelos negociantes de mais nome. Qualquer accusação, que viesse d'ellc, teria fatalmente um curso vertiginoso entre os ex-collegas.

Convinha, por consequente, que Portella, antes de sentar os alicerces de suas especulações no Rio de Janeiro, tratasse promptamente de desarmar o inimigo, sob pena de mais tarde ser precipitado ao chão no melhor de seu vôo.

Mas de que modo havia elle de alcançar semelhante cousa?! A questão era tão delicada, que daria volta ao espirito mais audacioso e mais fino.

Principiou a sondar de longe o commendador.—O homem talvez já senão lembrasse do passado e tivesse desprezado os seus planos de vingança. Mas qual! Portella conhecia perfeitamente o genio rancoroso de seu antigo patrão, para se deixar illudir por esse lado. O expediente a tomar era apoderar-se do tal documento, fosse como fosse.

Em todo caso, nada d'isso o incommodaria tanto, se Portella não tivesse em vista mudar de estado,

casando-se com uma rapariga de bons recursos, que encontrou em casa de D. Januaria, quando ahi foi visitar a afilhada, pela primeira vez, depois de sua volta.

Para esse projecto de casamento é que o commendador se tornava verdadeiramente perigoso, porque Portella na obrigação que assignou, compromettia-se, sob palavra de honra encarregar-se de tomar conta de Thereza e casar-se com ella, logo que o marido fallecesse.

Ora, incontestavelmente havia em tudo isto uma grande dóse de tolice. Não se poderia obrigar um homem a casar, assim sem mais nem menos, só porque, em certa epocha, declarou por escripto que o faria. Mas o facto é que sua assignatura lá estava, naturalmente reconhecida já por algum tabellião; e, se o maldito papel apparecesse pela morte do commendador, ligado ao importante testamento d'este, podia, quando não violental-o a prender-se á pavorosa Thereza, pelo menos difficuldar-lhe a carreira e chamar sobre elle as suspeitas e a desconfiança de pessoas, para quem convinha a Portella passar por um homem de vida immaculada.

— Maldito fosse o momento em que elle se lembrou de requestrar a mulher do commendador! Antes tivesse quebrado uma perna na occasião em que se approximou d'ella pela primeira vez!

Era o desespero que lhe arrancava de dentro estas sinceras exclamações de desgosto.

Em taes circumstancias, visitava uma occasião D. Januaria, quando um rapaz magrinho, feio, de vinte e tantos annos, approximou-se d'elle e tratou-o pelo nome.

Portella recordava-se de ter visto já aquella cara, mas não conseguia determinar onde e quando.

— Não se lembra do João Rosa? Perguntou-lhe o rapaz. Aquelle que o senhor, quando estava no armazem, só chamava o João Cabeça?!...

E riu.

— Ah! Exclamou Portella. — E' isso mesmo! Ora senhores! Como você mudou! Está um homem. Barbado!...

E depois de medir por algum tempo a pequena estatura de João Rosa, perguntou-lhe com amigavel interesse—Então o que se faz agora?

— Continúo lá! disse o outro, armando uma careta.

— Ainda está lá?! insistiu Portella, admirado, mas possuido já da idéa de applicar o João Rosa aos seus projectos.

— Ainda, resmungou o outro.

— Interessado na casa?

— Qual. Já perdi as esperanças d'isso. O Figueiredo não me tem querido proteger. Um moço, que entrou muito depois de eu lá estar, faz parte ha um anno da sociedade e eu ainda continúo como empregado.

— Você casou-se?

— Não. Estou ainda solteiro.

— Ah! quem sabe se você tem as suas pretensões cá por casa de D. Januaria!...

— Não. Eu me dou com ella ha muito tempo, mas não tenho o que me prenda por cá.

— Pois, seu João Rosa, eu vou estabelecer-me aqui com uma casa de vinhos. Tome o cartão.

Passou-lhe um cartão.— Se você quizer appareça por lá; talvez tenhamos o que conversar. Olhe, amanhã á noite, você está occupado?

— Não.

— N'esse caso vá amanhã...

— Pois bem.

No dia seguinte os dous encontraram-se de novo. Fallaram muito sobre o passado. João Rosa fez referencias aos escandalos de Thereza.

— Peoh! Intergeicionou o Portella, sacudindo os hombros com desdem.

— Não! Replicou o outro — Que o senhor andava n'esse tempo muito mordido por ella.

— Tolices!

— Coitada! Está feia, magra ao ultimo ponto, descabellada, meio idiota.

— Sim? disse o outro, fingindo ignorar essas cousas.

— Se o senhor a visse não a conheceria!...

— Coitada. Era muito doida aquella rapariga!...

— Era da pelle do diabo, accrescentou o João Rosa, com o ar de quem tem uma opinião segura sobre a cousa.

Desde então principiaram a se encontrar com mais frequencia. João Rosa passeiava alguns domingos com o Portella, e patenteava-lhe uma certa submissão de dependencia e amizade. Tinha muito em conta o que lhe dizia o amigo e seguia á risca os conselhos que d'elle recebia.

João Rosa deu a Portella noticias completas a respeito da casa do commendador. Fallou do casamento de Olympia com o Gonçalves, disse a vida desordenada que os dois levaram durante quatro annos, contou os pormenores da separação dos conjuges; circumstanciou as mudanças de genio que fizera Olympia depois do rompimento, os desgostos do velho, a proposta de reconciliação apresen-

tada por Gonçalves, a recusa da mulher, e enfim as tristezas e o recolhimento em que esta por ultimo vivia.

— E o Jacob? que fim levou?! quiz saber o Portella.

— Lá está! n'aquillo mesmo! Não faz a menor mudança!

— O Jacob!... reconsiderou Portella, com um ar cheio de recordações. E disse depois — Deve estar bem velho, aquelle homem!

— Mas forte. Parece muito mais moço que o commendador!

— E este?! Sempre o mesmo, heim?

— Sempre. Eu vou lá duas vezes por semana fazer-lhe a escripta. Pouca cousa!

— Ah! você é quem faz agora a escripta do commendador?!...

— Sim, porque?

— Por nada.

E Portella ficou a pensar. Na primeira occasião, em que esteve de novo com o João Rosa, abriu-se francamente com elle, a respeito do documento que estava em poder do commendador.

— Você sabe o que são estas cousas! disse em confidencia muito amigavel ao Rosa.— Eu estou no commercio. Aquelle velho é muito capaz de cortar-me a carreira. Elle é rancoroso!...

— Oh!... fez o outro, estalando os dedos.

— Por conseguinte se você conseguisse arranjar-me esses papeis! Eu lhe recompensaria bem o trabalho.

— Não sei, homem! Elles devem estar muito bem guardados! Em todo o caso...

— Ora, na sua posição é muito facil encontral-os, e o proprio commendador, quando der pela falta, não

acreditará que você os tenha subtraído, porque aquillo não representa valor para outra pessoa, que não seja elle mesmo. Para que diabo podia você precisar de papeis velhos?! Não são documentos de dividas, não representam dinheiro, nem objecto de preço!... O mais que o typo podia suppôr é que alguém os tivesse inutilisado, sem saber do que se tratava.

— Isso é verdade.

— E eu lhe daria um conto de réis se você me arranjasse o que lhe digo! E' preciso notar: com o documento assignado por mim, deve estar uma carta tambem minha dirigida a The-reza e um frasquinho de vidro, com um liquido transparente. Você me arranja isso e eu dou-lhe um conto de réis! Depois, como para ambos convém guardar o segredo, a cousa ficará só entre nós. Hein. Serve-lhe?!

— Eu vou ver se encontro...

— Você querendo acha.

— Póde ser.

E, quando os dous se separaram, já estavam perfeitamente combinados.

LXVII

O ROUBO DAS LIBRAS

Coíncidiram com a chegada de Portella ao Rio de Janeiro os primeiros symptomas nervosos que se apoderaram de Olympia, pouco depois do rompimento dos laços conjugaes. O commendador, preocupado com os incommodos da filha, não pensava em outra cousa que não fosse n'ella.

E com effeito, pelo tempo que vai d'esse ponto ao momento em que a vimos penetrar na Avenida Estrella, o pobre pae não teve outro cuidado, outra inquietação, além da molestia de sua adorada Olympia.

Passeios, distrações, romances, tudo lembrava elle para distrahir a enferma. Ora em Petropolis, ora em Theresopolis, ora em Barbacena, andaram os dous, perto de dous annos, em inutil e constante peregrinar.

Isso explicava a razão porque Portella não foi logo, desde a sua chegada, perseguido pelo commendador.

Não havia tempo para cuidar na vingança; o velho andava arredado de casa, esquecido de si e só cuidadoso da filha.

Entretanto, Portella, que comprehendera perfeitamente a situação, tratou de não perder tempo e firmar na côrte os seus alicerces, de modo a poder mais tarde resistir aos golpes do commendador, quando este porventura o quizesse derrocar. Uma vez firmado em terreno solido, não tinha que receiar do inimigo, e quasi que podia de antemão contar com a victoria.

N'esta convicção estabeleceu-se e abriu a trabalhar com a furia de quem foge de um grande perigo. Todo o seu empenho era grangear sympathias, ganhar posição e ajuntar dinheiro. Tudo isso elle conseguiu em muito pouco tempo. Portella não desperdiçava um segundo, accumulava quasi todo o trabalho de seu armazem, fazia a correspondencia, a escripta e a venda no balcão. Dentro de um anno os horizontes se haviam alargado espantosamente. A casa estava já perfeitamente acreditada; o commercio dos vinhos desenvolvia-se com um impulso prodigioso. Portella augmentou então o pessoal, alargou o armazem, e, depois de entregar a casa aos cuidados do socio, seguiu de novo para Portugal. Quatro mezes depois estava de volta. Novo carre-

gamento, nova especulação)—os lucros triplicaram.

Antes de chegar o terceiro anno de seu commercio, já lhe havia pingado da patria sobre a golla do casaco a vermelha tetéia, por que elle tanto suspirava.

Portella difinitivamente era um homem feliz. O documento em poder do commendador, longe de o prejudicar, servira, como vimos, para in-eutir-lhe no animo a coragem e a resolução. Dous annos depois era estabelecido o Sr. commendador, gosava as melhores sympathias, estava já arranjadinho de fortuna, e olhava de frente para um futuro de causar inveja.

Em breve abrir-se-iam em torno d'elle as boas relações, os bons sorrisos, as boas rodas fluminenses. No Rio de Janeiro com uma casa de negocio, uma casaca e uma commenda, vai-se a toda parte e percorre-se familiarmente toda a escala social, desde os bailes da princeza imperial, até as bacchanaes das irmandades carnavalescas.

Aqui é assim. Enquanto o José das enxundias sóbe as escadarias do Cassino, muito atrapalhado com o seu claque, as suas luvas e os seus joanetes, Pedro Americo e Carlos Gomes as descem enxotados de lá, como cães.

E o certo é que o demonio do Portella tinha um typo que se prestava maravilhosamente ás suas aspirações. Ninguem daria melhor um commendador. Ninguem como elle sabia fallar sem dizer, ver sem olhar e gargalhar sem rir. Desde que lhe pingou a tal historia ao peito, que o homem principiou a soffrer transformações diabolicas. Caminhava o

ventre, empinava-se a cabeça, esticavam-se as pernas e dilatavam-se os labios n'esse risinho discreto e malicioso dos homens condecorados. Uma vez raspado o bigode, talhada a suissa e encanecidos os cabellos da cabeça, terá o leitor defronte dos olhos o mesmo pretencioso commendador, com quem tão boas relações travou logo no primeiro capitulo do romance.

Mas enquanto não chegamos a esse ponto, vamos esmiuçando as circumstancias que o precederam; e, como já temos o commendador Ferreira, seja-nos permittido continuar a tratar o segundo da mesma fórma porque o tratavamos antes do titulo. Continuará a ser Portella.

— Porém o tal documento?! E a promessa do João Rosa, ficam no tinteiro?! E' o que sem duvida tem vontade de perguntar o leitor, e por isso vamos tratando de nos descartarmos, o mais depressa possivel, desse compromisso.

Quando Portella chegou ao Rio, justamente na occasião em que o commendador se via atrapalhado com a molestia da filha, João Rosa ficou exclusivamente encarregado dos negocios do pae de Olympia.

Não podia desejar melhor occasião para cumprir o que promettêra ao amigo; a casa estava toda em suas mãos; ninguem o iria surprehender, e João Rosa por consequente começou a procurar os taes documentos com toda a calma e toda a segurança.

E com tanto geito e minuciosidade remecheu e revirou as gavetas e os segredos do patrão, que, em vez de achar o que procurava, achou cousa muito melhor — um pequeno estojo quadrado, de ferro, escondido cuida-

dosamente em um logar, feito expressamente para isso na parede, por detraz da burra.

O estojo pesava e tinha um segredo na fechadura. João Rosa não descansou em quanto o não abriu.

Estava cheio de libras esterlinas. Ninguém sabia a procedencia d'esse dinheiro, nem o destino que o commendador tencionava dar-lhe. Não constava d'elle em nenhum dos livros de sua escripturação e em nenhuma de suas notas esparsas por pequenos quadernos de algibeira.

João Rosa teve uma tentação. O commendador só mais tarde poderia dar por falta do estojo, e aquelle dinheiro representava perfeitamente a independencia do caixeiro. Lembrou-se de tomar passagem no primeiro vapor e fugir do Brazil com o seu thesouro, mas no dia seguinte tinha já outra resolução. Para que fugir?! Aquelle dinheiro estava de tal fórma escondido, que o commendador não poderia imaginar que alguém dêsse com elle; e d'ahi, quem sabe se o proprio commendador tinha sciencia de semelhante cousa?! Quem sabe se aquelle thesouro não existia alli antes do patrão tomar conta da casa? De qualquer fórma, concluiu o velhaco — não era preciso fugir. Tudo se poderia arranjar limpamente.

E, adoptadas estas reflexões, João Rosa procurou o Figueiredo, pediu a sua conta e deu-se por despedido. Só lhe faltava pôr em dia o exíguo trabalho que estava a seu cargo e esperar o commendador, para se despedir d'este por sua vez.

Portella, sempre que o via, perguntava-lhe pelo resultado da commissão de que elle o encarregára.

O outro desculpava-se; dizia que por mais que procurasse, não descobria os tacs papeis, mas que Portella podia ficar descansado, que, se elles estivessem em casa do commendador, haviam de lhe chegar ás mãos.

No dia seguinte ao ultimo d'esses concluios, João Rosa encontrou, por acaso, os tres documentos. Esteve quasi a fazer que os não via, tão pouca importancia ligava elle agora a semelhante bagatela. Pois se tinha á sua disposição o cofre, para que se havia de sujar com uma ninharia d'aquellas?! Mas uma idéa subita, da qual mais tarde o leitor terá noticia, fel-o apoderar-se dos documentos e guardal-os cuidadosamente consigo.

O commendador chegou n'esse dia, sem ser esperado. Vinha afflicto; a filha estava peor; o Dr. Roberto os acompanhava, prevendo qualquer capricho da molestia, que apparecesse de um momento para outro. Recceiava a paralyisia, o idiotismo, a morte quando menos.

João Rosa declarou que não podia continuar ao serviço do commendador, disse que já não estava em casa do Figueiredo e precisava tratar-se dos pulmões em Barbacena.

O velho aborreceu-se muito com isso. Pois o João Rosa queria abandonar-o n'aquella situação? O Dr. Roberto entendia que João Rosa não tinha necessidade de partir com tanta pressa. Mas o rapaz insistiu, queixou-se de que estava muito mal, tossiu, disse que já espectorava sangue, e dous dias depois recebeu o saldo, que ainda lhe tocava. entregou em dia o trabalho a um outro moço, que o foi substituir, e pediu as ordens da

familia do commendador, porque partia n'essa mesma semana.

No dia seguinte constou-lhe que o commendador ia chamal-o ainda para pedir algumas explicações sobre varios pontos do trabalho; João Rosa, a quem não convinha entrar em mais esclarecimentos de especie alguma, apressou a viagem e partiu na primeira madrugada, apesar de ainda não ter entregue os papeis a Portella. Todavia escreveu-lhe um bilhete com as seguintes palavras: « Póde ficar tranquillo, está tudo em meu poder. Em breve estarão com o senhor. »

Portella não se satisfiz com isso e foi ao encontro de João Rosa. Já não o alcançou e retroedeu para a côrte, porque tinha de fazer aquella viagem a Portugal de que fallámos ainda ha pouco.

Decorreu um anno, Olympia não tinha melhoras, o commendador continuava sobressaltado.

João Rosa voltou cautelosamente á côrte, hospedou-se no Hotel do Caboclo e tratou logo de procurar Portella.

Encontraram-se na rua e seguiram juntos para o Passeio Publico, porque ahí conversariam mais á vontade.

O que se segue já o leitor leu no fim do capitulo trinta e tres: Pedro Ruivo, que fingia dormir em um banco do Passeio, ouviu a conversa dos dois e empregou os modos de furtar o tal cofre, onde estavam os documentos de Portella.

Os capitulos em continuação a esse explicam como Pedro Ruivo foi dar comsigo na Avenida Estrella e afinal como d'ahi sahiu, ameaçado e perseguido, para se esconder na gruta com o fructo de sou roubo.

Pois bem; acompanhemos o gatuno, e vejamos o que fez elle do cofre e dos papeis.

LXVIII

TALHA CERTO

Pedro Ruivo, logo que retomou o cofre na gruta, ganhou o mato e desapareceu por entre as folhas, como a ligeira eotia, quando sente perto de si algum rumor estranho.

E' preciso observar que a gruta do Rio Comprido estende-se por todo o sopé do monte e abre varias gargantas para diferentes pontos. Resulta d'essa circumstancia poder-se lá ir por diversos caminhos, uns mais curtos e ás vezes mais difficeis, outros mais longos e naturalmente mais pittorescos.

Olympia, Gregorio e Augusto, n'aquelle passeio que descrevemos, foram depois pelo mais comprido e mais pittoresco e penetraram na gruta justamente pelo lugar onde ella principia. Pedro Ruivo, ao contrario, chegou lá pelo eaminho mais curto e entrou por uma das gargantas lateraes, que abrem obscuramente para as bordas da floresta.

O gatuno, uma vez senhor de seu cofre, atravessou obliquamente a gruta e embrenhou-se no matto pelo lado opposto ao por onde havia entrado.

Fazia um bello luar, mas a vegetação enredava-se de tal forma, que os raios da lua muito a espaço coavam-se por entre a mole da folhagem. Entreteciam-se cipós e parasitas, formando cortinas de verdura e fechando a passagem, só permittida aos hospedes naturaes da matta. Se a viagem era difficil, não o era me-

nos perigosa—as cobras gostam de descer á noute de seus covis e arrastam-se pelo morro á procura do que comer.

Mas Pedro Ruivo ia aguilhoado pelo medo e varava o mato como a terrível anta, que no seu espanto não encherga obstaculo diante de si.

Atravessou so morro e, depois de caminhar tres horas seguidas, achou-se em um pantano, sombreado de arvores. Palhoças esparsas branquejavam aqui e alli por entre o silencio melancolico da noite. Percebia-se a visinhança de algum arrabalde pelo longinquo barulhar de cães, que ladravam á lua.

Pedro Ruivo continuou a andar. Estava em Catumby. Em breve o paredão comprido do cemiterio estendia-se diante de seus olhos como uma mortalha que se desdobra. O bairro modorrava deserto. Ouvia-se ao longe a musica cansada de uma festa, e um burro invalido, passava silenciosamente pela estrada a manquejar de uma perna.

O gatuno continuou a andar em direcção do campo de Sant'Anna. Não se arreceiava da polieia, porque já a conhecia de perto. Em certa altura da cidade nova, parou defronte de uma casa, em cuja porta brilhava um miseravel pharol de folha com a seguinte inscripção — Hospedaria do Gato.

Pedro Ruivo tirou do bolso um pouco de dinheiro, que escamoteára do quarto de Gregorio, e se pôz a contal-o.

— Chega, disse elle comsigo, e bateu na porta da hospedaria.

Veiu abrir um homem alto, magro, macilento, com a eamisa por fóra das ceroulas e uma lanterna na mão.

— O' Estica! Como vai essa força?

— Vai-se rolando, e você?

— Mais morto que vivo! Ainda ha logar por ahi?

— Sim, mas você já deve duas dormidas e sabe que...

— O' seu vinagre! Eu não lhe disse que queria fiado!

— Tambem não é preciso zangar-se! Suba.

Pedro Ruivo caminhou na frente, em quanto o Estica fechava a porta e estendia depois a lanterna para illuminar a escada.

— Isto por cá está preto como o padre! gritou Pedro Ruivo, já em cima, dando um encontrão.

— Espera lá creatura! Não faça barulho que póde acordar os hospedes!

D'ahi a pouco introduziam-se os dous por um corredor formado de biombos de madeira. E depois de percorrerem varios escaninhos da casa, chegaram ao quarto que o estalajadeiro destinava ao Ruivo.

— Prompto! disse o homem pousando a lanterna no chão e procurando matar uma pulga que sentiu na perna.

Pedro Ruivo tirou do bolso uma nota de dez tostões e passou-a ao outro, dizendo-lhe que pagasse as tres dormidas e trouxesse-lhe paraty. Em seguida assentou-se na especie de cama que havia no quarto e collocou ao lado de si o cofre.

O Estica, que se tinha afastado, voltou com um pequeno copo de aguardente e entregou-o ao Ruivo.

— O troco? Reclamou este.—Seis tostões do que eu devia, trezentos réis de hoje, tres vintens o paraty; ainda tenho quarenta réis. Venha.

— Você sabe que depois da meia noite o paraty é um tostão!

— Ladrões como ratos! Resmungou Pedro Ruivo, tirando do bolso um pedaço de vela, que acendeu na lanterna do hoteleiro.

— Boa noite! Disse este afastando-se.

Pedro Ruivo fechou a porta, acendeu o cachimbo e grudou a vela no chão com alguns pingos de espermacete.

O quarto teria doze palmos sobre seis de largura. A cama, unico objecto que lá se achava, além de um moringue e um fragmento de bacia, era de ferro e sem lençóis.

Ruivo assentou-se no chão, abriu o cofre e, depois de beber um gole de caxaça, começou a examinar-lhe minuciosamente o conteúdo. Havia a declaração assignada pelo Portella, a carta em que este remetia o veneno á amante e mais uma photographia de cada um dos criminosos, competentemente emmolduradas.

— Ora! disse o gatuno, quando se convenceu que mais nada havia no cofre—Para tão pouca cousa não era preciso uma caixa d'este tamanho. E passou a ler com difficuldade os papeis, tendo examinado minuciosamente os retratos.

— Este deve ser aquelle sujeito gordo do Passeio Publico, considerou elle, procurando mentalmente comparar a photographia do Portella com o original. E accrescentou, passando a examinar Thereza.— Esta outra não conheço, mas deve ser gente graúda, a julgar pelo luxo com que está vestida! Emfim, vamos de ver quanto tudo isto renderá!

Em seguida tirou um cordão do bolso e com elle fez um só pacote dos papeis e dos retratos.

— Amanhã ha tempo para tratar d'isso!...

E metteu o pacote na algibeira do paletot, do qual fez uma rodilha e improvisou um travesseiro. Adormeceu logo, porque estava muito cansado.

Só d'ahi a tres dias conseguiu encontrar-se com o Portella. Este, que já vivia desesperado com o sumisso dos documentos e suppunha que João Rosa pretendia especular com elles, ficou muito satisfeito com as primeiras palavras do Ruivo.

— Está tudo aqui! disse elle, mostrando o pacote.—Se V. S. quizer fazer negocio, é questão decidida.

— Eu dou-lhe uma boa gorgeta.

— De quanto? perguntou o gatuno.

— Deixe estar que por isso não havemos de brigar.

E apresentou uma nota de cem mil réis.

— O que?! Um conto dava o senhor ao outro!

— Pois você imaginou que eu seria capaz de lhe dar um conto de réis?!

— Foi o senhor mesmo quem o disse, lá no Passeio Publico.

— Sim, mas isso era para descontar no que aquelle sujeito me deve. Com você o caso muda de figura. Tenho de pagar em dinheiro!

— Pois eu só entrego os papeis por um conto de réis.

— Não! d'essa fórma não quero!

— Bom, n'esse caso, farei d'elles o que bem entender. Já sei quem m'os ha de comprar.

— Não seja tólo, porque esses papeis não têm valor para mais ninguem.

— Paciencia! Ficarão commigo.

— Quer duzentos mil réis?
 — Nem quatrocentos.
 — Pois então faça o que entender!
 — Adeus, disse o Ruivo, afastando-se.

— Olhe! voltou o outro. Dou-lhe quinhentos.

— Não vae nada! respondeu o Ruivo — Quer dar o conto ou não quer?!

— Ora vá pentear monos! exclamou Portella, certo de que o gatuno havia de voltar, quando se convencesse de que não alcançaria maior pagamento.

Mas Pedro Ruivo não voltou, e Portella, que por essa época havia tomado a seu serviço o *Talha certo*, encarregou este de alcançar os papeis das mãos do gatuno.

— Nem é preciso dar-lhe nada! affirmou o capanga, com o ar de quem confia muito em si— Póde ficar descausado que os papeis hão de aqui chegar, quer o ladrão queira, quer não queira!

A cousa, porém, não era tão faeil. *Talha certo* não conseguiu, como suppunha, alcançar immediatamente os papeis do poder de Pedro Ruivo. E Portella poucos dias depois, ao passar pela rua dos Ourives, teve de esconder-se no primeiro corredor que encontrou, porque o gatuno, logo que o viu, principiou a gritar-lhe com as mãos nas cadeiras—Então, commendador?! O seu capanga está encarregado de arrancar-me os seus documentos, hein?! Quer ver se pilla a cousa sem puxar pela bolsa! Está enganado, meu amigo, ou o senhor paga ou tudo aquillo vae publicadinho no jornal. E' escolher!

E desde então o Pedro Ruivo converteu-se para o negociante de vinhos em uma sombra perseguidora. Portella já estava resolvido a dar-lhe

o conto de réis, com tanto que se visse livre d'elle por uma vez; mas temia agora entrar em qualquer ajuste, porque o maldito punha-se ahi a gritar e a fazer escandalos.

Talha certo offereceu-se ainda para despachal-o com uma navalhada.

— Isso é peor! respondeu o Portella.— Afinal você não lhe dava cabo da pelle e elle ficava mais assanhado. Além de que não me convém assassinar pessoa alguma. O melhor é dar-lhe o dinheiro e ficarmos livres por uma vez dessa massada.

E assim resolveram. *Talha certo* começou a procurar Pedro Ruivo, mas este não apparecia. Ninguem sabia dar noticia d'elle.

LXIX

O BEIJO

Pedro Ruivo não era encontrado pelo simples facto de haver partido poucos dias antes para S. Paulo, á sombra de um fazendeiro de boa fé, que se deixou commover por suas labias. O aventureiro ainda possuia o talento de impressionar, quando estava de maré para jogar com a physionomia.

O Portella é que não podia flear tranquillo em quanto não estivesse senhor dos documentos, e recommendava sem cessar ao seu capanga que se não descuidasse nas pesquisas. Agora já daria promptamente o tal conto de réis, porque o seu receio avultava na proporção de seu desenvolvimento social.

Mas deixemos tudo isso de parte. Tenha o leitor a bondade de unir os pés, encolher os braços, dobrar ligeiramente as pernas e dar ao corpo o impulso necessario para um novo

salto. Vamos pular por cima dos factos já descriptos nos capitulos trinta e quatro a quarenta e sete; isto é, desde o episodio da Avenida Estrella até áquella critica situação em que deixámos Gregorio ao lado de Olympia, no pequenino chalet da Tijuca, e da qual, ainda pouco atraz, promettemos rehaven-o para seguirmos a nossa enfadonha narrativa.

Não precisa o leitor empregar toda a sua força de musculos, porque, o salto, se comporta muitos capitulos, não abrange todavia muito tempo.

Prompto. Estamos novamente em casa do commendador Ferreira. O Dr. Roberto segue viagem para o norte; Olympia parece já consolada da morte de Scoop, e o velho Jacob acompanha fielmente os amos.

São sete horas da tarde. O sol mergulhou no horisonte, ensanguentando as espumas do céo, como um marujo ferido quando cahe no mar. A natureza envolve-se no crepusculo para adormecer. O canço da cigarra vai amortecente, a proporção que recrudescer o coaxar das rãs. Defronte da casa, a sombra exhala das montanhas, como um vapor negro que se filtra pelas arvores e embebe-se no ar. Na rua accendem-se os lampeões; os bonds passam de um quarto a um quarto de hora, e um piano da visinhança soluça o *spirito gentil* da *Favorita*.

Penetremos no gabinete, onde deixámos Gregorio, assentado aos pés de Olympia. Ella acaba de erguer-se e afasta-se, depois de tachal-o de idiota. O album, que os dous folheavam, jaz estatelado no chão. Gregorio permanece estatico no seu tamborete, e olha com espanto para a cortina da

porta, que ainda treme com o repellido que lhe deu Olympia ao sahir.

O commendador, que acabava de fazer a sua sesta, apparecia então na sala de jantar. A filha correu para elle, alvoroçada, passou-lhe os braços no pescoço e beijou-lhe a bocca, pondo-se na ponta dos pés e estendendo a cabeça.

O velho, meio perturbado pela effusão daquella caricia brusca, ia pedir a explicação d'ella, quando a filha cortou-lhe a palavra, perguntando em que dia sahia o primeiro paquete para a Europa.

— Hein?! o primeiro paquete?! Queres viajar?!

— Quero; quando sahe o primeiro vapor?

— Não sei ao certo, talvez só no principio do mez que vem.

— Não me serve! Quero antes. Que viagem ha por estes dias?

— Mas que resolução é essa?

— O', meu Deus! Sempre os mesmos espantos! Pois o medico e o senhor mesmo não me têm aconselhado constantemente que faça viagens?!...

— Sim, mas tu mostravas uma tal repugnancia!...

— Mas já não mostro, ora essa!

— Bem. Vamos tratar d'isso.

— Então seguimos no primeiro vapor que sahir!

— Para onde?! perguntou o pae assustado.

— Seja lá para onde fôr. O destino do primeiro que sahir!

— Isso é loucura,

— Pois então seja! Não viajo! Acabou-se!

E Olympia afastou-se para seu quarto, de máo humor.

O velho foi encontrar-se com Gre-

gorio na sala de visitas. Jacob acabava de accender o gaz.

Depois dos cumprimentos, o commendador, que vinha ainda impressionado pelas palavras da filha, principiou logo a fallar sobre o projecto de viagem.

— Ah! D. Olympia quer viajar?! perguntou Gregorio.

— Quer; e é sangria desatada. Quer se metter no primeiro vapor que sahir!

— E a causa d'essa resolução?

— Ora! a causa! Nervos! Tudo aquillo são os nervos que estão trabalhando. Eu só peço a Deus que me dê paciencia, ao menos até vê-la completamente restabelecida.

E o paciente velho, depois de dar uma volta na sala, accrescentou com um gesto de contrariedade—E logo agora é que não está ahi o Dr. Roberto. Ao menos se o Dermeval apparecesse!...

— O commendador o que resolveu?

— Eu, já se sabe, faço-lhe a vontade. O doutor disse que não a contrariasse!...

— Então sempre seguem no primeiro vapor?

— Não sei se no primeiro, mas se Olympia não mudar de resolução, iremos quanto antes. E' o diabo, por que eu até precisava estar aqui por este tempo á testa de umas tantas cousas; além de que muito me custa deixar a casa assim ao desamparo, como ella está desde que Olympia cahiu doente.

Gregorio ficou a pensar.

— Homem, o senhor é que podia vir comnosco, caso fizessemos a tal viagem! lembrou o commendador.

— Eu?! disse o rapaz — é impossivel! Posso lá viajar!

— Não! isso até lhe seria muito conveniente! O senhor está em uma excellente idade de viajar pela Europa. E para não ir com as mãos abanando eu o encarregava de minha correspondencia. Era assim uma especie de secretario. Então? Que tal lhe parece a idéa?

— Não, não é possivel, respondeu Gregorio, perturbado.—Tenho muito desejo de visitar a Europa, mas não n'essas condições.

— E' que o senhor nunca encontrará uma occasião melhor.

— Sim, mas...

— O senhor não tem aqui familia, que o prenda; seu emprego não depende do governo; o que, pois, o poderia impedir de fazer-nos companhia?

— Não ha duvida, balbuciava Gregorio, sem animo de resistir—mas é que não sei se farei bem aceitando o seu convite...

— Ora, deixe-se de historias, Gregorio. Eu conto com o senhor! Não me diga que não!

— Mas...

— Não admitto razões! Sei que será para seu bem!

— Ora esta!... disse comsigo Gregorio, logo que o commendador se afastou.

— Isto não é o demonio? Pois eu a fugir do perigo, e o proprio pae a empurrar-me cada vez mais para o lado da filha!...

E, tendo reflectido por alguns instantes, resolveu deixar que as cousas corressem á vontade.

— Vou! concluiu elle — aconteça o que acontecer! Aquella mulher não me tornará a chamar idiota.

Mas d'ahi a pouco, quando se servia o chá, o commendador disse á

filha — Sabes, sinhásinha ? O Gregorio vai comnosco.

— Heim ?! perguntou ella, apertando os olhos—Comnosco para onde?

— Ora essa ! Já não te lembras, replicou o velho, rindo — Pois não estamos com uma viagem projectada ?

— Ah ! Já não pensava em semelhante cousa. E, se fossemos, eu não consentiria que esse senhor se incomodasse em acompanhar-nos.

— Oh ! minha senhora, disse Gregorio levantando-se — Eu teria o maior prazer em . . .

— Sim, mas eu, repito, é que não consentiria !

E, quando ella ficou só com o pae, perguntou-lhe que idéa extravagante era aquella de convidar um estranho para a viagem.

— Estranho é o que estás dizendo, menina ! E' a primeira vez que te vejo fallar assim d'este moço. Mostravas-te tão amiga d'elle ; ficavas tão satisfeita quando elle apparecia ; sempre achavas bons os livros, os jornaes e as gravuras que elle te trazia, e agora chamas extravagancia convidal-o para nos fazer companhia. Eu pensei que o convidando te fosse agradável : além de que, eu e o Jacob, nem sempre poderemos estar ao teu lado, conversar, brincar. O Gregorio parecia-me excellente para isso. Porém, uma vez que já não pensas em viajar, nem precisamos mais estar aqui a fallar em semelhante cousa.

— Não. Eu estou disposta a fazer a viagem ; ainda ha pouco disse aquillo para não ter de declarar francamente que não aceitava a companhia do Gregorio.

— Isso agora é que é o diabo ! disse o commendador, muito contrariado.

— Eu já convidei o rapaz ; elle não queria ir, insisti, e afinal ficou resolvido que iriamos todos. Com que cara vou eu agora dizer-lhe que fica o dito por não dito ?! Qual é a desculpa que posso dar ?!

— Pois então não dê desculpa nenhuma ! não se fará a viagem !

— Mas tu tens alguma razão de queixa do Gregorio ?!

— Eu não tenho razão de queixa de ninguem !

— Mas então porque não queres que elle vá, minha filha ? Se a tua viagem é um pretexto de distracção, mais um companheiro, longe de prejudicar, seria até uma boa vantagem.

— Temos outra ! disse ella.—Agradavel é só aquillo que nós fazemos por gosto ! Póde o senhor provar quantas vezes quizer que é melhor levar o Gregorio : eu entendo que não é, e repito que não estou disposta a ser contrariada !

— Está bom, não te zangues, minha filha, Gregorio não irá comnosco. Eu dissolverei o convite que fiz.

No dia seguinte o commendador remetteu ao moço uma carta muito attenciosa, dizendo que pensara bem no sacrificio que exigira d'elle e estava agora resolvido a não aceitar-o.

A viagem devia ser muito penosa, Olympia ia soffrer uma grande reacção, havia de ficar abatida e doente ; e o medico prescrevera que outra companhia, que não fosse a do pae, seria inconveniente á enferma.

Gregorio comprehendeu tudo, mas dissimulou. A' noite appareceu em casa do commendador, e Olympia o recebeu friamente. Durante o serão não lhe dirigiu uma só vez a palavra.

Gregorio voltou para casa muito triste.

Não pôde dormir — a imagem de Olympia não lhe sahia da cabeça.

— Sou mesmo um idiota! repetia elle, a voltar-se de um para o outro lado da cama.— Sou um idiota! Ella tem toda a razão! Pois se a desejo, se a adoro e se me não posso fazer seu marido, porque a repelli tão grosseiramente?

No dia immediato apresentou-se em casa do commendador, ás mesmas horas do celebre episodio do album. O velho, como então, fazia a sua sesta; Olympia passava os olhos por um livro, assentada no jardim, debaixo de um caramanchão.

Gregorio entrou sem ser sentido, encaminhou-se para ella, pé ante pé, e, quando a teve ao seu alcance, deu um salto para a frente e surpreendeu-a com um beijo.

LXX

ULTIMAS DISPOSIÇÕES DO COMMENDADOR

Pela noite d'esse mesmo dia, quando Gregorio se retirou da casa do commendador, Olympia disse ao pae que já estava resolvida a consentir na viagem em companhia d'aquelle moço.

— Então para que me obrigaste a destruir o meu convite? Ah! está uma d'essas cousas com que me aborreço!

— Mudci de resolução! Respondeu Olympia, olhando fitamente para um ponto.

— Tanto peor para ti, replicou o pae, porque agora o passo está dado! Eu não hei de voltar atrás ainda uma vez. Ora! Havia de parecer cassoada! Além de que elle com certeza não aceitará!

— Encarrego-me eu do convite, disse Olympia, sem se perturbar.

— Estou presentindo é que acabas por me fazeres ridiculo aos olhos d'aquelle rapaz.

No dia seguinte estavam de mudança para Botafogo. A viagem ficara resolvida para a primeira quarta-feira. Iriam para Lisboa em um paquete francez, que havia de sahir n'esse dia.

Não fizeram itinerario. Demorar-se-iam em cada lugar o tempo que lhes appetecesse. Se Olympia aproveitasse com a viagem, elles seguiriam adiante, iriam a Paris, talvez chegassem á Italia e á Sicilia. Não sabiam ainda se se tinham de demorar mezes ou annos.

A casa de Botafogo ficara em uma grande desordem. Durante os poucos dias, que precediam a viagem, o commendador não podia descansar um instante. Era preciso ordenar seus negocios, escrever cartas para a direita e para a esquerda, passar procurações, fechar o testamento e deixal-o em poder do Figueiredo; outro sim encarregar este de cuidar de seus interesses, e ordenar finalmente ao Jacob que tomasse conta da casa.

Quatro dias era muito pouco tempo para tanta cousa. Mas o velho não descansara.

Olympia parecia reanimada com os sobresaltos d'aquella viagem. Vivia alegre, esperta, fallava com vivacidade, preparava-se com muito interesse, consultava os guias de viajantes, estudava mappas da Europa, discutia sobre as roupas que mais convinha levar.

A' mesa não se fallava n'outra cousa; imaginavam-se peripecias, calculavam-se os episodios que ha-

veriam de surgir, quando se afastassem do Brazil.

Dous dias antes da sahida do vapor, o commendador passára a manhã toda occupado no seu gabinete. Interrompeu o trabalho para almoçar, porém mal sorveu o ultimo gole de chá, recolheu-se de novo, fechando a porta sobre si, depois de recómmendar que não o interrompessem.

Gregorio ficou á mesa com Olympia. Não disseram palavra por alguns segundos, mas quedaram-se a olhar um para o outro, embevecidos, enamorados.

— Tu gostas muito de mim ? disse elle, afinal, segurando-lhe uma das mãos

— Se gosto !... respondeu ella, ameiçando os olhos e mordendo os beiços.

Mas tiveram logo de mudar de attitude, porque o copeiro appareceu para levantar a meza.

Olympia propoz que se passassem para a sala de trabalho. Gregorio acompanhou-a com o corpo intorpecido pela moleza agradável, que geralmente apparece depois do almoço.

— Sabes de uma coisa ? Segredou-lhe a filha do commendador, assim que se viu a sós com elle — Tu ainda és muito tolo !

— Porque ? perguntou Gregorio, tomando-a pela cintura.

— Por muitas coisas... respondeu ella, com a voz alterada — A's vezes tenho receio do futuro ! Tu és muito creança !

— O que tem isso, se te adoro, minha santa !

— Tenho medo das consequencias ! Quando me lembro o modo austero por que eu accusava as mulheres le-

vianas ! Fico envergonhada, acreditada !

— Não penses n'isso !

— Não posso deixar de pensar.

— Mas é tão bonito uma mulher se conservar honesta !

— Não penses n'isso, repetio Gregorio, procurando chamal-a ao amor.

Olympia ia abandonar-se, quando um barulho surdo, de corpo que cae no soalho, a sobresaltou.

— Que é isto ?! exclamou ella, correndo para a porta, tremula.

Jacob e os outros servos haviam já acudido ao estranho ruido. O choque partira do quarto do velho. Jacob começou a bater na porta do gabinete. Ninguém respondia,

— Que succedeu a meu pai ?! gritou Olympia, já muito palida, sem poder dar mais um passo, porque o corpo tremia-lhe todo.

Ouviu-se então uns roncões gutturaes no gabinete.

— Ai ! gritou Olympia, perdendo os sentidos e estrebuxando.

Gregorio apoderou-se d'ella, em quanto os criados arrombavam a porta do quarto do commendador.

Encontraram-no estendido no chão, roxo, com os olhos no branco, a boca aberta, a lingua inchada, e os membros contrahidos. A burra estava afastada de seu logar, via-se o segredo da parede aberto e vasio. Sobre a mesa papeis revoltos; o quarto em desordem, denunciava que pouco antes houvera alli a busca desesperada de qualquer objecto.

A casa ficou logo em uma grande atrapalhação. Olympia foi conduzida em gritos para o seu quarto. Dous criados correram a agarrar o primeiro medico que encontraram, e Jacob ajoelhou-se soluçando ao lado do aino.

Ninguém mais se entendia. Figueiredo, que fôra prevenido da catastrophe, apresentou-se esbaforido a perguntar o que succedera n'aquella casa. Ninguém sabia explicar o que era.

Chegou afinal o medico; o commendador passou carregado para a alcova, e o seu antigo socio, com o bom senso pratico de que dispunha, tratou inalteravelmente de vedar a quem quer que fosse a entrada no gabinete.

Mais tarde appareceram outros medicos e começaram a chegar visitas de amizade.

Olympia voltou a si, mas ficou prostrada de febre; as crises repetiam-se-lhe quasi sem intermitencia. O Dr. Dermeval não lhe abandonava a cabeceira.

O commendador expirara á meia-noite, depois de esgotados todos os recursos da medicina; e, como não pudessem contar com a filha, que continuava sem dar accordo de si, o subdelegado da freguezia, acompanhado do competente escrivão, mandou proceder a apposição dos sellos nas portas do gabinete em que se achava o incompleto testamento do morto. Só dous dias depois, quando alcançaram cinco testemunhas, a mesma autoridade tornou a abrir as portas, para se formar o testamento nuncupativo.

Olympia por esse tempo havia sido já conduzida para á casa do Figueiredo. Não lhe disseram que o pae deixara de existir.

O enterro sahio ás cinco horas da tarde do dia immediato ao fallecimento do commendador. Foi muito concorrido. O commercio abalou-se; os carros formaram uma serpente

negra, que se estendia por toda a praia de Botafogo. Um poeta da epocha, amigo de algum dos caixeiros do Figueiredo, recitou uma poesia, de que se fallou depois com muito agrado, e o *Jornal do Commercio* publicou na sua parte ineditorial um artigo sério a respeito do fallecido, pondo-lhe em relevo as boas qualidades, o bom tino administrativo, as suas virtudes de pae de familia e os serviços que elle em vida prestara ao Brazil, como socio benemerito de varias instituições philanthropicas, taes como — a caixa de soccorros de D. Pedro V e outras de igual capacidade. O articulista fechou a sua correspondencia com a seguinte phrase feliz — Bom pae, bom marido, bom amigo, o coração do commendador Domingos José Ferreira, tanto se abria ao rico, como ao pobre! *Requiescat in pace!*

O testamento do commendador Ferreira causou muita impressão — era um testamento original. O pobre homem fôra surpreendido pela morte, justamente na occasião em que reunia os seus papeis e formulava as suas disposições. Encontraram um agglomerado de notas e declarações.

Havia varias referencias. O commendador desherdava a mulher, porque se casára com escriptura de separação perpetua de bens. Referia-se o testador a uma declaração de Luiz Portella, a qual não appareceu no logar indicado, e o leitor já sabe porque motivo. Havia tambem um referencia ácerca de certo cofre de ferro, contendo quinhentas libras esterlinas, que o fallecido legava a sua filha Olympia. O cofre não appareceu igualmente.

Deram-se logo as providencias para se proceder o inquerito no empre-

gado que se encarregára da escripta do commendador e no pessoal da casa. João Rosa estava ausente.

Constava ainda nas disposições do morto, de um legado de vinte contos destinados ao advogado que se quizesse encarregar de proceder contra Portella. E, no caso que esse dinheiro não pudesse ter semelhante applicação, deveria reverter, no fim de dez annos, em beneficio do Gabinete Portuguez de Leitura. Isso mesmo dizia o fallecido em uma carta dirigida á redacção do *Jornal do Commercio*.

O mais eram disposições sobre bens moveis e immoveis.

Portella achou muito prudente ir a Europa buscar um novo sortimento de vinhos. Mas um amigo seu, entendido em tréas do fôro, affiançou-lhe que as declarações do commendador não faziam fé perante a lei.—Portella que estivesse descansado, não lhe poderia succeder violencia alguma.

Mas o homem, não se tranquillizou com isso, e deu de velas para Portugal. O que elle temia não era precisamente ter de cumprir com as determinações do defunto, mas era cahir no rediculo e desmoralisar-se aos olhos da mulher com quem pretendia casar.

Essa mulher era aquella aggregada da casa de D. Januaria, de quem fallamos pouco atraz.

LXXI

O PHARMACEUTICO

Chamava-se Mathilde.

Não conhecêra os pais. O tutor ha tres annos, quando ella tinha quinze, recolhêra-a do collegio para a con-

fiar aos cuidados da velha Januaria.

Esse tutor era um velho pharmaceutico, que enriquecêra a curar feridas a dez mil réis por cabeça. Homem de inalteravel economia e de uma saude inquebrantavel. Poucas pessoas, rarissimas, o conheceram mais moço. Ha vinte annos era aquillo mesmo que se via agora.

Cabellos curtos, grisalhos, cara toda raspada, bocca secca, dentes magnificos, hombros largos, pouca barriga e pouca estatura. Enviuvara aos quarenta annos para nunca mais casar. Agora tinha setenta. A esposa não lhe deixára filhos, mas elle arranjàra dous naturaes, um dos quaes trabalhava em sua companhia na pharmacia; o outro nunca tomára caminho, cahira na vagabundagem, e era de vez em quando recolhido á estação de policia, bebado.

O velho chegara-lhe ao pello por duas vezes uma bengala de canna da India, que trazia sempre comsigo. Mas da ultima o peralta ganhara a rua, gritando ao pae que em vez de lhe abrir feridas nas costellas era melhor que as fosse fechar aos freguezes. E nunca mais appareceu.

O pharmaceutico tambem não queria ouvir fallar em similhante mariola—Que o leve o diabo! resmungava o velho, quando alguém lhe dava noticias do filho—O governo é que ha muito tempo lhe devia ter pregado o covado e meio de canno ás costas. Para não ser ruim! Peste de um vadio!

O pharmaceutico era muito exquisito. Era um typo; não tirava da cabeça o seu grande chapéu de pello de seda, cuidadosamente alisado. A's seis horas da manhã já estava de pé ao balcão da botica, a des-

pachar receitas, a misturar unguentos e embolar pilulas. A's nove horas subia para almoçar, e, mal terminado o almoço, voltava ao trabalho, sem nunca descobrir a cabeça. O jantar era justamente a mesma coisa, com a differença das horas. De resto não ia a theatros, não visitava ninguém, que estivesse de saude, e o tiro das nove da noite já o encontrava dormindo, não de chapéu, mas de barrete de algodão. O outro, o companheiro de todo o dia, descansava então ao lado da cama, dentro de uma caixa de couro.

Era muito popular, muito conhecido, se bem que pouco estimado. Contavam delle algumas anedoctas engraçadas e attribuiam-lhe pequeninos factos de grande miseria.

As circumstancias, que fizeram d'elle tutor de Mathilde, não pôdem interessar a ninguém. A rapariga era filha de um sujeito, que fora seu caixeiro em 1830 e que lhe pedira na hora da morte tomasse conta da pequenita. Como o agonisante deixava para ahi fortuna superior a quatrocentos contos, o pharmaceutico encarregou-se da tutoria e mais tarde diziam até pela bocca pequena que elle especulava com os bens da orphã.

Contos largos. O certo é que Moreira, tal se chamava o pharmaceutico, por mais de uma vez dera aos demonios semelhante massada, e jurara, sem tirar o chapéu da cabeça, que nunca mais cahiria na esparrela de se fazer tutor de ninguém! — Nem de meu proprio pai, que se apresentasse! bradava elle cheio de indignação.

Entretanto Mathilde muito pouco o poderia preoccupar, porque era de

seu natural não exigente e summamente docil.

Não tinha nada de bonita, nem de espirituosa, mas dispunha de um todo sympathico e bondoso. Não atrahia pelos encantos, mas encantava pela simplicidade de seus gostos, pela doçura de sua voz e pela docilidade de seu genio.

O aureo cheiro do dote dava-lhe á muitos olhos certo prestigio, e puxava sobre ella as vistas cubiçosas de uma matilha de galfarros.

Mas de todos os pretendentes era Portella o que até ahi mais parecia preferido, tanto pela abastada rapariga, como por D. Januararia, cuja opinião não era para desprezar em semelhante assumpto.

D. Januararia gosava para o Moreira, e para muita gente, immaculada reputação de honesta. Em sua longa e pobre viuvez ninguém achara nunca com que lhe ennodar a pureza dos costumes e a austeridade da conducta.

Ser honesta ao lado de um marido moço, forte, e de cujas mãos caíam nas da mulher os recursos necessarios para manter confortavel e decentemente a vida, muito pouco será; mas ser honesta, quando é preciso tirar da agulha e do ferro de engommar os meios de subsistencia; ser honesta aos vinte annos, quando temos a bolsa pobre e o sangue rico, quando o almario está vazio, mas a imaginação cheia, quando a cosinha está gelada, mas o coração encandecido; ser honesta com os cabellos pretos, a tez limpa e fresca, os olhos brilhantes e formosos; ser honesta quando se tem todos os dentes e não se tem o que comer; quando se tem um collo branco e macio e não se tem

com que resguardal-o—isso é muito, isso é extraordinario!

Januaria foi assim. Enviuvou pouco depois de casar, e aos vinte annos, em plena mocidade, na primavera de seus encantos, quando lhe verdejavam e floresciaam as esperanças no coração, ella resistiu a todas as vozes seductoras, que suspiravam e gemiam em torno de seus ouvidos, como se a alma apaixonada de Tenorio andasse errante pelo espaço, a cantar tristemente os seus amores romanescos.

Offereceram-lhe sedas, joias; fallaram-lhe em carroagens, mostraram-lhe da miseravel janella de sua mansarda o mundo feliz que lá embaixo se embriagava de prazer. E o marulhar d'aquelle oceano de gosos, e o crepitar dos risos e dos beijos, e o ruido quente dos almoços no campo, pelas manhãs de verão, á sombra das mangueiras ou ao sussurrar das cascatas da Tijuca; nada venceu conquistal-a.

Em balde o champagne transbordou das taças o seu aljofar inebriante; em balde Offenbach atirou nos ares as notas endemoninhadas de suas partituras; em balde os carnavaes, os vaudevilles, os hoteis, os circos e as corridas rebentaram de toda a parte chamando á loucura, ao prazer, á pandega! A pobre viuva fechou-se a tudo isso e continuou a aviar encomendas de costuras, ao lado de uma patativa, que possuia ainda do tempo do marido.

Foi n'esse tempo que a conheceu o pharmaceutico. Januaria, quando lhe escassearam as encomendas de costuras, desfiava linho velho para vender nos hospitaes e nas casas de caridade. Moreira era um dos seus bons

freguezes. Já por essa epocha explorava elle com muito successo as feridas do proximo e fazia por conseguinte um bom consumo do fio preparado pela viuva.

Era moço então — teria trinta e cinco annos, não sabemos se já gozava da singular mania do chapéu; mas podemos affirmar ser elle um dos primeiros demonios que tentaram desviar a formosa e rispida viuvinha da perfumada e santa obscuridade em que a encontrou.

A principio, o pharmaceutico, cujos negocios da botica iam já perfeitamente encaminhados, suppoz a cousa muito facil de resolver e declarou francamente a Januaria as intenções que tinha a seu respeito.

— A senhora deve ter uma casinha melhor e mais guarneçada, disse elle com o aspecto superior de quem gosta de fazer bem — deve igualmente passar melhor de bocca e poder contar com umas certas commodidades e uns certos arranjos. Roupa, por exemplo; a senhora quasi que não tem o que vestir! O kerozene estraga-lhe a vista, e este trabalho, tão puxado, póde vir a dar-lhe com os ossos no cemiterio! Deve a gente trabalhar para viver e não para morrer! A senhora puxa demais por si, abusa do trabalho; é impossivel que isso não lhe venha a fazer mal!

— E' preciso... respondeu ella, com um gesto de resignação.—As costuras dão tão pouca coisa!...

— Mas para que só conta com as costuras?! A senhora precisava de alguém que a ajudasse; algum rapaz, decente e de bons costumes, que a protegesse.

— De que modo? perguntou ella,

talvez compreendendo a intenção do pharmaceutico.

— Ora, de que modo! Ha tantos modos de se proteger uma pessoa!

— E' por isso mesmo que eu pergunto qual d'elles é...

— Que modo ha de ser?! ligando-se á senhora. Diga-me uma coisa, se lhe apparecer um rapaz nas condições que eu disse, e estivesse disposto a fazer isso a senhora não o accitaria?

— Ah! se elle fosse boa creatura e se se agradasse de mim... não digo que não... mas qual! interrompeu ella com um sorriso triste e ao mesmo tempo gracioso — quem hoje escolhe uma viuva, pobre como eu?...

— Quem?! perguntou o Moreira esquentando-se — um rapaz que eu cá sei!...

— O senhor está cassoando!... observou ella.

— Por Deus que fallo serio.

— E esse rapaz quem é?!

— A senhora o conhece...

— Póde ser, mas eu conheço tanta gente!...

— Elle não está longe d'aqui...

— Não entendo.

— E' um pobre pharmaceutico, chamado Moreira; não é rico, nem tem talento, mas passa por boa pessoa.

— O senhor?! perguntou ella, ficando séria.

— Sim, meu bem, respondeu elle, procurando segurar-lhe uma das mãos—Eu te adoro! Ha muito tempo que estou para dizer isto, mas...

— Mas, como?! Si o senhor é casado?!

— É o que tem isso?! Acaso por ser casado, não posso tomar conta de ti?!

A viuva afastou-se tranquillamente, sem um gesto de indignação, e, quando chegou á entrada de seu quarto, voltou e disse ao Mercira com toda a calma.— O senhor quando quizer póde retirar-se e tenha a bondade de não voltar aqui, porque não o recebo. — Diga a sua mulher que o vestido de fustão está prompto e que me desculpe não lhe apparecer mais em casa para ir buscar outra encommenda.

E, dito isto, fechou a porta do quarto.

O pharmaceutico ficou a olhar um instante para aquillo.— Ora esta! disse elle— Pois não se está vendo?!

E desceu as escadas, um tanto aborrecido por aquella decepção, mas instinctivamente penetrado de certo respeito pelo character da viuva.

O que aliás não impediu que d'ahi em diante, nem só não lhe desse mais trabalho, não lhe comprasse o fio, como tambem se empenhasse com alguns conhecidos para retirar a freguezia de Januararia.

O resultado foi que a viuva, no fim de pouco tempo, vio-se sem ter completamente o que fazer e a braços com um milhão de difficuldades.

Afinal chegou o momento terrivel — era preciso um pedaço de pão para matar a fome, e não havia.

LXXII

DEPOIS DA MORTE DO COMMENTADOR

Então a incorruptivel viuva resolveu alugar-se como criada em casa de alguma familia. Appareceu-lhe arranjo. Era uma gente que morava para além do campo de Sant Anna, n'esse tempo ainda muito pouco concorrido.

A principio custou-lhe bastante afazer-se ao seu novo estado, mas o desejo de viver honestamente, a necessidade congenita de conservar-se virtuosa, triumpharam de todos os obstaculos, e Januaria conseguiu passar alguns annos a servir, sem nunca relaxar os seus principios de peregrina austeridade.

Quando lhe principiaram a seccar as faces, e os labios começaram a empobrecer de frescura e rubor, foi solicitada por D. Henriqueta dos Santos (aquella com quem se casou Leão Vermelho) para ajudal-a no serviço de sua casa de pensão.

Só a morte da mãe de Clorinda conseguiu separal-as. As duas mulheres, como já sabe o leitor, fizeram-se muito amigas. Januaria possuía o segredo de viver bem com uma pessoa de seu sexo. O que aliás é muito raro.

Era muito condescendente, asseada, activa, amiga de servir e agradar. Ninguém lhe ouvia uma phrase de colera, ninguém lhe surprendia um momento de máu humor. O sorriso parecia fazer parte intrinseca de seus labios; seus olhos eram doces e transparentes como os olhos de uma criança. N'aquella physionomia calma e cheia de bondade não havia resaiço de resentimento e de odio; n'ella tudo respirava resignação e paciencia. As necessidades mortificadoras de sua vida não lograram azedar-lhe o sangue e derramar-lhe a bilis no coração.

Como não seria bom o homem que nascesse d'essa mulher! Como não seria feliz a creatura que fosse em pequenina aquecida nas azas d'aquelle anjo! E ella, que possuía todas as subtilizações da ternura, todos os

mysterios do amor legitimo e fecundo; ella, que parecia ter vindo á terra só para cumprir um destino de sacrificios e de abnegação, ella como não saberia ser mãe! como não saberia dar-se toda ao entesinho querido que lhe sahisse das entranhas.

Entretanto Januaria nunca desfructou essa ventura, nunca produziu um filho. Quando nasceu Clorinda, ella entregou-lhe o coração ainda intacto n'esse amor, ainda completamente entumecido da maternal substancia com que a natureza o encherá.

Alimentou-a com a sua ternura, deu-lhe a beber o seu coração, como se lhe entregasse uma teta fecunda, repleta de leite.

O leitor, se percorreu o capitulo trinta e dois, não precisa que lhe digamos os successos determinados pelo casamento de Leão Vermelho, e saberá, tão bem como nós, que, depois da morte de Henriqueta, a pequenita Clorinda ficou entregue aos cuidados da madrinha, emquanto o desventurado pae fugia para a patria, desesperado e perseguido.

Foi pouco depois d'isso que o pharmaceutico, já então viuvo e adiantado nos annos, vendo-se na contingencia de retirar Mathilde do collegio e confiá-la a alguma senhora verdadeiramente honesta, lembrou-se de procurar a velha Januaria e pedir-lhe que tomasse conta da abastada orphã.

D. Januaria aceitou, o que deu logar ao namoro de Portella com Mathilde.

Mas por ora, cumpre deixar-nos tudo isso de mão para darmos conta final dos outros personagens, que foram ficando abandonados pelos passados capitulos.

Sem precisarmos fallar de The-reza, que, cada vez mais devota continuou a viver em Cascadura, depois da morte do marido; sem precisarmos tratar por enquanto de outras figuras, de quem mais tarde fallaremos, vamos encontrarmo-nos de novo com Olympia e espreitar a posição que ao lado d'ella toma o nosso Gregorio.

A filha do commendador muito se custou a consolar da morte do pae. O Dr. Dermeval viu-se em serias difficuldades para erguel-a do estado de abatimento em que ficou.

Olympia transformou-se durante os quinze dias que succederam a morte do commendador. Ficou muito mais abatida, muito mais magra e mais nervosa. Era preciso mil cuidados para evitarem-lhe as crises.

Em algumas rodas dizia-se até que a mulher do Rosa Gonçalves não estava muito boa da cabeça.

Mas isso não tinha fundamento algum. O que ella estava era summamente hypocondriaca, profundamente aborrecida e descon-solada.

Depois da morte do pae operaram-se-lhe novas transformações. Começou a aborrecer tudo aquillo de que d'antes mais gostava e a sympathisar justamente com outras coisas de que pouco atraz não queria que lhe fal-lassem.

Gregorio ficou desapontado com essas transformações. Elle não desejou a morte do commendador; longe de a estimar, sentiu-a convictamente, porque sempre tivera pelo velho uma boa amisade respeitosa e sincera. Mas, logo que se deixava de preoccupar com esse facto, a idéa de Olympia penetrava-o todo, dando-lhe

ao coração um ligeiro estremecimento de prazer. Ella agora pertencer-lhe-ia mais exclusivamente. Iam des-apparecer os sobresaltos, os riscos, as torturas de todo o instante. Olympia ficara senhora de si, dona unica de sua casa, com o arbitrio livre de fazer o que bem quizesse.

E não se lembrava o inexperto de que é precisamente desses pequeninos nada, excitantes e provocativos, d'essas galantes contrariedades, d'esses passageiros obstaculos, que se alimentam os amores, cujas raizes grassam mais pela phantasia do que pelo coração.

Olympia, logo que se sentiu independente, logo que pôde estar a vontade com o amante todas as vezes que isso lhe appetecesse, começou a enfraquecer de interesse por elle, a possuir-se de fastio por aquelle amor que ia amornecendo e cahindo a pouco e pouco na vulgaridade das coisas faceis e obscuras.

Um dia lembrou-se de passeiar. Uma vizinha offereceu-se para acompanhal-a, e ficou decidido que iriam ao Jardim Botânico.

Sahiram cedo de casa.

Era em Julho. Amanhecia as nove horas. A neblina espreguiçava-se pelo chão e não permittia ver qualquer objecto a três metros de distancia.

Olympia desejava contemplar, em pleno campo, o effeito da dissolução do nevoeiro a desfibrar-se com as primeiras irradiações do sol, despregando-se das montanhas, como se o astro radiante, em um assomo de impaciência amorosa, estacalhásse nos seus raios de ouro a tunica de rendas brancas com que a terra, mal despertada, encobria ainda os duros pomos de granito.

Quando principiou a rachar a lactea abobada, e um brando azul, lavado e transparente, apontou aqui e alli pelo ceu, deixando escoar a luz como um liquido dourado que se derrama, toda a natureza resurgiu risonha e palpitante.

O sol irizava o campo, emprestando-lhe todos os cambiantes de seu prisma; as palleas da folhagem scintillavam como fulgidas laminas de prata; o ar illuminado produzia no espaço côres fulgurantes e fantasticas.

Olympia ficou encantada. Aquella manhã embriagou-a de uma suave voluptuosidade, estranha e deliciosa como a impressão que nos possui ao ouvirmos uma rabeça suspirar alguma das serenatas de Haydn. Ficou muito tempo á margem da lagoa e perdida a olhar para o reflexo das arvores na placidez das aguas.

Voltou do passeio de bom humor; se bem que uma familia conhecida, que encontrara no caminho, se mostrasse espantada de a ver tão magra e tão desfeita. Olympia fallou sorrindo da velhice, queixou-se em ar de graça de que estava feia, mas intimamente ficou magoada com aquella observação impertinente.

Já não eram os primeiros que lhe notavam semelhante cousa. Ao chegar a casa pungia-lhe ainda o máu effeito do que lhe dissera a tal familia.

Gregorio, que a esperava, lendo um jornal e fumando no divan, fez espalhafato ao vel-a entrar.

— Bravo! Viva quem passeia! Está hoje com um ar magnifico! disse elle.

E fez ainda algumas referencias lisongeiras a respeito do muito bem

que sentava a roupa preta em Olympia.

Essa recepção salvou-o, porque Olympia quando o bispou, ainda do jardim, havia feito um imperceptivel gesto de contrariedade.

Gregorio entregou-lhe um ramo de violetas que trazia.

Ella desabotoou o sobretudo e collocou-as na abertura do seio. Declarou que tinha muito appetite e recommendou que servissem quanto antes o almoço. E, sem fazer cerimonia com Gregorio, passou-se ao interior da casa, a perguntar por Jacob.

O velho Jacob, desde que lhe morrera o patrão, andava muito sombrio e pezado. Já ninguem lhe ouvia cascalhar como n'outro tempo umas risadinhas surdas, de que o bom criado fazia tanto uso.

Representava mais velho e mais pallido, vestido com o seu luto de lustrim. As sobrancelhas franziam-se-lhe progressivamente, a bocca apertava-se, e os olhos tornavam-se mais fundos e mais assombrados.

Estava muito parecido com o actor Arêas.

Olympia ultimamente o tratava com immensa estima, votava-lhe respeito e fallava-lhe carinhosamente.

Era como se visse no velho Jacob um respeitoso legado de seu pae.

LXXIII

AGOA NA FERVURA

E, quanto mais Olympia se retrahia, mais se empenhava Gregorio em chamal-a ao seu affecto; já procurando lembrar-lhe os sonhos venturosos do passado, já provocando com

artificio novas situações sobressaltadas e armando laços ao espirito romanesco da amante.

Tudo, porém, era de balde—Olympia não se mostrava menos enfasiada e parecia supportal-o apenas por condescendencia.

Um bello dia Gregorio appareceu pouco antes do que era de costume.

— Ah! é você?!... disse ella com o ar fatigado.

— Sei que não devia vir, respondeu elle, da porta, sem largar o chapéu.

— Já não sou desejado por cá.

E depois de observar o effeito que produziu aquella frase em Olympia, accrescentou, pondo uma expressão de queixa em suas palavras:

— Agora chego sempre cedo de mais! Reconheço que só posso ser agradável pela ausencia!...

Ella não respondeu, e ficou a olhar demoradamente para as unhas da mão direita. Houve um silencio de alguns segundos.

Gregorio afinal approximou-se vivamente, tomou a mão que Olympia observava, e passou-lhe um braço na cintura.

— Para que me tratas d'esse modo?! perguntou elle, com a perna direita um tanto vergada, a esquerda estendida, o rosto atirado para a frente, na posição apaixonada que usam os galans no theatro—O que fiz eu para merecer essa indifferença?! Porque me fazes padecer tanto, Olympia?! Sabes perfeitamente que és a unica consolação que me resta na vida! Minha unica ventura, minha unica...

Ella o interrompeu para lhe perguntar onde se encontraria um preto velho, que se quizesse encarregar da chacara, porque o outro, o que fazia esse serviço, déra ultimamente para

beber e estava insupportavel, ainda na vespera apresentara-se tão embragado, que, na occasião de entrar no jardim, fôra de encontro a um bello jarro de louça vidrada e lançara-o por terra.

Olympia não se podia conformar com semelhante cousa! O seu querido jarro fazia immensa falta na chacara! Ella o estimava muito! Fôra um presente do Porto, de um amigo de seu pai. Aquelles jarros haviam-se conservado intactos por espaço de vinte annos! Era preciso que viesse a lesma do jardineiro para reduzir um d'elles a cacos!—Bruto! Resumiu ella, empenhada na sua indignação!—Escandalhar um objecto que eu prezava tanto!...

As palavras da filha do commedador caliram sobre a cabeça de Gregorio como um jacto de agua fria dentro de uma caldeira a ferver. Elle empallideceu de raiva, talvez de vergonha. Seu amor era atrozmente humilhado por aquella mulher, sua posição alli não podia ser senão ridicula. Isto aos dezoito annos, quando todo o rapaz brasileiro intelligente, suppõe-se um heróe, destinado a representar no mundo um papel brilhante; quando elle se reconhece nos vultos mais bonitos que flamejam nos seus compendios de historia; quando elle se julga talhado a grandes coisas no futuro, e quando se suppõe amado por todas as mulheres e respeitado por todos os homens.

— Oh! Definitivamente Olympia precisava ser castigada! dizia-lhe o coração—Não se brinca assim com o amor de um homem.

E Gregorio, depois de sentir essas considerações, fez um movimento para sahir.

— Já vae? Perguntou a rapariga, com um ar entre delicado e indifferente.

— De certo! Respondeu Gregorio — O que fico fazendo aqui?

— Então não se esqueça do que lhe disse, e, se puder descobrir um jarro parecido com o que ficou na chacara, tenha a bondade de compral-o. Olhe, o melhor é ir lá abaixo, vel-o primeiro, antes de sahir. Venha commigo. Faço muito empenho n'isso. Venha.

E sahiu da sala, a encaminhar-se para a chacara.

Gregorio prometteu ir em outra occasião; n'aquelle momento estava com pressa.

Olympia dispunha-se a insistir no seu pedido, quando a criada appareceu, muito esbaforida, dizendo que o Guterres acabava de expirar.

— Coitado! Já!? perguntou a senhora, com o ar de quem esperava por aquella noticia. E voltando-se para Gregorio:

— E' um visinho ahi defronte. Estava muito mal. Ha quinze dias que penava!

— Ah! balbuciou Gregorio.

— Bom homem. Muito socegado, muito agarrado á mulher. El'e esteve aqui, dizem, por occasião da morte de papae, e offereceu-se para ajudar no que fosse necessario.

E depois de uma pausa, accrescentou: — A Julia, coitada! deve estar muito afflicta. E' a mulher, explicou ella, em resposta a um gesto de Gregorio. — Bella moça, muito dada, muito amiga de obsequiar. Já esteve aqui duas vezes. Eu vou fazer-lhe companhia esta noite.

— Talvez isso não lhe faça bem!... observou Gregorio judiciosamente.

— Ora! desdenhou Olympia. Já não estou doente. Além de que, tenho obrigação de ir. Ella sempre se mostrou tão minha amiga!... Está a mandar-me constantemente lembranças de amizade. Vou mostrar-lhe um açafate de papel, com o retrato d'ella. Deu-m'o na semana passada. Quer vêr?

Gregorio disse que sim por condescendencia.

Olympia foi buscar o açafate. O retrato, em photographia, estava no fundo, entre uma cercadura de papel bordado.

— Eu conheço esta mulher! disse Gregorio logo que olhou para o retrato. — Esta é a Julia Guterres!

— Ah! já a conhecia?

— Já. Uma actriz.

— E'! ella foi do theatro. Deixou, porque o marido não quiz que continuasse. Você algum dia a viu trabalhar?

— Não. Só a conheço de retrato.

Gregorio despediu-se afinal, e sahiu resolvido a não voltar. — Olympia com certeza já não pensava n'elle!

Mas, uma semana depois, recebeu uma carta.

Era della. Pedia-lhe que apparecesse. Elle estava um ingrato; tambem isso não admirava, porque, segundo o que Olympia ouvira dizer, Gregorio não perdia uma noite do Alcazar, e andava apaixonado por uma franceza. Ella sabia de bonitas coisas a seu respeito. Fallou em certa orgia no Hotel Paris, onde diziam que Gregorio fizera o diabo.

Depois tratava de Julia, elogiava-a, que ella era uma bella moça, muito delicada e muito sensivel. A carta terminava pedindo a Gregorio que

fosse domingo jantar com Olympia. A viuva desejava conhecê-lo.

Gregorio leu cinco ou seis vezes aquellas palavras. — Devia ou não devia ir? Fôra tão mal tratado da ultima vez! Era preciso ser homem.

Não foi. Mandou uma carta, pedindo desculpas, e não appareceu. Tambem, diga-se a verdade, isso não lhe custava grande sacrificio, graças aos novos amores que havia arranjado ultimamente.

Um mez depois appareceu nova carta. Era mais extensa e mais recriminatória. Olympia queixava-se amargamente do proceder de Gregorio e pedia-lhe ternamente que a fosse ver.

Elle ainda não foi d'essa vez.

Entretanto o que Olympia dizia a respeito do novo procedimento de Gregorio, tinha um grande fundo de verdade. Elle se estava tornando um pandego dos quatro costados. O ordenado já não lhe chegava para as despesas, principiava a fazer dividas e a ganhar reputação de estroina. De uma occasião embriagou-se e quebrou a cabeça a tres sujeitos, que encontrou no Alcazar. O subdelegado de policia o teria feito prender se alguns companheiros da pandega não se mettessem no conflicto e não distribuíssem bordoadas para todos os lados, facilitando a fuga de Gregorio.

Um d'esses companheiros era o padre Belleza. Sujeito alto, muito pernudo, levado da breca. Bastante moço e bem servido de feições. A' noute mettia-se em roupas seculares, escondia a corôa e atirava-se para o Alcazar, onde florescia n'esse tempo as pernas da Aimé. O Belleza era quasi sempre cabeça dos motins, e jogava capoeira como os mais en-

tendidos n'essa arte. Contavam d'elle façanhas terriveis de desordem. O bispo não conseguia corrigil-o, lançava mão inutilmente de todos os meios; prohibiu-lhe andar que não fosse de batina. Belleza arranjou um grande sobretudo, á guisa de capa, e continuou a pandegar.

Olympia escreveu ainda duas cartas a Gregorio, sem ter melhor exito que das primeiras. Na ultima jurára que, se elle não lhe apparecesse, ella nunca mais lhe daria uma palavra.

Foi então, isto é, seis mezes depois de seu rompimento com Olympia, que o padre Belleza o convidou para uma festa.

Era o baptisado da filhinha de uma de suas comadres.

O rapaz aceitou e foi, sem prever que esse passo tinha de representar um importante papel em sua vida.

Só depois de já estar lá, soube que a madrinha da criança chamava-se Julia Gutterres.

LXXIV

O BAPTISADO

A casa da festança era em Catumbý, pouco adiante do logar até onde vai hoje a linha de bonds, que navega para esse bairro.

Um casarão antigo e abafadiço, com janellas de peito e dous degrãos de cantaria á porta da rua.

Para se chegar lá, subia-se uma pequena ladeira á esquerda, emquanto se deixava á direita o correr de casas, que se acavallavam umas sobre as outras, até confinarem com o parda-cento e melancolico muro do cemiterio de S. Francisco de Paula.

Seriam quatro horas da tarde, quando os dous se apearam do carro que os conduzia. O padre Belleza deu o braço a Gregorio e seguiram.

— E' alli! disse elle, apontando para o casarão. O outro ollhou indifferentemente na direcção indicada pelo companheiro.

O tempo estava duvidoso: parecia vir chuva, mas ao mesmo tempo parecia que não. O céu, côr de perola, apenas em alguns pontos mais visinhos do horisonte, abria rasgões de uma claridade desbotada e branca-centa, como a luz baça de uma lampada de alabastro.

Os montes de Santa Thereza estendiam-se silenciosamente, atufados na verdura felpuda e tremula. Palmeiras, destacadas e solitarias como o sombrio vulto de Dante nas praias de Ravenna, abriam para o céu, aqui e alli, as suas estrellas irrequietas e murmurosas.

Toda a natureza se resentia de um triste aspecto de recolhimento; só os carrapateiros quebravam a uniformidade melancolica da verdura com o seu verde Paris, crú e alegre.

Em varios logares, por entre o relvejar do capim, apparecia a custo uma isca de terra avermelhada, côr de carne em conserva. Mais para o sopé dos montes, casinhas, pintadas de claro, branquejavam pitorescamente, espetando o fundo sombrio das mattas com os angulos de suas fachadas.

Além, por detrás dos primeiros planos, amontoavam-se cordilheiras arroxeadas, cujos cambiantes amorteciam na proporção que se afastavam para longe, até se confundirem totalmente com o pallido catasol das nuvens.

Não se viam raios de sol e nem sombras projectadas no chão. As montanhas desenlhavam minuciosamente no fundo plumbeo do céu o seu contorno accidentado e guarne-cido de arvores.

Do outrolado destacava-se ao longe o morro da Providencia, onde se via o esguio registro d'ar erguer-se para o céu, como um arco de triumpho. Mais em baixo o cemiterio espalhava pelo rodapé do morro de Santos Rodrigues os seus conicos cyprestes e as brancas agulhas de seus tumulos. Pela especie de rua, hoje chamada do Navarro, um homem conduzia uma carroça, puxada por duas bestas, e algazarriava, fazendo estalar o chicote.

Gregorio e o companheiro acabavam de entrar na casa do baptisado.

Veio recebel-os á porta um sujeito gordo e muito alto, cheio de vermelhidão, olhos claros, azulissimos, cara raspada, pouco cabello na cabeça e o pouco que havia quasi todo branco. Esse sujeito tocava trompa nas orchestras dos theatros e, pelo entrudo, trabalhava de enderecista para as sociedades carnavalescas. Era homem popular, prezava-se da estima de algumas pessoas de gravata lavada, mas não desdenhava a amizade dos collegas.

— Olá! olá! Viva o nosso reverendo padre Belleza! exclamou elle.

E puxou familiarmente o padre para o corredor, emquanto este lhe apresentava Gregorio — Vão subindo! vão subindo, dizia o homem vermelho. Aqui não se faz ceremonias! Estejam em sua casa! A troça está toda na dansa lá em cima. Vão entrando!

Com effeito, de fóra ouvia-se um barulho vibrante de musica.

Gregorio, ao chegar á sala, sentio-se constrangido.

Não conhecia aquelle meio. Nunca havia penetrado em casa de uma familia de artistas brasileiros; ignorava da existencia d'esse genero de pessoas, incontestavelmente sérias, mas entre as quaes a pilheria decotada tem bom curso, onde a dança toma um character assombroso de cancan, onde as mulheres discutem simultaneamente sobre tudo, desde os assumptos mais familiares e mais castos, até as ultimas extravagancias da meretriz que estiver na moda.

Ninguém falla tanto em conveniencias, e ninguém se esforça tanto para cumprir com os rigores da hospitalidade.

As pequenas obrigações da cortezia, n'essas casas, tomam ás vezes, as proporções de verdadeiros supplicios—obrigam-nos a comer e a beber sobre posse. Não nos consentem rejeitar nada do que nos offerecem. Ha uma febre terrivel de obsequiar.

Gregorio todavia passára quasi despercebido, porque um acontecimento prendia a attenção dos que não dansavam. Era a chegada do pequenito, que se acabava de baptisar, dos padrinhos e dos convidados que os acompanharam á igreja. Havia reboço por toda a casa; ninguém se podia entender no meio do barulho das vozes e dos risos.

Em torno do bebê formava-se um grupo enorme de homens e mulheres, soffregos por fazerem festinhas, ao pequenito heroe da festa. Este toscanejava babando-se, a resmungar, fatigado pela cerimonia do baptisado.

D'ali a pouco chamaram em gritos para a mesa.

Houve então um rumor ainda mais alegre, e as pilherias da occasião cho-veram de todos os lados.

Entretanto Gregorio era n'esse momento apresentado á dona da casa pelo padre Belleza, com exagerados rasgos de cortezia.

— E' um talento! um grande talento! affirmava o padre, cheio de boas intenções para com o amigo— Já escreveu uma linda poesia a respeito não me lembro de que anniversario glorioso do Brazil; fez dous magnificos artigos sobre a separação da igreja do estado, e creio que tem entre mãos um bello drama! E' um moço muito esperançoso! resumia o padre, arregalando seus grandes olhos castanhos.

A dona da casa, popularmente conhecida por —a Luzia Pereira, tinha muito gosto em conhecer o Sr. Gregorio Souto Maior, e declarava que a sua pobre choupana estava sempre ás ordens d'elle. Os amigos do padre Belleza seriam sempre muito bem recebidos n'aquella casa. O Sr. Gregorio que desculpasse a desordem; elle devia saber o que era uma casa de artistas — muita pobreza, porém toda a franqueza.

Gregorio desfazia-se em agradecimentos e jurava que tudo estava muito bom.

— Ali! gritava a Luzia Pereira.— Boas festas tive eu no tempo de meu marido! Então é que o senhor havia de ver! Gastavam-se rios de dinheiro!

E, a conversar d'esse modo, a dona da casa conduziu o rapaz para a sala de jantar, onde se apinhavam os convidados em torno das cadeiras.

Sobre a mesa enorme, que se havia

arranjado especialmente para aquella occasião e que parecia entalada na estreita sala, destacavam-se as grandes peças de fôrno. Via-se o leitão inteiro, luzidio, côr de mulato, com os dentes á mostra e os olhos enfeitados de azeitonas; ao lado o perú empertigava o peito recheado e escondia as pernas nas pelles da barriga; tortas, do tamanho da aba de um chapéu do Chile, recamavam a branca toalha de fustão em todo o seu comprimento. As garrafas scintillavam alegremente por entre os pratos emborcados e ostentavam as suas capsulas de folha vermelha e azul. Liam-se vistosos rotulos de Bordeaux, Porto, e descobriam-se garrafas de vidro branco, cheias de Collares e vinho virgem. As composteiras de doce de cajú, abacachy e laranja, jaziam meio escondidas nos tinhorões dos grandes jarros de porcellana, que enfeitavam pitorescamente o jantar. Os quartos de carneiro, as gallinhas assadas e os pastelões esperavam resignadamente a hora do supplicio. Um cheiro farto e gorduroso de comida enchia o ar.

A dona da casa disse em voz alta a Gregorio que se fosse assentando á meza. Alli não havia cerimonia! Ella tinha, como quasi todos os actores antigos, o costume de fallar sempre em voz alta.

Gregorio assentou-se.

As mulheres olhavam para elle com interesse. O seu pequeno rosto branco, embelezado de frescura e de mocidade, sobresahia alli, como uma cousa rara e bem trabalhada. Elle fazia esforços supremos para se não destacar dos mais; estava como que envergonhado da natural distincção de suas maneiras.

Os convidados não cabiam todos na meza; Gregorio ergueu-se duas vezes para offerecer o seu lugar, mas duas vezes o obrigaram a ficar assentado, empurrando-o pelos hombros. Elle mais e mais se sentia constrangido no meio d'aquella gente mesclada e ruidosa. Era uma fusão de familia e bohemia: uma argamassa de sorrisos discretos, olhares pundonorosos, gestos cheios de esculpulo, misturados com amplos movimentos de caixa de theatro, phrazes de botequim e pilherias de sociedade carnavalesca.

A Luzia Pereira já estava bastante edosa, mas ainda mostrava ter sido bonitona na sua epoca.

Fôra actriz por muitos annos, enviuvára de um actor do tempo do João Caetano e vivera sempre entre gente de theatro. Era em geral estimada como mulher honesta e querida por muitas familias do Rio de Janeiro.

A gordura desforradora lhe um pouco os membros e a fazia parecer mais baixa e menos elegante; mas os olhos brilhavam ainda com o fulgor dos outros tempos, e os labios conservavam o fino sorriso espi ritual, com que ella arrebatára as platéas de 1840.

Luzia Pereira era tia legitima da nossa bem conhecida Julia Guterres, que se achava presente ao baptisado.

LXXV

AH! MULHERES! MULHERES!

A athmosphera tornava-se cada vez mais abafada. O calor, annunciativo da tempestade, que se formava lá fóra, quasi que não consentia o agrupamento dos comensaes

n'aquella sala estreita e coagida pelo tecto. Das janellas, abertas sobre o quintal, não entrava o menor sopro de ar novo; as luzes do kerozene cahiam pesadamente sobre a mesa, opprimidas pelo ar espesso e azotado da sala.

Gregorio desfazia-se em finezas com Julia Guterres, que lhe ficára ao lado direito, mas impacientava-se por sair d'aquelle fórnio.

Principiaram a comer. Não havia methodo no jantar; algumas pessoas serviam-se dos assados antes de tudo; outras tomavam á sôpa os vinhos da sobremesa.

Os copos esvasiavam-se alegremente. Foi preciso fechar as janellas porque começavam a cahir as primeiras gottas do aguaceiro, que lá fóra tropejava sobre as montanhas.

Redobrou então o calor. Um sujeito gordo erguera-se, pedindo que o acompanhassem em um brinde á uma pessoa muito distincta e digna de todas as considerações, que se achava presente.

Fez-se logo um respeitoso silencio, e o orador declarou que se referia a D. Luzia Pereira. Seguiu-se uma enfiada de elogios, e os hurrahs reben-taram de todos os lados.

Desde então os brindes appareciam sem intervallo. Os comensaes erguiam-se a dar vivas, e estendiam os braços, offerecendo os copos aos visinhos, para tocar.

Ainda não estava terminado o jantar, quando Gregorio pediu licença e retirou-se para a sala de visitas.

A chuva percutia com força nas vidraças e no telhado. Elle assentou-se no canapé e ficou a olhar preguiçosamente para as photographias suspensas da parede.

Lá estava o João Cretano, o Martinho, o Costa, e outros contemporaneos. Por um album, que Gregorio se poz a folhear, conhecia-se que a familia de Luzia Pereira era enorme. Alguns filhos e filhas estavam presentes á festa.

Terminada a primeira meza, assentaram-se os que ainda não haviam jantado, e a sala, onde estava Gregorio, encheu-se logo de pessoas a palitarem os dentes.

Em una alcova contigua, dez rapazes preparavam estantes de musica e acendiam vélas. Pouco depois cada um d'esses dez tocava o seu instrumento de sopro, e um grande barulho, metallico, vibrante, enchia totalmente a sala, impedindo de se ouvir mais nada.

Era uma polka, composta por um dos musicos e offerecida ao pequeno que se baptisava n'aquelle dia.

Gregorio foi obrigado a dansar; escolheu Julia Guterres, e passou-lhe o braço na cintura. Julia deixara-se conduzir com certo desprendimento gracioso. Era louca pela dansa.

Quando parou a musica, houve uma febre de vivas ao autor, vivas ao baptisado, vivas á dona da casa. Abriram-se garrafas de cerveja nacional, e os copos espallharam-se por todos os convidados.

Gregorio sentia-se agitar pouco a pouco. O calor de tudo aquillo começava a comunicar-se-lhe; a musica, o ar quente, os perfumes de Julia, produziam-lhe vertigens e chamavam-lhe o sangue á cabeça. O padre Belleza não tinha um momento de descanço, ria, saltava, gritava, fazendo troças, pregando caçoadas ás velhas, abraçando as mulheres, piz-zando de proposito os homens e re-

bolando na dansa. Todos achavam-lhe graça.

Entretanto Julia, depois que dançou a segunda vez com Gregorio, pædiu-lhe que não reparasse n'aquella desordem. As festas em casa da tia eram sempre assim. Não havia meio de obter certa seriedade. Ella ia alli, porque a tia era o unico parente a que estimava devéras no mundo, mas fazia com isso um verdadeiro sacrificio ; aquillo era uma gente levada do diabo ! Em seguida começaram a fallar a respeito de Olympia, a principio por meias palavras, depois abertamente. A viuva sabia muita cousa que lhe contara a vizinha.— Gregorio não havia procedido bem, desapparecendo pelo modo por que desappareceu.

— A culpada foi só ella ! Justificou-se o rapaz—Olympia se quizesse teria feito de mim um escravo ! Eu não pensava em mais nada que não fosse n'ella.

— E ainda hoje, observou a outra—com o enthusiasmo com que diz isso, percebe-se que...

— Qual ! Respondeu elle, sacudindo os hombros—Está tudo acabado !

— Porém ella ainda o estima muito !

— Não sei ! E' verdade que a mulher só ama quando o homem amado a despresa.

— Isso são historias ! Contradiisse Julia—O sonhor, se não gosta mais d'ella, é porque gosta de outra !

— Juro-lhe que não ! Respondeu vivamente Gregorio, entornando sobre a viuva um olhar cheio de sensualidade.

Ella havia já comprehendido perfeitamente o effeito que produzia sobre o rapaz, e não procurou destruil-o. As mulheres têm sempre um gosti-

nho muito particular em possuir um homem amado pelas outras. E esta lei verifica-se tão frequentemente que podemos quasi affirmar que qualquer homem nunca é amado por uma unica mulher. Ou é por muitas ou então por nenhuma.

Póde ser que, se não fosse a viuva estar a par dos segredos de Olympia, não se lembrasse de provocar o amor de Gregorio ou talvez até o repellisse, se o sympathico moço quizesse porventura requestal-a.

Mas, assim não succedeu. Quando, ás seis horas da manhã, dissolviam-se a festa, e cada um procurava ás tontas o seu chapéu e a sua bengala, Julia e Gregorio invadiram um pequeno quarto, que ficava ao lado da varanda e, na febre de achar os chapéus, seguraram duas vezes por engano as mãos um do outro e, cremos que por estar o quarto ainda um tanto escuro, seus labios se esbarraram tambem duas vezes.

Gregorio sahio palpitante de esperanças, e durante o caminho sonhava-se em mil felicidades futuras.

— O diabo era a vizinhança de Olympia e o facto de frequentar esta a casa da viuva. Oh ! mais tudo se haveria de arranjar. Gregorio estava muito satisfeito com a aquisição que fizera—Julia era incontestavelmente uma mulher esplendida !

Elle notava-lhe uma certa graça desdenhosa e satânica, um modo petulante de dizer liberdades, uma semceremonia peculiar ás actrizes, uma especie de encantadora malignidade, que Olympia nunca possuira.

E já no dia seguinte Gregorio principiou a formar o seu plano de batalha. Mas Julia Guterres, muito ao contrario do que elle esperava,

recebeu-o friamente e não insistiu para que se demorasse.

Foi a primeira esporada. Gregorio saltou. Depois da faisca a explosão seria fatal.

Principiou a perseguil-a por toda a parte, a eserever-lhe cartas apaixonadas, a pedir-lhe ternura por amor de Deus.

N'esse tempo morava elle de pensão em casa de uma familia na rua de Santa Thereza.

Mal havia chegado uma noite, quando sentiu parar á porta uma carruagem e logo em seguida alguém que subia apressadamente a escada.

Era Olympia, Gregorio a reconheceu immediatamente e fel-a entrar.

Vinha offegante, pallida de raiva, com a physionomia endurecida por qualquer grande contrariedade.

Era a primeira vez que se animava a tanto, nunca havia penetrado em casa de um rapaz; de sorte que, logo depois dos primeiros passos, toda a sua energia, que ella trazia engatilhada para fulminar o perfido amante, enovelou-se-lhe de repente na garganta e rebentou em soluços.

Gregorio correu a segural-a, porém foi repellido com um murro vigoroso.

— Deixe-me! exclamou ella, sem poder dizer mais nada.

E tirou da algibeira uma das ultimas cartas dirigidas por elle á viuva.

— Você é um infame! disse ella afinal — um canalha!

Gregorio estava perplexo. Achava tudo aquillo muito estranho. Ha seis mezes não se entendia com Olympia. Ella da ultima vez em que estiveram juntos, tratára-o mal... Que diabo queria então tudo aquillo dizer?! Porventura era elle casado para ter de dar contas de seus actos!?

Se eserevia cartas era porque queria eserevel-as! Ora essa!

Olympia não teve uma palavra para lhe oppôr. Gregorio nunca a tratára d'aquelle modo. Até ahí sempre lhe dispensára certa delicadeza e certa consideração.

— A senhora é que fez muito mal em vir cá! disse elle, passeiando agitado pelo quarto. — Não sei o que a autorisa a suppôr que ainda existe alguma cousa entre nós dous!

— Tem razão! respondeu Olympia, afastando-se, na esperança de que elle a chamasse.

Mas Gregorio contentou-se em fazer um gesto de despedida.

Ella, assim que se convenceu que o amante não a ia buscar, voltou sorrindo humildemente.

Já não chorava, nem parecia contrariada.

Quando chegou junto de Gregorio, atirou-se-lhe nos braços, e principiou a soluçar com a cabeça pousada no collo do rapaz.

Elle se commoveu, e beijou-a na face. As pazes estavam feitas.

LXXVI

UM PARENTHESIS

Eis ahí como decorreu a mocidade de Gregorio até os vinte e dous annos. Mais um passo e chegaremos ao ponto, onde justamente principiou este pobre romance e onde ha de acabar; quer dizer, chegaremos á scena do malogrado casamento de Clorinda.

Mas, antes de ligarmos o ultimo capitulo ao primeiro, seja-nos permitido fazer d'este um postigo, pelo qual possamos dar ao leitor dous dedos de palestra.

Que tenha paciencia.

Isso é necessario para justificar-mos a estranha direcção que demos á nossa obra, ora caminhando de traz para diante, ora saltando da direita para a esquerda, ora voltando ao meio, dando uma carreira ao principio, e nunca seguindo o curso natural da narrativa.

Foi de proposito: E' que não queriamos apresentar os nossos typos todos de frente, ao lado uns dos outros, como se nos propuzessemos photographar no mesmo cartão os estudantes sexto-annistas da escola de medicina.

Preferimos surprchendel-os no logar e na posição em que os fômos encontrando. Por isso uns sahiram de perfil, outros de tres quartos, outros inteiramente de costas. Cada qual foi colhido na posição em que se achava, quando lhe passamos os dedos, e transportado cuidadosamente para estas paginas.

Não pedimos a nenhum d'elles que se levantasse, que puchasse uma perna mais para a direita, ou que descansasse a mão sobre as costas de uma cadeira, elegantemente, para produzir bom effeito. Nenhum d'elles passou o pente pelos cabellos antes de entrar em scena. Não se escovou um fraque; não se endireitou a nesga de um vestido.

Ora, para conseguirmos isso, foi necessario irmos ao encontro das scenas e dos personagens e não esperar-mos que elles viessem ao nosso encontro. Se lhes marcassemos entrevista em logar certo, se tentassemos reunir-os todos antes de principiar a obra, sabe o leitor o que succederia?

Ou elles não nos appareceriam, ou,

se apparecessem, teriam o cuidado de esconder tudo aquillo que lhes não convinha mostrar ao publico.

As mulheres pintariam as faces, perfumariam o cabello, apertariam a cintura e ririam, com mais ou menos frequencia e arreganho, conforme a qualidade, boa ou má, de seus dentes.

Nós não alcançariamos uma alma que não viesse espartilhada ou um coração que não trouxesse gravata e collarinho.

N'essas circumstancias, resolvemos abandonar as conveniencias do enredo e expormos ao leitor, sem methodo e sem disciplina, todas as scenas e todos os typos, que nos fossem simultanea ou gradualmente cahindo nas mãos.

Resulta d'ahi que alguns factos mais recentes surgem antes d'outros mais antigos, e que as nossas figuras nem sempre ostentam a mesma attitude e as mesmas proporções. Resulta ainda que as scenas argamasadas n'esta obra não se afinam pelo mesmo som, mas apresentam, cada uma, o seu character especial, ora elevado, ora chato, ora ideal, ora prosaico, segundo as leis e os meios que as determinam.

Mas isso é justamente a vida, e o romance moderno deve ser d'ella uma copia fiel. Nós não conhecemos um facto real ou um individuo, cujo character não soffra esses accidentes.

Ao lado da palmeira altiva, onde ao romper do dia solta o passaro mimoso seus trinados harmoniosos, encontra-se o covil do áspide traiçoeiro. Ao lado da candida bonina, cospe a nogenta lesma seu visgo repulsivo. A mesma agua, que pela manhã corria em fios de prata, scintillando nas irradiações do sol, póde á noite

já ser o charco infecto, d'onde se ouve o triste e aborrecido coaxar das rãs.

E' assim a vida. O que hoje é flôr, amanhã é fructo e depois estêrco. De um dia para outro, a lagarta se transforma em borboleta.

Em toda a natureza não ha objecto que, por mais encantador, não apresente seu lado antipathico; nem outro, que por mais repugnante e miseravel, não descubra alguma cousa de bom. A rosa tem espinhos; o almiscareiro tem perfumes, e as cobras têm as côres do ceu. E' nojenta a larva, mas o seu visgo ao sol brilha como o diamante; a cantharida sae da podridão, mas suas azas são feitas de ouro e esmeralda; a aranha é repulsiva, mas tem a fórma de uma estrella.

E tudo mais é assim. Nada ha totalmente perfeito; nada totalmente feio.

Cada homem tem dentro de si um heroe e um saltimbanco. Póde-se ter na frente a aureola do genio e nas costas o rabo do macaco. O mesmo sentimento que é ridiculo para uns, é sublime para outros; o que faz chorar dez pessoas, faz rir a outras tantas. Cada mulher tem um pé no ideal e o outro no burlesco; ás vezes tem uma aza de anjo e outra de demonio. A de anjo pucha para o céu, a outra para o mundo. Os cabellos brancos, que a uns provocam beijos e lagrimas de ternura, arrancam d'outros phrazes de escarneo e zombaria.

Como é possível, por conseguinte, só pintar cousas boas, ou só desfibrar cousas más?!

Não! Quem quizer copiar a nossa natureza e retratar os sentimentos do

brazileiro, ha de fatalmente verter no seu quadro todas as côres, lançar mão de todos os processos. Nada se póde emittir; não se póde escolher esta ou aquella escola estabelecida no romance, por que nenhuma d'ellas nos convém. Não ha systema creado que nos possa aproveitar. Umhas cousas pedem notas graves, tintas sombrias, traços largos; outras querem os sons agudos, o desenho minucioso. Para pintar tal scena precisamos desfazer as tintas na gargalhada e na ironia; para pintar aquella outra só o conseguimos fazer com as proprias lagrimas.

D'ahi esse mistiforio de figuras, de posições, de termos e de colorido.

O artista moderno não deve apparecer nunca nos seus trabalhos, sem todavia nunca se separar delles. Nada de corrigir, nada de embellezar. Sua missão é rocolher photographicamente no çerebro o que se passa em torno delle, e reproduzir tudo isso no livro, na téla ou na musica ou no marmore, depois de filtrado pela sua alma, pela sua individualidade. Cada objecto, uma vez reproduzido, deve conservar intacta a fórma, o character, a côr e o cheiro.

O artista precisa abrir o coração ao mcio, fazer d'elle uma palheta, uma palheta enorme, que comporte a substancia de todas as paixões agitadas em torno d'elle. E' preciso que haja de tudo n'essa vasta palheta — um pouco de riso, um pouco de fel, um raio da aurora, uma lagrima de amor, o sopro das brisas, o nectar das flôres, o veneno dos reptis, um pouco do azul do céu e um pouco dos negrumes da noite, o perfume da violeta, a treva do crime,

a candura da magnolia e o negror do vicio, uma gota de orvalho e uma gota de suor, um pingo de sangue e um pingo de mostarda ingleza, o mysterio das florestas e o mysterio das alcovas.

Não se póde pintar uma camelia com a mesma tinta com que pintamos um sapo. Não podemos descrever o sorriso de uma creança loura com as mesma's palavras com que se descreve nma tempestade.

Não admittimos que se compare, como fazem os suppostos realistas, uma rosa com uma chaga viva. Não, porque uma rosa não lembra uma chaga.

Se o autor da comparação tivesse a sua palheta bem sortida e methodicamente arrumada, não iria mecher nas secções das feridas, quando tivesse de tratar das flôres.

Que nos pardôe o leitor insistirmos tanto n'estas considerações, e encravar-mos tudo isto no correr do romance. E', porém, necessario comprehendemos por uma vez que, em materia de romance brasileiro, está tudo entre nós por fazer e por crear.

Cada um deve ir aproveitando como puder a occasião, para conduzir o leitor ao bom caminho e desvial-o das traducções francezas.

Por ora ainda não tivemos romances verdadeiramente brasileiros, a não ser *Memorias de um sargento de milicias*, que não passa de uma tentativa. Alencar, quando foi brasileiro, não escreveu romances, escreveu poemas.

Guarany e *Iracema* são dous magnificos poemas, nos quaes o autor vasou toda a riqueza americana de seu estylo e toda a sensibilidade indigena de sua alma.

Concepções nimiamente poeticas, Tudo ahi é visto pelo prisma do ideal, tudo é imaginario, fantastico, artificial.

Não é isso o que ha de ser o romance brasileiro; mas, por outro lado, não poderá ser moldado nos modêlos do romance europeu, porque nossa vida, nosso character, nossa patria são muito especiaes, e reclamam estudos, trabalhos e processos completamente novos e apropriados.

Nossos romances não poderão, pelo menos n'estes cincoenta annos mais proximos, ter a calma cynica de um drama passado nas ruas abafadas de Paris ou nas viellas de Londres.

Aqui a natureza requer vistas mais largas, sentimentos mais puros, paixões mais ardentes, que dêem uma idéa de nosso sol e de nossas florestas. Mas ao lado d'isso é preciso collocarmos as miserias e os vicios da nossa sociedade, os crimes tão friamente degradantes como os do velho mundo.

Logo, não é bastante reproduzirmos a imponencia de nossa prodigiosa natureza, é tambem necessario ser calmo, observador, investigador como um europeu, e saber, como elle, penetrar familiarmente em todas essas profundas cavernas dos vicios e dos crimes.

O romance brasileiro é por conseguinte muito mais difficil de realizar que o europeu, por que tem de possuir a fórma dupla de poema e de novella.

Conciliar essas duas cousas, tão oppostas, é o que ainda não fez nenhum escriptor brasileiro e o que nos parece ser o ponto de partida para o romance nacional.

Bem, agora tratemos de acabar a

obra, que já se deve ir tornando enfadonha.

LXXVII

O CORAÇÃO NÃO ENVELHECE

Durante o ultimo anno, que faltava para chegarmos ás scenas do primeiro capitulo, succederam-se poucos, mas palpitantes acontecimentos, que as justificam.

N'esse pequeno espaço Olympia soffreu, por amor de Gregorio, todos os martyrios que nos podem infligir os ciumes. Quanto mais elle se esquivava, mais e mais attrahida sentia-se ella.

Olympia estava na idade em que o amor toma o character de molestia; na idade em que a mulher é capaz de todas as loucuras pelo objecto amado. Quando ella é capaz de todos os sacrificios, de todas as abnegações, menos a de consentir que o heróe de seus sonhos a despreze por outra.

E foi isso justamente o que fez Gregorio, desde aquella scena das coegas no pittoresco chaletzinho de Julia Guterres, scena, que ficou descripta no capitulo sexto.

Como já sabe o leitor a viuva, logo que perdeu o marido, tratou de recolher os bens, que lhe ficaram, e retirou-se para a Tijuca, onde nós e a policia a encontrámos, quando se tratava de descobrir esclarecimentos a respeito de Gregorio.

Da mesma fórma não ignora qual foi a direcção que tomaram os novos amores do inconstante rapaz, e como chegou elle ao resultado de armar casamento com Clorinda.

Pois bem, tratemos de esclarecer o que ainda não foi esclarecido, e

apressemos o passo para chegarmos quanto antes aos resultados das scenas dos primeiros capitulos.

Olympia não pôde disfarçar por muito tempo o seu martyrio, e a dôr irrompeu-lhe pelo corpo, accelerando o embranquecer do cabelo, o enrugar da tez e o desbotamento das faces. Estava transformada de magreza e abatimento. Poucos lhe mereciam uma palavra e ninguem um sorriso.

Quando o Dr. Roberto voltou do norte, do que demos conta no capitulo XI, e o que proporcionou a Gregorio o seu primeiro encontro com a bella Clorinda, quasi que não a reconheceu e declarou que muito pouco lhe daria de vida.

Gregorio correu então para junto d'ella, a conselho do medico, mas sua presença não conseguiu espantar a morte, que estendia já sobre Olympia a sombra negra de suas azas.

Elle, por sua parte, não levava o coração ainda sacudido pelos amores da viuva, mas suavemente impregnado pela nova affeição que lhe inspirara a filha de Leão Vermelho.

Já não era o mesmo pandego das correrias com o padre Belleza, ao contrario, convertido e virilizado, forcejava agora por vencer as ultimas ondas dos mares revoltos de sua mocidade, e abrigar-se enfim no casamento, cujas praias via branquejarem além, illuminadas por um doce luar de tranquilla felicidade.

Olympia falleceu uma noite, depois de grande agonia. O Dr. Roberto não lhe abandonava ha dias a cabeceira; o Figueiredo mandara dous de seus empregados para ajudarem nos trabalhos do enterro, e

Gregorio chorava em uma saleta proxima.

Nunca se persuadiu que sentisse tanto aquella morte. Olympia entrara na sua vida como um incidente fantastico e romanesco no meio de um livro frio de viagens. Agora arrependia-se de não ter sido com ella melhor, mais generoso, mais grato; sentia remorsos de não a ter amado um pouco mais! De lhe não haver pelo menos illudido com algumas caricias. Sim! Isso talvez tivesse detido o curso da molestia, e quem sabe se não a teria evitado. Mas não! replicava elle— não é possivel fingir amor. N'estes casos temos fatalmente de ser victima ou carrasco!

E para fugir áquellas idéas aborrecidas, chamara em seu soccorro a imagem adorada de Clorinda. Essa era o futuro, a esperança de felicidade, era a aurora do dia seguinte.

E só a lembrança d'essas novas claridades seccavam-lhe os ultimos orvalhos d'aquella noite que fugia, para se perder nas sombras inalteraveis do passado.

De todos, quem parecia mais sentido com tudo aquillo era o velho Jacob. O pobre homem viu em torno de si cahirem a pouco e pouco as arvores queridas, a cuja sombra abrigava a fraqueza de sua velhice.

Gregorio então offereceu-lhe a casa e insistiu com o velho que fosse fazer-lhe companhia. Jacob aceitou, por isso que o vimos figurar no interrogatorio policial no principio do romance.

Em breve Gregorio não tinha outra idéa que não fosse a sua querida noiva, e Julia Guterres principiava a curtir os mesmos tormentos por que passara Olympia.

Se as mulheres, e principalmente aquellas que despiram já a primeira mocidade, soubessem quanto é perigoso amar devéras um rapaz, que ainda não pagou todos os tributos da paixão e ainda não percorreu toda a escala dos amores! Ah! se ellas soubessem quanto isso é perigoso, não se deixariam tão facilmente prender aos ephemeros transportes de um namorado de vinte annos.

O coração n'essa idade está muito verde para arder. E' preciso que o tempo e as lentas decepções da vida o resequem primeiro, para que o fogo se lhe possa comunicar.

E dizem os irreflectidos que o coração dos velhos é que é frio. Que injustiça! Ninguem ama com tanto ardor, ninguem se apaixona com tanto enthusiasmo.

Parece que o homem, á proporção que envelhece, vai refugiando na coração todo o calor que lhe foge do corpo.

A proporção que lhe deixam os dentes, que deserta o cabello, que lhe entorpecem as pernas e se lhe tornam mais e mais tremulas as mãos, tanto mais o coração se abrandada para receber as impressões e se enrija para conserval-as depois.

Desapparece o olfato, apagam-se os olhos, some-se o tacto e o paladar, e o coração cada vez mais sente e mais vê!

Porque estranho odio teria a natureza formado assim o coração do homem?! Para que, se lhe rouba do corpo as forças, os sentidos, as faculdades, se lhe carrega com os dentes, com o sangue dos labios e a frescura dos cabellos, se o torna feio, velho, insupportavel, para que lhe deixa então o coração a pulsar e a vez com

mais vehemencia e a pedir um amor que ninguem lhe dá?!

Capricho estranho de quem decretou semelhante absurdo!

Julia Guterres não se lembrara de fazer essas considerações, como dissemos já no capitulo setimo, e teve de pedir ao seu coração que se callasse quando soube pela primeira vez que o desleal amante estava de casamento justo com Clorinda.

Corriam as cousas n'esse ponto, quando se realisou aquella conversa entre o Portella e o seu capanga *Talha certo*, ao saberem da reaparição de Pedro Ruivo. Referimo-nos ao capitulo dezenove.

O gatuno havia se arranjado lá por S. Paulo com o tal fazendeiro de boa fé, a quem se agarrára com tanto afinco, que a pobre victima, para se ver livre d'elle, tratou de empregal-o na casa do Paulo Cordeiro, na qualidade de pregador de caixas.

Mas o Portella é que não ficou muito tranquillo, logo que o viu, e recommendou ao seu *Talha certo* que o não perdesse de vista.

Talha certo tratou immediatamente de procurar *Tubarão* e pedir o seu auxilio, porque o tal Pedro Ruivo da primeira vez conseguira escapar-lhe das unhas.

O leitor já sabe o ajuste que houve entre esses dous no café da menina do bandolim, onde se ficaram de encontrar no dia seguinte para realizarem a incumbencia de Portella.

Tubarão acompanhara o famulo do commendador pelo simples facto de se tratar do Ruivo; elle não era homem que se prestasse a fazer mal a quem quer que fosse, se o coração não se envolvesse n'isso.

Talha certo sabia perfeitamente da

velha rixa que havia entre os dous, e desde o seu malogrado bote contra o Ruivo, que tratava de preparar o animo do outro para a primeira vez que viesse a precisar do seu auxilio.

Chegou afinal o momento, e *Tubarão* cedeu.

Vejamos como se sahiram elles d'essa empreza, cujos corpos de delicto já conhecemos.

LXXVIII

GREGORIO É ALCANÇADO

Pedro Ruivo parecia regenerado desde que se arranjou na fabrica. Trabalhava pontualmente e recolhia-se para dormir a hora certa. Morava com um companheiro em um cortiço, perto do campo de Santa Anna.

E nos primeiros tempos, tão enfronhado viveu no serviço, que Portella ignorava completamente de sua presença no Rio de Janeiro.

O velhaco, entretanto, meditava novos planos, queria angariar a sympathia e a confiança dos superiores, para fazer com mais certeza a pontaria, quando por ventura se apresentasse uma boa occasião.

Essa occasião appareceu. O caixa da casa, aquelle Gonçalves, viuvo de Olympia, teve uma vez de demorar comsigo uma quantia superior. Pedro Ruivo não o perdeu mais de vista, e preparou-se.

Se fosse necessario, o caixa seria assassinado. Mas assim não succedeu, porque o gatuno encontrou occasião de se achar só com o dinheiro. Entrou pelos fundos da casa e penetrou engenhosamente no gabinete do caixa, tendo para isso pre-

parado de ante mão os fechos de uma janella que dava para ahi.

Uma vez senhor do dinheiro, tratou de ganhar a rua e encaminhou-se para o cortiço.

Mal porém teria feito alguns cincoenta passos, quando um homem sahio-lhe ao encontro e arremessou-lhe uma formidavel cabeçada contra o ventre. Era *Talha certo*.

Pedro Ruivo perdeu o equilibrio e cahiu assentado.

O outro perguntou-lhe pelos documentos de Portella. O agredido, em vez de responder, soltou um grito e segurou com ambas as mãos o peito, como se quizesse defender alguma cousa que ahi trouxesse escondido.

Talha certo, conduzido por aquelle movimento espontaneo de sua victima, imaginou que alli estivessem os papeis que procurava, e entimidou o Ruivo a que se deixasse revistar. O Ruivo resistiu.

Talha certo chamou então Tubarão em seu auxilio, e, ajudado por este, vendaram a bocca do Ruivo e despuzeram-se a revistar-lhe o peito.

O Ruivo debatia-se furiosamente.

— Tratante! Dá-me por bem esses papeis, se não quizeres ficar aqui mesmo reduzido a postas!

Ruivo, em vez de responder, arancou-se das mãos de *Talha certo* e sacou do bolso uma navalha.

Talha certo, porém, havia avançado para elle de pulo, e cortara-lhe a garganta com uma navalhada. O Ruivo rosnou por debaixo da venda, que tinha na bocca, e depois de tentar em vão segurar-se nas pernas, cahiu de bruços sobre a calçada.

O assassino revistou-lhe o peito, mas, em vez dos documentos do commendador Portella encontrou os con-

tos de réis, que a victima havia, pouco antes, roubado.

— Como vinha o ladrão carregado! disse o *Talha certo*, sacudido de alegria, pela descoberta que acabava de fazer.

— E os documentos? perguntou Tubarão.

— Não estão naturalmente com elle, mas temos aqui cousa melhor. Um dinheirão. O maroto havia feito uma rica colheita!

— Então tudo isso é dinheiro? perguntou o Tubarão, admirado por sua vez.

— Em magnificas notas do thesouro! respondeu o *Talha certo*.

— Então foi algum roubo, não achas?

— Sei cá; o que te affianço é que elle não nos fará peso nas algibeiras.

— Não sou d'essa opinião! resmungou o marinheiro—o dinheiro roubado peza sempre, ao menos na consciencia.

— Ora! replicou o *Talha certo*, depois de acabar a revista das algibeiras do Ruivo, e tratando de afastar-se com o dinheiro para longe—Quem rouba a ladrão tem cem annos de perdão.

— Estás enganado! gritou-lhe o outro—Quem rouba a ladrão, fica ladrão como elle! Esse dinheiro será entregue ao dono, quer tu queiras, quer não queiras!

— Essa tinha graça!... considerou o outro—Era melhor que nós fossemos d'aqui nos entregarmos á policia.

— Podemos fazel-o chegar ás mãos do dono, sem que se saiba d'onde elle vem.

— N'esse caso, darás a tua parte. Vamos dividil-o; cada um dará o

destino que quizer áquillo que lhe tocar.

— Não! desdisse o Tubarão, sem se contrariar. — Havemos de entregal-o todo ao dono!

— Isso agora já passa a birra! replicou *Talha certo*, impacientando-se. — Que você faça furias com o que é seu, vá lá, mas com o que é dos outros!...

— Aqui não ha meu, nem teu! Nós não temos direito a ficar com aquillo que não ganhamos, nem tão pouco nos deram!

— Mas achamos! replicou ainda *Talha certo*. Em todo o caso, vamos á casa dividir o cobre, e você de sua parte fará o que quizer. A minha pertence-me,

— Não! Tu me vaes passar todo o dinheiro. Eu me encarreguei de restituir-o ao dono.

— Ora veja se tenho aigum T na testa!

— Eu é que te affianço que o dinheiro se restitue! Vamos! em teu poder elle não ficará.

Talha certo, vendo que não conseguiria nada pela arrogancia, resolveu commover o companheiro.

— Então, que é isso, Tubarão?... Que mania é essa com um velhaco d'aquella ordem? Olha! quem o mão poupa nas mãos lhe morre.

— Não se trata agora d'isso! respondeu *Tubarão*. — Não se trata de dar cabo de nenhuma pestel! trata-se é de entregar um dinheiro que nos não pertence. Emquanto querias uma ajuda para despachar aquelle maroto, prompto! e não me arrependo d'isso, mas lá para roubar é que não me presta. Ou tu me entregas o cobre, ou eu te denuncio á policia. Escolhe.

— O... deixa-te d'isso, pediu ainda

o outro, procurando abrandar o caracter do *Tubarão*.

— Já te disse o que tinha a dizer! volveu este. — Ou entregas o cobre, ou vai tudo ao ouvido do Dr. chefe! Eu cá não sirvo de capa a ladroeiras! Não sou santo, mas nunca estas mãos se sujaram com o alheio!

E Tubarão, com ar firme de hoinem resoluta, ia forçar o companheiro a que lhe entregasse o roubo, quando este, recuando na acção dextra da capoeiragem, acommetteu contra elle, procurando abraçar-lhe o pescoço com a navalha.

Mas Tubarão desviou-se promptamente, e a lamina, mudando de direcção, entranhou-se-lhe pelo pequeno peitoral do lado direito.

Talha certo recuou com um salto e investiu de novo contra o companheiro, ferindo-o então no braço, porque o rijo marinheiro, apesar do sangue que lhe saltava da ferida, ainda aguentava-se bem de pé e defendia-se, tentando apoderar-se do faccinora.

Este deitou a correr, logo que percebeu não arranjaria mais nada. Tubarão forcejou ainda por seguil-o, mas a vista principiou a escurecer-lhe, as pernas a bambearem-lhe, e com muito custo conseguiu chegar á esquina, onde morava pobremente com um seu velho companheiro do mar.

O companheiro não estava em casa, Tubarão recolheu-se a cama e perdeu de todo os sentidos. Só os recuperou d'ahi a dous dias, quando a febre principiou a ceder. Mas o medico, que o companheiro de casa fôra buscar, quando deu com o amigo n'aquelle estado, recommendára que o não obrigassem a fallar e não lhe

dessem a beber senão os medicamentos receitados.

Entretanto, sabe o leitor o caminho que durante esse tempo tomaram as cousas concernentes ao assassinio de Pedro Ruivo e ao roubo perpetrado na casa Paulo Cordeiro.

A policia continuava a trabalhar, mas trabalhava muito reservadamente e quasi sem resultado algum.

De Gregorio ninguem dava noticias.

Nestas circumstancias, chegaram as cousas ao ponto em que as deixámos, quando a desventurosa Clorinda se recolheu á casa de Julia Guterres, e a pobre velha Januaria succumbia ao peso dos soffrimentos.

Como vimos, a penetrante viuva foi a unica que suspeitou das intenções de João Rosa e principiou a estudar a attitude que o suspeito rapaz tomava ao lado de sua hospede.

Por então, um paquete europeu ancorava na Guanabara e uma familia saltava no caes Pharoux.

Nada menos que o conde de S. Francisco, a esposa, a filha e um moço de uns vinte e quatro annos, no qual o leitor, se o visse, reconheceria logo o nosso Gregorio.

Ao lado d'este caminhava o Dr. Benvides, com o ar satisfeito de quem alcança uma victoria.

LXXIX

ULTIMO CAPITULO

Seguiu-se então o mais estranho e enovelado processo de que se pôde gabar a justiça brasileira. N'esse tempo não se fallava n'outra cousa: o processo agitou por muitos dias a curiosidade do publico e fechou todos

os personagens d'este romance no mesmo circulo de interesse.

Foi dos depoimentos, das declarações anonymas, das mofinas e do que confessaram as pessoas enredadas nos tramas d'essa pendencia, que tiramos a porção de paginas mal alinhavadas, que ahi ficam para nosso descredito. Atirando-as ao leitor não tivemos outra intenção que não fosse distrahir-o durante meia duzia de semanas com a desprezenciosa narrativa de algumas scenas da vida fluminense.

Agora pouco nos resta a accrescentar para terminarmos a obra.

O conde de S. Francisco trazia consigo, felizmente, os documentos justificativos da herança que Gregorio acabava de receber no Minho. Entretanto era necessario descobrir os verdadeiros autores do roubo e do assassinio. O processo continuou.

Apresentaram a Gregorio a photographia de Pedro Ruivo, Gregorio disse francamente o que sabia da vida d'aquelle homem, contou as aventuras da Avenida Estrella; o delegado fez vir á sua presença o papá Falconnet, o padre Almeida, o Augusto e o Affonso, mas nenhum d'estes adiantou o menor esclarecimento.

Estava reservado a Tubarão destruir as trevas accumuladas em torno do crime. Foi elle quem chamou a attenção da justiça sobre o commendador Portella, quem fallou nos documentos d'este, quem contou a intervenção de João Rosa, o motivo do ataque que soffreu Pedro Ruivo e finalmente, o roubo commettido pelo Talhacerto, que Tubarão affirmou se achar n'aquelle momento escondido em casa do Portella.

Talhacerto com effeito foi encontrado ahi e conduzido immediatamente para a prisão. O Gonçalves reembolsou parte do dinheiro roubado; o ladrão e assassino foi condemnado a galés e o Portella gramou quatro mezes de prisão e multa correspondente, além de perder de todo a esperança de casar com a rica pupilla do boticario Moreira, a qual ha cousa de um anno havia deixado a casa de D. Januaria, para acompanhar uma familia conhecida da sua, que seguia para S. Paulo. Bem previa o Portella que os taes documentos ainda lhe haviam de dar agua pela barba.

O que causou grande impressão nos tribunaes, foi a vida do marinheiro, contada por elle com toda a eloquente singeleza de sua linguagem, expressiva e grosseira.

Tubarão disse tudo o que sabia a respeito de seu querido commandante, fallou em Clorinda, em Henriqueta e D. Januaria. Esta circumstanciou o que sabia a respeito de sua filha adoptiva e relatou as particularidades da mesada, cuja suspensão coincidia com a morte de Leão Vermelho.

O conde pediu perdão a Clorinda por haver-lhe tão violentamente arrancado o noivo dos braços e disse que d'aquelle dia em diante ella devia olhar para Gregorio como para um irmão. Mas o marinheiro, com uma simples carta de Cecilia, dirigida no Porto a Pedro Ruivo, provou que os dous moços nenhum parentesco tinham entre si e na sua franqueza elle patenteou a verdadeira procedencia de Gregorio.

compreendeu tudo e afastou o jury summamente preocupado.

No dia seguinte, quando o velho Jacob, que acompanhava Gregorio no palacio do conde de S. Francisco, na Tijuca, entrou de manhã no aposento do amo, encontrou este coberto de sangue, e ao lado, sobre o velador, descobriu uma carta dirigida ao dono da casa.

A carta dizia seccamente que Clorinda era a unica pessoa que tinha direito a herdar de Leão Vermelho.

Esta morte abalou o Rio de Janeiro. O processo havia já attrahido sobre Gregorio a attenção do publico e ligado aos factos românticos de sua vida a curiosidade dos homens e o voluptuoso interesse das mulheres.

Não se fallou n'outra cousa durante muitos dias.

O enterro, que foi deslumbrante tomou um caracter de manifestação popular. As ruas enchiam-se para ver passar o caixão d'aquelle moço tão exquisito e de que tanto se fallára ultimamente. Das janellas, atullhadas de gente, choviam fiôres desfolhadas sobre o defunto; os lenços agitavam-se por toda a praia de Botafogo, que o enterramento foi no cemiterio de S. João Baptista. O cemiterio encheu-se; familias, moradores de arrabaldes distantes, abalarão-se de lá para vir atirar uma camelia na sepultura do infeliz moço.

Por toda a cidade os garotos apreçoavam retratos de Gregorio, a quinhentos réis, desenhados peo Augusto Off. Os grupos amontoavam-se em torno dos vendedores.

Durante o tempo em que o cadaver esteve exposto, a casa do conde transbordava de curiosos de todos os matizes. Mais de uma mulher não resistiu ao desejo de beijar a linda fronte marmorea do morto.

Em torno da eça chorava-se, como se a patria acabasse de perder o seu filho mais querido.

Nós lá estivemos com o Filinto de Almeida, o Valentim Magalhães, o Rymundo Corrêa e outros rapazes. Por mais trato que dessemos a nossa fantasia, não podiamos comprehender o motivo d'aquelle enthusiasmo, não penetramos no segredo d'aquelle transporte irreflectido do povo.

A casa do conde tinha n'essa occasião um aspecto mysterioso e sympathicamente dolorido. Ouvia-se estalar em torno do cadaver a cera das tochas; sentia-se a sombra morna da sala e o ambiente aquecido pela luz das velas.

Gregorio estava bello, que parecia uma obra d'arte. Seu rosto prestava-se muito para fazer effeito n'aquella occasião. A festa desabrochada, impressiouava de tão pallida que era; o nariz direito, afilado pela morte, dizia muito bem com o pequeno bigode louro e o queixo curto, levemente talhado no centro. Por entre os beiços, estreitos e arroxeados, viam-se-lhe os dentes, e as pestanas, mal cerradas, desenhavam na brancura das faces a sombra de seus fios longos. A linha pura da garganta, perdia-se no collarinho e deixava prever um pescoço bem torneado e forte.

O Belmiro teve desejos de copiar-lhe a cabeça e chegou a esboçá-la a lapis em um de seus cartões.

Mais para o interior da casa, n'aquella sala tranquilla e casta, de que

fallámos no quarto capitulo, Maria Luiza soluçava com a cabeça no collo da mãe e parecia devorada por um grande sentimento.

A condessa dizia-lhe consolações e beijava-lhe os cabellos louros. Mas a menina parecia não ouvir nada d'isso, e soluçava cada vez mais.

O conde, assentado em uma poltrona a um dos angulos do quarto, tinha os cotovelos fincados nos joelhos, e o rosto engolido pelas mãos.

Poucos dias depois do enterro encontrámos Thereza. Estava muito acabada, muito desfeita. Com a morte de Olympia, que era o seu unico soccorro, ficou completamente ao desamparo. Andava tirando esmolas e resava na porta das egrejas ajoelhada sobre as pedras da rua.

As vezes viam-na dormindo nos degraus do convento da Ajuda. O que inspirou um folhetim ao Salustiano Sebrão.

Ninguem mais soube dar noticias do João Rosa, e consta-nos que o Dr. Roberto continúa a viver muito bem com a sua inalteravel e moleirona esposa, que ultimamente o presenteou com dous pequenitos, gêmeos.

Julia Guterres vendeu a Clorinda o seu chaletinho da Tijuca, e retirou-se para Niterohy. Jacob acompanha a familia do conde de S. Francisco, e, ao que parece, ainda hoje vive.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).